



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Giane Araújo Pimentel Carneiro

**DE *PENNAS VACILLANTES* EM MÃOS INFANTIS À PRODUÇÃO DO JORNAL *O BEM-TI-VI*: CULTURAS DO ESCRITO E CRIANÇAS DE ELITES EM CAETITÉ,
BA (1899-1914)**

Belo Horizonte

2021

Giane Araújo Pimentel Carneiro

**DE *PENNAS VACILLANTES* EM MÃOS INFANTIS À PRODUÇÃO DO JORNAL *O BEM-TI-VI*: CULTURAS DO ESCRITO E CRIANÇAS DE ELITES EM CAETITÉ,
BA (1899-1914)**

Tese apresentada ao *Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria de Oliveira Galvão

Linha de pesquisa: História da Educação

Belo Horizonte

2021

C289d
T

Carneiro, Giane Araújo Pimentel, 1967-

De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do jornal O Bem-ti-vi [manuscrito] : culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914) / Giane Araújo Pimentel Carneiro. - Belo Horizonte, 2021.

267 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Ana Maria de Oliveira Galvão.

Bibliografia: f. 242-257.

Anexos: f. 263-267.

Apêndices: f. 258-262.

1. Teixeira, Anísio, -- 1900-1971 -- Biografia -- Infância -- Teses. 2. O Bem-ti-vi (Jornal) - Caetité (BA) -- Teses. 3. Educação -- Teses. 4. Educação -- História -- Bahia -- Teses. 5. Escrita -- História -- Caetité (BA) -- Teses. 6. Leitura -- História -- Caetité (BA) -- Teses. 7. Crianças -- Escrita -- História -- Teses. 8. Crianças -- Comunicação escrita -- História -- Teses. 9. Infância -- História -- Teses. 10. Crianças -- Interesses na leitura -- Teses. 11. Famílias de classe alta -- Bahia -- História -- Teses. 12. Jornais na educação -- Bahia -- História -- Teses. 13. Jornalismo e educação -- História -- Teses. 14. Caetité (BA) -- Educação -- História -- Teses. 15. Bahia -- Educação -- História -- Teses.

I. Título. II. Galvão, Ana Maria de Oliveira, 1969-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E
INCLUSÃO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

DE PENNAS VACILLANTES EM MÃOS INFANTIS À PRODUÇÃO DO JORNAL O BEM-TI-VI: CULTURAS DO ESCRITO E CRIANÇAS DE ELITES EM CAETITÉ, BA (1899-1914)

GIANE ARAÚJO PIMENTEL CARNEIRO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 29 de março de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão - Orientador
UFMG

Prof(a). MONICA YUMI JINZENJI
UFMG

Prof(a). Márcia Cabral da Silva
UERJ

Prof(a). Isabel Cristina Alves da Silva Frade
UFMG

Prof(a). Josemi Pereira Meira Reis
UNEB

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG

Belo Horizonte, 21 de julho de 2021.

A todas as crianças que nos oferecem a possibilidade
de mirar o mundo por meio dos seus olhos....
Que saibamos olhar.
E a todos os guardadores de memórias e histórias
Que saibamos ouvir.

AGRADECIMENTOS

Nos tempos atuais¹, o gesto de um abraço falaria muito mais sobre os sentimentos de agrado que sinto pelas contribuições de tantas pessoas envolvidas no meu processo formativo, mas, diante da impossibilidade, expressarei com as palavras. Antes de nomear pessoas, gostaria de deixar um agradecimento simbólico àqueles/as que se dedicaram/dedicam à educação pública, gratuita e democrática, no Brasil. Agradeço imensamente, pela oportunidade de realizar o doutoramento em uma universidade pública, e de encontrar profissionais, especialmente professores, que destinam grande tempo de suas vidas com a formação humana – séria, responsável e justa. Não obstante os desgastes e ataques sofridos nos últimos tempos², reitero a minha admiração pelo imprescindível trabalho desenvolvido por nossas universidades – base de sustentação à construção de um país livre, democrático e digno.

O mais significativo desses encontros no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, deu-se com a professora Ana Galvão, minha orientadora, presente no meu percurso formativo desde o mestrado e que representa, com maestria, os profissionais sérios e comprometidos com a causa educacional. Agradeço-a pelo acompanhamento meticuloso, pela extrema responsabilidade na sua atuação profissional, pela ética, pelo rigor e pela sabedoria na condução dos estudantes sob sua orientação. O compartilhamento das pesquisas, nos encontros de orientandos, foram momentos ímpares de aprendizagem, com o rigor da orientação e a descontração da partilha de “coisas da vida”. Muito grata aos colegas de orientação, no período de 2017-2020: Cecília, Gabriel, Keu, Isabella, Simone, Rodrigo, Jaime, Joseni, Andréa, Fabi, Aline e Kênia. Em 2020, continuamos a compartilhar esses momentos, por meio das telas; entretanto, sem o “calor” da presença física.

Os saberes, reflexões e discussões possibilitadas pelo reencontro com professores da Linha de História da Educação, nas aulas e reuniões foram fundamentais para os estudos teórico-metodológicos necessários ao desenvolvimento da pesquisa. Gratidão às professoras Cynthia Greive, Thaís Nívia Fonseca, Ana Galvão e Juliana Melo pelas disciplinas ofertadas, e a todos os professores do Centro de Pesquisa em História da Educação – GEPHE, por nos instigarem com suas reflexões, nas reuniões do grupo.

¹ Estamos vivenciando o pior momento até agora da pandemia de Covid-19, na Bahia, em que o distanciamento social constitui-se como o fator de proteção mais eficaz, até termos acesso às vacinas.

² Referimo-nos ao Golpe de Estado de 2016, com a destituição da Presidenta Dilma Rousseff e à ascensão ao poder de representantes de Extrema Direita, que vêm atentando contra a educação pública, principalmente contra as Universidades públicas, entre outros desmontes.

Muitas reflexões e aprendizagens importantes para este estudo foram possibilitadas também, nos encontros do Grupo de Cultura Escrita. Muito grata aos professores e colegas!

Agradecimento a todos e todas que trabalham na Faculdade de Educação da UFMG, no programa de Pós-Graduação, e que a fazem funcionar: administradores, professores, secretárias/os, servidores, bibliotecárias/os, pelo cuidado nesse fazer. À William, agradeço a agilidade em nos “socorrer” com os livros!

Gratidão aos professores Luiz Alberto Gonçalves, Shirley Miranda, Inês Teixeira e Rodrigo Ednilson de Jesus, pelas disciplinas ministradas no *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia, na cidade de Guanambi, por meio do Doutorado Interinstitucional UFMG-UNEB – DINTER. O doutorado interinstitucional resultou do empenho de muitas pessoas, principalmente das professoras Sônia Maria de Oliveira, Carmem Eiterer e Ana Galvão, que coordenam o referido Programa. Muito grata!

À banca de qualificação, constituída pelas professoras Márcia Cabral, Mônica Yumi e Juliana Melo, agradeço a leitura atenta do material, as contribuições e sugestões, no sentido de provocar reflexões no caminhar da pesquisa. Agradeço ainda, a disponibilidade em participarem da banca de defesa. Agradecimento estendido às professoras Isabel Frade, Joseni Reis e Kênia Moreira por aceitarem o convite para comporem a banca final que, muito mais do que o cumprimento de um ritual acadêmico, é um ato generoso e político ao se disporem a ler e avaliar o trabalho do outro, deixando nele, suas marcas, também.

Além dos momentos das aulas e reuniões, reconheço que o tempo “vago” dentro da universidade, vivido com os amigos e colegas, desempenhou um papel valoroso nesse processo. Gratidão aos colegas da linha de História da Educação por compartilharem alegrias e tristezas nos momentos de distração – no corredor, no Jardim Mandala, na cantina – regados a café, biscoito e pão de queijo... Ficávamos algum tempo socializando os “por de trás das câmeras” das nossas experiências na Pós; sorrindo, dividindo angústias, nos apoiando... Saudades desses espaços, das pessoas e do processo, depois do ano pandêmico. Obrigada, especialmente a Eliana e a Jumara, pelo aconchego.

Aos colegas do DINTER Zélia, Fátima, Angelita, Elvina, Fátima, Tião, Jorge, Gildelson, Fausta, Ginaldo e Edna – agradeço a companhia nas aulas, no lazer, nos botecos em BH, no *Campus XII* da UNEB, e dentro dos ônibus – no trajeto dos 800 km que ligam Guanambi a Belo Horizonte. Muito bom fazer parte desse grupo!

A Zélia, agradeço ainda, a companhia nos congressos, a gentileza, a generosidade e a disponibilidade em me acolher nas visitas ao Arquivo, em Caetité. Em Caetité, outra colaboração importante, encontrei em Lielva Aguiar – nas conversas sobre a definição do objeto

de pesquisa, na apresentação da documentação da Família do Barão, com muita presteza. À Jamir Guimarães, que tive a oportunidade de conhecer nesse percurso, no Arquivo, agradeço pelas trocas!

Ao Arquivo Público Municipal de Caetité sou extremamente grata! É motivo de muito orgulho termos, na região, um arquivo bastante estruturado, administrado com tanto cuidado e com um ambiente tão agradável para as atividades de pesquisa. Muito obrigada a Rosália, Jussara, Edlúcia e Ronildo pela atenção!

À CAPES, agradeço pela concessão de bolsas de estudo, no período de permanência em Belo Horizonte.

Gratidão à Universidade do Estado da Bahia pelo convênio do doutorado estabelecido com a UFMG e por conceder a licença para os estudos. Aos colegas, funcionários e servidores do Departamento de Educação, *Campus XII*, agradeço pela partilha, pela contribuição no exercício profissional, pelas aprendizagens! Aos estudantes, um agradecimento especial pela oportunidade de diálogo, de aprendizagens recíprocas, pelo acolhimento – o espaço de sala de aula, presencial ou virtual – continua sendo o espaço de trocas em que nos fazemos enquanto pessoas que se responsabilizam em formar outras pessoas! Que continuemos a defender a Educação e os seus profissionais!

Às amigas “Tulipeiras”, sou grata pela presença e por poder contar com mulheres que se apoiam e se fortalecem na amizade.

Amigas nos acolhem, nos ouvem, chegam perto e nos amparam a qualquer hora. Por isso, pelo diálogo acadêmico, e por muito mais, agradeço, especialmente, Anna e Joseni por serem presentes! À Luciana, agradeço pela amizade e por colaborar comigo nesse período.

Finalmente, à família. Que bom, o tanto que tenho a agradecer... ao meu pai, mesmo não estando mais presente fisicamente, me pego cotidianamente reconhecendo em mim, tantos “jeitos” de ser e de ver dele; sou muito grata por tudo! À minha mãe, dou graças por sua existência e agradeço os ensinamentos, por estar junto, pela compreensão, pelo afeto e amor incondicional! Aos meus irmãos: Tânia, Marla, Jânio e Hugo, companheiros de vida com quem posso contar sempre, agradeço a parceria, a amizade, a irmandade e por terem me presenteado com muitas dádivas – agradecimento estendido as/aos minhas/meus cunhadas/os – os meus/minhas sobrinhos/as, que enchem as nossas vidas com muito amor!

Ao meu marido Edvaldo, agradeço por compartilhar a vida e por compreender as minhas escolhas. Aos meus filhos, Douri e Isabella, os motivos para eu sorrir, para viver! E ainda por serem suportes no processo de doutoramento. À Isabella, agradeço também por auxiliar com os conhecimentos técnicos nesse final de tese.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar um jornal infantil – *O Bem-ti-vi* – a fim de compreender a relação entre as crianças de elites e as culturas do escrito, entre os anos de 1899 e 1914, na cidade de Caetité-BA. Analisamos como se deu a produção do jornal, investigando, como propôs Darnton (1990), o circuito que o impresso realizou do autor ao seu (provável) leitor. Conhecer quais eram os materiais escritos existentes, quais as leituras que eram realizadas pelos redatores e colaboradores, qual o lugar que a escrita ocupava na vida dessas crianças de elites, o que a materialidade do jornal informa sobre sua produção, principalmente, sobre quais eram os prováveis leitores visados e os leitores empíricos, são algumas das questões que nos instigaram a realizar este estudo. Para tal, utilizamos a coleção desse jornal que circulou quinzenalmente, por aproximadamente dois anos na cidade de Caetité. Cartas familiares, notícias de jornais, obras de memorialistas, foram utilizadas como fontes complementares. Grande parte dessa documentação encontra-se disponível no Arquivo Público Municipal de Caetité. O jornal tinha como redatores-chefes os meninos Mario Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira, que nasceram em famílias tradicionais de elite, detentoras de capital econômico, social e cultural. A proposta de estudar o entrelaçamento da história da cultura escrita com a história das crianças, nas primeiras décadas do século XX, justifica-se pela singularidade do lugar ocupado pelas crianças nesse período histórico e pela pouca visibilidade do tema nas pesquisas. Podemos afirmar que as práticas de leitura e de escrita eram muito presentes entre as crianças, principalmente nas famílias de elites. Os aspectos tipográficos evidenciaram um jornal com boa impressão, elogiado por seu “bom acabamento”. Esse empreendimento fazia parte de um conjunto de ações para “acompanhar o progresso”, pois, em Caetité, não era suficiente as elites serem e parecerem distintas, empreendia-se um esforço para que a cidade, em si, fosse reconhecida pela distinção em todos os seus aspectos. A instalação de dois colégios, em Caetité – a Escola Americana e o Colégio São Luiz – no ano de 1912, a republicação do jornal *A Penna*, no final de 1911 e o apoio das famílias suscitaram nos meninos a motivação, além de fornecerem as condições para produzirem o próprio jornal. O jornal *O Bem-ti-vi* dirigia-se à sociedade caetitéense e região visando, explicitamente a contribuir com a educação das crianças e com o intuito de que cada uma delas se tornasse um “bom cidadão republicano”, para a “recuperação” da Bahia e o progresso do sertão.

Palavras-chave: História da cultura escrita. História da infância. Impresso infantil. Leitor visado e empírico. Anísio Teixeira.

ABSTRACT

This research aimed to analyze a children's newspaper – *O Bem-ti-vi* – in order to understand the relationship between the elite children and the cultures of the writing, between 1899 and 1914, in the city of Caetité-BA. We have analyzed how the newspaper's production took place, investigating, as Darnton (1990) proposed, the printed material circuit produced from the author to its (probable) reader. Knowing what were the existing written materials, what readings were carried out by the writers and collaborators, what place the writing occupied in the lives of these elite children, what the newspaper materiality informs about their production, mainly, about which were the probable targeted readers and empirical readers, are some issues that prompted us to carry out this study. For this purpose, we have used the collection of this newspaper that circulated fortnightly, for approximately two years in the city of Caetité. Family letters, news from newspapers, memorialist works, were used as complementary sources. Much of this documentation is available at the Municipal Public Archive of Caetité. The newspaper had as “head writers” the children Mario Teixeira Rodrigues Lima and Anísio Spínola Teixeira, who were born in elite traditional families, which held economic, social and cultural capital. The proposal to study the intertwining of the history of written culture with the history of children in the first decades of the 20th century is justified by the singularity of the place occupied by children in this historical period and by the low visibility of the theme in Research. We can affirm that reading and writing practices were very present among children, especially in the elite families. The typographical aspects showed a newspaper with a good impression, praised for its “good finish”. This undertaking was part of an actions set to “follow the progress”, because in Caetité it was not enough for the elites to be and appear distinct, an effort was made so that the city itself would be recognized for the distinction in all its aspects. The installation of two schools in Caetité – *Escola Americana* and *Colégio São Luiz* – in 1912, the republication of the newspaper *A Penna* in late 1911 and the support of families raised the boys' motivation, in addition to providing conditions to produce the newspaper itself. The newspaper *O Bem-ti-vi* addressed the Caetitéense society and the region, with the explicit aim of contributing to children education and with the intention that each one of them would become a “good republican citizen”, for Bahia “recovery” and the Sertão progress.

Keywords: History of the written culture. History of childhood. Children's newspaper. Targeted and empirical reader. Anísio Teixeira.

RÉSUMÉ

Cette recherche a eu pour but analyser un journal pour enfants – *O Bem-ti-vi* – afin de comprendre la relation entre des enfants d'élites et des cultures de l'écriture, entre les années 1899 et 1914, dans la ville de Caetité-BA. Nous avons analysé le déroulement de la production du journal, en examinant, comme le proposait Darnton (1990), le circuit que faisait le matériel imprimé de l'auteur à son (probable) lecteur. Savoir quels étaient les documents écrits existants, quelles lectures ont été effectuées par les éditeurs et collaborateurs, quelle place l'écriture occupait dans la vie de ces enfants d'élites, ce que la matérialité du journal informe sur leur production, principalement, sur laquelle étaient les lecteurs cibles probables et les lecteurs empiriques, sont quelques-unes des questions qui nous ont poussé à mener cette étude. De cette façon, nous avons utilisé la collection de ce journal qui a circulé tous les quinze jours, pendant environ deux ans dans la ville de Caetité. Des lettres familiales, des nouvelles des journaux, des œuvres de mémorialistes, ont été utilisées comme sources complémentaires. Une grande partie de cette documentation est disponible aux Archives Publiques Municipales de Caetité. Ce journal avait pour rédacteur en chef les garçons Mario Teixeira Rodrigues Lima et Anísio Spínola Teixeira, nés dans des familles traditionnelles d'élite, détenteurs d'un capital économique, social et culturel. La proposition d'étudier l'imbrication de l'histoire de la culture écrite avec l'histoire des enfants, dans les premières décennies du XX^{ème} siècle, se justifie par la singularité de la place occupée par les enfants dans cette période historique et par la faible visibilité du sujet dans la recherche. Nous pouvons dire que les pratiques de lecture et d'écriture étaient très présentes chez les enfants, notamment dans les familles des élites. Des aspects typographiques ont montré un journal avec une bonne impression, loué pour sa «bonne finition». Cet engagement s'inscrivait dans un ensemble d'actions pour «suivre les progrès», car à Caetité, il ne suffisait pas que les élites soient et paraissent distinctes, un effort a été fait pour que la ville elle-même soit reconnue pour la distinction en tous ses aspects. L'installation de deux lycées à Caetité – *Escola Americana* et *Colégio São Luiz* – en 1912, la republication du journal *A Penna* au fin de 1911 et le soutien des familles ont soulevé la motivation des garçons, en plus de fournir les conditions pour produire eux-mêmes un journal. Le journal *O Bem-ti-vi* s'est adressé à la société Caetitéense et à la région dans le but explicite de contribuer à l'éducation des enfants et avec l'intention que chacun d'eux devienne un «bon citoyen républicain», pour le «rétablissement» de Bahia et les progrès du Sertão.

Mots-clés: Histoire de la culture écrite. Histoire de l'enfance. Imprimé pour enfants. Lecteur ciblé et empirique. Anísio Teixeira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Famílias dos redatores.....	36
Figura 2 – O Circuito das Comunicações.....	42
Figura 3 – Jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	54
Figura 4 – Aviso sobre o pagamento das assinaturas.	55
Figura 5 – Preços dos jornais <i>O Bem-ti-vi</i> e <i>O Arrebol</i>	57
Figura 6 – Cabeçalhos do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	59
Figura 7 – Alteração do cabeçalho com o nome dos meninos.	61
Figura 8 – Planejamento para alteração do subtítulo.....	62
Figura 9 – Alteração do subtítulo para “Orgam da Juventude”.....	62
Figura 10 – Ilustração do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	66
Figura 11 – Exemplar de edição de aniversário do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	69
Figura 12 – Vinhetas do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	72
Figura 13 – Mapa da rede de interlocução do <i>O Bem-ti-vi</i> com outros jornais.....	80
Figura 14 – Folhetins encadernados.	84
Figura 15 – Fotografia de Mario com os irmãos.	90
Figura 16 – Poesia escrita por Mario.....	92
Figura 17 – Fotografia de Anísio Teixeira.	97
Figura 18 – Página da revista <i>O Tico-Tico</i>	99
Figura 19 – Livro em francês pertencente a Anísio Teixeira.	100
Figura 20 – Fotos de Maria Celina e Benjamin.....	104
Figura 21 – Escrita escolar de Maria Celina.	105
Figura 22 – Prospecto do <i>Semanário das Meninas</i>	107
Figura 23 – Foto de Frederico Lisboa.	109
Figura 24 – Livro “Eles e ellas”, pertencente a Alzira T. R. Lima.	114
Figura 25 – Carimbos de Alzira e J. M. R. Lima Junior.	115
Figura 26 – Recibos de assinaturas de revistas e jornais da família Rodrigues Lima.....	116
Figura 27 – Livreto com o texto <i>Poeta vagabundo</i>	124
Figura 28 – Marcas manuscritas no jornal.	186
Figura 29 – Recorte e manuscrito em um exemplar do jornal.	188
Figura 30 – Poesia recortada: posição no jornal e destaque do texto.....	189
Figura 31 – Guia Prático para o Oficial da Guarda Nacional.....	194
Figura 32 – Familiares assinantes do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	196

Figura 33 – Anúncio publicado no jornal A Penna.	207
Figura 34 – Cartão do Armazém 1º. de Janeiro, Caetitê-BA.	211
Figura 35 – Fragmentos do <i>Mappa Geral do Brasil</i> publicado em janeiro de 1911, pelo <i>Jornal do Brasil</i> . Fragmento 1 – Destaca o estado da Bahia e Fragmento 2- A região Centro-Sul da Bahia.....	226

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Periodicidade de <i>O Bem-ti-vi</i>	63
Quadro 2 – Periódicos recebidos pelo <i>O Bem-ti-vi</i>	79
Quadro 3 – Textos de Dr. Zig-Zag.	93
Quadro 4 – Textos de Macário Berimbau.	100
Quadro 5 – Textos de Maria.	104
Quadro 6 – Textos de Frederico Lisboa.	109
Quadro 7 – Textos escritos para <i>O Bem-ti-vi</i> e dito explicitamente no jornal.	111
Quadro 8 – Autores publicados com pequenas mensagens.	118
Quadro 9 – Autores publicados com textos mais extensos.	120
Quadro 10 – Textos extraídos de outros suportes, explicitamente.	122
Quadro 11 – Textos traduzidos especialmente para <i>O Bem-ti-vi</i>	125
Quadro 12 – Autores citados nos textos, principalmente pelas crianças.	125
Quadro 13 – Autores reconhecidos com textos publicados no jornal de acordo com as suas nacionalidades.	128
Quadro 14 – Autores das mensagens nas seções Pedacinhos, Improviso, Pensamentos..., segundo suas nacionalidades.	129
Quadro 15 – Perfil dos autores brasileiros no jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	130
Quadro 16 – Pessoas que tiveram notas intituladas com o nome próprio.	171
Quadro 17 – Apresentação da palavra “Sertanejo/a, sertanejos/as”, no jornal.	173
Quadro 18 – Apresentação do termo “Sertão” no jornal.	174
Quadro 19 – Assinantes do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	178
Quadro 20 – Assinantes do jornal <i>O Bem-ti-vi</i> que ocuparam o cargo de Intendentes em Caetité.	217

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Conteúdos do jornal <i>O Bem-ti-vi</i> e percentagem ocupada.	142
Gráfico 2 – Conteúdos das matérias de abertura do jornal.	155
Gráfico 3 – Prováveis leitores do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	157
Gráfico 4 – Prováveis leitores entre os caetitêenses.	158
Gráfico 5 – Número de assinantes por sexo.	191
Gráfico 6 – Número de assinantes por parentesco com os redatores.	200
Gráfico 7 – Número de assinantes por pertencimento geracional.	201
Gráfico 8 – Grupos sociais dos assinantes do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	203

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População de Caetité em 1890, conforme etnia.....	25
Tabela 2 – População de 0 a 14 anos em Caetité (1920).....	26
Tabela 3 – Percentual da população que sabe ler e escrever em Caetité (sede).	27
Tabela 4 – Preços dos jornais <i>O Bem-ti-vi</i> , <i>O Arrebol</i> e <i>A Penna</i>	58
Tabela 5 – Conteúdos do jornal <i>O Bem-ti-vi</i> distribuídos por páginas e porcentagem ocupada.	141
Tabela 6 – Referências ao provável leitor.	157
Tabela 7 – Grupos sociais dos assinantes do jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	202
Tabela 8 – Número de assinantes por local de residência e distâncias em relação a Caetité.	225

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. Construindo o objeto de pesquisa.....	18
2. Espaço e sujeitos.....	24
3. Jornais, álbuns e revistas de/para crianças nas pesquisas.....	28
4. Pressupostos teóricos.....	33
5. Metodologia e fontes da pesquisa.....	41
6. A estruturação do trabalho.....	49
CAPÍTULO I: O JORNAL <i>O BEM-TI-VI</i>: UM “ORGAM DA INFÂNCIA” DE CAETITÉ	51
1.1. <i>Esse pequeno, mas bem acabado jornalsinho</i> : a apresentação de <i>O Bem-ti-vi</i>	53
1.2. <i>Pelas columnas do ‘O Bem-ti-vi’</i> : a organização do jornal.....	65
1.3. A candidez destas encantadoras paginazinhas: os textos e seções.....	75
CAPÍTULO II: <i>ESSES INTELIGENTES INFANTES MARIO LIMA E ANÍSIO S. TEIXEIRA, REDACTORES DO MIMOSO “BEM-TI-VI”</i>: PERFIL DOS REDATORES E COLABORADORES.....	87
2.1. <i>Aos futuros jornalistas e escritores</i> : as trajetórias percorridas.....	89
2.2. <i>Os bons livros são os mensageiros da instrução</i> : o repertório de leituras das crianças e colaboradores.....	113
2.2.1. Leituras das crianças e suas famílias.....	113
2.2.2. As leituras por meio dos textos publicados.....	117
CAPÍTULO III: <i>ESPERO QUE OS MEUS LEITORES, DE AGORA EM DIANTE LEIAM SOMENTE LIVROS SÃO E ABANDONEM OS MAUS, PARA A SUA FELICIDADE: O LEITOR VISADO DO JORNAL O BEM-TI-VI</i>.....	138
3.1. Os conteúdos tratados nos dizem de qual leitor?.....	141
3.2. A quem se dirigiam os redatores, quando escreviam?.....	155
CAPÍTULO IV: <i>NOSSOS DIGNOS AMIGOS E ASSIGNANTES: O LEITOR EMPÍRICO DO JORNAL O BEM-TI-VI</i>.....	177
4.1. Correspondentes do jornal.....	180
4.2. Marcas manuscritas e recorte nos exemplares do jornal.....	185
4.3. Quem eram os assinantes?.....	190

4.3.1.	O Dr., o Coronel ou a Exma. Sra. D. D.?	190
4.3.2.	As Exma. famílias	196
4.3.3.	Crianças, jovens ou adultos?	200
4.3.4.	Grupos sociais	202
4.3.5.	Os lugares, as partidas e chegadas	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS		235
FONTES		241
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		245
APÊNDICES		258
ANEXOS		263

PO. 12.110

Bred" do Bem-ti-vi
Gaeteté,
Bahia

O BEM-TI-VI

Anno 11

ORGAM DA INFANCIA
Gaeteté, 12 de Novembro de 1913
Numero XXVIII

REDACTORES—MARIO LIMA E ANISIO S. CAIXEIRA

—Na cidade
Numero avulso
Seis mezes
—Fôra da cidade
Numero avulso

100 rs.
1\$200

EXPEDIENTE
Seis mezes

1\$500

As pessoas que receberem i numero e não devoiverem serão consideradas como assignantes.

INTRODUÇÃO

NOS ESTADOS UNIDOS

(Continuação de um estudo feito pelo Dr. Salvador de Mendonça.)
Dos sete aos quatorze annos as escolas primarias e nas secundarias, os alumnos aprendem a historia e a geographia nacional, algumas noções do allemão ou do francez, da historia e da geographia universaes, as mathematicas elementares, além de noções de sciencias naturaes e de mecanica, da economia politica e escriptura mercantil.

Aos quatorze annos, dois terços dos alumnos do sexo masculino vão ganhar a vida, e apenas um terço se consagra a estudos superiores, ao passo que do sexo feminino a proporção é, exactamente a inversa, pois, só um terço deixa os estudos pela vida pratica, enquanto que dois terços matriculam-se nas academias, collegios e universidades, nas quaes permanecem até os dezolito ou vinte e um, e, ás vezes, até aos vinte e tres e vinte e cinco annos, conformes-guem um ou mais cursos, em instituições taes como Vassar, Smith e Wellesly.
Dest'arte, cada anno, 33% da

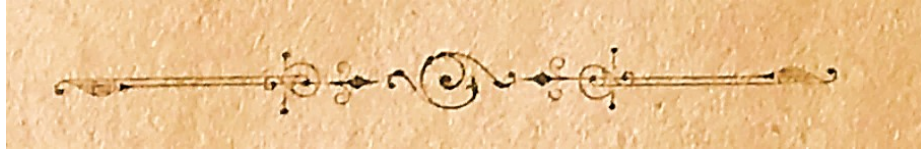
Ao fazer esta affirmação, resultado de uma observação de muitos annos, e não simples conclusão tirada da leitura do que ainda nã nos livros dos viajantes, que se acham autorizados a escrever sobre terras alheias, que só visitaram durante semmanas, dias, ou horas, declaro que não me refiro a ensos notaveis de especialistas de um ou de outro sexo, mas á generalidade ou maioria da população, cuja maior somma de conhecimentos pertence a mulheres.

Esta é a chave do segredo da superioridade da mulher norte-americana sobre o homem norte-americano.

(Continúa)

Direito Feminino

Na corrente dos tempos de agora, no espirito das leis do progressaes, na harmonia dos interesses, é facto logico e indisentivel a intervenção da mulher no seio das artes, das lettras e das sciencias, como factora da sociedade do futuro de qualquer nação.
O começo do seculo XX já a en-



1. Construindo o objeto de pesquisa

Este estudo tem como objetivo analisar um jornal infantil, *O Bem-ti-vi*, a fim de compreender a relação entre as crianças de elites e as culturas do escrito³ entre os anos de 1899 e 1914 na cidade de Caetité-BA⁴. Como chegamos a esse objeto? Quais caminhos percorremos? Foram muitas as dúvidas, as perguntas e os saberes que nos guiaram na busca dessa compreensão. Recorro a cenas do passado para começar essa história.

Mãos pequenas e ainda “vacillantes” também eram as minhas ao folhear o papel impresso no formato de “revista de moda”, com muitas imagens desenhadas de mulheres e crianças em belas roupas que a minha mãe consultava para costurar. Lembranças afetivas de momentos agradáveis, de uma memória remota com um objeto impresso em um lugar no Alto Sertão da Bahia, no início da década de 1970. As experiências seguiram-se com o ABC e os livros de leitura. Aprender a ler e a escrever aconteceu tranquilamente em decorrência do processo de escolarização. O objeto de papel, depois em formato de livro, ampliou-se: passou a conter poemas, histórias, além dos desenhos que desde sempre foram apreciados.

“Passarinho, passarinho, que vives no meu pomar...”, “Quem me compra um jardim com flores?” e “O porquinho da Índia” – foram trechos de textos que, entre outros, começaram a povoar o meu mundo. Entre as brincadeiras, folhear livros, ler textos dos livros didáticos e copiá-los no caderno como tarefa escolar era uma diversão. Não tinha conhecimento das Cecílias, nem dos Manuéis que os escreviam, nem que quase metade das crianças que, como eu, viveram suas infâncias nos primeiros anos da década de 1970, não sabiam ler e nem escrever, que não tinham escolas e nem livros ao alcance. Também desconhecava que outras crianças, bem poucas, nessa mesma época e em outras épocas, tiveram experiências mais intensas com os livros, a leitura, a escrita e o impresso. Tampouco compreendia as implicações disso nas suas vidas e nem o que representavam para as sociedades em que viviam.

³ Apesar de tratarmos no texto algumas vezes do termo cultura escrita e outras de culturas do escrito, utilizaremos o conceito de “culturas do escrito”. Segundo Galvão (2010), o uso da palavra “escrito” se adequa melhor por abranger todo e qualquer evento ou prática que tenha como mediação a palavra escrita, pois não existe um único lugar para o escrito.

⁴ Caetité localiza-se no Sudoeste da Bahia. Na atual divisão territorial do IBGE, o município está localizado no Território do Sertão Produtivo. Nos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre a região, tem-se adotado o termo “Alto Sertão” para falar desse lugar, conforme consta na documentação do período. A palavra Caetité originou-se dos termos indígenas: Caa-mata, Ita- pedra, eté-grande, ‘mata da pedra grande’. (SANTOS, 1995, p. 31).

À medida que o tempo passava, as experiências de vida⁵ se acumulavam e o processo de escolarização avançava; outras escritas, leituras, impressos e a problematização das questões sociais e sobre o mundo da infância constituíram-se. Assim, a minha afinidade com o tema da infância foi se construindo. Ainda na adolescência iniciei o curso de magistério e comecei a estudar sobre a educação da criança, o que perpassou a atuação profissional futura.

Inicialmente, trabalhei como docente da educação infantil e mais tarde como formadora de professores no curso de Magistério e Pedagogia. Como docente do curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia, ministrei a disciplina História da Educação e, quando pensei em cursar o mestrado, a educação da criança em uma perspectiva histórica foi o tema da pesquisa, pois essas vivências até aqui aguçaram meu olhar sobre esses sujeitos, que vêm sendo cada vez mais pesquisados, mas que ainda suscitam inúmeras questões e deixam muitas interrogações sobre seu lugar nas sociedades atuais.

As crianças são tema de estudos em várias áreas do conhecimento humano e, principalmente, desde a expansão da sociedade industrial, vêm se tornando foco de discussões, de análises e de pesquisas. Saber como as crianças vivem e qual é a percepção dos adultos sobre essa fase da vida em diferentes épocas e lugares ajuda a compreender a nossa sociedade e indica como trilhar melhores caminhos em prol de uma vida mais dignificante e respeitosa para com elas. Sarmiento (2008) afirma que um dos mais importantes paradoxos atuais é a atitude de crescente dedicação e atenção direcionada às crianças, coexistindo com experiências infantis vivenciadas em condições de muita exclusão, violência e sofrimento.

No mestrado, tive a oportunidade de participar do Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita, ambos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Nestes espaços, os estudos realizados deram suporte para a pesquisa sobre a educação da criança na família nas primeiras décadas do século XX na cidade de Caetité-BA⁶. As crianças de elites de Caetité, no início do século XX, vivenciaram muitas experiências no mundo letrado, experiências mais diversificadas do que aquelas vividas por mim, 60 anos depois, na cidade vizinha.

A formalização do tempo de mestrado não comportou a amplitude de fontes e objetos a serem desvendados. O Arquivo Público Municipal de Caetité tem um potencial em

⁵ A convivência e o cuidado com os irmãos mais novos fizeram parte de um período da minha infância e da adolescência.

⁶ A dissertação: “As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto em Caetité-BA, 1908-1930” foi defendida em março de 2011, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A esse respeito, ver Carneiro (2011).

documentação que possibilita conhecermos uma série de questões sobre a história das pessoas que viveram nessa região, desde meados do século XIX e durante todo o século XX. Entre as muitas possibilidades de estudo, interessava-me saber mais sobre como as crianças participavam do ambiente cultural da cidade, pois em minha pesquisa citada anteriormente, percebemos que as crianças de elites aprendiam a ler e escrever ainda em casa, no ambiente doméstico. Essas crianças escreviam, recebiam cartas e liam livros – participavam ativamente desse ambiente letrado.

Portanto, havia espaço e mais possibilidades para aprofundarmos o conhecimento sobre essas experiências das crianças, principalmente das crianças de elites, com as culturas do escrito – por meio das cartas, das escritas dos memorialistas e da história oral em um período mais recente. Percebemos que as cartas⁷ utilizadas como fonte da pesquisa de mestrado e as notícias dos jornais retratavam as vivências de algumas famílias de elites da sociedade caetitense com as culturas do escrito⁸ e deixaram muitas inquietações a respeito do papel ocupado pelo escrito na vida das crianças dessas famílias.

A doação dos documentos da casa do Barão de Caeté para o Arquivo Público Municipal ampliou e diversificou o acervo, com a oferta de mais fontes para a pesquisa, inclusive sobre crianças. Entre os documentos doados, ainda dispersos, encontrava-se a coleção de um jornal, um pouco corroído pelas traças, mas passível de um estudo, nessa interlocução de infância e cultura escrita, por meio do impresso. O trato com crianças e infância requer uma reflexão sobre a demarcação de etapas da vida.

A segmentação da vida em fases remonta à antiguidade. Segundo José Gondra (2010, p. 210), ainda hoje “a classificação da vida permanece apegada ao regime pitagórico, descrita por meio de ciclos, etapas (...)”. Portanto, classificar as etapas tem sua origem em “necessidades” percebidas por alguma instituição e em determinado período e lugar. O sentimento de infância próprio da modernidade ocidental, estudado por Ariès (2006 [1973]), por exemplo, surgiu com o desenvolvimento da sociedade capitalista e a necessidade de separar as novas gerações do mundo dos adultos para educá-las segundo novas regras. A segmentação e a quantidade de fases sofrem variações a depender do modelo e critérios adotados. A

⁷Essas cartas compõem o acervo do Arquivo Público Municipal de Caeté. Há um volume expressivo de cartas familiares, de membros da família Teixeira, de mães e filhos, de maridos e esposas, de tias e sobrinhos, entre as próprias crianças, que narram cenas da vida cotidiana.

⁸Estudos sobre cultura escrita ou com estreita relação com o tema vêm sendo realizados em algumas universidades brasileiras e estrangeiras. Destaco aqui os trabalhos desenvolvidos no “Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita” da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, e em estudos na França, por Jean Hébrard e Roger Chartier (pesquisadores da L'École des Hautes Études en Sciences Sociales), bem como os estudos de Antônio Castillo Gómez, na Universidade de Alcalá (Espanha).

demarcação de etapas da vida não é exclusiva do discurso médico, mas se estende ao campo religioso, ao campo jurídico, ao mundo do trabalho, etc. As ciências da educação adotaram o modelo de segmentação utilizado pelas prescrições médicas, visando à preservação da infância (GONDRA, 2010).

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa envolve a categoria geracional, ciente de que demarcar períodos de vida decorre de um constructo sócio-histórico. Logo, é fundamental que essa demarcação seja analisada em cada situação e contexto específicos. O jornal *O Bem-ti-vi*, objeto deste estudo, tinha como subtítulo “Orgam da Infância” em 34 dos 43 números da coleção, alterado para “Orgam da juventude” nos últimos números. Seus redatores eram Mario Teixeira Rodrigues Lima (1899-1973), cuja idade era 13-14 anos, e Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), com 12-13 anos no período de circulação do jornal. Esse período da vida foi classificado dentro da fase chamada “puerícia” ou “segunda infância” (GONDRA e GARCIA, 2004, p. 71). No dicionário de Antônio de Moraes Silva (1877, p. 44), a definição e demarcação de “puerícia” deixa lacunas, mas o verbete “adolescência” é definido como a idade entre os 14 e 25 anos, que se segue à puerícia. “Juventude” é definida como “o tempo da idade do homem, que medeia entre a adolescência, e a idade varonil” (SILVA, 1878, p. 208). Foi utilizada muitas vezes como sinônimo de “mocidade”. Segundo Antônio de Moraes Silva (1877), os termos utilizados para denominar essa fase não são precisos, pois “juventude” diz respeito à fase posterior à adolescência, e “mocidade” corresponderia à puerícia, adolescência e juventude juntas.

Não obstante a alteração sofrida no subtítulo do jornal e a compreensão de que as delimitações de fases da vida são plásticas, ancoramo-nos nas fontes para o trato com o pertencimento geracional, que não está livre de tensões e flutuações, ora com características da infância, ora indicando nuances de superação ou o desejo de superação dessa fase, fenômeno comum em um período de transição. Nos textos publicados de autoria dos redatores e de colaboradores, reiteradamente, explicita-se a ação de crianças, enfatizando a “precocidade” no fazer do jornal. O termo “pennas vacillantes”, presente no título da tese foi apropriado de uma matéria de autoria dos redatores, na qual pedem desculpas pelos “senões das pennas vacillantes e não amestradas”, depois de comparar o primeiro ano de vida do jornal com a própria infância, reconhecendo-se inexperientes. O termo “vacillar” segundo Silva (1877, p. 797) remete a “não estar firme”, tal qual uma criança quando iniciava a aprendizagem da escrita, tremulando a caneta-tinteiro. Conhecer como ocorreu a produção do jornal, as relações estabelecidas no ambiente familiar e social de seus produtores, e as experiências com as culturas do escrito podem elucidar essa questão.

Durante a pesquisa do mestrado, tivemos conhecimento da existência desse jornal, publicado na década de 1910, por meio de uma carta da família e uma notícia em um jornal escolar⁹, mas até então desconhecíamos algum exemplar preservado. Após a catalogação do jornal chamado *O Bem-ti-vi*, foi constatada a existência de 31 números e ½ dos 43 que foram publicados. Seria a oportunidade de desvendarmos outras questões sobre a relação entre cultura escrita e crianças¹⁰. Essa coleção de jornal apresentava as condições para responder aos questionamentos que propunha.

Ao relacionar crianças e cultura escrita poderemos apreender nesse universo cultural aspectos da educação das crianças de elites que ultrapassam o processo de escolarização. Galvão (2007) afirma que as dimensões da cultura escrita referentes ao manuscrito, à oralidade e a processos não escolares tendem a ser desconsideradas pela historiografia, que concentra sua atenção na escolarização como o processo por excelência de entrada nessa cultura. O campo da História da Educação ainda carece de trabalhos que estudem a história da cultura escrita sob diferentes perspectivas, como detalharemos mais adiante.

Mas qual é a relevância da investigação sobre impressos e crianças para os estudos na área da Educação? Em diagnóstico das produções sobre os campos historiográficos, Fonseca (2008) apresenta que, nos trabalhos analisados, a educação aparece como uma dimensão importante da conformação cultural de uma sociedade e como um dos indicadores das diferentes relações estabelecidas – ou seja, a educação é parte integrante do universo cultural. Nesse sentido, a educação é estudada como um tema de investigação de grande relevância para a compreensão da formação cultural da sociedade, não apenas no âmbito da educação formal, referente ao processo de escolarização. O presente estudo pode revelar faces da participação de crianças em outros processos formativos.

A delimitação do período de pesquisa (1899-1914) corresponde à infância dos meninos que produziram o jornal *O Bem-ti-vi*, desde o ano de nascimento até o final da publicação do jornal, que ocorre com a saída de Mario de Caetité, para estudar na cidade mineira de Juiz de Fora. Esse marco de finalização da publicação do jornal coincide também com o marco de segmentação de fases da vida, mais especificamente a fase de transição da infância para a adolescência, pois em junho de 1914, os “redatores-chefes” tinham 13 e 15 anos.

⁹ Jornal *O Bem-ti-vi*: orgam da “Liga da bondade” das escolas de Caetité. 18/10/1927, n. 01, p. 01, Anno I, que dizia: “(...) Folgo muito com isto [em relação ao mesmo nome], porque o ‘O Bem-ti-vi’ já existiu aqui, e foi um de seus fundadores, *quando menino*, o Dr. Anísio Teixeira”. Grifos meus.

¹⁰ A documentação diz respeito a famílias de elites, mas encontramos nas “frestas” referências, mesmo que esparsas, a crianças de outras camadas socioeconômicas. No caso do nosso objeto, a centralidade são as crianças de elites.

A cidade de Caetité, que era tida nas representações coletivas como “Princesa” e “Corte do Sertão”, contava, nas primeiras décadas do século XX, com vários indicadores¹¹ de cultura escrita, como impressão e circulação de jornais, serviço de correios e telégrafos, sede de bispado, escolas, teatro e bibliotecas públicas e privadas¹².

Nesse período das primeiras décadas da República, constata-se ainda que a temática da infância assume uma centralidade nos discursos nacionais, que conferiam às crianças a responsabilidade pelo futuro do país. No Brasil, os ideais da modernidade, como a racionalidade e a civilidade, aliados à ideia de progresso – que fazem parte do contexto da Europa desde o século XIX – tornaram-se muito visíveis desde o período de transição do Império para a República. Dessa forma, estudamos a história da criança na modernidade republicana brasileira nas primeiras décadas do século XX, não como um sentimento novo que surge, mas como uma concepção diferenciada em que foi vislumbrada uma nova forma de ver a infância¹³, conforme ressalta Gouvêa (2008, p. 100) quando afirma que “cabe-nos falar não na emergência de um ‘sentimento de infância’, mas de um sentimento de infância característico da Modernidade”. Maria Tereza Chaves de Mello, em estudos sobre essa questão, afirma que,

Em consonância com marca das alterações sócio-econômicas, novas idéias penetraram intensamente a sociedade brasileira letrada – e talvez não só nela – a partir da década de 1870. A mais profunda mudança por elas produzida foi a de dar um conteúdo histórico à já difundida e assimilada noção de progresso, noção que, agora, extravasava o campo dos avanços materiais que, entretanto, tanto maravilhavam os contemporâneos, orgulhosos do seu tempo. Valendo-nos de códigos visuais da época, alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação “civilização”. (CHAVES DE MELLO, 2009, p. 18).

Entretanto, Gouvêa (2004) destaca que, no Brasil, esse fenômeno assume uma significação diferenciada. Mais do que a concretização de um país caracteristicamente urbano, que não havia sido consolidado no período estudado, o que se discutia era, sim, um projeto entre um país vocacionado para a agricultura, com hábitos rurais, e uma nação moderna, caracterizada por uma cultura urbana. A cidade de Caetité não foge dessa polarização.

¹¹ Em estudo recente, Galvão e Frade (2019, p. 23), com o objetivo de discutir o lugar do escrito em Minas Gerais no início do século XX, propuseram “alguns indicadores como: a imprensa, sociedades literárias, bibliotecas, tipografias, teatro, instituições de ensino superior e secundárias, taxas de escolarização e de alfabetização – que, embora limitados, podem servir de base para responder a algumas questões e instigar a realização de novas pesquisas, em um campo que se encontra ainda em constituição”.

¹² Sobre a circulação da cultura letrada em Caetité, ver Reis (2013).

¹³ Infância, segundo Freitas e Kuhlmann Jr. (2002), é a concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida ou como o próprio período vivido pela criança, enquanto “criança” seria o sujeito real que vive essa fase da vida.

Analisar o impresso produzido por essas crianças de elites pode elucidar questões sobre a participação delas nas culturas do escrito. Entender essa relação, os materiais escritos a que tinham acesso e quais leituras realizavam são algumas das questões que instigaram a realização deste estudo. Para tal, utilizamos a coleção do jornal e dados complementares encontrados nas cartas familiares, notícias de jornais, obras de memorialistas escritas no período.

2. Espaço e sujeitos

O *locus* desse estudo é a cidade de Caetité, situada no Sudoeste da Bahia. Na segunda metade do século XVII, iniciou-se o processo de conquista e ocupação do território pelo sertanista Antônio Guedes de Brito, explorando desde o centro-norte da Bahia até o centro-sul do atual território de Minas Gerais (NEVES, 2005). O povoamento foi estimulado no início do século XVIII, por situar-se nos caminhos do ouro, entre a Chapada Diamantina e as Minas Gerais. Nos seus primórdios, funcionava como ponto de abastecimento e descanso pelas boas condições das águas, criação de gado e cultivo de cereais¹⁴. Segundo Licurgo Santos Filho (1956, p. 34),

A denominação do lugar é antiga, porquanto já no roteiro organizado em 1730 por Joaquim Quaresma Delgado, a mando do vice-rei Conde de Sabugosa, é mencionada a fazenda de ‘Caetité’, então pertencente a Estêvão Pinheiro, um dos desbravadores daqueles sertões e senhor de muitas outras terras e currais, na Bahia e em Minas Gerais.

O Arraial foi elevado a Vila em 1810 com a denominação Vila Nova do Príncipe de N. Sra. Sant’Anna de Caetité. Os relatos de viajantes e memorialistas, a exemplo de Spix e Marcus (1938) e Teodoro Sampaio (2002) evidenciam aspectos da economia, da “boa hospitalidade” e “civildade” do lugar e de sua gente. Nas palavras de Spix e Marcus (1938, p. 22), Caetité, “semelhante a Minas Novas, pelo clima e vegetação, vem, há vinte anos, explorando, em grande escala, a cultura do algodão e se tornou, por isso, um dos mais ricos logradouros do sertão baiano”. Por conseguinte, a começar pelos desbravamentos, por lugar de pouso, fundação de fazendas, exploração do território, e a criação de gado e agricultura – algodão, principalmente –, esse lugar foi se constituindo. No século XIX chama a atenção pela vida social e cultural, entre os lugares da região. Conforme diz Santos Filho,

Caetité era o centro comercial da região, com duas ou três grandes firmas importadoras, onde se abasteciam os proprietários rurais. E era o centro das

¹⁴ Ver Teodoro Sampaio (2002).

atividades sociais daquele pedaço do sertão, com seu teatrinho de amadores, suas festas de Igreja, suas reuniões lítero-musicais e dançantes. Próspera, florescente, animada. (SANTOS FILHO, 1956, p. 65-66).

Em matéria do jornal *A Penna*, número 13, de 21 de junho de 1912, João Gumes¹⁵, ao discorrer sobre a história do teatro em Caetité, traz alguns elementos sobre aspectos culturais da cidade, como a presença da poesia, da música, da pintura no século XIX, e da influência de um professor de latim – o Padre Queiroz Ozorio – que foi “quem mais concorreu para a evolução das letras entre nós”¹⁶. A expressão “evolução das letras entre nós” corrobora a ideia construída no lugar, de uma identidade firmada com base em uma vida cultural e intelectual distinta na região. Todavia, a cidade de Caetité está inscrita em um tempo e espaço marcados pelo desenvolvimento com traços capitalistas, de um país recém-saído de um sistema escravista, no período, com contradições típicas de qualquer lugar do país. Estudos como o de Fátima Pires (2003; 2009), por exemplo, expõem outras faces dessa sociedade.

O recenseamento da população brasileira realizado em 1890, dois anos após a abolição do sistema escravocrata e um ano após a proclamação da República, registra, entre outros dados, os números da população brasileira por etnia. Mesmo recuado no tempo do nosso estudo, por falta de informações da década de 1910, apresentamos alguns dados para que possamos situar melhor, em relação a esse aspecto dessa sociedade.

Tabela 1 – População de Caetité¹⁷ em 1890, conforme etnia.

	Branco/as	Pretos/as	Caboclos/as	Mestiços/as	Total
Homens	4.486	2.131	534	5.003	12.154
Mulheres	4.251	2.286	551	5.015	12.103
Total	8.737	4.417	1.085	10.018	24.257
%	36%	18,20%	4,50%	41,30%	100%

Fonte: IBGE. Diretoria Geral de Estatística. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo. Censo de 1890.

¹⁵ João Gumes (1858-1930) nasceu e viveu na cidade de Caetité. Apesar de ter cursado apenas a escola de primeiras letras pode ser considerado como pertencente à elite intelectual da cidade, segundo Reis (2010). “Atuou como mestre-escola, arquiteto, músico, tipógrafo, desenhista, dramaturgo, tradutor, escritor, jornalista e advogado provisionado. Desempenhou também diversas funções públicas, tais como escrivão da Coletoria Geral, tesoureiro, secretário da Intendência (atual Prefeitura) e secretário da Câmara Municipal” (REIS, 2010, p. 14).

¹⁶ *A Penna*, 21/06/1912, n. 13, p. 01, Anno I.

¹⁷ Utilizamos apenas os dados do distrito sede. Os números da população do município variaram muito nos censos de 1890, 1900 e 1920 devido, entre outras causas, às alterações do pertencimento dos distritos. Em 1890, os distritos que compunham o município eram, além do distrito sede, São Sebastião de Caetité (atual município de Caculé), com 10.762 habitantes e N. S. do Rosário da Canna Brava (atual distrito de Caldeiras), com 4.902 habitantes, somando 39.921 habitantes.

A sede do município contava com 24.257 habitantes de um total geral de 39.921 habitantes. Quanto à etnia, a população era constituída por uma minoria branca. Os pretos, caboclos e mestiços juntos somavam 64% da população. O grupo social que se sobressaía quanto às melhores condições econômicas, pertencentes aos quadros dos dirigentes públicos, dos intelectuais, eram os que compunham essa minoria branca. O grupo constituído por pretos e mestiços representava 59,5%. Eram as vítimas do sistema escravista, que apesar de oficialmente abolido, ainda carregavam fortemente as marcas e, certamente, muitas práticas dos séculos anteriores. Isso se não se encontrassem em condições piores do que as vividas anteriormente, quando estavam subjugados legalmente a um senhor.

Os caboclos representavam 4,5% da população. Descendentes, em parte dos indígenas, configura-se um percentual muito pequeno se considerarmos que esses últimos habitavam o território antes da colonização portuguesa. Foram dizimados na região, restando apenas alguns vestígios, como características biológicas, vocabulário e outros elementos da cultura popular, como alimentação, artesanato e práticas da vida cotidiana.

Problematizando as identidades sociais e étnicas das crianças que tinham a oportunidade de frequentar a escola, de aprender a ler e escrever, de produzir um jornal, os estudos acumulados sobre a história brasileira aludem que, raramente, essas crianças seriam provenientes dos grupos dos caboclos, mestiços e pretos. Essas crianças eram majoritariamente brancas¹⁸, provenientes de famílias pertencentes às elites locais.

Quanto ao número de crianças na sociedade, o censo de 1920¹⁹ traz os dados populacionais com especificação das idades.

Tabela 2 – População de 0 a 14 anos em Caetité (1920).

Idades	N. de habitantes
0 a 4 anos	5.647
5 a 9	5.910
10 a 14	5.453
Total	17.010

Fonte: IBGE. População por sexo, estado civil, nacionalidade dos centenários recenseados; população segundo os defeitos físicos, idade, sexo e nacionalidade; estatística predial e domiciliária. v. 4, 1920.

¹⁸ As fotografias arquivadas no Arquivo Municipal de Caetité, de crianças da família Teixeira, afilhados e parentes, mostram que todas eram de pele branca. Sobre isso, ver Carneiro (2011).

¹⁹ Utilizamos o censo de 1920 pois o censo de 1900 é generalizado e incompleto, e em 1910, não houve recenseamento. O censo de 1890 não apresentou esse tipo de dados.

As crianças até 9 anos constituíam 31,95% do total da população. No entanto, se consideramos a idade de 0 a 14 anos, representavam 47% do total de 36.177 habitantes²⁰, em 1920. Comparando o número de crianças com o número presumido de estabelecimentos escolares e de professores na cidade, no período do nosso estudo – poucos anos antes (1912-1914) – numa visão geral, percebe-se que um número pequeno dessas crianças tinha acesso à escola. Não temos registros do número de matrículas, nem estudos que exploraram o tema da escolarização em Caetité na década de 1910, mas os dados sobre os índices de alfabetização ajudam a corroborar essa questão.

Pelos dados apresentados no censo de 1890, apenas 8,1% da população do município sabiam ler e escrever (CARNEIRO, 2011)²¹. Desta forma, a participação nas culturas do escrito, o ambiente letrado, a circulação de impressos, a escrita de cartas, as trocas de correspondências, e leitura de livros e jornais eram acessíveis, diretamente, à parcela da população alfabetizada. Poderiam chegar às pessoas que não dominavam o sistema da escrita, por meio da audição de leitura realizada por outrem (GALVÃO, 2006).

Em 1920, em todo o município, temos dados por grupos de idade: até 14 anos, 8% sabiam ler e escrever; de 15 anos e mais, o índice era de 19%. Observamos que no primeiro grupo de idade, o percentual foi menor, mas isso se explica pelo fato de que as crianças de 0 a 7 – que, em sua maioria, não liam ainda – constam nesse grupo de 0 a 14 anos.

Na sede, vemos mais diferenças quanto ao aprendizado da leitura e escrita, em relação ao total do município, e no que se refere a meninos e meninas.

Tabela 3 – Percentual da população que sabe ler e escrever em Caetité (sede).

	Até 14 anos	De 15 a mais	Total
Homens	1,26%	7,14%	8,4%
Mulheres	1,04%	3,10%	4,14%
Total	2,30%	10,24%	12,54%

Fonte: IBGE. Diretoria Geral de Estatística População do Brasil por estados, municípios e districtos, segundo o grau de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Censo de 1920.

No grupo de idade até 14 anos, não havia muita diferença entre o percentual de alfabetizados entre meninos e meninas, mas, no grupo de quinze anos acima, essa diferença se acentua: 3,10% de meninas sabiam ler e escrever, para 7,14% do percentual dos meninos. Esses

²⁰ Esse número é menor do que os 45.346 habitantes do censo de 1900. Alterações no território, com exclusão de districtos são responsáveis pelas diferenças. Os dados por idade não puderam ser retirados apenas do distrito sede, pois eles foram publicados pelo IBGE, relativos à população total do município, junto com os districtos.

²¹ Na Bahia, esse índice era de 8,7% e, no Brasil – 14,79%.

dados correspondem de seis a oito anos depois do período do nosso estudo; inferimos que anos antes, as diferenças de aprendizado do ler e escrever entre meninos e meninas até 14 anos poderia ser maior. Os questionamentos sobre as diferenças entre os papéis de homens e mulheres foram ocupando espaço na sociedade, as ofertas de coeducação se ampliaram, propiciando condições que contribuíram no combate às desigualdades de acesso à educação.

Pesquisas que explorem as condições de educação das crianças no Alto Sertão podem evidenciar outros aspectos dessa questão. A seguir, apresentamos um panorama dos trabalhos que abordaram a história da infância e sua inter-relação com as culturas do escrito.

3. Jornais, álbuns e revistas de/para crianças nas pesquisas

Estudos que retratam a história da infância foram impulsionados no Brasil após a década de 1980. As temáticas dos estudos abordam a educação, a higienização, o abandono, a criminalidade e as questões relacionadas à assistência que, segundo Freitas (1997), estatisticamente, são as mais densas. No campo da historiografia brasileira que se dedica aos estudos da infância, sobressaem os trabalhos de Del Priore (1991; 2002), Freitas (1997), Kuhlmann Jr. (1998), Freitas e Kuhlmann Jr. (2002), e Gondra e Garcia (2004)²².

Gouvêa (2008) afirma que os estudos vêm adquirindo maior visibilidade nas pesquisas em ciências sociais ao reconhecer o quão é importante o pertencimento etário na produção das identidades sociais. Ressalta também o conceito de geração trazido da sociologia para o entendimento e ressignificação da necessidade de uma maior conscientização sobre a dimensão relacional entre as diferentes classes de idade, em lugares e tempos históricos específicos.

A proposta de estudar o entrelaçamento da história da cultura escrita com a história das crianças nas primeiras décadas do século XX justifica-se pela singularidade do lugar ocupado pelas crianças nesse período histórico e pela pouca visibilidade do tema nas pesquisas. Em mapeamento da produção sobre a história da cultura escrita no Brasil, realizado por Galvão (2010) no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram encontrados 237 trabalhos; entretanto, na dimensão dos sujeitos e trajetórias de grupos específicos, o grupo das crianças, enquanto uma categoria de estudos, não tinha sido contemplado.

²² Outros inúmeros trabalhos compõem a produção brasileira sobre história da infância, com ênfase nas temáticas sobre representações e concepções de infância, o processo de escolarização, a higienização, o abandono, a criminalidade e as questões relacionadas ao assistencialismo, mas, por não se relacionarem diretamente ao objeto aqui proposto, não os discutiremos neste texto.

Sobre o tema mais específico desta investigação²³, foi realizado um levantamento em sites de pesquisa²⁴. Encontramos trabalhos que tratam dos jornais infantis²⁵ escolares, de álbuns de pesquisa escolares, de escritas produzidas em outras instituições educativas – mais especificamente, as bibliotecas públicas –, estudos sobre jornais infantis publicados como suplementos infantis e, por fim, estudos sobre a revista infantil *O Tico-Tico*.

Um dos primeiros estudos que utilizou o impresso destinado às crianças como fonte foi o trabalho de Olga Brites (1990) sobre a Revista *Sesinho*, cujo objetivo centrava-se em investigar as relações que a revista estabeleceu entre infância, trabalho e nação. A publicação era uma iniciativa do Serviço Social da Indústria (SESI) e veiculava um projeto de infância para a família industriária. Apesar da temática “infância” e da investigação em impressos, o trabalho não explorou as conexões entre infância e cultura escrita. Vários estudos, entre eles Catani & Vilhena (1994) e Giana Amaral (2002) chamaram a atenção para a importância da realização de novas pesquisas sobre a história da educação escolar, utilizando como fonte e como objeto os impressos²⁶ estudantis, para dar maior visibilidade à categoria “alunos”.

Nas primeiras décadas do século XX, os princípios da Escola Nova, centrados no protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem e no ideal de patriotismo, republicanismo e civilidade burguesa influenciaram a criação de propostas pedagógicas fundamentadas na elaboração de jornais pelos alunos, como o jornal *Pétalas infantis* (CUNHA, 2013), *A voz da escola* (BASTOS & ERMEL, 2013), e *A criança brasileira* (SILVA, 2013). Os estudos sobre esses jornais concluem que alguns deles, apesar de manterem os ideais preconizados pela República, não necessariamente incentivavam a participação das crianças na sua concepção e elaboração, relegando a elas apenas o papel de receptora dos textos produzidos

²³ Este estudo trata de um jornal impresso, mas, para revisão de literatura – devido ao número ínfimo de trabalhos dessa natureza –, abrimos o leque para álbuns e revistas, além dos jornais, sendo impressos ou manuscritos, pelas contribuições que poderiam trazer.

²⁴ www.scielo.br; www.capes.gov.br; www.bdt.d.ibict.br; www.anped.org.br. Utilizamos como descritores as palavras/expressões: “cultura escrita”, “impresso”, “práticas de leitura”, “práticas de escrita”, combinados com o termo “criança” e “infância”. Utilizamos também: “jornal infantil”, “escrita infantil”, “jornalzinho” e “revista infantil”. Combinamos essas palavras por meio de operadores booleanos *and*, *not*, e *or*.

²⁵ Reafirmamos que a nossa categoria geracional de análise é a infância, mas encontramos também pesquisas sobre a relação entre impressos, educação e juventude. Entre elas, o trabalho de Eliezer Raimundo de Sousa Costa (2016) investigou os grêmios escolares e os jornais estudantis na cidade do Rio de Janeiro e em Belo Horizonte na Era Vargas. No estudo, foram priorizados os textos de escrita autoral dos jovens.

²⁶ Na França, foi produzido um repertório analítico sobre a imprensa de educação e de ensino entre os anos de 1981 a 2005 pelo Service d’Histoire de l’Éducation (Institut National de Recherche Pédagogique – INRP, Centre National de Recherche Scientifique – CNRS, e École Normale Supérieure – ENS), sob a organização de Pierre Caspard e Pénélope Caspard-Karydis. Segundo Bastos (2007, p. 166) “o repertório compreende oito volumes, com quase cinco mil páginas, catalogando 3.741 periódicos por ordem alfabética [...] e reflete as idéias, as proposições, os debates, que estiveram presentes na sociedade francesa durante mais de dois séculos, não somente pelos problemas propriamente escolares ou pedagógicos, mas também pelos valores e os conteúdos que julgavam dever transmitir.”

pelos professores e direção da escola, como o jornal *A escola* estudado por Teive e Dallabrida (2013). É importante ressaltarmos também que, mesmo naqueles que permitiam que os alunos participassem da sua elaboração, a atividade era extremamente tutelada pela ação dos profissionais da escola, com o intuito de evitar “erros” e mensagens “não apropriadas” para uma instituição educacional.

A prática da imprensa escolar como modelo pedagógico foi preconizada por Celéstin Freinet nos anos vinte do século passado. Gonzalez-Monteagudo (2013) discute sobre escrita e periódicos escolares no contexto da pedagogia freinetiana, Espanha, no período histórico da primeira metade do século XX. Ressalta a questão do novo paradigma sobre a infância, aprendizagem e escola na atividade pedagógica com os periódicos.

Na Argentina, Silvia Finocchio (2013)²⁷ afirma que os estudos sobre a imprensa estudantil são uma linha de investigação pouco explorada. Nas pesquisas que realiza, ela busca identificar as origens da imprensa produzida por estudantes naquele país e situar esse objeto impresso no contexto das atividades de produção e distribuição da imprensa em geral e da imprensa educativa e infantil em particular. Evidencia a relação dos periódicos escolares com as práticas pedagógicas renovadoras, a cultura material da escola e as experiências de inovação com a autogestão.

Os álbuns de pesquisa²⁸ constituem-se em outra possibilidade de investigação sobre a escrita infantil que podem abrir portas para o conhecimento da história da educação escolar, história da cultura escrita, entre variadas questões da área. Antônia Simone Gomes (2008) tomou como objeto de investigação 50 álbuns escolares produzidos por crianças entre 1930 e 1950 para buscar compreender como as práticas de escrita operaram como instrumento de produção de uma infância escolarizada, promovendo um deslocamento do lugar social de criança.

Jornais infantis produzidos em bibliotecas públicas tornaram-se também objetos de estudos. Na primeira metade do século XX, começaram a ser organizados espaços nas bibliotecas públicas para o atendimento ao público infantil. Em 1936, na cidade de São Paulo, é criada a Biblioteca Infantil Municipal, funcionando como um centro do livro e da leitura (ANDREOTTI, 2004). Nesse mesmo ano, foi criado o jornal *A voz da infância*, editado pelas

²⁷ Os estudos de Cunha, de Bastos e Ermel, de Silva, de Teive e Dallabrida, de Gonzalez-Monteagudo e de Finocchio sobre os jornais compõem parte de um dossiê sobre as escritas estudantis em periódicos escolares, publicado pela revista *História da Educação*, n. 40, em 2013.

²⁸ Segundo Gomes (2008, p. 09), álbum de pesquisa é “um tipo de caderno de pesquisa escolar que reúne cópias de lições, poesias, ditados, composições e recortes de jornais cujo objetivo é proporcionar aos alunos investimentos nas práticas de escrituração”.

crianças e jovens que frequentavam a biblioteca. Objeto e fonte de pesquisas, esse jornal possibilitou conhecer diversos aspectos das produções escritas das crianças nas décadas de 30 e 40 do século passado. O trabalho de Andreotti (2004) buscou analisar o jornal *A voz da infância* com o objetivo de compreender as propostas de educação, no contexto de um planejamento de modernização do país, e o de Raffaini (2008) analisou, por meio das resenhas e comentários de livros escritos pelas crianças para o jornal, como elas recebiam a obra de Monteiro Lobato naquele período.

Na cidade de Pelotas, entre as décadas de 40 e 50 do século XX, foi criada uma seção infantil na Biblioteca Pública Pelotense, com o objetivo de ser um centro cultural infantil, oferecendo aos seus frequentadores atividades como hora do conto, cinema, teatro, arte e, também, a produção do jornal *Mundo infantil* no interior da biblioteca. Essas atividades estavam embasadas em uma proposta pedagógica que buscava fazer da seção infantil um espaço educacional que contribuísse para a formação da infância pelotense. O *Mundo infantil*, jornal da seção infantil, foi fundado em outubro de 1946 e contava com assinantes e também com a venda de exemplares avulsos, segundo os estudos de Vivian Anghinoni Corrêa (2008). Esses estudos concluem que as escritas infantis, apesar de serem desenvolvidas fora da escola, revelavam muita influência da educação escolar no contexto de uma conformação com o projeto de modernidade desejado para o país no período.

Em Minas Gerais, no ano de 1946, o jornal *Estado de Minas* lançou um suplemento infantil, *Gurilândia*, após tentativas anteriores de outros títulos que não tiveram prosseguimento. Nesse momento, em uma proporção bem maior do que no início do século, estava em processo uma expansão do mercado consumidor destinado às crianças. A vinculação com um jornal já consolidado criou as condições favoráveis para a produção, circulação e popularização desse suplemento, conforme aponta André Carazza dos Santos (2008). Na pesquisa realizada por Santos, foram analisadas 341 edições com o objetivo de entender os aspectos de produção, circulação e uso do suplemento infantil. Havia nesse suplemento uma preocupação em formar um leitor comprometido com os estudos, com a pátria e com a Igreja Católica. Desta forma, conclui-se que a produção da imprensa escrita infantil nesse período foi marcada pela predominância de intenções educativas. Segundo Santos (2008, p. 18), “se o século XX, não foi o período em que se estabeleceram os laços entre o impresso e a criança, foi, certamente, o período em que tais laços se intensificaram de forma mais claramente radicalizada”.

A revista infantil *O Tico-Tico*, tida como a primeira revista infantil do país, foi objeto de estudos, pelo lugar significativo que ocupou na vida de crianças brasileiras em mais de meio

século de história (1905-1962). Publicada pela editora *O Malho*, no Rio de Janeiro, circulava tanto nas maiores cidades do país, como também em lugares distantes dos grandes centros. Por meio de suas variadas seções, propiciou às crianças a participação em atividades de leitura e escrita e de divertimentos, com intencionalidade recreativa, informativa e formativa. Seus exemplares constituem-se hoje em um rico acervo de pesquisa, principalmente para o campo educacional e mais especificamente para a área da história da infância. Zita de Paula Rosa (2002) investigou essa revista como objeto cultural para apreender e compreender seu projeto de educação para a criança brasileira em mais de meio século da nossa história.

As histórias em quadrinhos foram uma das principais marcas da revista *O Tico-Tico* e esse tema foi objeto da pesquisa de Maria Cristina Merlo e Antônio Luiz Cagnin (2003), e de Waldomiro Vergueiro (2008), que investigaram a construção da história do quadrinho nacional e de suas repercussões sociais, políticas e econômicas no contexto brasileiro. Segundo Vergueiro (2008), a revista caracterizou-se por uma postura didático-pedagógica e pela disseminação de produtos quadrinhísticos genuinamente brasileiros. A revista, com a proposta de fazer das crianças seu público leitor, veiculava também contos e poemas. Cíntia Almeida e Aline Costa (2015) detiveram o foco nesses contos e poemas publicados nos primeiros cinco anos da revista, observando suas mensagens e representações associadas ao lema da diversão e do encantamento, mas também da adequação social. Entender o papel de *O Tico-Tico* na formação de novos cidadãos requer analisar as estratégias de formação social apresentadas pelo veículo na disseminação de textos que apresentam incitação moral, de conduta e bons hábitos para as crianças.

Luciana Patroclo (2015), por sua vez, estudou as questões de gênero, utilizando a mesma revista como fonte. Analisou a *Seção feminina* que veiculou diferentes papéis sociais, com foco nos papéis atribuídos a meninos e meninas. Embora igualmente crianças, a revista atribuía papéis sociais distintos aos gêneros. As meninas eram preparadas, desde a infância, para o casamento e a maternidade. Os meninos, por sua vez, eram dotados dos conhecimentos necessários para “liderar a nação” (PATROCLO, 2015, p. 07).

Outra seção da revista que serviu como tema de pesquisa foi a intitulada *Meu jornal*, onde se publicaram, entre os anos de 1935 a 1940, as escritas infantis dos leitores da revista. Patrícia Alencar (2015) buscou interpretar, de maneira analítica, a(s) proposta(s) de formação para a criança e concluiu que as escritas infantis produzidas evidenciavam o discurso disseminado pelas instituições educativas da época.

Grande parte dos textos escritos pelas crianças e publicados na seção “Meu Jornal” tinham como tema os conteúdos escolares, a história e a geografia local, a valorização da moral, da instrução, do trabalho e da família, bem como do respeito e a valorização dos símbolos nacionais, do patriotismo e a nacionalidade, princípios estes que foram os pilares centrais do regime estadonovista nesse período. (ALENCAR, 2015, p. 120).

Esses estudos priorizaram explorar a discussão sobre regras de conduta e de protocolos de escrita que caracterizam uma cultura escolar, os princípios da Escola Nova e a educação da criança para a civilidade e progresso, na sua maioria, relacionados às questões escolares. O jornal *O Bem-ti-vi* pode evidenciar aspectos da relação entre infância e impresso, somando conhecimentos aos estudos até então realizados.

A relevância da presente pesquisa encontra-se ancorada em produções infantis ligadas à sua vida cotidiana, não tutelada diretamente por alguma instituição, além da família, como escola, biblioteca ou jornal. Aventamos a hipótese de que a produção desses escritos se dava de forma mais autônoma pela criança, o que não é muito comum encontrar nos arquivos e fontes, conforme afirma Gouvêa (2008, p. 105). Para a pesquisadora,

Difícilmente tem-se em mãos produções em que a criança seja autora do registro da sua história. O limite dos registros da experiência social pelas crianças, ou sua pouca densidade, indicam privilegiar a produção de discursos e práticas sobre e para a criança, tendo os adultos como autores.

Além disso, a análise do jornal *O Bem-ti-vi* permitiu a revelação de dados sobre a produção de um impresso, em uma cidade do Alto Sertão baiano, no início do século XX; quais eram as estratégias utilizadas, como foi o envolvimento das famílias e, principalmente, apresentou um aspecto da biografia de Anísio Teixeira²⁹ não contemplado em estudos anteriores.

4. Pressupostos teóricos

A apreensão de um objeto de estudo faz-se com ferramentas teóricas e conceituais para instrumentalizar as nossas análises. Neste estudo, são muito relevantes as contribuições da história das crianças/infância(s) e de sua educação nas famílias de elites, o papel do capital cultural e a apropriação da herança cultural, da história da cultura escrita, que abarca a história dos impressos e da leitura.

²⁹ Apresentaremos Anísio Teixeira e Mario Rodrigues Lima mais à frente, neste texto.

As crianças de elites³⁰ e a cultura escrita

As questões propostas para conhecermos melhor a história das crianças e da(s) infância(s) levam-nos a outros tempos históricos no intuito de compreendermos os problemas postos no presente. A história das crianças foi impulsionada pelo estudo pioneiro de Philippe Ariès, *História social da criança e da família* (2006 [1973]), que aponta para uma nova concepção de infância após o advento da modernidade. Desde o século XIX, a infância começou a ser considerada como um período que carece de maior atenção dos especialistas, das ciências biológicas, psicológicas e da educação, na tarefa de tornar esses “novos seres” indivíduos preparados para assumirem o futuro das sociedades. Essa questão ganha uma dimensão maior no início do século XX. Nunes (2011) afirma que, na América Latina, isso fica evidente na realização dos *Congresos Americanos Del Niño*³¹, a partir de 1916, reunindo sujeitos e instituições envolvidos com a problematização da vida infantil em diversificados aspectos. Houve uma preocupação em discutir a formação de uma nova infância para um mundo novo, pois “à infância se projetavam responsabilidades grandes quanto ao destino das nações, ao universo infantil; por meio de intervenções adultas, desejava-se inculcar novas condutas, novas habilidades, novos modos de se viver a condição infantil e de ser criança”. (NUNES, 2011, p. 271).

A noção de elites, já utilizada há mais tempo por sociólogos, passou a ser investigada mais recentemente no campo dos estudos históricos, definida como “conjunto dos grupos sociais que dominam a sociedade mediante sua influência, seu prestígio, suas riquezas, seu poder econômico, cultural e político” conforme afirma Chaussinand-Nogaret (1993, p. 283). Na historiografia tradicional, encontramos estudos de elites na figura dos grandes homens, dos heróis e governantes, o que foi rechaçado pela Nova História Cultural, por não considerar a história das minorias, excluídos e pobres, ou a “história vista de baixo” (BURKE, 1992). Todavia, destacamos que a proposta de estudo de elites abre possibilidades de reflexões acerca das relações e condições sócio culturais, e de conhecimento de outros grupos, bem como nos ajuda a entender os mecanismos de reprodução³² social. Sobre a importância dos estudos de elites, Lorena Monteiro (2009, p. 26) argumenta que “uma *elite* social, intelectual e/ou política não é algo dado, é, antes de mais nada, um fenômeno social e histórico a ser explorado, e,

³⁰ Segundo Flávio Heinz (2006, p. 07) a noção de elite ainda é “pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão”, por isso a opção de usar o termo no plural, indicando que não estamos definindo-a *a priori*.

³¹ A partir do ano de 1924, esses congressos adotaram o nome de *Congresos Panamericanos Del Niño*.

³² Sobre isso, ver Bourdieu e Passeron (1975).

enquanto tal, deve ser apreendido, tanto pela suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas sociais, tomadas de posição, em um dado contexto histórico”.

No caso deste estudo, as crianças de elites das quais trataremos são membros de famílias da cidade que mantiveram uma posição privilegiada na região no que se refere aos aspectos destacados por Chaussinand-Nogaret; ou seja, possuíam poder econômico e influência social, cultural e política. Os estudos de elites são importantes, pois podem evidenciar as desigualdades de acesso aos bens culturais, principalmente o acesso e permanência no sistema educacional. “O desvelamento do privilégio cultural aniquila a ideologia apologética que permite às classes privilegiadas, principais utilizadoras do sistema de ensino, ver no seu sucesso a confirmação de dons naturais e pessoais”, afirmam Bourdieu e Passeron (2018 [1964], p. 96).

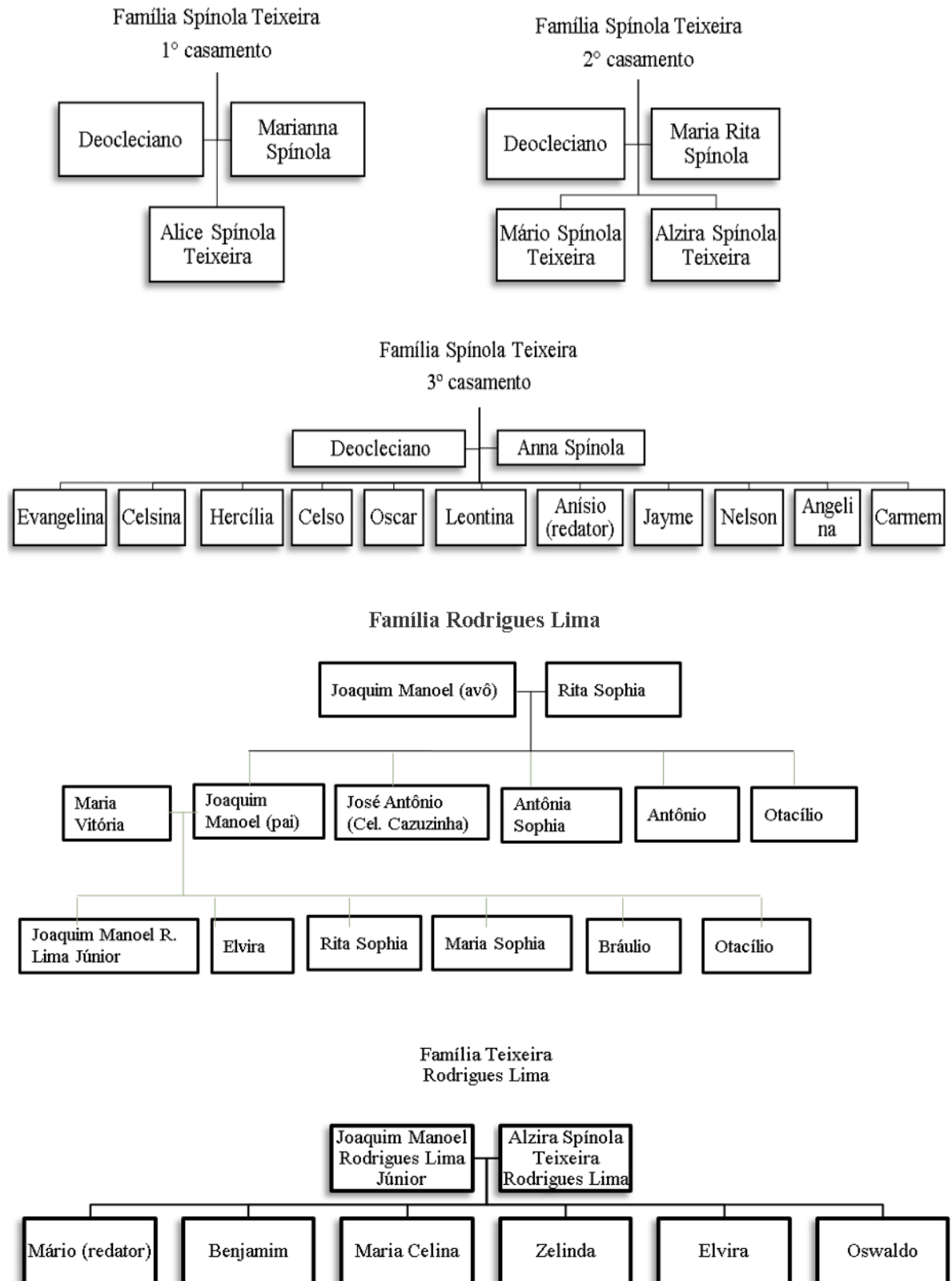
Segundo Flávio Heinz (2006, p. 09), uma das possibilidades para o historiador de elites é “conhecer a composição dos capitais ou atributos cultural, econômico ou social, e sua inserção nas trajetórias dos indivíduos”. As famílias de elites de Caetité, centrais na pesquisa, são as famílias Spínola Teixeira e Rodrigues Lima³³, que detinham poder econômico, político e cultural na região. Segundo Aguiar (2011, p. 39), “pode-se afirmar que a família Teixeira³⁴ se acomodou entre aquelas que possuíam os maiores patrimônios” da região. Suas principais atividades desenvolvidas eram a criação de gado e a produção de gêneros alimentícios nas extensas propriedades às margens do rio São Francisco e nos vales adjacentes. A outra família envolvida é herdeira do Barão de Caetité e do primeiro governador da Bahia eleito por voto direto na República, também possuidora de grande poder.

Para a compreensão das famílias – Spínola Teixeira e Rodrigues Lima – envolvidas na produção do jornal *O Bem-ti-vi*, segue a genealogia dos redatores: Anísio S. Teixeira e Mario T. Rodrigues Lima:

³³ A família Spínola Teixeira foi constituída pela união de Deocleciano Pires Teixeira em três casamentos, consecutivos, com três irmãs da família Spínola e os filhos dessas uniões. Anísio Spínola Teixeira pertence a esse núcleo familiar. Da união de João Antônio Gomes Neto (Barão de Caetité) com Elvira Benedita de Albuquerque originou-se a família do Barão de Caetité. O Barão de Caetité não deixou descendentes homens; por isso, o nome perpetuado por seus descendentes foi “Rodrigues Lima”. O Barão era irmão de Rita Sophia e pai de Maria Vitória, apresentadas na genealogia a seguir. Mario Teixeira Rodrigues Lima, redator do *O Bem-ti-vi*, era bisneto do Barão de Caetité.

³⁴ O estudo refere-se à posição de liderança política ocupada na região por Deocleciano Pires Teixeira, abordando também a condição de prestígio econômico, tanto dos Teixeira, como dos Spínola, família de sua esposa Ana Spínola Teixeira. Sobre este trabalho, ver Lielva Aguiar (2011).

Figura 1 – Famílias dos redatores.



Fonte: Carneiro (2011); Santos (1995).

Como aconteciam os processos educativos das crianças, provenientes dessas famílias? Como era o envolvimento delas nas culturas do escrito? O que liam? Como liam? O que possibilitou que produzissem um jornal?

As crianças de elites em Caetité, no período estudado, frequentavam escolas mas tinham sua educação inicial em casa, conforme costume herdado do Brasil colonial e Imperial. O modelo de educação doméstica seguia as prescrições da educação da nobreza do século XVIII e XIX, estendendo-se para as elites. Aguiar (2015), em pesquisa sobre a educação das princesas Leopoldina e Isabel, herdeiras do Império do Brasil, constata que a disciplina de estudos destas crianças era muito rígida e inflexível, e, apesar de serem educadas para, no futuro, terem condições de governar o país, não foram privadas da educação para o lar, pois

Isabel, como mulher e Princesa herdeira, recebe a dupla educação: a que na época era considerada restrita aos homens como futuros chefes de estado, voltada para o conhecimento das “ciências e das letras”, e a destinada às mulheres, voltada para as “prendas domésticas”, condizente com a função de esposa e mãe. (AGUIAR, 2015, p. 56).

A educação dos meninos e das meninas continuou a enveredar por caminhos diferenciados, em conformidade com os papéis que se pretendiam para os homens e as mulheres, futuramente. O direito à escolarização era “permitido” às meninas desde que não “ousassem” galgar níveis mais altos.

Um caso sobre a educação de um menino de elites em Minas Gerais, foi estudado por Juliana Melo (2008). A pesquisa sobre o percurso do menino Pedro Nava – mais tarde, médico e escritor – investigou “como uma criança pertencente às elites brasileiras participa do mundo da escrita?”. Foi evidenciada a importância da participação e apoio da família no processo formativo do menino. Melo (2008, p. 224) afirma que “na infância, Pedro Nava lia e escrevia porque ele tinha o apoio da família; porque vivia em um ambiente que o permitia ler e escrever; porque ele não tinha de trabalhar para ajudar a família; porque as pessoas o incentivavam a ler e a escrever; porque havia confiança no menino que ele foi”. Percebe-se o lugar conferido ao contexto social, cultural e econômico na formação dessas crianças, principalmente dos meninos.

Nessa perspectiva, a cada situação, em cada época, exige-se uma investigação específica para lançar vistas sobre como cada processo acontece. Os estudos de Bourdieu e Passeron (1975) têm contribuído para a compreensão do papel que a escola e os processos de transmissão da herança familiar podem exercer nos sujeitos, a partir dos conceitos dos diferentes tipos de capital – cultural, econômico e simbólico –, campo e *habitus*. Segundo Nogueira e Nogueira

(2017), Bourdieu e Passeron (1975) passam a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais onde antes se via a meritocracia, a igualdade de oportunidades e a justiça social, derrubando desta forma o efeito da aptidão, do dom e do mérito, apenas. De acordo com Bourdieu (1998 [1979]), o capital cultural apresenta um grau de dissimulação maior do que o capital econômico, pois está mais disposto a funcionar como capital simbólico, exercendo efeito no mercado de bens culturais.

Sabe-se que a acumulação inicial do capital cultural só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; neste caso o tempo de acumulação engloba a totalidade do tempo de socialização. (BOURDIEU 1998, p. 76 [1979]).

Contudo, suas proposições não afirmam que isso emerge de forma naturalizada e independente, mas se constitui de forma atuante, num espaço de lutas travadas nos campos de sua produção. Nessa perspectiva, Lahire (2004) evidencia que em grupos privilegiados também encontramos fracassos e, ao contrário, em grupos de famílias populares existem casos de sucesso. Quais seriam então “as razões do improvável?”. Para entender essa questão, o autor propõe a abertura do campo de uma sociologia à escala individual para que seja possível compreender a disposição por meio da sua gênese. “Aprender as matrizes e os modos de socialização que formaram tal ou tal tipo de disposições sociais deveria ser parte integrante de uma sociologia da educação, concebida como uma sociologia dos modos de socialização e articulada a uma sociologia do conhecimento”. (LAHIRE, 2005, p. 17). O autor afirma ainda que somos portadores de disposições múltiplas, que nem sempre encontram as condições de sua atualização, e que mesmo que haja investimentos sociais múltiplos (família, escola, amigos...), podem se tornar incompatíveis diante das condições pessoais e sociais.

Nessa direção, François de Singly (2009), ao deter-se na análise sobre a apropriação da herança cultural, também sugere que as pesquisas se aproximem mais dos indivíduos para que possam ser observadas as formas de transmissão e as maneiras como a herança é percebida pelos herdeiros. Nos estudos realizados, ele conclui que os herdeiros têm duas tarefas: a de aceitarem realizar os esforços necessários para poderem herdar, e a de se construírem autonomamente, sem necessariamente se desconfigurarem. De Singly (2009, p. 27) afirma que o que ocorre é uma “transação entre as gerações, e não uma ordem transmitida dos pais a filhos e filhas. Essa transformação da herança é engendrada pelo lugar do capital cultural na estrutura do capital familiar e social e por seu modo de validação externo à família, que tem como efeito criar as condições objetivas da negociação”.

Ao propormos investigar um impresso produzido por crianças constituintes de famílias possuidoras de capital cultural e econômico e sua participação nas culturas do escrito, adquirimos mais elementos para compreender essa sociedade. Segundo Galvão (2010, p. 219), “os seres humanos produzem cotidianamente bens materiais e simbólicos em várias dimensões da sua vida, conseqüentemente também em relação ao escrito”. Essa afirmação abre inúmeras possibilidades de pesquisa por meio da investigação de tudo que se relaciona com o escrito em determinado lugar. Ainda de acordo com Galvão (2010), podemos utilizar cinco vias ou dimensões para estudar as culturas do escrito. Uma das possibilidades é o estudo das instâncias – como igreja, família, tipografia, entre outras –, ou realizar o estudo por meio de objetos – como livros, materiais, revistas –, assim como seus suportes. Também podemos pesquisar sujeitos ou trajetórias de grupos específicos, e, como última alternativa, é possível investigar os meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume.

Considerando esses aspectos, podemos afirmar, como detalharei ao longo deste texto, que as práticas de leitura e escrita eram muito presentes, principalmente nas famílias de elites de Caetité no período estudado. Os tipos de impressos mais frequentes entre elas eram os jornais. Existiam, também, exemplares das revistas que circulavam nas maiores cidades do país, como *O Malho* e *Fon-Fon*³⁵, livros de literatura e livros escolares, além dos impressos de cunho religioso. O comércio local era responsável pela circulação de muitos livros infantis. O material manuscrito que mais circulava para leitura eram as cartas, principalmente, no âmbito familiar. Muitos desses materiais eram produzidos na própria cidade, a exemplo dos jornais locais. A existência de uma tipografia³⁶ em Caetité propiciava a atividade tanto da leitura como da escrita. Diante disso, podemos considerar que existe uma amplitude de perspectivas para entender o lugar que o escrito ocupa em uma sociedade.

As práticas de escrita e de leituras infantis

Como afirmamos anteriormente, inferimos que as crianças caetiteenses pertencentes às elites deviam ter acesso a materiais diversos, como livros escolares e literários, papel, tinta, ardósia e giz para os primeiros rabiscos. Essas proposições incitaram o interesse em conhecer de forma mais contundente qual seria o lugar que o escrito ocupava na vida dessas crianças.

³⁵ “Não nos fartávamos de ver e rever as fotografias do *Malho* e do *Fon-Fon*, pobres revistas, em preto e branco (...)” segundo Flávio Neves (1986, p. 37).

³⁶ João Gumes fez funcionar a primeira tipografia do Alto Sertão, editando o primeiro periódico em 25 de setembro de 1896 (REIS, 2010).

Como a oralidade se fazia presente? O que os escritos e as leituras das crianças geravam? Qual a intencionalidade dessas práticas? Do início da aprendizagem da escrita, por meio das *penas vacilantes*, até chegarem a produzir um jornal impresso, como se deu esse processo?

Para tentar responder essas questões, além da história da criança, de elites, fizemos uma incursão pela história dos impressos e da leitura, fundamentando-nos, principalmente, nos estudos de Roger Chartier. Segundo Chartier (1991), para a apreensão do mundo social, têm-se vários caminhos: classificações, divisões e delimitações que organizam a percepção. São esses esquemas intelectuais que possibilitam que o presente adquira sentido.

Vários conceitos³⁷ são mobilizados na História Cultural, como os de “apropriação” e “práticas”. O conceito de apropriação destaca-se no trabalho de Chartier e é originado do seu esforço em compreender as práticas de leitura. Biccas (2012) afirma que Chartier aproxima-se de autores como Foucault, Bourdieu, Certeau e Hoggart para ajudá-lo a perceber como os sujeitos se apropriam de objetos culturais. Salienta-se aqui a importância em compreender o texto e os discursos na sua historicidade e nos seus sentidos, ou seja, entender a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. Segundo Biccas (2012, p. 287), “a noção de apropriação é, por definição, histórica, [...] têm seus condicionantes sociais, institucionais e culturais, o que implica pensar que o sentido da leitura não está preso no texto, em suas linhas”, o que nos faz entender que as ideias e as interpretações não são desencarnadas. Os textos são apropriados de formas distintas, pois cada sujeito e suas vivências são únicos. Entretanto, quanto a esse aspecto, temos consciência da complexidade que envolve uma pesquisa sobre a história da leitura devido à pouca disponibilidade de fontes que poderiam possibilitar a percepção das apropriações das leituras pelas crianças.

Convém destacar ainda a necessidade de se considerar o suporte e, portanto, a questão da relevância da *materialidade* na obra de Chartier, pois não há texto fora do suporte³⁸ e a sua compreensão depende das formas como atinge o leitor. Chartier traz também o conceito de práticas sociais nas suas obras, embora com menor vigor. Prática é entendida como uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social. Nos conceitos de práticas e estratégias, o que se destaca é o palco de correlação de forças. Questionamos o que as pessoas fazem com o que é

³⁷ Chartier (1990) traz em seu livro esses termos como “noções”, entretanto, por elas já serem apropriadas por outros e utilizadas para estudos diversos, concebemos-las como “conceitos”.

³⁸ Jean Hébrard (2001), no estudo da materialidade dos suportes, destaca a análise da “tipologia de apresentação”, ou seja, os elementos gráficos de apresentação do escrito, pois eles produzem subjetividades diversas.

feito delas e como agem diante do mundo, o que marca como evidência é que as pessoas não são passivas.

Os estudos de Umberto Eco (1986), embora tenham se voltado para a história da literatura, foram primordiais para traçar um perfil do provável leitor do jornal *O Bem-ti-vi* por meio dos conceitos de *enciclopédia do leitor* e do *Leitor-Modelo*. Restituir o leitor de um texto pode ocorrer por meio do seu próprio relato ou de indícios deixados pelo autor, como lacunas a serem preenchidas. O autor induz o leitor de um texto quando escolhe uma língua, um tema e um determinado vocabulário; ou seja, ao definir uma *enciclopédia*, o autor institui o provável leitor (ECO, 1986).

5. Metodologia e fontes da pesquisa

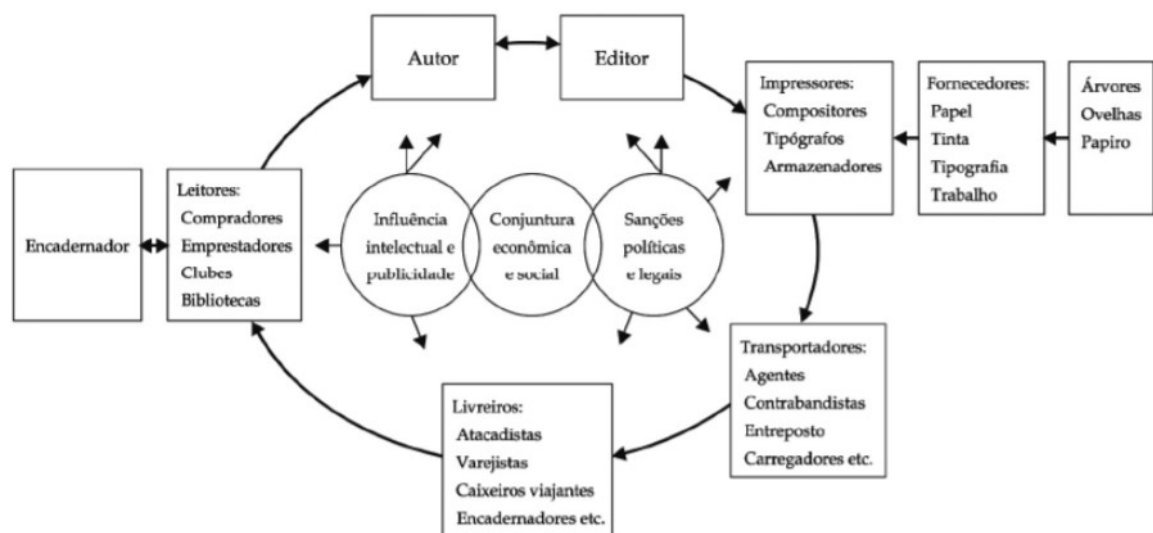
A pesquisa histórica se depara com uma série de desafios próprios do fazer historiográfico, devido às suas especificidades ligadas ao estudo do tempo passado. Todavia, a apreensão de uma realidade passada, apesar de ser difícil, é possível, ainda que parcialmente. A melhor forma de lidar com essa questão é apurar o olhar sobre as fontes, elaborar as melhores perguntas possíveis a elas - as fontes não respondem nada sozinhas - e se munir de um arcabouço teórico-metodológico que dê conta de uma construção bem elaborada do problema. Segundo Chartier (2016, p. 15) “a história, como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso do presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor”.

O estudo de práticas não-escolares do cotidiano das crianças encontra limitações quanto à disponibilidade de fontes. A quantidade de registros é bem menor em relação ao número existente de registros de práticas que envolvem o processo de escolarização. Esse processo, possivelmente por estar vinculado à escola, uma instituição oficial muito valorizada nos últimos séculos, teve seus documentos mais preservados. No entanto, como afirma Thaís Fonseca (2008, p. 65), “não nos esqueçamos das possibilidades (...) do enfrentamento das dimensões não escolares, que envolvem práticas e processos educativos em outras dimensões da vida de uma sociedade”.

O trato metodológico do jornal *O Bem-ti-vi*, objeto e fonte deste trabalho, deu-se com a leitura do material, apesar de que, no primeiro contato, ainda parecer apenas um conjunto de textos impressos em folhas esparsas. Entretanto, as questões de pesquisa foram direcionando o

nosso fazer e indicando caminhos para o estudo. Questões existiam, e muitas, para se pensar o jornal como uma produção localizada no tempo e espaço definidos. Para tratá-las, utilizamos como inspiração de análise um modelo geral proposto por Darnton (1990), identificado como “Círculo de Comunicações”³⁹. Segundo o autor, a história dos livros⁴⁰ surge a partir de questões ligadas com o processo de comunicação, e, de modo geral, esses impressos possuem uma trajetória semelhante no processo de produção e distribuição, até chegar ao leitor.

Figura 2 – O Circuito das Comunicações.



Fonte: Darnton (1990, p. 113).

A proposta de Darnton apresenta o processo de produção do impresso, perpassando todos os pontos que vão do autor ao leitor. Desde o “pensamento” que gera o escrito, que se transforma em texto inscrito em algum material, por meio da ação de um editor (que pode ser o próprio autor), e de outros agentes, como impressores, compositores, tipógrafos, armazenadores. Para esta etapa acontecer, precisa-se de matéria prima, tecnologia, produção de materiais, entre outras ações, conforme ilustrado na imagem. O circuito segue com o transporte e distribuição, que podem ser deveras diversificados, simples ou complexos, a depender da conjuntura, do espaço, dos sujeitos – enfim, das condições sociais, políticas e culturais que definem uma determinada situação –, até chegar às mãos do leitor e, de novo transformar-se em “pensamento”, que interferirá em um próximo ciclo.

³⁹ Focamos apenas nos pontos do circuito disponibilizados pelos dados de pesquisa devido à própria natureza de publicação do jornal *O Bem-ti-vi* – que não se enquadra como publicação profissional, institucional e nem comercial – o que não comprometeu o uso deste modelo como inspiração para a análise.

⁴⁰ “Alguns estudiosos da imprensa se concentram em jornais, folhetos e outras formas além do livro” (DARNTON, 1990, p. 109), que é o caso desse estudo. Utilizaremos o referencial do autor para tratarmos do jornal.

A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante. [...] os historiadores do livro geralmente recortam um segmento do circuito de comunicações, [...] mas, as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo. (DARNTON, 1990, p. 112).

O historiador pode iniciar a sua investigação em qualquer parte do circuito, desde que busque conectá-la com as outras partes para que adquira sentido. Iniciamos as buscas para as nossas questões sobre o jornal *O Bem-ti-vi* a partir das possíveis leituras realizadas pelos autores dos textos. O que esses textos do jornal deixavam entrever sobre leituras realizadas por seus autores? O que a materialidade do jornal, como tamanho, tipo de letra, forma gráfica e organização da página poderiam informar sobre a produção? Que vestígios poderíamos encontrar sobre as intencionalidades quanto a um possível leitor, visado ou empírico?

Ciente de que o impresso segue um percurso, o estudo do jornal deu-se no sentido de encontrar essas partes no todo. Posteriormente, dentro de um emaranhado de informações recortadas, foi preciso encontrar uma lógica para que pudessem adquirir novos sentidos. Desta maneira, tendo em vista as questões levantadas, categorias foram criadas. A elaboração de quadros possibilitou a visualização de informações que em outras disposições, encontravam-se turvas. Quadros de autoria, quadro de seções, de conteúdo, de matérias, de assinantes, etc, nos indicavam uma direção de análise para desvendarmos o circuito de comunicação do jornal *O Bem-ti-vi*, logicamente dentro das limitações impostas ao fazer historiográfico. Concomitante a esse processo, as outras fontes, como outros jornais impressos na cidade, cartas familiares e relato de memorialistas trouxeram informações que interconectaram pontas soltas da trama em elaboração. Segundo Galvão e Melo (2019, p. 255), muitas vezes é preciso “ultrapassar a análise do corpus e realizar estudos comparativos com outros impressos que circulavam no mesmo período, para entender a própria especificidade do artefato cultural estudado”.

O manuseio das fontes e o trato dos dados foram fundamentados em estudos anteriores sobre impressos. Em pesquisa sobre o leitor de cordel em Pernambuco, por exemplo, Ana Galvão (2006) buscou (re) construir o leitor/ouvinte e os modos de ler, concluindo que o acesso ao mundo do escrito era compartilhado tanto por pessoas alfabetizadas, quanto por analfabetos e/ou semialfabetizados, facilitado pela forma de estruturação do impresso. A análise de impressos também foi o caminho trilhado por Monica Jinzenji (2010) para investigar o papel educativo dos jornais direcionado às mulheres no século XIX. A ausência de fontes sobre todo o processo de produção do jornal levou à consulta de outros periódicos que, com dados entrecruzados, puderam auxiliar “a compreensão dos elementos tipográficos e relacionados à

materialidade desse impresso, bem como da sua circulação” (JINZENJI, 2010, p. 39). Investigar os (supostos) leitores da revista *Grande Hotel* foi o objetivo do estudo de Juliana Melo (2013). Procurar na materialidade do suporte as estratégias de editoração e alterações sofridas quanto aos aspectos gráficos, foram os meios de análise para entender como o leitor foi sendo instituído, confrontando com os usos da revista pelos leitores empíricos, nem sempre coincidentes com o que foi idealizado.

Enfim, variadas perspectivas metodológicas para o estudo dos impressos são apresentadas em pesquisas de Galvão e Jinzenji (2011), Galvão e Melo (2019) e Priscila Verona (2020), que muito auxiliam as investigações sobre o tema; contudo, além de conhecer procedimentos metodológicos pertinentes à pesquisa, “é também imprescindível a compreensão de que o modo como os temas são tratados nos impressos estão inscritos no tempo/espaço em que foram produzidos (GALVÃO & MELO, 2019, p. 232).

Acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité

A documentação trabalhada nesta pesquisa encontra-se no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). A cidade revela uma preocupação com a preservação da sua história por meio de várias ações da prefeitura ligadas à Universidade do Estado da Bahia, como o APMC e o Museu do Alto Sertão (MASB). Os documentos do Arquivo Público datam de meados do século XIX e do século XX, compreendidos em edições do primeiro jornal do Alto Sertão, *A Penna*, que traz dados sobre a vida da sociedade na região (1897-1943), além de processos da Vara Cível, arrolamentos, ação de execução, documentos da Câmara e acervos particulares, como fotografias e cartas de algumas famílias locais, em maior quantidade, da família Spínola Teixeira. A partir do ano de 2016, o APMC começa a contar também com vasta documentação da família do Barão de Caetité (Família Rodrigues Lima), que ainda está sendo catalogada.

A documentação da família do Barão de Caetité constitui-se de vários documentos, datados a partir do ano de 1833. Compreende a produção de várias gerações e compõe-se de correspondências pessoais e de trabalho, envolvendo o dia a dia nas fazendas e na vida política, inventários de bens, exemplares de jornais, recortes de notícias de jornais e anotações pessoais em cadernos manuscritos, tanto de homens quanto de mulheres da família. Segundo Aguiar (2016), esse acervo foi encontrado na casa da família, conhecida na cidade como Casa do Barão de Caetité, que foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) em 1981; entretanto, por questões diversas, somente em 2016 o atual herdeiro doou a documentação para o Arquivo Público Municipal de Caetité para ser catalogado e

disponibilizado ao público. Convém destacar, porém, que a higienização e a reorganização de todo o material tiveram início no ano de 2002, por professores e estudantes do curso de História da Universidade do Estado da Bahia, *Campus VI*, Caetité.

Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, jornais e revistas foram utilizados na pesquisa como fontes complementares. O sistema de busca é facilitado pelo uso da tecnologia digital, de forma que após digitarmos o período desejado e as palavras-chave escolhidas, o próprio sistema faz a busca e disponibiliza, com grifos, o que foi solicitado. Apresenta uma quantidade expressiva de exemplares de impressos de vários estados do País e ajudou com informações relevantes sobre pessoas colaboradoras do jornal *O Bem-ti-vi*, com dados sobre livros, livrarias e informações sobre a vida de colaboradores.

O Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), 1891-1940 foi outro documento utilizado nessa pesquisa e disponibilizado por esta plataforma. Os dados dos municípios, com os nomes de fazendeiros, funcionários públicos e professores, constituíram informações importantes para a nossa investigação.

Fontes

- Jornal infantil *O Bem-ti-vi*

Na documentação encontrada na Casa do Barão de Caetité, estava a coleção do jornal infantil *O Bem-ti-vi*, com 31 números e $\frac{1}{2}$. Entretanto, não constavam todos os números editados, que foram 43 durante o período de publicação. O primeiro número, que poderia trazer mais dados sobre a natureza e intenção do jornal, está entre os que não foram localizados. Esse jornal, como já mencionado, foi produzido pelas crianças Mario Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira, que o assinam como redatores-chefes. O primeiro número do referido jornal data de outubro de 1912. Não se constituía como suplemento de algum jornal existente, conforme afirma Hohlfeldt (2010, p. 377) “desde o século XIX, no Brasil, jornais começaram a publicar suplementos dirigidos às crianças”. O jornal foi editado quinzenalmente até o ano de 1914, quando Mario Rodrigues Lima mudou-se para Juiz de Fora para continuar os estudos. Analisamos sua *materialidade*, conforme o trabalho de Chartier (1990) e, por meio dos textos publicados, pudemos adentrar no universo da cultura letrada que era produzida.

Essa atividade era incentivada pelas famílias dos meninos como indica o trecho da correspondência a seguir, ressaltando a receptividade do jornal por uma tia da família que morava em outro lugar:

Muito e mtº temos apreciado o pequeno Bem-ti-vi, aos futuros jornalistas e escriptores, beijo e abraço com alegria, desejando que o anno 913 seja cheio de prosperidades e esperanças pª q. o Bem-te-vi possa dar um vôo igual a um aeroplano, pª promover queridos filhos e risonhas festas em o ninho de seos futuros mestres [...]⁴¹

Na concepção de Alice Teixeira, a atividade de escrita do jornal traria bons resultados na formação das crianças. Apesar da visível aprovação, questionamos como era a real receptividade do jornal, tanto da elite caetitense – composta prioritariamente por proprietários de terras, criadores de gado, políticos e comerciantes –, como pelas camadas populares. Esses impressos chegavam a quem, atendiam aos interesses de quem? Chartier (2004), estudando a leitura e leitores da França do Antigo Regime, destaca as questões entre a cultura erudita e a cultura popular, afirmando que não podemos acreditar que a cultura erudita sufoque a popular, mas que precisamos “considerar, para cada época, a maneira como se estabelecem as relações complexas entre formas impostas, mais ou menos opressivas e imperativas, e identidades afirmadas, mais ou menos expandidas ou refreadas” (CHARTIER, 2004, p. 15). O que se percebe, inicialmente, é que a produção do jornal se espelhava nos demais jornais publicados na cidade⁴², trazendo notas de aniversariantes, noticiais, charadas, piadas e poesias. Segundo Cunha (2013), os jornais escolares infantis que circulavam traziam características e ideias semelhantes aos impressos existentes para o público em geral. Todavia, o jornal *O Bem-ti-vi* trazia também muitos textos literários infantis, entre outras especificidades, como detalharemos ao longo da tese.

Além do jornal *O Bem-ti-vi*, utilizamos outras fontes para complementação e cruzamento dos dados. Outros jornais publicados na cidade, correspondências familiares e obras memorialísticas foram fontes que puderam contribuir com o estudo.

⁴¹ ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tilinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01

⁴² O estudo de Garcia (2015) sobre o encarte *Meu jornal* da revista *O Tico-Tico* indica que os ideais que vinculavam nesses impressos infantis eram os mesmos que circulavam em outras publicações voltadas para o público adulto, no período.

- Jornais diversos

No APMC, encontramos algumas coleções de jornais editados na cidade desde o final do século XIX. Priorizamos as edições que circularam nas primeiras décadas do século XX. Entre esses jornais estão: o jornal *A Penna*, *O Arrebol*, *Lux*, *Correio de Caetité*, *O Horizonte*, *Pharol* e *Lápis*. Devido a algumas peculiaridades, como o período correspondente, utilizamos principalmente alguns dados do jornal *A Penna* e *O Arrebol*. Em se tratando de jornal infantil, na documentação disponível, há somente o jornal *O Bem-ti-vi*⁴³. Nesses jornais que circularam na cidade, exploramos, nas notícias, matérias e propagandas, os indícios que permitiram a inferência de formas e modos da participação das crianças nas práticas da escrita, da leitura e outras dimensões da cultura escrita, que exploramos no decorrer deste estudo. Ao tratar os jornais como fonte histórica, Capelato (1988, p. 21-23) alerta que “o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada de subjetividade” e que “conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica”. Ciente dessas particularidades do trabalho com os jornais, pudemos atentar para questionarmos os dados e fazermos uma análise ancorada em pressupostos teórico-metodológicos condizentes com esse tipo de fonte.

- Correspondências familiares

As correspondências familiares constituem um dos maiores acervos do Arquivo Público Municipal de Caetité. No APMC, elas foram catalogadas por família e por época, utilizando as normas adotadas pelo Arquivo Público da Bahia, segundo os critérios de fundo, grupo e série. Nas últimas décadas, após a renovação e o alargamento das fontes históricas, as correspondências particulares têm atraído o interesse de muitos pesquisadores. Ângela Gomes (2004) afirma que é necessário um olhar e uma condução teórico-metodológica apropriados. É necessário considerar as condições de produção do escrito, os sujeitos, a época, entre outros condicionantes que podem interferir na análise. O acervo utilizado das correspondências do Arquivo Municipal de Caetité é constituído por cartas, cartões postais, cartões de visitas, de nascimentos e de falecimentos, retratando acontecimentos, notícias, enfim, o cotidiano da vida familiar. Era hábito comum entre as pessoas da família fazerem as cartas circularem para serem

⁴³ Na documentação consultada, encontramos indícios de outro jornal infantil na cidade/região, denominado *Beija-Flor*, mas dele, não encontramos nenhum exemplar.

compartilhadas por seus membros. Essa ação favorece o nosso estudo ao explicitar a receptividade dos textos das/pelas crianças, que eram descritas nos textos das missivas.

Conservar a memória da família, devidamente selecionada e classificada, permite que conheçamos a sua história por meio daquilo que foi escolhido para ser perpetuado. De acordo com Dauphin e Poublon (2002, p. 83), as cartas:

Mais ou menos ordenadas (...) se tornam um elemento do patrimônio. Junto às terras e às casas, ao mobiliário e às jóias, a escritura assume uma função identitária forte. Ela vem, certamente, provar a legitimidade das propriedades e das alianças. Mas acarreta também um contato íntimo e concreto com as coisas, os acontecimentos e os ancestrais. As cartas quanto mais antigas e abundantes, mais terão o poder de legitimar o patrimônio transmitido de geração a geração.

- Obras de memorialistas

As obras de memorialistas constituem-se em fontes relevantes para as pesquisas históricas. Conforme Mariane Gullestad (2005, p. 509), é necessário realizar “um exame mais crítico dos papéis e das significações mutáveis das lembranças de infância em narrativas autobiográficas”. Sobre o uso dessas fontes, a autora diz que,

Ao narrarem suas histórias de vida, as pessoas fazem um uso criativo de um corpo vasto e complexo de conhecimento cultural. Assim, uma história de vida é única e ao mesmo tempo se conforma com ideais e convenções sociais e culturais. É precisamente essa tensão que faz das histórias de vida documentos históricos interessantes e importantes. (GULLESTAD, 2005, p. 521).

Neste trabalho, selecionamos cinco obras de memorialistas. Duas delas retratam majoritariamente o período da infância dos/as autores/as na cidade de Caetité, nas primeiras décadas do século XX. São elas: o livro *Rescaldo de saudade*, publicado em 1986, que traz as memórias de Flávio Neves⁴⁴ sobre sua vida de criança na cidade natal; e o livro *Luz entre os roseirais*, de Áurea Costa Silva⁴⁵, publicado em 1992. Convém considerar, como afirma Gullestad, que os dois autores escreveram suas lembranças na idade adulta; portanto, elas

⁴⁴ Flávio Neves nasceu em Caetité no dia 18 de abril de 1908. Viveu toda a sua infância nessa cidade, mas na adolescência foi estudar em São João Del Rei e, depois, em Belo Horizonte, onde se formou em Medicina e posteriormente tornou-se membro da Academia Mineira de Letras. Casou-se e constituiu família em Minas. Morreu em Belo Horizonte, no dia 11 de agosto de 1984 (NEVES, 1986). Seu pai e avô pertenciam às elites intelectuais da cidade.

⁴⁵ Áurea Costa Silva nasceu em Caetité no dia 30 de junho de 1904. Ali viveu sua infância e cursou o ensino primário, concluindo-o aos dez anos de idade. Não temos mais informações sobre a continuação do seu processo de escolarização. Casou-se e continuou vivendo na região de Caetité e Guanambi (SILVA, 1992).

apresentam a memória sobre outros tempos vividos, leituras provavelmente já afetadas por outras experiências de vida.

A terceira e a quarta obras são da autoria da caetiteense Marieta Lobão Gumes⁴⁶, publicadas em 1975 – *O Clã dos Neves* e *Algodão de Seda*. Trazem o registro da história da sua família numa perspectiva de tempo de longa duração, acrescentando aspectos da vida da cidade e da região. A última obra denomina-se *Caetité: pequenina e ilustre* de autoria da professora Helena Lima Santos⁴⁷. Foi publicada, em primeira edição, em 1976, tendo uma segunda edição em 1995. O referido trabalho constitui-se de um extenso levantamento sobre dados da cidade, sob variados aspectos, como elementos geográficos, populacionais e econômicos. Estas obras puderam contribuir com dados sobre o entendimento da referida sociedade, no que se refere à vida das crianças, principalmente das crianças de elites e aos assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*. Na análise e interpretação dos dados, procuramos efetuar o cruzamento dessas informações com outras fontes.

Trazer à tona o conhecimento que esses materiais podem desvelar a respeito da história da cultura escrita e de crianças de elites pode contribuir muito com os demais estudos já realizados sobre esses temas. Esse acervo, há tanto tempo guardado, indica o esforço de pessoas, que, na intenção de se fazerem perpetuar, forneceram/fornecem, à investigação da história da cultura escrita e a demais frentes de pesquisa avanços substanciais.

6. A estruturação do trabalho

Diante das questões propostas, organizamos o texto da pesquisa em cinco momentos.

Inicialmente, apresentamos a presente introdução, configurando a construção do objeto de pesquisa, justificativa, revisão da literatura e referenciais teórico-metodológicos.

No primeiro capítulo, apresentamos o jornal *O Bem-ti-vi* e sua materialidade, explorando os dados referentes à sua apresentação, como tamanho, cabeçalho, seções e aspectos tipográficos a fim de conhecer como era essa produção e os indícios sobre a forma como as crianças participavam da cultura escrita em Caetité, nesse período.

⁴⁶ Marieta Lobão Gumes nasceu em Caetité, onde viveu, estudou e casou-se. Formou-se na escola Normal de Caetité. (GUMES, 1975).

⁴⁷ Helena Lima Santos era natural de Livramento do Brumado, BA, nascida em 1904. Chegou em Caetité para trabalhar na Escola Normal em 1926 e se diz “caetitéense de coração” (SANTOS, 1995).

No segundo capítulo, apresentamos o perfil dessas crianças e de alguns colaboradores do jornal com o intuito de compreendermos: Quem eram essas crianças? Que experiências as possibilitaram a produção de um jornal? Como eram as experiências vividas na família e na sociedade local com a cultura escrita? Quem compartilhava com elas a produção do jornal?

Outro ponto desenvolvido foi a análise do provável repertório de leitura dessas crianças, por meio dos textos publicados no jornal. Os indícios deixados por meio de citações/publicações de autores (re) conhecidos podem servir de caminho para reconstruirmos algumas experiências de leitura realizadas por elas. O que liam? A que tipo de textos e de suportes elas tinham acesso? O que era publicado? Quais eram os autores que circulavam no ambiente em que viviam? Qual a interlocução e influências sofridas ou não, pela educação escolar?

O terceiro capítulo traz a construção do leitor visado a partir dos indícios deixados no jornal. Mesmo não tendo dados mais específicos para conhecermos as apropriações dos leitores sobre o impresso, podemos encontrar nos vestígios deixados, dados sobre o leitor presumido, a quem eles estavam se direcionando e como concebiam seu público leitor.

No quarto capítulo, apresentamos traços do leitor empírico por meio das correspondências enviadas ao jornal, de algumas marcas deixadas no jornal impresso, e de uma lista de assinantes. A seção "Livro de Ouro" do jornal possibilitou a elaboração da lista de assinantes, pois, à medida que as assinaturas iam sendo pagas, publicava-se a quitação e o nome do assinante. A partir dessa lista investigamos essas pessoas, seguindo rastros do leitor empírico. Chegamos, assim, à compreensão de algumas facetas desse objeto fugidio que é a história da leitura e a história do impresso.

Bred" do Bem-ti-vi
Caetité,
Bahia

O BEM-TI-VI

Orgam da Infancia
Caetité, 12 de Novembro de 1913
Numero XXVIII
Redactores—MARIO LIMA E ANISIO S. CAIXEIRA

—Na cidade	100 rs.	EXPEDIENTE	Seis mezes	1\$500	As pessoas que receberam i numero e não devolverem serão consideradas como assignantes.
Numero avulso	1\$200				
—Fóra da cidade	140 rs.				
Numero avulso					

NOS ESTADOS UNIDOS

(Continuação de um estudo feito pelo Dr. Salvador de Mendonça.)
 Dos sete aos quatorze annos as escolas primarias e nas secundarias, os alumnos aprendem a lingua franceza e a geographia nacioal, algumas noções do allemão ou do francez, da historia e da geographia universaes, as mathematicas elementares, além de noções de sciencias naturaes e de mecanica, da economia politica e escriptura mercantil.

Aos quatorze annos, dois terços dos alumnos do sexo masculino vão ganhar a vida, e apenas um terço se consagra a estudos superiores, ao passo que do sexo feminino a proporção é, exactamente a inversa, pois, só um terço deixa os estudos pela vida pratica, emquanto que dois terços matriculam-se nas academias, collegios e universidades, nas quaes permanecem até os deztoito ou vinte e um, ás vezes, até aos vinte e tres e vinte e cinco annos, conforme se-tituções taes como Vassar, Smith e Wellesly.
 Dest'arte, cada anno, 33% da

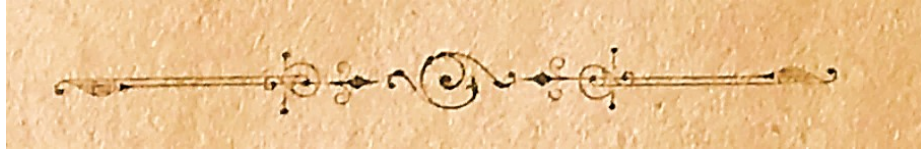
Ao fazer esta affirmação, resultada de uma observação de muitos annos, e de muitos estudos, concluiu-nos livros dos viajantes, que acham autorizados a escrever sobre terras alheias, que só visitaram durante semanas, dias ou horas, declaro que não me refiro a ensos notaveis de especialistas de um ou de outro sexo, mas á generalidade ou maioria da população, cuja maior somma de conhecimentos pertence ás mulheres.
 Esta é a chave do segredo da superioridade da mulher norte-americana sobre o homem norte-americano.

(Continúa)

Direito Feminino

Na corrente dos tempos de agora, no espirito das leis do progresso, na harmonia dos interesses geraes, é facto logico e indiscutivel a intervenção da mulher no seio das artes, das lettras e das sciencias, como factora da sociedade do futuro de qualquer nação.
 O comeco do seculo XX ja a en-

CAPÍTULO I
O JORNAL O BEM-TI-VI: UM "ORGAM DA INFÂNCIA" DE CAETITÉ



Quadra popular

*Meus senhores, boa noite,
“O Bem-ti-vi” onde está?
Me digam aqui quem é ele
que eu quero cumprimetá⁴⁸.*

Para dizer “aqui quem é ele”, começamos contando que a história do jornal *O Bem-ti-vi* começou, publicamente, no dia 05 de outubro de 1912, quando a cidade de Caetitê viu nascer mais um periódico⁴⁹. Mas, antes do primeiro número do jornal ficar pronto, os meninos redatores provavelmente planejaram a sua elaboração, levantaram possibilidades, conversaram com pessoas [adultas] de sua confiança, foram orientados, fizeram escolhas – pois a tarefa de publicar um jornal impresso não seria uma das “simples brincadeiras” que eles faziam, como brincar de circo, teatro, escola. Talvez a motivação tenha surgido de algum adulto da família, da escola ou das relações sociais.

Não podemos afirmar a origem da ideia ou quais seriam as pessoas adultas envolvidas diretamente na produção do jornal, mas apresentamos alguns indícios no decorrer deste texto. Aventamos a hipótese, diante do que as fontes disponibilizam, de que os pais dos meninos possam ter contribuído, além de alguns amigos, bem como o tipógrafo responsável. Cientes dos limites da autonomia das crianças diante desse empreendimento, perguntamo-nos: Como surgiu a ideia? O que os levaram a pensar em publicar um jornal? Como seria esse feito? Qual foi o resultado da produção? Algumas perguntas poderão não ser contempladas nos resultados deste estudo, mas tentamos, na medida do possível, abordá-las por meio das fontes.

O jornal *O Bem-ti-vi* era identificado no seu cabeçalho como “Orgam da infância”. A sua redação era assinada por dois meninos: Mario Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira. Circulou quinzenalmente até meados do ano de 1914.

No aniversário de um ano do jornal, a edição foi aberta com o texto abaixo, no qual deixaram-nos algumas evidências sobre o empreendimento:

SALVÉ 5 DE OUTUBRO

Por entre jabilos e esperanças, comemora hoje o nosso modesto “O Bem-ti-vi” o seu primeiro aniversário na trilha nobilitante da imprensa, e, olhando o seu passado, _ plácido e suave, como a própria infância: lembrando do

⁴⁸ *O Bem-ti-vi*, 21/01/1914, p. 04, n. XXXIII, Anno II.

⁴⁹ Na cidade, circulava regularmente o jornal *A Penna*, entre outros, de existência efêmera.

incitamento que há recebido, anima-se e mais alegre-se, manifestando os seus agradecimentos sinceros aos seus leitores, cuja benevolência vae desculpando os senões de pennas vacillantes e não amestradas. Aos nossos distinctos colaboradores_ também muitos agradecimentos. E com todos contamos até o dia em que arreiarmos o bordão de romeiros, fracos, da imprensa indígena, onde trazemos punhados de ilusões fulgurantes, e risos cor de rosa, como a própria aurora.

Que ainda por algum tempo “O Bem-ti-vi” continue a voar...voar...⁵⁰

Após um ano de existência, os editores comunicaram que o jornal que produziam era “modesto” e de passado “plácido” como a “própria infância”. Agradeceram o apoio e pediram desculpas pelas “pennas vacillantes”. Nesta mensagem, muito “modestamente” se dizem imaturos para tal empreendimento, e afirmam que, com a ajuda dos colaboradores, persistirão.

Neste capítulo, apresentamos a materialidade do jornal, explorando os dados referentes à sua apresentação, como tamanho, cabeçalho, seções e aspectos tipográficos, a fim de conhecer como era essa produção, o que ela traz, e sobre a forma como as crianças de elites participavam da cultura escrita em Caetité, nesse período.

1.1. *Esse pequeno, mas bem acabado jornalsinho: a apresentação de O Bem-ti-vi*

O jornal apresentava-se no formato *in-folio*, dobrado uma vez, com duas folhas e quatro páginas⁵¹. Era impresso em papel jornal com gramatura aproximada entre 33g e 63g⁵². Houve diferenciação quanto à gramatura e à cor do papel na edição de aniversário, quando a impressão se deu em papel branco, com uma qualidade melhor, e nos últimos números, quando a gramatura do papel diminuiu muito, deixando as folhas bastante frágeis, e a cor alterou-se para variações de rosa. A dimensão das suas páginas era menor do que os jornais que circulavam na cidade, variando entre 23 e 25 cm de largura a 31 e 35 cm de comprimento. Em uma “carta honrosa”⁵³, o Coronel Antônio David disse que o jornal era “pequeno”, mas “bem acabado”. A diferenciação do tamanho, principalmente em relação ao jornal *A Penna*⁵⁴, poderia indicar algo sobre a sua natureza, do ponto de vista da sua produção? O fato de ser menor poderia estar relacionado ao fato de ser produzido por crianças e, por isso, contar com menos espaço e menos gastos de material? E também por ser mais fácil de ser manuseado por “mãos e braços pequenos”? Ou será que o mais importante era o fato de ele existir como um bem simbólico,

⁵⁰ *O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 01, n. XXVI, Anno I.

⁵¹ Com exceção de um único número dos que foram preservados, que era composto por cinco páginas.

⁵² Não realizamos cálculos para dizer a gramatura com exatidão.

⁵³ *O Bem-ti-vi*, 07/08/1913, p. 02, n. XXII, Anno I.

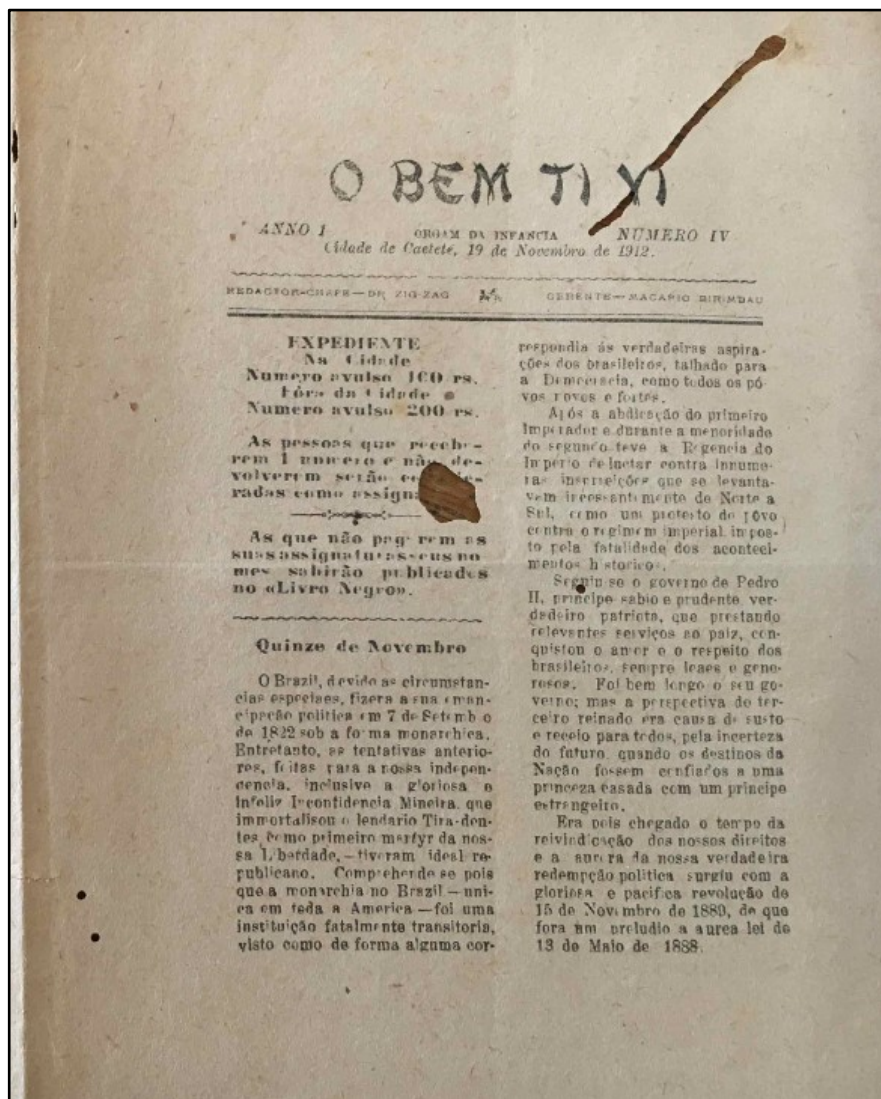
⁵⁴ Utilizamos o jornal *A Penna*, a título de comparação, por este ter sido o jornal de maior circulação na cidade durante a primeira metade do século XX.

ligado à ideia da criança letrada, e não necessariamente seu tamanho e a quantidade de texto que poderia veicular?

Provavelmente, a produção do jornal conferia aos redatores e às suas famílias uma distinção, compreendida pelo que isso representava, naquela sociedade. Pierre Bourdieu (2017, p. 237) afirma que o espaço social é um campo de lutas, mas que “o lugar por excelência das lutas simbólicas é a própria classe dominante (...), que se enfrenta pela definição do princípio de dominação legítima – capital econômico, capital escolar ou capital social -, (...) que pode ser reduplicada pela eficácia propriamente simbólica”. Será que poder ser reconhecidos por isso atribuía-lhes algum diferencial, imputando alguma “autoridade” diante da sociedade? No decorrer das análises esperamos chegar a algumas respostas.

Abaixo, vemos a foto de um dos primeiros números do jornal:

Figura 3 – Jornal *O Bem-ti-vi*.

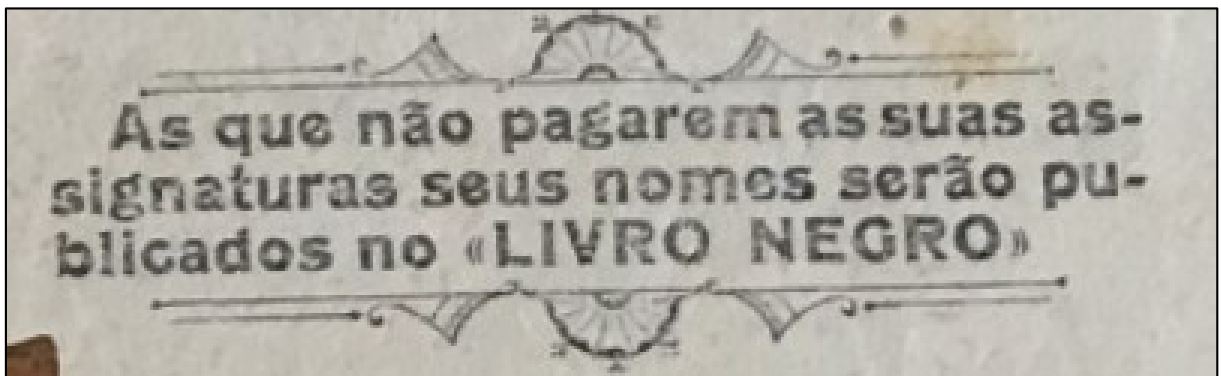


Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

A estrutura geral de organização da página do jornal é observada em todos os outros números, salvo poucas modificações: cabeçalho no alto da primeira página e texto em duas colunas nas quatro páginas. O título fica sempre em destaque, centralizado e em negrito; abaixo, as informações de identificação do ano, no lado esquerdo da página, e número⁵⁵, alinhado à direita, em caixa alta. Entre essas informações, a partir da edição de número quatro, consta centralizado o subtítulo “Orgam da Infância”, seguido na linha abaixo pelo nome da cidade e a data de publicação.

Entre dois fios horizontais contínuos, registram-se os nomes das duas crianças responsáveis pela edição do jornal, inicialmente, por meio de pseudônimos: Dr. Zig-Zag [Mario Teixeira Rodrigues Lima] e Macário Berimbau [Anísio Spínola Teixeira]. Os nomes eram separados por uma vinheta ilustrativa. Na quase totalidade das edições, no alto da primeira coluna⁵⁶ da primeira página, vemos o “Expediente”, também separado por um fio vertical e uma vinheta entre os parágrafos, que chama a atenção para as sanções aos maus pagadores das assinaturas: “as [pessoas] que não pagarem as suas assignaturas, seus nomes sahirão publicados no ‘Livro Negro’”. Do número VIII ao XV, essa informação foi impressa com um destaque maior, por meio do uso de duas vinhetas, negrito e caixa alta para a escrita do termo “livro negro⁵⁷”, conforme imagem abaixo:

Figura 4 – Aviso sobre o pagamento das assinaturas.



Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

⁵⁵ Do primeiro número do jornal até o 39, utilizou-se algarismo romano; a partir do número 40, algarismo arábico. Em todo o texto da tese, registramos os números conforme apresentaram-se na fonte – do número 1 ao 39 em algarismos romanos e do 40 ao 43, em algarismos arábicos.

⁵⁶ A partir da edição de número oito, o “Expediente” passou a ocupar a parte superior das duas colunas, tendo um realce maior na página.

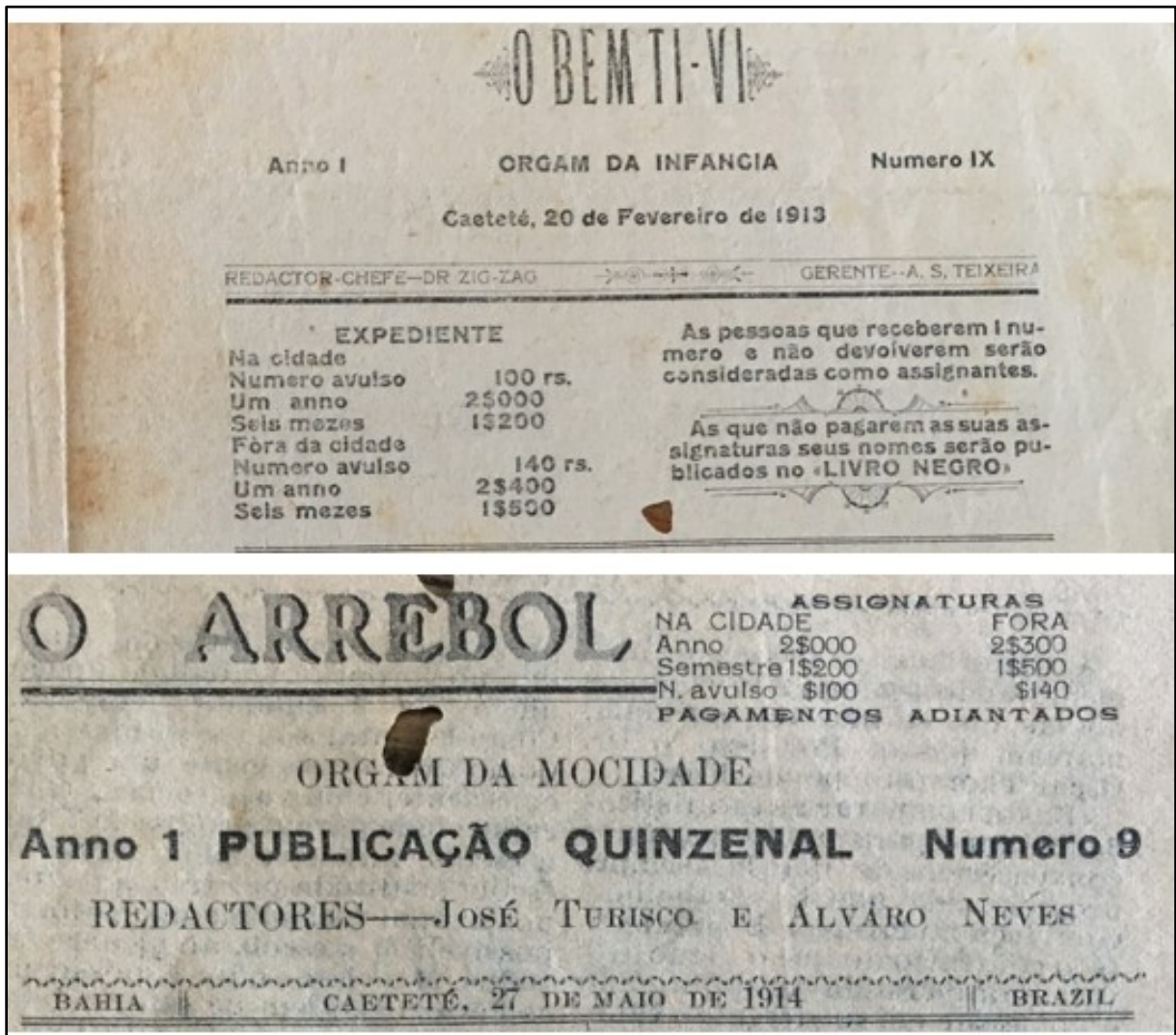
⁵⁷ Vemos aqui o uso da palavra “negro” com conotação negativa, decorrente dos preconceitos criados no nosso processo colonizador em relação ao povo africano, escravizado. Os estudos Pós-coloniais/Decoloniais defendem a análise e a desconstrução desses estigmas. Sobre isso, destacamos Homi Bhabha (1998) e Franz Fanon (1979).

A partir do número XV, a informação volta a ser da forma anterior, até o número XXXIV, quando a seção “Expediente” não vem mais na primeira página. A partir desses registros, podemos inferir que o pagamento dos jornais não se dava de forma regular. E o que isso nos diz? Poderia ser que as pessoas não levaram a sério a intenção de comercialização do jornal produzido por crianças, considerando-o como resultado de uma atividade lúdica, que não mereceria maiores atenções? Não temos outros elementos para certezas sobre isso, mas percebemos que, além da estratégia de cobrança, os editores utilizaram também a seção “Livro de Ouro” com uma ideia oposta, ou seja, como elogio àqueles que pagavam as assinaturas adiantadas, com o nome explícito das pessoas “boas pagadoras” publicadas no jornal, no livro não mais “negro”, mas de “ouro”. Buscar hábitos mais “civilizados”, e agirem com distinção, pode ter levado à mudança de atitude em relação à estratégia para motivar o pagamento.

A cobrança volta à tona na edição número XXXIII, em janeiro de 1914, quando é publicada uma nota com o título “Aviso” em destaque no final da página quatro, com letras em tamanho maior, acompanhado do seguinte texto: “pedimos aos nossos assignantes em atraso o obsequio de pagarem as suas assignaturas, afim de que possa continuar a ser publicado ‘O Bem-ti-vi’”. Neste trecho, colocaram em risco a continuidade da publicação do jornal, caso não fossem pagas as assinaturas em atraso. Denota que, durante o período de circulação do jornal, o pagamento foi questão recorrente. Outra hipótese para esse “Aviso”, além da intenção de cobrança, seria por questões de edição, talvez pela sobra de espaço na página e sem tempo para outras substituições.

O preço do jornal vinha detalhado no “Expediente”, especificando local (cidade ou “fora” da cidade), número avulso e assinatura por ano ou semestral. O preço não variou durante o tempo de circulação do jornal.

Figura 5 – Preços dos jornais *O Bem-ti-vi* e *O Arrebol*.



Fonte: Exemplos dos jornais. APMC.

Ao compararmos o seu preço com outros jornais do período, encontramos uma equivalência de valores. O jornal *O Arrebol* tinha praticamente, o mesmo preço, enquanto o jornal *A Penna* diferenciava-se um pouco, pois era proporcional a um tamanho maior e à maior quantidade de páginas, sendo todos eles quinzenais⁵⁸. O preço maior do jornal *A Penna* poderia marcar uma diferenciação quanto à natureza do jornal, ou seja, ser produzido por/para adultos; um empreendimento “sério”? Seguem na Tabela 1 os valores de *O Bem-ti-vi*, de *O Arrebol* e do jornal *A Penna*:

⁵⁸ No ano de 1918, *O Arrebol* era publicado mensalmente.

Tabela 4 – Preços dos jornais *O Bem-ti-vi*, *O Arrebol* e *A Penna*.

Modalidade de aquisição	Preço na cidade			Preço “fora” da cidade		
	<i>O Bem-ti-vi</i>	<i>O Arrebol</i>	<i>A Penna</i>	<i>O Bem-ti-vi</i>	<i>O Arrebol</i>	<i>A Penna</i>
Anual	2\$000	2\$000	2\$200	2\$400	2\$300	2\$500
Semestral	1\$200	1\$200	1\$500	1\$500	1\$500	2\$000
Nº. avulso	100rs	100rs	150rs	200rs	140rs	200rs

Fonte: Exemplares dos jornais. APMC. Tabela elaborada pela autora.

O Arrebol foi lançado no ano de 1914 como “Orgam da mocidade” e circulou concomitante ao *O Bem-ti-vi* por alguns meses, até que este último encerrasse a publicação. Analisando os preços destes jornais mais detalhadamente, percebemos que *O Arrebol* era um pouco mais barato, alguns réis a menos que *O Bem-ti-vi* apenas na aquisição fora da cidade, referente à assinatura anual e ao número avulso. Isso nos permite dizer que *O Bem-ti-vi*, na condição de “Orgam infantil”, não sofria diferenciação em relação ao valor monetário.

O preço de 100 rs. (cem réis), de acordo com a lista de compras de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior⁵⁹ do ano de 1913, feita no *Armazém 1º. de Janeiro* de propriedade de Frederico Dantas de Castro, podia comprar um “lápiz-borracha”, um “cartão de colchetes”, ou cinco “maçãs gaúchas”. Esse valor poderia ser considerado pouco para famílias com situação financeira equilibrada; no entanto, as frutas, ou material de escrita, e até mesmo os “colchetes” – material de costura – fariam falta a uma família de poucos recursos financeiros, dificultando, para eles, assim, a aquisição do jornal. Na lista de compras, não encontramos produtos locais, pois, provavelmente, vinham das fazendas para o consumo da família ou eram adquiridos na feira⁶⁰. Com o mesmo preço da assinatura anual do *O Bem-ti-vi*, 2\$000 rs. (dois mil réis), de acordo com a lista, compravam-se duas “tigelas esmaltadas”, seis “latas de farinha de trigo”, ou dois “canivetes”. Esses produtos, por serem industrializados ou provenientes de outras regiões, custavam um preço significativo.

Desta forma, pessoas que viviam com situação financeira precária dificilmente disponibilizariam esse valor para a assinatura do jornal. Provavelmente, além dos níveis de alfabetismo, as condições financeiras influenciavam na participação mais efetiva das culturas do escrito. No entanto, não eram determinantes, pois pessoas não-alfabetizadas poderiam

⁵⁹APMC. Fundo: Arquivo da Família do Barão de Caetité. Série 06. Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior. Subsérie 07: finanças. Caixa 17.

⁶⁰ Nos capítulos à frente, esse assunto será desenvolvido.

tornar-se leitoras ouvintes do jornal, sem necessariamente lerem ou comprarem (GALVÃO, 2006).

Durante os quase dois anos de existência, *O Bem-ti-vi* sofreu algumas modificações no seu cabeçalho, alterando o tipo de letra do título, o subtítulo, a autoria e a função dos responsáveis pela sua produção. As imagens a seguir ilustram as alterações realizadas e revelam algumas questões do trabalho das crianças na produção do impresso.

Figura 6 – Cabeçalhos do jornal *O Bem-ti-vi*.



Fonte: Exemplos dos jornais. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Quadro elaborado pela autora.

A primeira alteração sofrida no cabeçalho foi para inserir o subtítulo “Orgam da Infância”, centralizado, e em caixa alta, na edição de número IV. Não temos outras informações que expliquem essas transformações, mas uma das hipóteses é que, depois da edição dos três primeiros números, os editores consideraram relevante indicar o direcionamento do impresso, como era uma tendência dos jornais da época. Desta forma, entre muitas possibilidades, optaram por “Orgam da infância”. O jornal *A Penna*, por exemplo, era um “Orgam dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do Alto Sertão”. Essa primeira alteração, no que

diz respeito à nossa questão de pesquisa, é uma das mais importantes pois, de uma forma geral, evidenciam o trabalho de produção do jornal como um processo de reelaboração constante, em que os redatores planejam, anotam⁶¹ e provavelmente, discutem as modificações. O que o termo “Orgam da infância” intencionaria? Talvez, se não a sua destinação⁶², ao menos dizer que crianças eram as responsáveis por sua produção, enfatizando a sua ação “precoce”. As notas emitidas pelo jornal *O Bem-ti-vi*, de autoria dos redatores, de “colaboradores” e de “admiradores”, remetem à infância quando tratam do jornal e do “corpo da redação”. Logo depois da publicação dos primeiros números do jornal *O Bem-ti-vi*, o jornal *A Penna* publica uma nota, que ilustra essa questão.

Bem-ti-vi

Este interessante e minúsculo periódico, que tem como redator chefe o Dr. Zig-zague e colaboradores diversos, *todos crianças* inteligentes e estudiosas que se preparam para o futuro brilhante que nos aguarda, deu nos o prazer, - a nós que, apesar dos pezares, somos uma humilde penna, - de fazer-nos a sua visita. Bemvindo seja: tanto mais quanto vem impregnado dos fluvios *da inocência infantil*.

Que tenha uma existência longa e útil, muito desejamos, felicitando o corpo da redação⁶³.

A segunda alteração que percebemos na coleção foi na edição de número VIII, em que houve mudança no tipo de fonte e na retirada do pseudônimo da função “gerente”. O antigo Macario Berimbau assumiu a identidade de A. S. Teixeira [Anísio Spínola Teixeira]. Assumir a identidade significava responder pelo trabalho realizado e tomar para si os méritos ou danos da ação. Somente após a publicação de mais cinco edições com o mesmo formato de cabeçalho, no número XIV, é que o redactor, que atendia pelo pseudônimo de Dr. Zig-Zag, assumiu sua identidade real, M. Lima [Mario Lima]. Também neste número, o tipo de letra do título foi modificado, permanecendo a mesma até a última publicação.

No número XVII, as funções das crianças produtoras do jornal, que eram divididas entre redator e gerente, aparecem unificadas, ambas como “redactores”. Isso sugere que, inicialmente, havia uma hierarquização ou intenção de hierarquização entre os papéis assumidos por eles. O “redactor”, que também era um ano mais velho, teria mais responsabilidades que o “gerente”, mas o trabalho desenvolvido deve ter mostrado a equivalência entre os dois, para que a partir daí os dois meninos passassem a assumir, juntos, a

⁶¹ Em exemplares preservados, vemos os rascunhos de algumas dessas anotações, como pode ser observado nas fotos de cabeçalhos que vem a seguir, neste texto.

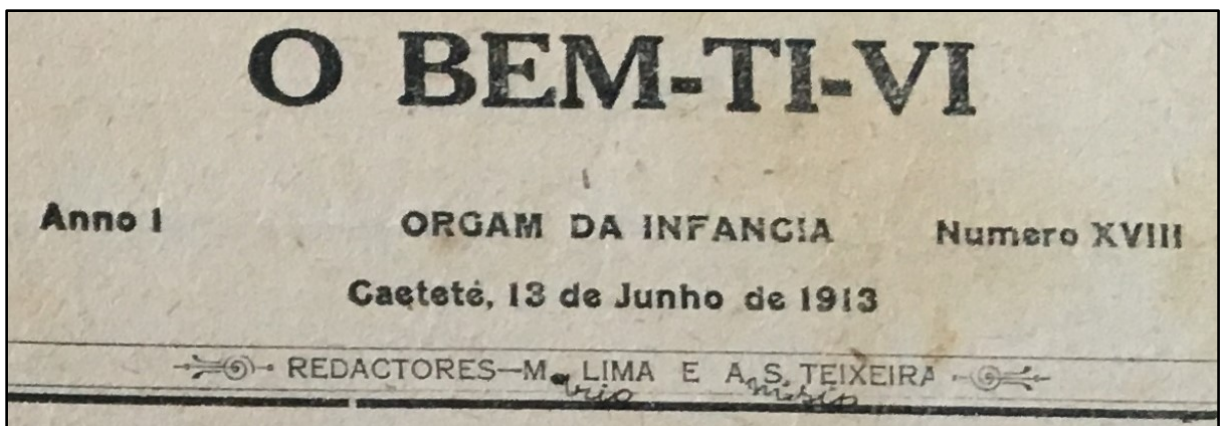
⁶² A provável destinação, público leitor ou leitor visado, será tema do terceiro capítulo deste estudo.

⁶³ *A Penna*, 07/11/1912, p. 03, n. 23, Anno I. Grifos meus.

função de “redactores”. Uma nota da seção “Viajantes”, quando as funções ainda eram diferenciadas no cabeçalho, informava que: “_Chegou da sua fazenda o nosso ilustre Redactor-chefe. Desejamos que tenha [ilegível] viagem e que volte logo à nossa tenda de trabalho”.⁶⁴ Provavelmente, o autor da nota foi Anísio Teixeira, ainda na função de gerente, assumindo o comando, enquanto Mario Lima estava viajando.

Em um exemplar da edição de 13 de junho de 1913, podemos ver, por meio de marcas deixadas no impresso, o planejamento de uma modificação a ser realizada no cabeçalho para o próximo número, alterando a grafia do primeiro nome dos meninos: a abreviação para o nome completo – M. para Mario e A. para Anísio.

Figura 7 – Alteração do cabeçalho com o nome dos meninos.

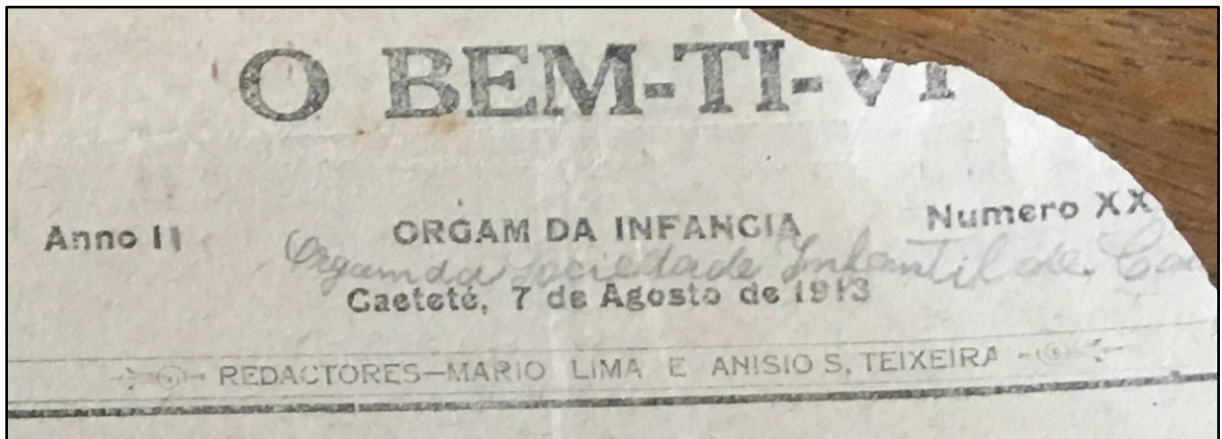


Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caeté.

Outro plano de mudança no cabeçalho foi expresso no exemplar de uma edição do dia 7 de agosto de 1913, como podemos ver na imagem abaixo. Todavia, desta vez, a alteração não se efetivou. Pelo rascunho, percebe-se que a intenção era mudar o subtítulo de “Orgam da infância” para “Orgam da Sociedade Infantil de Caeté”. Esse projeto mantinha a natureza do jornal ainda relacionada à infância, com o uso do termo “infantil”, mas não chegou a ser publicado em nenhum número.

⁶⁴*O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 04, n. XIV, Anno I.

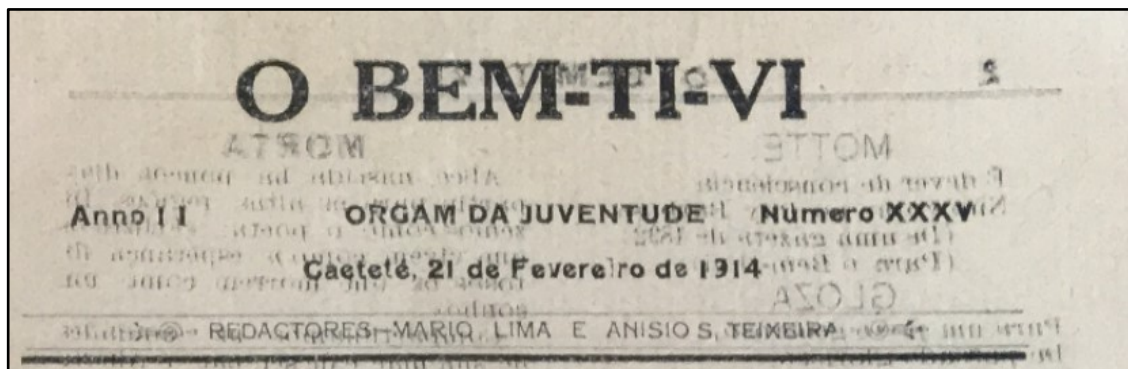
Figura 8 – Planejamento para alteração do subtítulo.



Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

A última alteração sofrida no cabeçalho, bem significativa, foi exatamente no subtítulo, oito meses depois do rascunho anterior. O termo “infância” foi substituído por “juventude”, passando a ser grafado “Orgam da Juventude”. Talvez isso tenha se dado pela idade dos meninos: Anísio estava com 13 anos, e Mario, com 14 anos.

Figura 9 – Alteração do subtítulo para “Orgam da Juventude”.



Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

Essa alteração deu-se nos números finais do jornal. Parece evidenciar que os redatores não desejavam mais assumir uma identidade infantil, como tinha sido pensado no plano anterior. Isso deixa transparecer um conflito quanto à questão geracional, que acontece em algumas sociedades e em alguns tempos históricos, evidenciada no clássico estudo de Philippe Ariès (2006 [1973]): Quando termina a infância? Quando começa a fase seguinte? Existiria um marco simbólico para essa passagem? O que caracterizava a infância para essa sociedade? O que fez com que os redatores alterassem o subtítulo? Nossa hipótese é que, no ano de 1914, Mario Lima completaria 15 anos e Anísio Teixeira, 14; idades que, de acordo com as prescrições médicas do período, marcariam uma segmentação das fases da vida. Além disso,

surge na cidade o jornal *O Arrebol*, de amigos e colaboradores⁶⁵ do *O Bem-ti-vi*, com o subtítulo “Orgam da Mocidade”, o que pode ter influenciado a decisão de romper com a imagem de infância, que era a marca do jornal até então para se equipararem ao jornal dos amigos.

Quanto à periodicidade, o jornal *O Bem-ti-vi* era quinzenal. No geral, foram publicados dois números a cada mês, salvo vezes em que um número era publicado no início, outro em meados e um terceiro bem ao final do mês. Na edição de número XXVII, os redatores pedem desculpas pelo atraso na publicação: “Pedimos desculpas aos nossos assignantes pelo retardamento deste número, devido a motivo justo”⁶⁶.

No quadro abaixo, apresentamos os números localizados e a data de publicação.

Quadro 1 – Periodicidade de *O Bem-ti-vi*.

Número	Data
I	05/10/1912 Exemplar não localizado
II	23/10/1912
III	06/11/1912
IV	19/11/1912
V	Exemplar não localizado
VI	Exemplar não localizado
VIII ⁶⁷	22/01/1913
VIII	05/02/1913
IX	20/02/1913
X	05/03/1913
XI	Exemplar não localizado
XII	Exemplar não localizado
XIII	Exemplar não localizado
XIV	16/04/1913
XV	01/05/1913
XVI	Exemplar não localizado
XVII	30/05/1913
XVIII	13/06/1913
XIX	Exemplar não localizado
XX [corroído] ⁶⁸	12/07/1913
XX [corroído]	04/08/1913
XX [corroído]	07/08/1913
XXIII	Exemplar não localizado

⁶⁵ O jornal *O Arrebol* começou a circular em 04 de fevereiro de 1914, tendo como redatores José Turisco e Álvaro Neves; este último era colaborador do jornal *O Bem-ti-vi*, cujo perfil apresentamos no segundo capítulo deste texto. A alteração do subtítulo do jornal *O Bem-ti-vi* deu-se na edição de número XXXV, de 21 de fevereiro de 1914.

⁶⁶ *O Bem-ti-vi*, 29/10/1913, p. 04, n. XXVII, Anno II.

⁶⁷ Está grafado VIII, mas é o número VII. Provavelmente ocorreu um erro gráfico.

⁶⁸ Entre os números XIX e XXIII, os exemplares estavam corroídos pelas traças, de forma que não permitem a visualização do número exato do jornal. Todavia, pela sequência cronológica, inferimos que correspondem às edições XX em 12/07/1913, XXI em 04/08/1913, e XXII em 07/08/1913. Para não gerar problemas de interpretação, adotamos essa identificação presumida na numeração do jornal.

XXIV	04/09/1913
XXV	19/09/1913
XXVI	05/10/1913
XXVII	29/10/1913
XXVIII	12/11/1913
XXIX	28/11/1913
XXX	12/12/1913
XXXI	Exemplar não localizado
XXXII	08/01/1914
XXXIII	21/01/1914
XXXIV	Exemplar não localizado
XXXV	21/02/1914
XXXVI	06/03/1914
XXXVII	20/03/1914
XXXVIII ⁶⁹	s/d
XXXIX	17/04/1914
40	01/05/1914
41	14/05/1914
42	31/05/1914
43	16/06/1914

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Elaborado pela autora.

As publicações não apresentavam uma regularidade em relação ao dia da semana. Inicialmente, prevaleceram as quartas e quintas-feiras, depois foram publicadas edições às sextas, havendo, esporadicamente, nos domingos, terças e um único exemplar numa segunda-feira. Analisando mais detalhadamente, percebemos que 25% das publicações foram distribuídas nos dias de domingo, segunda e terça, enquanto 75% foram nas quartas, quintas e sextas.

Sobre o título escolhido para o jornal, questionamos o que pretendia comunicar. O título de um impresso, livro, revista ou jornal tem a função de identificá-lo. No século XIX, os nomes de jornais e periódicos, de uma forma geral, além da identificação, carregavam marcas das ideias prevaletentes no período. Geralmente, estavam relacionados à ideia de iluminar e educar, numa vertente que considerava a imprensa como “empresa educativa do século XIX” (PALLARES-BURKE, 1998). Perpassando o século XIX, foram comuns, também no século XX, os nomes: *Luz*, *O Astro*, *O Arrebol*, etc. Graciliano Ramos, juntamente com o colega Cícero de Vasconcellos, aos doze anos de idade, publicou um jornal denominado *O Dilúculo* e explicam no editorial do primeiro número datado de 24 de junho de 1904, que esse nome não se justifica somente pelo sentido da luz, mas uma luz da madrugada, que antecede o clarão maior do dia, relacionando a “aurora” do dia com a “aurora” da vida, a criança, fase da imaturidade que antecede a fase adulta, conforme afirma Silva (2004).

⁶⁹ Possui apenas as páginas 3 e 4.

O jornal *O Bem-ti-vi* não teve seu primeiro número preservado, no qual, talvez, pudéssemos encontrar mais dados sobre seus propósitos e sobre seu título. Gérard Genette (2009), ao discutir as funções dos títulos, afirma que, de suas três funções - designação, indicação do conteúdo e sedução do público - apenas a primeira é obrigatória. Segundo o autor, o título deve servir ao texto, e não a si próprio, para evitar que “sua sedução atue demais em seu próprio benefício e em detrimento do texto (...), pois, pode acontecer que dificulte e por fim impeça a recepção do texto” (GENETTE, 2009, p. 87-88). O título do *O Bem-ti-vi* cumpriu bem com sua função de identificação, de acordo com os próprios indícios inscritos nos textos em suas páginas. A escolha por um nome de pássaro possibilitou o uso de metáforas, como “voo” e “o agasalhar das suas azas”, frequentes, nas correspondências recebidas, como já vimos em notas anteriores. Neste aspecto, podemos dizer que o título seduziu seu público, pelo que foi possível perceber pela forma como se referiam ao jornal nos textos de algumas correspondências enviadas.

Não foi raro, na imprensa infantil, encontrarmos títulos com o nome de pássaros. No Brasil, a primeira publicação que trouxe especificidades para o público infantil tinha como título nome de pássaro, *O Tico-Tico* (1905-1961). Segundo Zita Rosa (2002), a hipótese mais provável para a escolha desse nome foi a influência de uma personagem da revista infantil *La Semaine de Suzette* (1905-1960), com o nome de pássaro Bécassine. Essa revista, pela primazia e ampla circulação, influenciou outras publicações brasileiras e pode ter influenciado a escolha do nome do *O Bem-ti-vi*⁷⁰. Na Bahia, Leonardo Arroyo (2011, p. 207-208) cita, entre os jornais arrolados na sua pesquisa, dois com o nome de pássaros, *O Colibri* (1911) e *O Beija-Flor* (1852), ambos jornais escolares. Assim, supomos que os meninos redatores de *O Bem-ti-vi* seguiram essa mesma inspiração. Na matéria publicada na edição do aniversário de um ano do jornal, eles fazem uma analogia com o voar do pássaro e o “voar” do jornal: “que ainda por algum tempo ‘O Bem-ti-vi’ continue a voar, voar...”⁷¹.

1.2. Pelas columnas do ‘O Bem-ti-vi’: a organização do jornal

A estrutura das páginas do jornal *O Bem-ti-vi* era composta por textos, traços horizontais, separando alguns textos, e as vinhetas⁷². Em toda a coleção há apenas uma pequena

⁷⁰ Anísio Teixeira foi leitor da revista *O Tico-Tico*, conforme tratado no segundo capítulo.

⁷¹ *O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 01, n. XXVI, Anno I.

⁷² De acordo com o Dicionário de autoria de Antônio de Moraes Silva (1878, p. 824, v.2), “vinheta”, do francês *vignette*, é uma estampa, figura ou cabeção estreito, que se põe na primeira página do livro, ou no alto da página. No dicionário Aurélio, vinheta é uma pequena gravura para ornato ou ilustração de um livro. Na atualidade, na área da comunicação, o termo assume outros significados. Disponível em: <<https://dicionario.site/vinheta>>.

imagem, de um desenho de um homem segurando um cavalo, com dimensão de 2,1mm x 1,2mm, na edição de número III, ilustrando o texto “O cavallo”, da autoria de “Maria”.

Figura 10 – Ilustração do jornal *O Bem-ti-vi*.



Fonte: Exemplar do Jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

Todo o jornal era impresso em preto e branco, com exceção da edição comemorativa do aniversário de um ano do jornal, que tinha uma margem decorativa em verde e dourado. A ausência do uso de mais cores e de imagens deve-se, provavelmente, à escassez de recursos tipográficos e materiais, pois os novos recursos da empresa gráfica do período ainda não deveriam estar ao alcance de muitas tipografias, apesar do avanço da empresa jornalística que se deu na passagem do século XIX ao XX. Nelson Werneck Sodré (1966, p. 321-322) afirma que a Imprensa Oficial do país “só em 1902 recebeu a primeira rotativa” e que “o equipamento dos jornais acompanhava a etapa empresarial; os velhos equipamentos eram encontrados ou vendidos a folhas do interior”.

Com a modernização da imprensa gráfica nas capitais, a maquinaria antiga começou a ser comercializada no interior. Assim, na segunda década do século XX, existiam alguns prelos em cidades do interior da Bahia⁷³.

Em Caetité, a história da imprensa teve início em 25 de setembro de 1896, com a publicação do jornal *O Caetitense*, edição única, editado por João Gumes⁷⁴, fundador da primeira tipografia da cidade. Em 05 de março de 1897, fez circular o primeiro número do jornal *A Penna*, impresso “em um pequeno prelo manual, com um pugilo de typos e em um

Acesso em 03/08/2019. Neste trabalho, as vinhetas referem-se a pequenas estampas/gravuras, que têm a função de separar os textos e ornamentar as páginas, no estilo *art nouveau*, que predominava no período.

⁷³ No Alto Sertão, no período deste estudo, só temos conhecimento da tipografia d’*A Penna*. Anos antes, na cidade de Jacaracy, imprimia-se o jornal homônimo, tendo como redator Francisco David de Souza. Não temos informações do ano exato em que foi fundado, e nem quando teve sua publicação interrompida. Todavia, o seu “ressurgimento” ocorreu em 25 de junho de 1916, conforme notícia publicada no jornal *A Penna*, de 20/07/1916, p. 01. Em Riacho de Santanna, em 1918, funcionava a tipografia *O Regato*. APMC. *O Arrebol*, 10/01/1918, p. 01, n. 81, Anno 4.

⁷⁴ Sobre isso, ver Joseni Reis (2010).

pequeno papel que mal media 25 por 12 centímetros”⁷⁵. Foi o jornal de maior circulação em Caetité em fins do século XIX até a primeira metade do século XX. No início do século XX teve a publicação interrompida, só reiniciada em 19 de novembro de 1911. Na matéria de abertura desse número, João Gumes afirma que

Consideraee que fomos nós os primeiros ao tempo a fundar um periódico n’estes altos sertões da Bahia; que tivemos de arrotéar um terreno virgem, de luctar com os preconceitos, a rotina e o analphabetismo. [...] O seu programma, que, em rigor, se adstringe a tudo quanto concorrer para o bem, progresso, harmonia e paz d’esta região tão benfadada pela natureza⁷⁶.

No Alto Sertão, a cidade de Caetité foi a primeira a “fundar um periódico”, conforme afirma João Gumes. Outros impressos circularam em Caetité, no início do século XX, em sua maioria, com pouca duração. Muitos desses materiais eram produzidos na própria cidade, a exemplo dos jornais locais. A existência de uma tipografia em Caetité propiciava a atividade tanto da leitura como da escrita.

De acordo com Joseni Reis (2010), desde o início, a tipografia contava com recursos ilustrativos, mesmo que reduzidos, mas também enfrentava dificuldades, como atraso no abastecimento de materiais e condições de qualificação dos aprendizes. Mesmo diante dessas adversidades, segundo Reis (2010, p. 59), era a tipografia de *A Penna* que “além da impressão do jornal *A Penna*, produzia a impressão de materiais diversos, como outros jornais, revistas, folhetins de instituições as mais diversificadas, entre outros materiais impressos”. Diante disso, apesar de não termos registros que confirmam a impressão do jornal *O Bem-ti-vi*⁷⁷ pela tipografia *A Penna*, a hipótese mais plausível é que tenha sido impresso por ela. Alguns motivos fundamentam essa nossa pressuposição. Primeiro, o fato de que essa era a tipografia que prestava serviços à cidade e região circunvizinha; segundo, pelas relações estabelecidas entre o proprietário/editor da tipografia e as famílias Teixeira e Rodrigues Lima⁷⁸; e em terceiro lugar, mesmo que as famílias das crianças tivessem condições financeiras de custear uma impressão na capital baiana, as condições de transportes do período não eram as mais propícias, comprometendo assim o tempo de publicação do jornal.

Além desses pressupostos, outros indicativos encontrados na materialidade do jornal reforçam a hipótese de que o jornal tenha sido impresso na tipografia em Caetité. O jornal *O*

⁷⁵ Jornal *A Penna*, 10/10/1919, p. 01, n. 201, Anno VIII.

⁷⁶ Jornal *A Penna*, 19/11/1911, p.01-02. n. 01, Anno I.

⁷⁷ O jornal não traz por escrito os dados de tiragem nem a tipografia em que era impresso.

⁷⁸ Sobre as relações familiares, imprensa e poder em Caetité, nesse período, ver Lielva Aguiar (2011).

Bem-ti-vi, no início do ano de 1913, passou por mudanças em seus aspectos gráficos⁷⁹, como a fonte⁸⁰ e tamanho de letras, os ornamentos e a organização da página. Essas transformações podem ter relação com outras ocorridas na tipografia *A Penna*, mais especificamente com a aquisição de materiais gráficos, noticiada por esse jornal, em dezembro de 1912.

Material gráfico

Finalmente, após uma longa espera, recebemos carta da Bahia, datada de 25 de Novembro passado, noticiando-nos a retirada da Alfândega do material typographico que pedimos para os Estados Unidos no mez de Junho deste anno, tendo-nos vindo carta dalli, de 21 de Agosto os nossos volumes para o Brazil só chegaram á Alfândega da Bahia a 7 de Outubro como acima dissemos. Parece-nos que já devem ter seguido de Machado Portella. É de crer que chegarão por fim no correr deste mez, os tão almejados typos. Então poderemos dar melhor feição ao nosso periódico e melhor servir os nossos freguezes⁸¹.

Os tipos foram comprados nos Estados Unidos, conforme diz a nota, que detalha também o tempo gasto, desde que o pedido foi feito, até o recebimento. Chegou pelo porto da Bahia, e veio, em parte do percurso, por via férrea até Machado Portela, para seguir, a partir desse ponto, por “caminhos de terra”⁸² até Caetité, perfazendo um total de, praticamente, seis meses.

No primeiro número do ano de 1913, o jornal *A Penna* abriu sua edição com uma matéria intitulada “Renovação”, noticiando que “chegou o nosso material gráfico e *A Penna* passa em seu aspecto por uma radical transformação. É mais um progresso relevante que devemos e agradecemos aos nossos patrícios e amigos”⁸³. Possivelmente, esse material, adquirido com a ajuda dos amigos da cidade - a quem a matéria afirma que “devemos e agradecemos” -, foi utilizado também na impressão do jornal *O Bem-ti-vi*. Realizou-se alteração da fonte do título do jornal, dos títulos das matérias, do texto do “Expediente”, e a inserção de modelos dos ornamentos gráficos, utilizados para a composição das vinhetas, que serão apresentadas adiante. Meses mais tarde, na edição de aniversário do *O Bem-ti-vi*, o jornal exibiu uma margem com

⁷⁹ A materialidade do jornal é um pressuposto teórico-metodológico importante para o nosso trabalho; todavia, realizar uma análise específica sobre as fontes das letras e outros caracteres gráficos, fundamentada em estudos e conceitos tipográficos, não foi possível devido ao tempo e objetivos da pesquisa. Esse tema pode ser desenvolvido posteriormente, em novos estudos.

⁸⁰ A fonte mais utilizada no período para os textos era variações de romano (CARDOSO, 2005). As maiores variações em relação às fontes são encontradas nos títulos das matérias. Sobre aspectos tipográficos, ver estudo de Luiz Augusto do Nascimento (2017).

⁸¹ *A Penna*, 19/12/1912, p. 01, n. 25, Anno II.

⁸² As formas e caminhos de deslocamentos, disponíveis na época, serão tratados no último capítulo deste trabalho.

⁸³ *A Penna*, 08/01/1913, p. 01, n. 26, Anno II.

um modelo de ornamento composto pelo desenho da flor de lis, que tinha sido inserido nas páginas do jornal *A Penna* no período da “renovação”.

É importante ressaltarmos que, na história da tipografia pertencente a João Gumes, o maior financiador dos maquinários foi Deocleciano Pires Teixeira⁸⁴, pai de Anísio Teixeira e avô de Mario Rodrigues Lima, o que reforça nossa hipótese.

Figura 11 – Exemplar de edição de aniversário do jornal *O Bem-ti-vi*.



Fonte: Exemplar do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

Vemos na figura a foto do exemplar do jornal, com a margem verde decorada harmoniosamente com desenhos da flor de lis, e papel branco de “boa qualidade”, conforme afirma a nota a seguir. Todavia, quanto ao fio dourado, tudo indica que tenha sido recortado

⁸⁴ Sobre as relações de João Gumes e Deocleciano Teixeira, ver Joseni Reis (2010) e Lielva Aguiar (2011).

nesse exemplar, pois vemos, muito sutilmente nas bordas do papel, as marcas de tesoura no arredondado dos cantos, que supomos que tenha sido o contorno dourado da edição. Sobre esta edição comemorativa do aniversário do *O Bem-ti-vi*, os editores destacam, em suas páginas, uma nota que o jornal *A Penna* publicou, elogiando a qualidade gráfica:

O nosso aniversário

Do nosso digno colega “A Penna”, desta cidade no seu número de 10 do corrente:

“O Bem-ti-vi”

Esse nosso interessante coleguinha que se publica n’esta Cidade sob a inteligente direção e redação dos nossos jovens conterrâneos Mario Rodrigues Lima e Anísio Teixeira, festejou a 5 do corrente o seu primeiro aniversário. *O número, impresso a verde e dourado em papel de primeira qualidade, correspondeu ao auspicioso fim que se propoz. Parabéns*”⁸⁵.

Os elogios foram muito dirigidos aos aspectos da materialidade, como características gráficas e a qualidade do papel, dizendo que correspondeu ao “auspicioso fim que se propoz”. Que fim seria esse? Publicar um jornal de qualidade, bem feito? Que fosse bem apreciado? Essa avaliação foi feita pelo proprietário da tipografia e profissional, tanto da escrita quanto da arte gráfica. Partindo do pressuposto de que o jornal foi impresso nessa tipografia, além de editado e montado por ele, seria um autoelogio? Ou reconhecimento pelo trabalho bem executado? Afinal, as correspondências recebidas reafirmam o “bom acabamento” do jornal.

O tipógrafo assume um papel ímpar na organização do texto em seu suporte que, no caso do jornal, é a folha de papel. Em conjunto com os dispositivos textuais, as formas tipográficas - como a disposição e divisão do texto - compõem os protocolos de leitura (CHARTIER, 2011). “Esses procedimentos de produção de livros [neste caso, o jornal] não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto”, afirma Roger Chartier (2011, p. 97), enfatizando o quanto a leitura é impactada pela forma como as escolhas são efetivadas quando o texto passa do domínio do autor para o domínio do editor - neste caso, o tipógrafo. Quando o jornal *O Bem-ti-vi* apresentava-se com modificações em seus aspectos gráficos, possivelmente, produzia outros efeitos na sua leitura. A apresentação visual, em parte planejada pelos redatores, como vimos nos rascunhos anteriormente, e em parte pela intenção da tipografia de implementar seus materiais para melhorar a qualidade tipográfica, interferem na legibilidade do impresso. Os títulos com letras maiores, tipos variados de fontes, as vinhetas separando os

⁸⁵ *O Bem-ti-vi*, 29/10/1913, p. 04, n. XXVII, Anno II. Grifos meus.

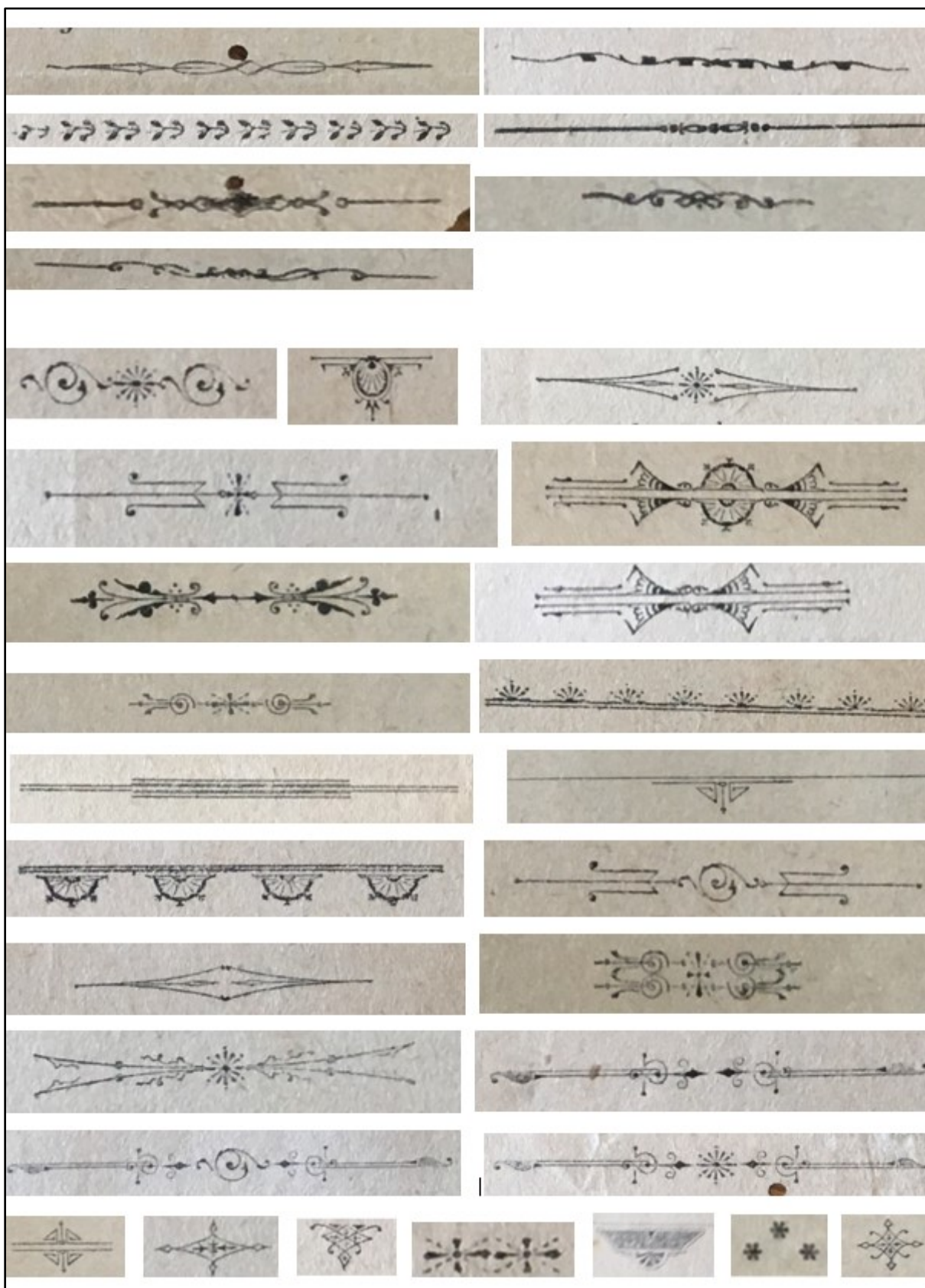
espaços, além dos espaçamentos entre linhas e colunas, distribuindo harmoniosamente os textos na página, atraem o olhar e a atenção dos leitores, de certa forma “convidando” à leitura.

A edição gráfica do jornal proporcionava um bom aspecto visual. Os textos eram distribuídos em duas colunas e sem separação de fios verticais entre elas, como acontecia com outros jornais, em que as colunas eram muito próximas umas das outras, necessitando dos fios para organizar o texto e facilitar a leitura. Tanto verticalmente, como horizontalmente, havia espaço suficiente entre os textos, de forma que a página ficasse bem organizada e favorecesse a leitura. O tamanho e a fonte das letras dos títulos variavam muito; às vezes a letra do título do texto era quase do mesmo tamanho que a letra do texto, outras vezes era bem maior. Sabemos que os recursos de aumentar a letra e destacá-la aconteciam deliberadamente para chamar a atenção para alguma notícia, nota ou outro texto qualquer, mas no caso do jornal em estudo, na maioria das vezes, isso parece acontecer devido à própria organização do espaço. Quando o espaço estava sobrando, aumentava-se a letra e os espaços entre textos; quando a quantidade de textos era maior, diminuía-se o tamanho dos títulos, sem um compromisso da edição em manter uma regra gráfica com muita rigidez.

Já a letra dos textos obedecia a um tamanho padrão, com raras exceções. O recurso do negrito foi utilizado em praticamente todos os títulos, mas o tipo de caixa alta ou baixa variava, com predomínio do uso da caixa alta. A letra em caixa alta, assim como a letra em negrito, destaca, valoriza a estética do impresso e ajuda no processo de leitura. Considerando que se a intenção do periódico era que fosse um “orgam da infância”, logo propenso a ser destinado ao público leitor infantil, poderia supor que seriam leitores menos experientes. Entretanto, sabemos que, saindo do poder dos editores, o texto está disponível para a leitura por qualquer ordem de público (CHARTIER, 1994). Nesse sentido, mesmo o público leitor adulto na época não apresentava índices significativos de alfabetização, então tudo que viesse a contribuir com o processo de leitura iria ser relevante. Em Caetité, como já referido, de acordo com o censo de 1890, numa população de 39.921 habitantes, apenas 3.200 pessoas sabiam ler e escrever (CARNEIRO, 2011).

Outro recurso utilizado para separar visualmente os textos no jornal eram as vinhetas. Abaixo, apresentamos todos os tipos de vinhetas utilizados no jornal.

Figura 12 – Vinhetas do jornal *O Bem-ti-vi*.



Fonte: Exemplos do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Quadro elaborado pela autora.

Vinhetas e fios horizontais eram utilizados conjuntamente, tendo uma média de quatro vinhetas por edição e alguns fios, às vezes duplos ou ondulados. As sete primeiras gravuras correspondem às vinhetas utilizadas no ano de 1912. A partir de janeiro de 1913, com a inovação gráfica da *Tipografia d'A Penna*, percebemos mais caracóis e rebuscamento nas gravuras. As linhas fluidas, em caracol, representam o estilo *art nouveau* que foi incorporado também pelas artes gráficas no período. O clima da *Belle Époque* era de entusiasmo, cheio de “novidades”, marcado pela “modernidade” e “progresso” (SEVCENKO, 2003, p. 42-43). A imagem da “civilização” precisava ser vista na cidade, nas vestimentas das pessoas, nas atitudes e hábitos sociais, assim como no material gráfico.

De acordo com Freitas (2006), a origem da palavra vinheta está associada à videira desde os tempos antigos, mas foi na idade moderna que passou a ser amplamente utilizada devido ao desenvolvimento da imprensa. As vinhetas publicadas no *O Bem-ti-vi* eram compostas por combinação de partes menores, como podemos observar nos desenhos do quadro acima. As gravuras são combinadas de várias formas, montando várias figuras diferentes, como, por exemplo, a “flor” que se parece com raios de sol, presente em várias composições.

Esse elemento gráfico decorativo era utilizado como um demarcador de espaços e ornamento, atribuindo, à página, uma organização e estrutura visual que atrairia a atenção do leitor e auxiliaria na diferenciação entre um texto e outro. Nos outros jornais que circulavam à época, o uso de vinhetas era limitado, geralmente apenas configurando em um pequeno ornamento no cabeçalho. Desse modo, o ornamento com as vinhetas conferia uma estética diferente às páginas do jornal *O Bem-ti-vi*. Marlyse Meyer (1996, p. 374), ao descrever a revista *Fon-fon*, elogia a “imaginação gráfica da publicação, sua modernidade, sua óbvia habilidade mercadológica”, destacando que o uso de vinhetas como um dos recursos gráficos contribuiu para essa “imaginação” e “modernidade”. Outra marca da modernidade dessa revista, segundo a autora, foi a escolha do título da revista, que se refere ao som de buzina, ou o diminutivo de automóvel em linguagem de criança.

A partir do número XXXV, quando o subtítulo do jornal *O Bem-ti-vi* é substituído por “Orgam da juventude”, percebemos que as vinhetas desapareceram, ficando apenas a separação por fios. Essa opção poderia ser explicada apenas como um recurso para diferenciar a nova fase, ou então para demarcar um rompimento com características que, para os redatores, poderiam ser classificadas como pertencentes ao mundo infantil.

A estrutura e a organização do jornal, com exceção das vinhetas e da gravura que tratamos anteriormente, eram constituídas por textos. Mas como seria a estrutura de um jornal infantil, se considerarmos a hipótese de que eram destinados a esse público? A materialidade

de *O Bem-ti-vi* não nos permite evidenciar essa questão, pois, no início do século XX, a imprensa infantil ainda era um campo em constituição. Somente em 1905, com a publicação da Revista *O Tico-Tico*, começa a se estruturar no Brasil uma imprensa com especificidades dirigidas a esse grupo geracional.

Podemos dizer que a estrutura das páginas de *O Bem-ti-vi* era muito semelhante à imprensa destinada ao público em geral. Isso não significa que não tenham existido jornais produzidos por crianças e/ou com a intenção de serem lidos por crianças. Todavia, o registro que temos na bibliografia sobre o tema indica que o público desses jornais e o ambiente de produção eram as escolas, até o aparecimento da revista *O Tico-Tico*.

Leonardo Arroyo (2011) afirma que na Bahia, de julho a outubro de 1837, circulou um jornal para a infância, denominado *O Recompilador* ou *Livraria dos Meninos*, e em 1846, *O Mentor da Infância*. Para a categoria dos jornais escolares, na segunda metade do XIX, ele cita uma numerosa lista, mas afirma que nessa inventariação “pouco se tenha registrado das características de cada jornal ou revista”, mas que nem por isso “invalida a afirmação de uma numerosa e ativa imprensa escolar e infantil em todo o país, até o aparecimento de *O Tico-Tico*” (ARROYO, 2011, p. 206).

O jornal anteriormente citado, *O Dilúculo*, que também é fundado como um jornal escolar, “Orgam do Internato Alagoano”, era composto por contos e poemas, e após o editorial, o noticiário, com informações sobre a vida social local e charadas. Segundo Silva (2004, p. 135), a leitura desse jornal “nos informa relativamente ao papel que uma imprensa deste tipo representava na época: expressão de inclinações literárias, incentivo a acontecimentos sociais e culturais, obra de entretenimento. Portanto, aliado de peso, na formação cultural daqueles cidadãos”.

No início do século XX, uma das primeiras características que sobressai para o periodismo infantil é o caráter lúdico, que vem se somar à antiga “rubrica infantil”⁸⁶ que eram as histórias traduzidas de autores estrangeiros. Quanto à publicação de pequenas histórias, podemos afirmar que *O Bem-ti-vi* cumpria esse papel, como trataremos adiante. Entretanto, Ana Luiza Martins (2008, p. 407) afirma que do “material compulsado, até por volta de 1904, não se deparou com a concepção de uma imagem de criança leitora”. Encontravam-se seções ditas “infantis”, que “limitaram-se a reproduzir jogos de adivinhações, de passatempos e curiosidades” (MARTINS, 2008, p. 407).

⁸⁶ Expressão utilizada por Ana Luiza Martins (2008, p. 406).

Mas, foi nas escolas, segundo Martins (2008), que esse novo segmento editorial encontrou seu público, assim como os suplementos infantis que acompanhavam as revistas e jornais. A grande inovação do campo aconteceu em 1905, como mencionado, com a publicação da revista *O Tico-Tico*. “Com nova proposta gráfica, em quadrinhos e colorida, a revistinha alastrou-se pelo País” (MARTINS, 2008, p. 410).

A seguir, veremos como estavam estruturadas as páginas do jornal *O Bem-ti-vi*.

1.3. A candidez destas encantadoras paginazinhas: os textos e seções

Os textos veiculados no jornal eram textos literários, pequenas notícias e artigos, além de notas sobre a vida social daquela comunidade. As seções não eram estáveis; o expediente, como já apresentamos, foi uma das seções que apresentou maior estabilidade durante o período de publicação. As mais constantes, além de o “Expediente”, foram: “Livro de Ouro”, “Aniversários” ou “Datas festivas” e “Viajantes” ou “Partida”. A seção “Charadas” apareceu até o número nove, depois praticamente desapareceu do jornal. Essa seção traz, no seu bojo, uma pitada do caráter lúdico do qual tratamos anteriormente. No total, encontramos 22 títulos de seções⁸⁷ que se mesclavam entre uma edição e outra. Alguns textos foram publicados sem nome de seção e sem título, como quadrinhas, piadas e pensamentos.

Os textos literários, que não estavam atrelados a nenhuma seção, ocupavam a maior parte do espaço das páginas do jornal *O Bem-ti-vi*, seguidos dos pequenos artigos⁸⁸. Entre as seções, predominavam os temas correspondentes à vida social da comunidade. Os aniversários, as viagens, despedidas, eventos escolares, sociais, religiosos e cívicos eram sempre noticiados. Com um mês de circulação, o jornal noticiou a sua participação em um evento na “Sociedade União Operária”, em que o redator chefe, Mario Lima, foi como representante, conforme nota publicada no número III:

“União Operária”

Realizou-se o primeiro aniversário desta “União” com uma reunião, comparecendo grande número de operários e de pessoas da nossa elite. Falaram diversos distintos oradores e o orador oficial Ladislau Silva. “*O bem-ti-vi*” foi representado pelo nosso Redactor chefe⁸⁹.

⁸⁷ Devido às irregularidades, quanto a esse quesito, foi difícil quantificar, pois muitas vezes o jornal publicava notas sem títulos ou com nomes diferentes para categorias semelhantes. Sobre isso, ver quadro no Apêndice A.

⁸⁸ Sobre os temas dos textos e quantidade ocupada por página, ver quadro no capítulo 3.

⁸⁹ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I.

Nesse mesmo número foi publicada, ainda, na seção “Correspondência”, uma carta de agradecimento recebida da “União Operária”, em que informações são enviadas sobre a nova diretoria, mas os redatores justificam não poderem publicar os nomes por falta de espaço no jornal.

“Correspondência”

Recebemos uma carta da “União Operária Beneficente”, desta Cidade, agradecendo o número d’*O Bem-ti-vi*, e gentilmente comunicando a eleição da nova diretoria, cujos nomes não publicaremos por falta de espaço⁹⁰.

Essa nota também nos informa que foi enviada a essa sociedade, assim como deve ter sido feito a outras instituições e famílias da cidade, um exemplar do jornal, o que supomos se tratar de uma estratégia para conquistar assinantes e leitores. Em um dos números, na seção “Expediente”, os editores avisaram que “serão considerados assignantes as pessoas que receberem a folha e até ao 2º número não devolverem. Pedimos apoio ao público, para que possa ser levado avante o nosso desiderato”⁹¹. Logo, as pessoas que recebiam o jornal teriam que firmar contrato como assinantes ou devolverem os exemplares, depois de decorrido o recebimento do segundo número.

Muito além de simples atividades “de horas de lazeres escolares”⁹² das crianças, como publicado em uma nota, a produção do jornal era uma atividade que favorecia, por meio do uso da escrita, da imprensa, a participação dessas crianças na vida social e cultural da sociedade. Não temos dados para dizer de forma mais contundente como se davam as escolhas das edições das notícias e dos eventos publicados, mas os indícios da própria materialidade do impresso evidenciam que os editores recebiam “cartas”, “telegramas” e “pedidos” a serem publicados. No cabeçalho do jornal *A Penna*, havia um aviso sobre o preço de publicação de notas “a pedidos”. Todavia, mesmo tendo algumas publicações deste teor no *O Bem-ti-vi*, o jornal não divulgava se cobrava por esse serviço, que foi utilizado, como por exemplo, por D. Constança,

DESPEDIDA

De viagem para a fazenda - Espinho, e, por motivo de moléstia não podendo despedir-me de pessoas amigas, - o faço por este meio com pedidos de desculpas pela falta involuntária.
Caetité, 17 de Janeiro de 1913

⁹⁰ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I.

⁹¹ *O Bem-ti-vi*, 17/04/1914, p. 04, n. XXXIX, Anno II.

⁹² “(...) Bem haja a esperançosa infância caeteteense, da qual “O Bem-ti-vi” é orgam, que tão digna e nobremente emprega as suas horas de lazeres escolares (...)”. *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03, nº XXX, Anno II.

Constança Haydée de S. Spínola⁹³.

E pelo Sr. Marinonio,

A pedido

Ao público:

O sapateiro Marinonio Nicolau vem, pelas columnas do “Bem-ti-vi” pedir aos seus amigos e todos os demais para d’ora avante não tratá-lo por Nicolau, pois o seu verdadeiro nome de baptismo é Marinonio Manuel da Silva.

Caeteté, 25 de fevereiro de 1913⁹⁴.

As notas dos “aniversários” e “festas no lar”, assim como os “restabelecimentos” da saúde são interpretadas por nós como necessárias à consolidação de redes de sociabilidades e uma forma de distinção prestada às pessoas da família e aos amigos, como podemos observar nas notas abaixo:

D. ANNA TEIXEIRA

Alegremente noticiamos o restabelecimento desta distinta senhora (...) Sinceros parabéns e tomamos parte ao regozijo de sua Exma. Família⁹⁵.

ANNIVERSÁRIOS

Festejaram aniversários:

No dia 8 a interessante criança Angelina Spínola Teixeira.

No dia 9 a Exma. Senhorita Evangelina Spínola Teixeira. Nossas cordiaes saudações, com votos de perenes felicidades⁹⁶.

Essas notas são representativas de várias outras em seções sociais do jornal, sempre muito cordiais e atenciosos no trato com as pessoas, seja com a “distinta senhora”, com a “interessante criança” ou com a “Exma. Senhorita”.

Em cinco números da coleção preservada, encontramos uma seção que se dedicou a descrever crianças, uma por edição, intitulada “Perfis”, de autoria de Brocoió & Microcosmo. Na edição de número VII, o texto diz:

O nosso perfilado de hoje tem 11 annos, é de regular crescimento, não é feio mas tão vadio que se torna anthipatico, pouco estuda, tanto que não teve boa aprovação no exame que fez no fim do anno. É muito activo somente para a vadiação, muito preguiçoso para o estudo, gosta imenso de romances, e é só quando se vê sossegado (...).

⁹³ *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, p. 04, n. VII, Anno I.

⁹⁴ *O Bem-ti-vi*, 05/03/1913, p. 04, n. X, Anno I.

⁹⁵ *O Bem-ti-vi*, 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.

⁹⁶ *O Bem-ti-vi*, 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.

Na edição seguinte, a criança escolhida é descrita assim:

É muito atencioso; tem excelente carácter.
Tem também uma pontinha de gênio: quando se zanga fala muitas palavras feias, o que se desculpa por ser creança. Seu vestuário invariavelmente é jaquetão de fino brim.

As crianças descritas na seção “Perfis” foram quatro meninos e uma menina. Todas de cor branca, escolarizadas, amigas dos meninos que produziam o jornal e, no texto, geralmente havia um pedido de desculpas, para caso ofendessem o descrito. Os autores dos textos escreviam inicialmente algumas características físicas e, depois, algumas atitudinais. Vimos que tomavam como base da descrição comportamental o padrão de criança educada, estudiosa e virtuosa. Quando a criança se desviava disso, sofria a crítica: “vadio”, “preguiçoso”, “anthipatico”. Identificamos um certo tom jocoso nesses textos dos perfis e questionamos se os autores intencionaram, com isso, adotar um tom de humor para o jornal. No entanto, essa foi uma seção que teve vida efêmera. A descrição da menina foi escrita por outro colaborador, Frederico Lisboa, e é a única criança que é identificada nominalmente no jornal. O tom do texto é elogioso, enaltecendo a beleza e a fragilidade femininas. Entre outros elogios, o autor diz: “Mãos de princeza. É graciosa e inteligente. É romântica. Gosta de música, toca bem o bandolim”.

Inferimos que os pseudônimos “Brocoió & Microcosmo” pertenceram a crianças, e eles não se propuseram a descrever meninas, devido, provavelmente à diferenciação que se fazia entre os sexos, pois meninas “tinham que ser preservadas”, “não podiam ser expostas” no jornal; era algo que poderia ser interpretado como falta de respeito, numa sociedade em que a tradição e o conservadorismo eram fortes. A única menina descrita o foi por um adulto, e, embora identificada, foi tratada como um ser sublime.

O jornal publicou, mesmo que de forma mais escassa, nascimentos e falecimentos, quando os envolvidos eram pessoas de papel relevante na sociedade local ou até nacional, como foi o caso do falecimento de Campos Salles: “Registramos neste obscuro jornalzinho o transpasse do grande brasileiro Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles (...). Pêsames à Pátria”⁹⁷.

Como fruto da interlocução com outras publicações de impressos, surge a seção “Sala de visitas” ou “Sala de recepção”. Era comum os jornais enviarem exemplares uns aos outros, inclusive publicarem notícias sobre o recebimento do exemplar. Nas primeiras edições de *O Bem-ti-vi*, o jornal publicou a “visita” de outros impressos, com o nome e título da notícia; mas

⁹⁷ *O Bem-ti-vi*, 12/07/1913, p. 01, n. XX, Anno I.

com o tempo, o volume de jornais recebidos aumentou, originando um nome específico para a seção. O primeiro jornal recebido e noticiado foi “O Cinzel” sobre o qual foi publicado: “Tivemos o prazer de receber um número deste periódico que se edita na futura cidade de Minas do Rio de Contas. Penhorados agradecemos”⁹⁸. Em uma outra nota, os editores prometem retribuir, enviando um exemplar de *O Bem-ti-vi*. Assim, durante o período de circulação, eles receberam impressos de várias cidades da Bahia e de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Maranhão e Minas Gerais. O quadro abaixo detalha os impressos recebidos e as respectivas localidades:

Quadro 2 – Periódicos recebidos pelo *O Bem-ti-vi*.

Número	Data	Periódico	Cidade
VIII	05/02/1913	O Cinzel	Minas de Rio de Contas-BA
XX	12/07/1913	A Alavanca	Jequié-BA
XXVII	29/10/1913	A Penna	Caetité-BA
XXVIII	12/11/1913	Iris (revista) O Postal O Comércio	São Paulo-SP Jequiriçá-BA Taquaritinga-SP
XXIX	28/11/1913	A Semana (revista)	Salvador-BA
XXX	12/12/1913	A Barra A Palavra O Repórter Bello Campo	Cotegipe-BA Rio de Janeiro-RJ São João Del Rey-MG Bello Campo-BA
XXXII	08/01/1914	A Distração O Conservador O Comércio A Alavanca	Salvador-BA Nazareth-BA Petrópolis-RJ Jequié-BA
XXXIII	21/01/1914	O Cosmopolita A Sineta	Rio de Janeiro-RJ Santo Amaro-BA
XXXV	21/02/1914	O Canhoto O Postal O Arrebol	São Luiz-MA Jequiriçá-BA Caetité-BA
XXXVIII	?/04/1914	Elxcelsior O Jaguaribe A Borboleta A Liberdade A Lide O Livre Pensador	São Luiz-MA Jaguaribe-BA Irará – BA Castro Alves –BA Amargosa- BA São Paulo-SP
XXXIX	17/04/1914	Bello Campo	Bello Campo-BA
41	14/05/1914	Feitozense O Trabalho	Feitoza - CE São Gonçalo de Campos-BA

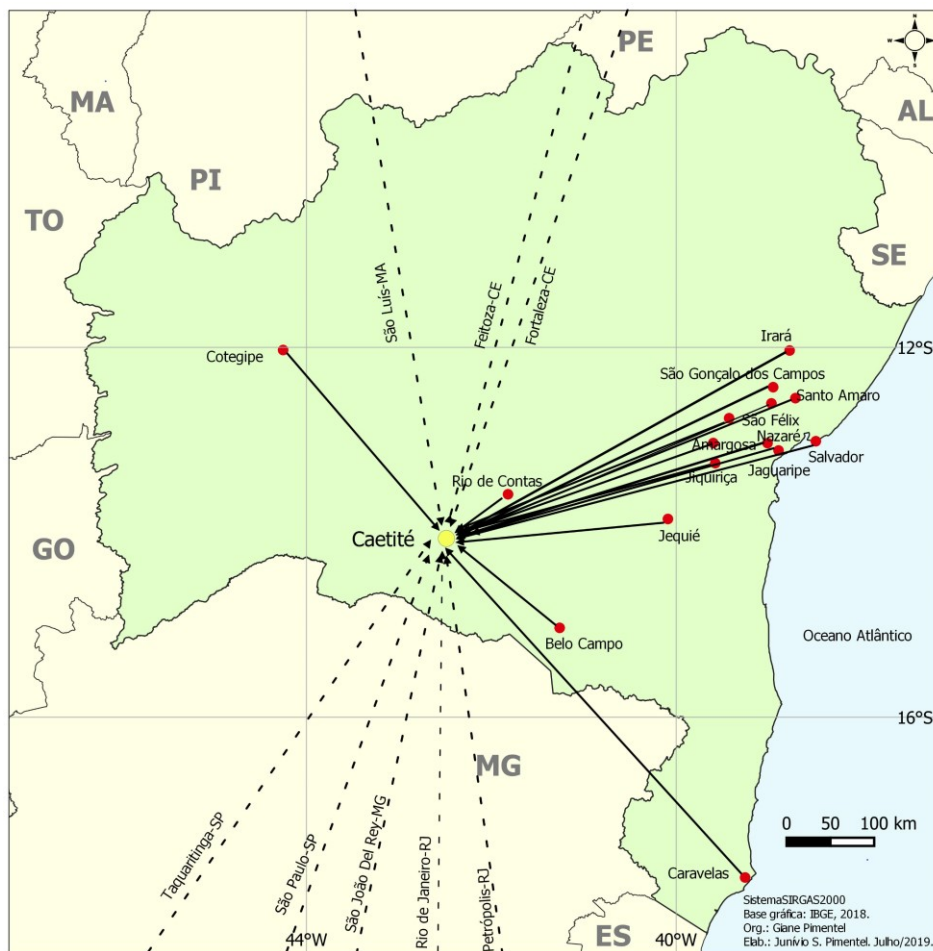
⁹⁸ *O Bem-ti-vi*, 05/02/1913, p. 04, n. VIII, Anno I.

43	16/06/1914	O Industrial O Sul Bahiano Revista Escolar Cinema-Club	São Félix-BA Caravellas-BA Fortaleza-CE São Paulo-SP
----	------------	---	---

Fonte: Exemplares do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Quadro elaborado pela autora.

Somam-se 33 periódicos dos quais tivemos conhecimento, em que houve interlocução com *O Bem-ti-vi*, provenientes de mais de 20 cidades das atuais regiões nordeste e sudeste⁹⁹ do País. No mapa abaixo, podemos perceber melhor a rede de interlocução do *O Bem-ti-vi* com outras localidades do Brasil.

Figura 13 – Mapa da rede de interlocução do *O Bem-ti-vi* com outros jornais.



Fonte: Mapa organizado pela autora. Elaborado por Junívio Pimentel para esta pesquisa.

⁹⁹ A primeira tentativa de estabelecer uma divisão regional geográfica do Brasil data de 1913, para fins do estudo de Geografia nas escolas, tomando como base aspectos físicos de cada região. A Bahia, juntamente com Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro localizavam-se na Região Oriental. Todavia, a primeira regionalização propriamente dita data de 1942, em que a Bahia se localizava na Região Leste, com Minas Gerais, Sergipe, Espírito Santo e Rio de Janeiro. “O Mapa e a Base de Dados das Zonas Fisiográficas de 1942 foram produzidos utilizando a Malha Municipal de 1940, a fim de retratar a Divisão Regional do Brasil, definida pela Resolução nº 77, de 17 de julho de 1941 do Conselho Nacional de Geografia e publicada no Diário Oficial da União em 1942”. A Bahia passa a compor a região Nordeste com a divisão regional de 1970. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?edicao=24863&t=sobre>.

Percebemos que, na Bahia, a quase totalidade das cidades que enviava jornais à redação do *O Bem-ti-vi* concentrava-se na região próxima a Salvador. As cidades que estavam localizadas mais distantes de Caetité e da capital eram Cotegipe, ao norte do estado e Caravelas, no extremo sul. Fora da Bahia, o jornal comunicava-se ao norte, com os estados do Maranhão e Ceará, e ao sul com Minas Gerais, Rio e São Paulo¹⁰⁰. Chegar a esses lugares implicava utilizar diferentes meios de transportes, realizando uma integração entre transportes ferroviários, fluviais, a cavalo e pouca opção de rodovias nessas primeiras décadas do século XX. Eram recorrentes, nos jornais da época, as matérias sobre a necessidade de construção de linhas férreas e estradas de “rodagem” como condição para o progresso. Para o sistema econômico se desenvolver precisaria haver circulação de mercadorias, em um tempo cada vez mais veloz, dadas as condições da época, assim como deveria ocorrer com a circulação do escrito, das notícias, da comunicação e do conhecimento. Nelson Werneck Sodré (1966) afirma que o desenvolvimento da imprensa caminhou junto com o desenvolvimento capitalista.

As cidades identificadas, não por acaso, estão localizadas em regiões que se sobressaem, seja em nível de urbanização ou transportes, seja na questão econômica ou populacional. Em estudo recente, Galvão e Frade (2019) afirmam que podemos estabelecer uma relação entre o lugar que o escrito ocupou em determinada sociedade e indicadores presentes nesses ambientes, como a existência de bibliotecas, gabinetes de leitura, rede de transportes, teatro, correios, níveis de escolarização e de alfabetização.

O jornal *O Reporter* de São João Del Rey publicou uma nota sobre *O Bem-ti-vi* da qual transcreve um trecho:

“O Reporter” brilhante orgam da imprensa mineira, da adiantada e bela cidade de S. João d’ElRey, sob a directoria dos ilustres senhores Herculano Velloso, Alberto Thoreau e Alberto Bastos. Ao digno colega agradecemos penhorados as linhas seguintes com que nos honrou:

“O Bem-ti-vi”

É o nome de um pequeno, interessante e bem impresso colega que se edita na cidade de Caeteté, Estado da Bahia.

Bem haja a esperançosa infância caeteteense, da qual “O Bem-ti-vi” é orgam, que tão digna e nobremente emprega as suas horas de lazeres escolares.

Nós só temos palavras de louvores e de animação a esses inteligentes infantes Mario Lima e Anísio S. Teixeira, redactores do mimoso “Bem-ti-vi”¹⁰¹.

Em Jequié, estado da Bahia, outro impresso publica uma nota sobre *O Bem-ti-vi*, que é republicada pelos meninos editores:

¹⁰⁰ Com exceção do Maranhão e do Ceará, não foram registrados contatos com os outros estados da atual região Nordeste, nem com estados das atuais regiões Norte, Centro-Oeste e Sul do País.

¹⁰¹ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03, n. XXX, Anno II.

“A ALAVANCA”, nítida e bem orientada gazeta, da qual é diretor-proprietário o illustre Sr. José Quirino Ribeiro, publicada na florescente cidade de Jequié, neste Estado e que nos distinguiu com a seguinte notícia:

“O BEM-TI-VI”

“Completo o seu primeiro aniversário em 5 de Outubro p. passado, o nosso coleguinha O BEM-TI-VI, orgam dedicado à infância de Caeteté.

Aos seus redactores Mario Lima e Anizio Teixeira, enviamos os nossos saudaes”¹⁰².

Esses impressos possuíam denominações diferenciadas: periódico, folha, jornal, hebdomendário, revista e gazeta. Alguns eram vinculados a partidos políticos, a instituições escolares, ao comércio, enquanto outros vinham descritos como “orgam literário e independente”.

As notas publicadas por esses impressos destacam a característica de *O Bem-ti-vi* como “orgam da infância”, ressaltando a inteligência e muitas vezes a precocidade do talento dos meninos redatores. As habilidades de leitura e escrita eram bastante valorizadas e estimuladas.

As propagandas, que despontam desde fins do século XIX, como parte constituinte dos jornais, não aparece como uma seção do *O Bem-ti-vi* de forma regular. Pelo contrário, nas 31 edições que chegaram a nós, foram publicados apenas três anúncios de lojas existentes na cidade de Caeteté.

Os anúncios foram de um produto farmacêutico, “Rougeodol – dentifrício sem igual. Único dentifrício que evita a cárie do dente e fortifica a gengiva. Acha-se à venda na ‘Pharmácia Lima’”¹⁰³, de propriedade da família Lima, e da Casa Caprichosa,

A CASA CAPRICHOSA, de Durval Públio de Castro, acompanhando sempre o evoluir do progresso e combatendo o carrancismo, tem por programma vender muito e ganhar pouco. Completo sortimento de fazendas, miudezas, quinquilharias, artigos da moda, ferragens, molhados, louças, etc.

Em simulação de donos de tipografia, o jornal publica um anúncio dizendo que “quem quiser imprimir cartões de visitas, bons, bonitos e baratos; imprima na typographia de Mario e Benjamim Teixeira Rodrigues Lima”.¹⁰⁴ Benjamin, irmão de Mario, também publica um anúncio em que ele se faz de fotógrafo: “Benjamim T. R. Lima, Photógrafo, Rua Barão de Caeteté, nº 22, CAETETÉ”¹⁰⁵. O terceiro anúncio comunica que “Mario Teixeira Rodrigues Lima, vende coupons cooperativos d’A Vida Moderna”¹⁰⁶ e, em outra edição, além dos cupons,

¹⁰² *O Bem-ti-vi*, 08/01/1914, p. 02-03, n. XXXII, Anno II.

¹⁰³ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I.

¹⁰⁴ *O Bem-ti-vi*, 23/10/1912, p. 04, n. II, Anno I.

¹⁰⁵ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I.

¹⁰⁶ *O Bem-ti-vi*, 23/10/1912, p. 04, n. II, Anno I.

Mario vende “livros em branco para notas”. Depois desses anúncios nos números iniciais do jornal, no ano de 1912, só houve um anúncio publicado em 1913, que foi o da Casa Caprichosa. Essas últimas propagandas, representando o papel de proprietários de uma tipografia ou de fotógrafo, expressam um caráter lúdico, de brincadeira envolvida na produção do jornal. Outro aspecto interessante nessa simulação da situação da condição de “proprietários”, diz respeito à natureza das “propriedades” serem relacionadas a aspectos da vida cultural, como a tipografia, e não de uma fazenda, por exemplo. Seria, o jornal *O Bem-ti-vi*, mais uma dessas brincadeiras, simulando a vida adulta? No entanto, essas “brincadeiras” não tiveram continuidade, cessando nos números seguintes, da mesma forma que ocorreu com a seção “Perfis”, extinta após algumas edições. A produção do jornal estava se tornando “coisa séria”?

Quando o jornal passa a utilizar o subtítulo de “Orgam da Juventude”, inaugura uma nova seção, “Folhetim *d’O Bem-ti-vi*” que publicou uma história de Júlio Verne, “Um drama nos ares”, entre os números XXXV e 40. Apesar de o jornal ter sido publicado até a edição de número 43, a história do folhetim não foi finalizada. Presume-se que o fim da existência do jornal não tenha sido programado previamente, e este é um dos indícios. A posição do texto do folhetim no jornal era ao final das duas últimas páginas, ao *rez-de-chaussée*, rés-do-chão. Marlyse Meyer (1996) afirma que o termo folhetim, na matriz, França, nos começos do século XIX, tinha o significado de “ao pé da página”, rodapé - ou seja, um espaço vazio no jornal com uma finalidade definida para o entretenimento.

Na França, nos primórdios do folhetim, publicavam-se todas as formas e modalidades de diversão, desde piadas, charadas, receitas de cozinha, críticas de novas peças e livros, até notícias de crimes. Com o tempo, passou-se a publicar romance “picadinho”, o que foi alvo de críticas. Dividir a história era uma estratégia para cativar leitores e conseguir fidelidade de público por meio do suspense e curiosidade. Segundo Meyer (1996, p. 60), Alexandre Dumas “só vai aceitar publicar picadinho de romance em 1838. É o *Capitane Paul*, e com essa obra está definitivamente lançado, na sua glória, o romance-folhetim”. É Dumas, ainda segundo a autora, que fixa o essencial da técnica do folhetim: os diálogos vivos, os personagens tipificados e o senso de corte de capítulo, com o famoso “continua”.

O romance-folhetim na França vigora aproximadamente de 1836 a 1914. No Brasil¹⁰⁷, Meyer (1996) afirma que, em 1838 o *Jornal do Comércio* já publicava um folhetim

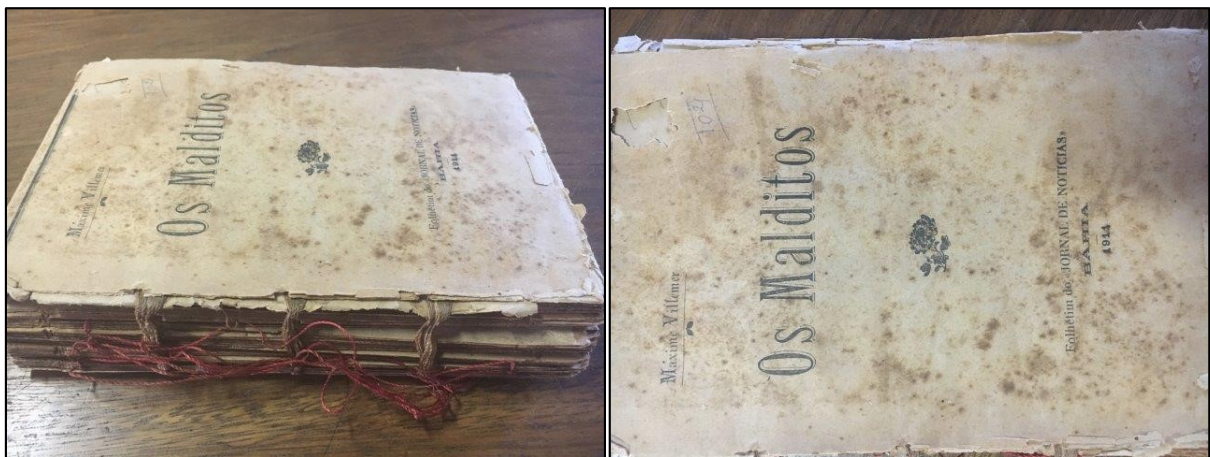
¹⁰⁷ Segundo Meyer (1996, p. 383-384), tanto no Brasil, como em outros países da América Latina, o folhetim encontrou “terreno de eleição” pelas engenhosas tramas, exacerbadas relações familiares, muito drama, seguindo uma tradição ibérica “do gosto pelo excessivo gestual e o empossado da palavra que compõe a oratória, tão apreciada pelas populações analfabetas”.

cotidianamente. Segundo Sodré (1966), a partir de meados do século XIX, o público brasileiro foi sendo lentamente conquistado para a literatura, principalmente pelo folhetim, que

se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Côrte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria. (SODRÉ, 1966, p. 279).

Nos anos 1920 ainda eram publicados folhetins nos jornais brasileiros. Portanto, o jornal *O Bem-ti-vi* seguia uma tendência jornalística ainda em alta durante o período que circulou, e podemos construir a hipótese de que os redatores, provavelmente ainda pequenos, ouviram a leitura de folhetins no ambiente doméstico, como nos diz Sodré. Inclusive, consta, na biblioteca da família Rodrigues Lima, uma encadernação de um romance de folhetim intitulado *Os Malditos*, de Maxime Villemer, publicado pelo *Jornal de Notícias* (BA), datado de 1914, conforme vemos na imagem abaixo:

Figura 14 – Folhetins encadernados.



Fonte: Exemplar do folhetim encadernado. APMC. Arquivo da Família do Barão de Caetité.

Isso indica que esses meninos estavam atualizados com a produção jornalística do período, tinham contato com jornais diversos e adotavam, na própria produção, as ideias correntes. A revista *Fon-fon*¹⁰⁸ possuía um suplemento intitulado “Revista semanal – O romance de Fon-fon”, que se dedicava à publicação de romances folhetinescos (MEYER, 1996). Quanto aos temas publicados, *O Bem-ti-vi* priorizou uma história de aventura, assim

¹⁰⁸ No APMC, no acervo das famílias Teixeira e Rodrigues Lima, constam exemplares da Revista *Fon-fon*, o que pode significar que as pessoas dessas famílias seriam leitoras da revista, incluindo os próprios redatores.

como a revista *Fon-fon*, que publicou história de heróis, ao invés dos dramas e tragédias explorados geralmente nos romances folhetinescos, provavelmente devido ao público leitor a que se pretendia destinar.

Nesta nova fase do jornal, os redatores publicam um concurso, recurso muito utilizado também na história da imprensa da época, conforme vemos no texto a seguir:

CONCURSO

Abrimos um concurso afim de saber qual o rapaz mais sympathico, quase bonito desta Cidade. Vamos vender os respectivos coupons, e com o produto dos quaes ofereceremos ao eleito o apreciado dicionário de Jayme Seguier. Ao segundo votado – um vidro de essência fina¹⁰⁹.

O referido concurso era para escolher o rapaz mais simpático “quase bonito” da cidade. Interessante destacar que o primeiro prêmio, com o dinheiro arrecadado dos cupons, seria um dicionário, revelando que ele valia mais do que a “essência fina”, segundo prêmio. A sociedade de Caetité e esses meninos pareciam querer reafirmar a importância da erudição nos seus meios. Indica o lugar simbólico ocupado pelo escrito, em que as suas elites e intelectuais, principalmente, publicizavam nos seus escritos, nas ações a escolha do prêmio do concurso e nos discursos a tradição de uma cidade “letrada”. Convém ressaltar o duplo significado do dicionário: além de ser “livro”, que por si, já representa as letras, é ainda um livro que informa sobre a linguagem, enriquece vocabulário, ensina significados, reforça a valorização da língua padrão. A língua é um dos instrumentos utilizados/dominados pelas elites para se impor na hierarquia social. Segundo Bourdieu (2013, p. 113), a “autoridade” de um grupo social se impõe não apenas “por meio de ordens, mas aquela exercida sem nos darmos conta, aquela que dizemos natural e que está sedimentada numa linguagem, numa atitude, nas maneiras, num estilo de vida, ou mesmo nas coisas”.

No número seguinte do lançamento do concurso, é publicado o resultado parcial dos votos obtidos:

CONCURSO

Conforme o número último do “O Bem-ti-vi”:

Resultado conhecido até agora.

Camerino Araújo	17 votos
Albino Cahahyba	17 ”
Alvaro Neves	12 ”
Joaquim Souto	12 ”
Celso Teixeira	12 ”
Dr. Martins Almeida	4 ”
Mario Lima	3 ”

¹⁰⁹ *O Bem-ti-vi*, 14/05/1914, p. 04, n. 41, Anno II.

José Turisco	2	”
José Tanajura	1	voto
Dr. Antonio Ladeira	1	”
Godson Costa	1	”
Catão de Moraes Pinto	1	”
Jayme Teixeira	1	”
Oscar P. Cardoso	1	”

(Continua o concurso)¹¹⁰.

A edição, de número 42, trouxe a última publicação sobre o concurso, pois com o número 43, os meninos encerram a publicação do jornal. Assim, o jornal não revelou o resultado do concurso, com a resposta para a pergunta: “qual o rapaz mais simpático?”.

Com a seguinte nota de abertura do número 43, último número publicado, o jornal informa aos leitores a decisão e os motivos de encerrarem a produção de *O Bem-ti-vi*:

O BEM-TI-VI

Retirando-se Mario Lima da redacção deste periódico por ter de ausentar-se para Minas, onde vae continuar os seus estudos; e estando actualmente sobrecarregado de trabalhos collegiaes o nosso redactor Anísio Teixeira, fica suspensa, talvez temporariamente, a publicação do “O Bem-ti-vi”. Penhorados, agradecemos aos nossos assignantes o apoio que nos vêm prestando¹¹¹.

Quem iria alçar “vôos” mais altos, exigindo que “interrompessem” a produção do jornal, eram os meninos redatores. Voos rumo a novas conquistas.

¹¹⁰ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 04, n. 42, Anno II.

¹¹¹ *O Bem-ti-vi*, 16/06/1914, p. 01, n. 43, Anno II.

Red" do Bem-ti-vi

Caeté,
Bahia

O BEM-TI-VI

Anno I I

ORGAM DA INFANCIA

Numero XXVIII

Caeté, 12 de Novembro de 1913

REDACTORES—MARIO LIMA E ANISIO S. TEIXEIRA

EXPEDIENTE		
— Na cidade		
Numero avulso	100 rs.	Seis mezes
Seis mezes	1\$200	1\$500
— Fora da cidade		
Numero avulso	140 rs.	

As pessoas que receberem i numero e não devoiverem serão consideradas como assignantes.

NOS ESTADOS UNIDOS

CAPÍTULO II

ESSES INTELIGENTES INFANTES MARIO LIMA E ANÍSIO S. TEIXEIRA, REDACTORES DO MIMOSO "BEM-TI-VI": PERFIL DOS REDATORES E COLABORADORES

(Continuação de um estudo feito pelo Dr. S. ...)

Dos sete aos quatorze annos os alumnos aprendem a lição da historia e a geographia nacionaes, algumas noções do allemão ou do francez, da historia e da geographia universaes, as mathematicas elementares, além de noções de sciencias naturaes e de mecanica, da economia politica e escripturação mercantil.

Aos quatorze annos, dois terços dos alumnos do sexo masculino vão ganhar a vida, e apenas um terço se consagra a estudos superiores, ao passo que do sexo feminino a proporção é, exactamente a inversa, pois, só um terço deixa os estudos pela vida pratica, enquanto que dois terços matriculam-se nas academias, collegios e universidades, nas quaes permanecem até os dezolito ou vinte e um, e, ás vezes, até aos vinte e tres e vinte e cinco annos, conforme seguem um ou mais cursos, em instituições taes como Vassar, Smith e Wellesly.

Ao fazer esta affirmação, resultado de uma observação de muitos annos, e não simples conclusão dos livros dos viajantes, que se acham, até agora, que só visitaram durante o tempo de suas férias, declaro, que não me refiro a casos notaveis de especialistas de um ou de outro sexo, mas á generalidade ou maioria da população, cuja maior somma de conhecimentos pertence ás mulheres.

Esta é a chave do segredo da superioridade da mulher norte-americana sobre o homem norte-americano.

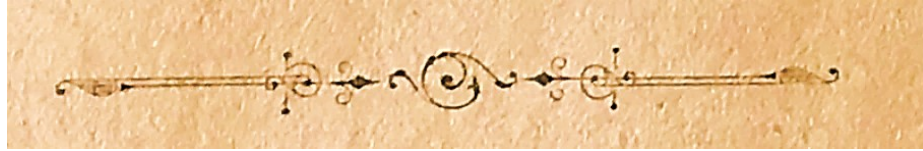
(Continúa)

Direito Feminino

Na corrente dos tempos de agora, no espirito das leis do progresso, na harmonia dos interesses geraes, é facto logico e indiscutivel a intervenção da mulher no seio das artes, das lettras e das sciencias, como factora da sociedade do futuro de qualquer nação.

O começo do seculo XX já a en-

Dest'arte, cada anno, 33% da



*O nosso perfilado de hoje tem 11 annos (...) fazemos votos para que se emende e torne um homem de bem, um cidadão illustre, para servir a pátria e a família*¹¹².

Tornar-se “um homem de bem, um cidadão illustre, para servir a pátria e a família”. Eram esses os ideais pensados para o futuro das crianças no período? Podemos dizer que, provavelmente, sim. Ideais pensados para as crianças de elites. As palavras foram escritas na seção “Perfil”, do jornal, em janeiro de 1912, para referir-se a um colaborador anônimo do jornal e amigo dos redatores. O que mais o jornal *O Bem-ti-vi* deixou entrever nas suas páginas sobre as crianças, suas escritas e suas leituras?

A cultura escrita de uma dada sociedade tem muito a nos dizer sobre que sociedade é essa, e ao buscar o entrelaçamento com a categoria geracional infância, podemos conhecer melhor aspectos da educação da criança e da participação dela na cultura a qual pertence. A produção do jornal *O Bem-ti-vi* possibilitou o registro da atividade das crianças de elites com a imprensa, que nos foi legado por meio dos exemplares preservados, do referido jornal. Depois de conhecer aspectos da materialidade desse impresso, apresentaremos o perfil dessas crianças e de alguns colaboradores do jornal com o intuito de compreendermos: quem eram essas crianças? Que experiências possibilitaram a elas produzirem um jornal? Como eram as experiências vividas na família e na sociedade local com a cultura escrita? Quem compartilhava com elas a produção do jornal?

Outro ponto a ser desenvolvido é analisar o provável repertório de leitura dessas crianças, por meio dos textos publicados no jornal. Os indícios deixados por meio de citações/publicações de autores [re]conhecidos podem servir de caminho para reconstruirmos algumas experiências de leitura realizadas por elas. O que liam? A que tipo de textos e de suportes elas tinham acesso? O que era publicado? Quais eram os autores que circulavam no ambiente em que viviam?

¹¹² *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, p. 04, n. VII, Anno I.

2.1. Aos futuros jornalistas e escritores: as trajetórias percorridas

Mario Teixeira Rodrigues Lima

Ao inteligente Mario
Quando eu procuro philosophar
com o meu querido Mario
Tenho a prova evidente
De que todo poeta é vario.
Caeteté, 1913 F. L.¹¹³

Frederico Lisboa, autor da quadrinha acima, colaborador do jornal *O Bem-ti-vi*, homenageia Mario, adjetivando-o de inteligente, querido e vário. Começa pelo título, dizendo “Ao *intelligente* Mario”; em seguida diz que “quando procura philosophar com *o meu querido* Mario” tem a prova de que “todo poeta é *vario*”. Nesse último adjetivo, ele faz uso das palavras de Casimiro de Abreu (1972 [1859])¹¹⁴, com o adjetivo “vario” que, segundo os dicionários de Antônio de Moraes Silva (1878), significa diverso, mudável, inconstante. Desses significados, o que parece mais se adequar ao sentido da quadrinha é “diverso”. Mario, além de inteligente e querido aos olhos do Dr. Frederico Lisboa, também apresentava diversidade “ao philosophar”. Esse é um exemplo dos muitos trechos elogiosos dirigidos a Mario Teixeira Rodrigues Lima, redator-chefe do jornal *O Bem-ti-vi*.

Mario nasceu em 24 de maio de 1899, em Caetité. Era o filho primogênito de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior¹¹⁵ e de Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima¹¹⁶. A seguir vemos a foto de Mario, em pé, com seus irmãos Benjamin e Maria Celina, sentados à sua frente. A fotografia não está datada, mas provavelmente é do ano de 1905, quando Mario teria por volta de 5 a 6 anos. Ele já não usa mais o indistinto “camisolo” dos meninos e meninas que tinham pouca idade, como seu irmão Benjamin.

¹¹³ *O Bem-ti-vi*, 17/04/1914, p. 02, n. XXXIX, Anno II.

¹¹⁴ ABREU, Casimiro. Juramento. In: *As Primaveras*. São Paulo: Martins, 1972 [1859]. “(...) tu dizes que eu sempre minto; que protesto o que não sinto; que todo poeta é vario; (...)”.

¹¹⁵ Joaquim Manoel R. Lima Junior era filho do primeiro governador eleito da Bahia, no início da República, e de Maria Vitória Gomes Rodrigues Lima, filha do Barão de Caetité.

¹¹⁶ Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima era filha de Deocleciano Teixeira e de Maria Rita Spínola Teixeira, neta de famílias tradicionais, de elites da região dos municípios de Ituaçu e Lençóis.

Figura 15 – Fotografia de Mario com os irmãos.



Fonte: APMC. Acervo da Casa do Barão de Caetité.

A fotografia apresenta a imagem de três crianças de pele branca, bem vestidas, com aparência saudável, em um suporte de papel rodeado de margens decoradas com arabescos rebuscados. Parecem estar em um ambiente externo, devido provavelmente às condições rudimentares da arte fotográfica do período, que necessitava de condições especiais de luminosidade. Fazem parte do cenário, as duas cadeiras, simples, de madeira, a parede atrás e um desenho¹¹⁷ de porta à esquerda. Possuir o registro fotográfico na época ainda era algo possível apenas para poucos privilegiados economicamente.

¹¹⁷ Compunha a arte fotográfica na época, o uso de técnicas, como o retoque da imagem por meio da pintura, trazendo elementos que não faziam parte da cena original. Sobre isso ver Mauad (1996).

Assim como as crianças das elites da época¹¹⁸, Mario foi alfabetizado em casa por familiares. Em Caetité, estudou inicialmente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e na Escola Americana, até o ano de 1914, quando foi continuar os estudos em Minas Gerais, primeiramente, no Colégio Granbery, em Juiz de Fora, e depois na Escola de Minas de Ouro Preto, na cidade homônima, onde se formou Engenheiro¹¹⁹.

Em 19 de junho de 1908, então com 9 anos, foi premiado no Colégio Nossa Senhora de Lourdes “pelo seu bom procedimento, applicação e assiduidade”, conforme cartão assinado pela professora Lia da Silveira Lima. Na Escola Americana, Mario se envolvia muito com as atividades escolares. Segundo uma nota do jornal *O Bem-ti-vi*, Mario tinha a função de secretariar a *Sociedade Literária* da escola: “terminado o período do terceiro semestre, foram eleitos Presidente e Secretário da Sociedade Litterária desta Escola: D. Petrina Cardoso e Albino Cahyba, que vão succeder D. Antônia Castro e Mario Lima”¹²⁰. O seu envolvimento com vários aspectos da vida escolar continuou, mesmo depois de sair de Caetité. Em maio de 1917, o jornal *O Pharol* (RJ) publicou uma nota da autoria de Mario dizendo,

Comunico-vos que, em sessão do “Club Literario Coelho Netto” agremiação do Instituto “O Granbery” desta cidade – foi eleita e já se acha empossada a sua nova directoria, constituída pelos seguintes associados: Presidente, Trajano José da Costa; vice-presidente, José Martinho da Rocha; primeiro secretário, Genaro Vidal Leite Ribeiro; segundo secretário, Mario Teixeira Rodrigues Lima; (...) Pedindo uma notícia em vosso conceituado jornal, relatando este facto, confessa-vos grato o vosso admirador – *Mario Teixeira Rodrigues Lima*, segundo secretário¹²¹. Grifos no original.

Abaixo, vemos um rascunho de um poema da autoria de Mario, com 10 anos, escrito em um pedaço de folha de caderno ou de papel almaço, já estragada pelo tempo, com marcas de dobras e uns rasgões. As dobras bem marcadas indicam que teve a intenção de reduzir a extensão do papel, talvez para transportá-lo em um bolso ou dentro de um livro, e assim ficou guardado.

¹¹⁸ Sobre a educação das crianças em Caetité, no início do século XX, ver Carneiro (2011).

¹¹⁹ Diplomou-se em Engenharia Civil na Escola de Minas de Ouro Preto no início da década de 1920. Exerceu o cargo de engenheiro, do Departamento de Obras e Viação, da Prefeitura Municipal de Salvador, conforme *Almanak Laemmert*, p. 255, v. III, 1930. Faleceu solteiro, em Salvador, no dia 12 de abril de 1973, de “acidose diabética”, conforme consta no seu atestado de óbito. APMC. Caixa 18. Fundo: Cartório dos feitos cíveis e criminais. Série: autos cíveis. Subsérie: arrolamento. Data-limite: 1975-1980.

¹²⁰ *O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 01, n. XXVI, Anno I.

¹²¹ *O Pharol* (RJ), 01/05/1917, Anno LII, n.101, p.01. Grifos no original. Disponível em Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: <http://memoria.bn.br/DocReader/258822/35298>

Figura 16 – Poesia escrita por Mario.

<p>A claridade des. do céu Oh! que luar, tão formoso, Que brilha lá do céu! O céu! o céu [indecifrável] O céu! o céu Oh que primor! Que vem [riscos] do céu! Que claridade que vem do sol. Que <u>pertuba</u> o céu. Das claridades ridentes Que vê na terra. Canhindo, os raios ridentes. Pertuba, Pertuba, as claridades Que vem do sol para a [terra] Nas claridades ridentes</p> <p>Fim.</p> <p>Mario com 10 annos</p> <p>Cidade de Caeteté, (Estad</p>	<p>A claridades. [riscos] Oh! que luar, tão formoso, Que brilha lá do céu! O céu! [indecifrável] [riscos] Oh que primor! Que vem [riscos] do céu! Que claridade que vem do sol. Que <u>pertuba</u> o céu. Das claridades ridentes Que vê na terra. Canhindo, os raios ridentes. Pertuba, Pertuba, as claridades Que vem do sol para a [terra] Nas claridades ridentes.</p> <p>★ Fim</p> <p>Mario (com 10 annos) Cidade de Caeteté, (Estad</p>
--	---

Fonte: APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

O título do poema era “O luar”, que foi rabiscado e substituído por “A (percebe-se a falta do ‘s’) claridades”. Está estruturado no formato de soneto, com pequenos traços separando uma estrofe da outra. A letra cursiva já estava firme e apresentava características próprias, como o leve inclinar para a direita, letras traçadas próximas umas das outras e letras maiúsculas bem destacadas. Vemos, nesse texto, uma fração do processo da escrita, o repensar, riscar e substituir palavras. O autor finaliza o texto escrevendo, em destaque, a palavra “Fim”, seguida do desenho de uma vinheta; assina seu nome, escreve a idade e por último, especifica a cidade e o estado, evidenciando familiaridade com as convenções da escrita. Não foi possível fazermos mais deduções a respeito da intenção desse texto, qual o objetivo, se era uma tarefa escolar, mas deixa indícios da sua prática de escrita, que poucos anos mais tarde foi utilizada na produção do jornal.

No jornal, Mario usava o pseudônimo de Dr. Zig-zag e, mesmo depois de assumir a identidade no cabeçalho, como redator chefe, os textos que publicava no corpo do jornal, continuaram assinados como Dr. Zig-zag. Abaixo, temos um quadro com os textos da sua autoria.

Quadro 3 – Textos de Dr. Zig-Zag.

Número	Título	P.	Espaço ocupa na p.
II	Porque amo a minha Pátria	1-2	$\frac{3}{4}$ de página
III	O que a lua viu durante a noite	1	$\frac{1}{2}$ de página
IV	A riqueza	2	$\frac{1}{2}$
VII	O futuro da Bahia	1-2	$\frac{3}{4}$
VIII	A circunstância	1	$\frac{1}{3}$
XXVIII	Guilherme na escola	3	$\frac{1}{2}$
XXIX	Anagrama: Viva o grande estado federado da Bahia (cidades da Bahia)	3-4	$\frac{1}{3}$

Fonte: Exemplares do jornal. APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Quadro elaborado pela autora.

Percebe-se que os textos dele, como redator-chefe, eram textos que, no geral, vinham na primeira página, e ocupavam entre metade ou mais, do espaço da página.

Nos últimos dois números, temos textos assinados pelo nome “Mario”. O primeiro foi na penúltima edição, número 42, e o outro foi o texto de despedida, na edição de número 43, assinados por Mario e Benjamin. Inferimos que, além desses textos citados, Mario tenha publicado mais dois textos, entretanto sem utilizar o pseudônimo Zig-zag, nem a identidade real, mas o seu nome ao contrário: “Oiram Amil”, em um texto de 4 de agosto de 1913, com o

título “As descobertas II”, sendo continuação de outro, que foi publicado em um dos exemplares não localizados na pesquisa.

O processo de escolarização¹²² de Mario, no período de produção e circulação do jornal *O Bem-ti-vi*, se deu na Escola Americana (1912-1926), criada pela ação de missionários presbiterianos. Anísio Teixeira, por sua vez, estudava, no período, no Instituto São Luiz Gonzaga (1912-1925)¹²³, um colégio de padres Jesuítas, em Caetité. Convém atentarmos para essa singularidade, devido ao pertencimento religioso de ambas instituições e as disputas políticas envolvidas.

A instalação dessas escolas mobilizou a cidade, o poder político local e a religiosidade do povo, pois se tratava de disputas entre o domínio tradicional da Igreja Católica e a “ameaça” do avanço do protestantismo. O predomínio era da Igreja Católica, desde os primórdios de criação da vila, enquanto a presença de pastores protestantes, na região, ocorreu aproximadamente, no início da primeira década do século XX¹²⁴.

Protestantes Batistas foram os primeiros a percorrerem a região alto sertaneja, a partir de 1903. Em 1909, protestantes presbiterianos iniciaram a ação evangelizadora. No entanto, é no ano de 1911, que uma família protestante, constituída pelo casal, Henry e Margareth Mac Call, com uma filha criança, fixou residência na cidade, e instalou a Igreja. No ano seguinte, avançaram a ação educacional, com a criação da Escola Americana, sob a direção de Margareth (Margarida) Mac Call. Em estudo sobre as ações da *Central Brazil Mission*, no Alto Sertão, Jamir Guimarães da Silva (2020) afirma que a instalação e a atuação da escola foram permeadas por embates e tensões, envolvendo disputas de poder religioso e, principalmente, político.

A Escola Americana e o Instituto São Luiz foram instalados no mesmo ano de publicação do jornal *O Bem-ti-vi*, em 1912. Uma carta, entre as irmãs Alzira e Celsina Teixeira, faz referência às atividades da Escola Americana, em março desse ano.

Caetité, 30/03/1912

De Alzira para Celsina

Mario e Benjamin estão no collegio de D. Margarida; que tem uns 30 alumnos entre moças, meninos e meninas. O systema é todo differente, todo pratico. Ella espera uma professora, ou talvez arranje uma por aqui; nesta occasião

¹²² Antes de estudar na Escola Americana, a documentação localizada sobre seu processo de escolarização indica que estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de propriedade de sua tia-avó Priscilla de Souza Spínola.

¹²³ Sobre isso, ver Fernanda Matos (2016).

¹²⁴ Na cidade, coexistiam várias religiões, em 1912. Catolicismo, protestantismo, espiritismo e religiões de matrizes africanas.

ensinará mais: Inglês, música e desenho. Maria Regina, Anna Rufa e outras estão praticando com Ella para no futuro ajudá-la¹²⁵.

Alzira Teixeira Rodrigues Lima informa à irmã, Celsina, que os seus filhos estão estudando nessa escola. A ênfase é dada aos diferenciais trazidos pelos presbiterianos, o que significava muitas novidades para a sociedade caetitense - a co-educação e o método prático.

Segundo Leda Sellaró (1989, p. 26),

os colégios protestantes foram prestigiados não só por estrangeiros e brasileiros protestantes, mas por setores progressistas, não protestantes da sociedade brasileira. Estes grupos que apoiavam a nova forma de educação, defendiam, também, os valores e as idéias que ela veiculava, que compunham, no Brasil, a ideologia da modernidade.

A proposta pedagógica das Escolas Americanas “substituíam a cantilena pela qual se aprendiam as sílabas e as taboadas pelo método intuitivo e silencioso, e enfatizavam a compreensão sobre a memorização” (SELLARÓ, 1989, p. 31). Ao inovarem no âmbito escolar, os protestantes alcançavam outros aspectos, conforme afirma Ester Fraga Vilas-Bôas (2001, p. 35-36),

Essas instituições, na medida do possível, seguiam o mesmo modelo das escolas públicas norte-americanas, não só na arquitetura mas principalmente nos métodos e práticas pedagógicas. Elas funcionaram com o propósito de institucionalizar os hábitos, a alimentação, a maneira de ser, sentir e viver, procurando refletir a concepção norte-americana de educação, facultando assim o projeto cultural norte-americano, o qual se apresentou como parâmetro de progresso, felicidade, democracia, civilização, bem-estar.

Mario, em outubro do mesmo ano que começou a frequentar a Escola Americana, iria fundar o jornal, tendo seu irmão Benjamin como um dos colaboradores. O jornal *O Bem-ti-vi* publicou uma matéria sobre o evento comemorativo de encerramento do ano letivo de 1913 da Escola Americana, em que “o projeto cultural norte-americano” ficou bem evidenciado:

(...) Naquela tarde de festa, num ambiente de alegria e de paz, numa casa de ensino cheia de luz e de ar, sentia-se a impressão consoladora de quem antevê o porvir promissor e fagueiro, como uma aurora fulgente e rósea, numa antítese à noite do analfabetismo, pavorosa e tétrica, cujo manto cahe sobre este sertão. Compareceram os oitenta alunos que frequentam a escola e quase

¹²⁵ ALZIRA. **Carta para Celsina**. Caetité, 30 de março de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

todos tomaram parte na interessante diversão literária que foi muito aplaudida e em que os alunos revelaram dotes apreciáveis(...) ¹²⁶.

Essa escola, que, segundo a nota agiria contra o analfabetismo, teria influenciado a criação do jornal? O clima de euforia que, provavelmente, dominou as elites da cidade com a criação de dois importantes colégios, mesmo que não diretamente, certamente teve sua importância nesse processo, contribuindo para a motivação, os conhecimentos escolares necessários para a escrita dos textos, para as leituras e para a organização do jornal. Além disso, será que a professora Mac Call, que foi assinante, interferiu de forma mais incisiva na sua criação? Não sabemos, mas o que se pode inferir é que, se observarmos a natureza dos textos escritos por Mario Lima, o Dr. Zig-zag, poderemos identificar influências híbridas – princípios do catolicismo com princípios da “ética protestante” (WEBER, 2004)¹²⁷. No texto intitulado “A riqueza”, ele afirma que “a riqueza de um homem, a riqueza de uma nação são boas quando applicadas ao bem, ao progresso”¹²⁸.

Outro ponto a destacar na comunicação entre as duas irmãs por meio da carta diz respeito ao que a escola representava para a família Rodrigues Lima (do marido de Alzira) e para os Teixeira (especialmente para o líder político, Deocleciano, pai das duas mulheres correspondentes). Alzira encontrava-se entre as oposições políticas da cidade¹²⁹. De um lado, o tio do marido, José Antônio Rodrigues Lima (conhecido como Cel. Cazuzinha) – na época o intendente de Caetité – que apoiou a vinda dos protestantes¹³⁰, e do outro lado, seu pai, Deocleciano Teixeira, que tinha, na Igreja Católica, uma de suas bases de apoio político¹³¹.

Em decorrência das negociações e estratégias, próprias das disputas pelo poder, efetivou-se a resposta à presença dos protestantes, em meados de 1912, com a instalação na cidade, do “Colégio” dos Jesuítas - Instituto São Luiz Gonzaga -, mais precisamente, no dia 16

¹²⁶ *O Bem-ti-vi*, 28/11/1913, p. 03-04, n. XXIX, Anno II.

¹²⁷ Apesar de Mario e os irmãos estudarem na Escola Americana, não temos indícios de que seus pais professaram a fé presbiteriana. Possivelmente, aprovavam os princípios da doutrina, do método pedagógico, e/ou fizeram essa opção por conveniência política. As cartas trocadas entre as mulheres da família Teixeira indicam que Alzira T. Rodrigues Lima professava o catolicismo, e que batizou os filhos na Igreja Católica (CARNEIRO, 2011), enquanto Lima Junior participou ativamente da criação do centro espírita (REIS, 2018).

¹²⁸ *O Bem-ti-vi*, 19/11/1912, p. 02, n. IV, Anno I.

¹²⁹ Sobre as disputas de poder envolvendo a presença dos protestantes presbiterianos na cidade e a atuação da Escola Americana, ver o estudo de Jamir G. da Silva (2020).

¹³⁰ Os protestantes receberam também, o apoio de João Gumes, e do seu jornal, além de terem estabelecido vínculos comerciais, pois “em 1911, o primeiro prédio ocupado pela escola, na cidade, pertencia a Gumes” (SILVA, 2020, p.34). Os filhos de João Gumes estudaram na Escola Americana.

¹³¹ Complexificando ainda mais a questão da religiosidade, convém destacar que alguns membros dos Spínolas (família da esposa de Deocleciano Teixeira) e o próprio marido de Alzira, Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior, professavam a fé Espírita, e estiveram envolvidos na fundação do centro espírita de Caetité, em 1905. Sobre isso, ver Reis (2018).

de julho de 1912¹³². Discutiremos sobre isso, no próximo item, ao apresentarmos o perfil do menino Anísio Teixeira, redator de o *O Bem-ti-vi*.

Anísio Spínola Teixeira

Em carta entre as irmãs Spínola Teixeira, Tilinha [Hercília] informa para Celsina sobre os estudos dos irmãos menores. Neste trecho, ela revela que “Anísio já está estudando Grammatica, e com muito gosto, porém Mamãe não quer, pois elle está muito pequeno e assim cançã a memória muito cedo, elle não quer deixar, diz que quer passar Mario (...)”¹³³. Nesta época Anísio estava com 7 anos e percebe-se muito interesse pelos estudos, a ponto de sua mãe achar que o estudo de gramática era precoce, podendo atrapalhar seu desenvolvimento. Percebemos também o desejo do menino em “alcançar” Mario, o sobrinho¹³⁴, nos estudos, aquele que anos mais tarde viria a dividir a produção de um jornal com ele.

Figura 17 – Fotografia de Anísio Teixeira.



Fonte: APMC. Acervo da Família Teixeira.

¹³² *A Penna*, 21/06/1912, p. 03, n.13, Anno I.

¹³³ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetitê, 21 de fevereiro de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

¹³⁴ Anísio Spínola Teixeira era irmão da mãe de Mario, por parte do pai, e primo, por parte da sua mãe. Mas considerava-se, na família, o parentesco paterno. Ou seja, Anísio Teixeira tratava Alzira como irmã e Mario como sobrinho.

Anísio Spínola Teixeira foi o sétimo¹³⁵ filho do casamento de Dr. Deocleciano Pires Teixeira com Anna de Souza Spínola¹³⁶. Nasceu a 12 de julho de 1900. Na foto abaixo, vemos a imagem dele, com aproximadamente 6 anos.

Estudou na Escola Municipal de Caetité para o sexo masculino, regida pela professora Maria Theodolina Neves Lobão, mais conhecida como professora Mariquinhas. Prosseguiu seus estudos primários na Escola Nossa Senhora de Lourdes, de propriedade de sua tia Priscila Spínola. Em 1912, foi matriculado no Colégio dos Jesuítas de Caetité, Instituto São Luiz Gonzaga. O jornal *O Bem-ti-vi* publicou em dezembro de 1913 o “resultado geral dos exames finais do 1º ano do Curso Gymnasial [do Instituto São Luiz]. Anísio Spínola Teixeira, distinto com louvor (...)”¹³⁷. Em 1916, Anísio Teixeira foi estudar em Salvador, no Colégio Antônio Vieira, também da Ordem dos Jesuítas. Em 1922, ele concluiu o curso de Direito na Universidade do Rio de Janeiro. A partir do ano de 1924, construiu uma significativa carreira na vida pública e educacional, que marcou a história da educação no Brasil¹³⁸, podendo dizer que se tornou “um cidadão illustre”, conforme o ideal propagado no jornal *O Bem-ti-vi*.

A prática da escrita era comum na rotina da família, e as crianças dela participavam ativamente. Nesta carta, do ano de 1908, D. Anna comunica para as filhas que “Anísio hoje ficou muito choroso porque Jayme recebeu um cartão e ele não recebeu, Nelson também queixa que só ele não tem quem mande um cartão”¹³⁹. A participação nas culturas do escrito ia além das atividades escolares e de troca de cartas familiares, estendendo-se a se tornar leitor de uma

¹³⁵ Estamos considerando apenas os filhos que sobreviveram à primeira infância.

¹³⁶ Esse foi o terceiro e último casamento de Deocleciano Teixeira. Primeiramente, foi casado com Mariana Spínola, depois com Maria Rita Spínola e por fim com Anna Spínola, três irmãs.

¹³⁷ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 04, n. XXX, Anno II.

¹³⁸ Entre 1924 e 1928, iniciou sua carreira profissional como diretor-geral de instrução do governo da Bahia e promoveu a reforma do ensino no estado. Em 1926, reinstalou a Escola Normal de Caetité. Estudou na Universidade de Colúmbia e travou contato com as ideias pedagógicas de John Dewey, que o influenciariam decisivamente. De volta ao Brasil, em 1931, trabalhou junto ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde. Nessa época, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Educação (ABE) e foi um dos mais destacados signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Foi secretário de Educação e Cultura do prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista (1931-1936). Promoveu mudanças na estrutura educacional da cidade e estimulou a criação de novos estabelecimentos de ensino. Sua iniciativa mais ousada foi a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Em 1946, vivendo na Europa, tornou-se conselheiro da UNESCO. Quando voltou ao Brasil, assumiu a Secretaria de Educação da Bahia, a convite do governador Otávio Mangabeira. Fundou a Escola Parque em Salvador. Na década de 1950, foi secretário-geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Em 1963, foi nomeado reitor da Universidade de Brasília (UnB), mas foi afastado do posto em 1964. Nos anos seguintes, lecionou em universidades norte-americanas. Morreu no Rio de Janeiro, em março de 1971, de uma suposta queda, no fosso de um elevador, de acordo com a versão oficial. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/anisio_teixeira. Sobre a vida e obra de Anísio Teixeira ver: LIMA, Hermes (1978); VIANA FILHO, Luiz (1990) e NUNES, Clarice (2000 [1991]).

¹³⁹ ANNA SPÍNOLA. *Carta para Evangelina e Celsina*. Caetité, 07 de maio de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

das revistas infantis que mais circulou no Brasil na primeira metade do século XX, a revista *O Tico-Tico*. Em 1910, a revista *O Tico-Tico* publicou duas vezes, nos meses de outubro e novembro, o nome de Anísio como um dos participantes dos concursos por ela promovidos.

Figura 18 – Página da revista *O Tico-Tico*.



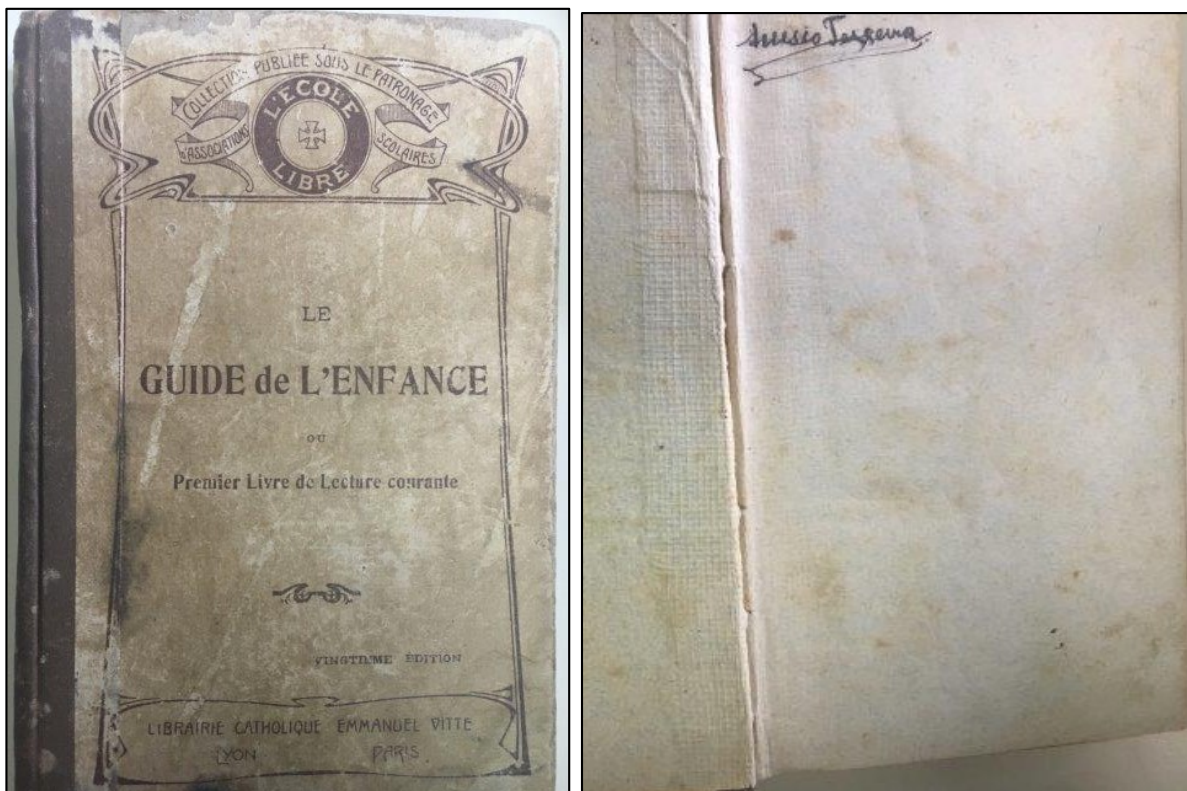
Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/153079/3380>.

A revista publicava o resultado do concurso, o nome dos sorteados, como também o nome das crianças que enviaram a solução. Anísio enviou a solução dos concursos n. 483 e n. 490¹⁴⁰. No ano de 1911, o nome dele aparece mais uma vez no resultado de outro concurso, e outra vez, no ano de 1913.

Na produção do jornal *O Bem-ti-vi*, Anísio Teixeira iniciou na função de gerente, depois se tornou redator, tendo sido também, autor de textos e tradutor. O aprendizado de línguas estrangeiras fazia parte da educação dessas crianças. A seguir, vemos um livro em francês que pertenceu a Anísio Teixeira quando criança.

¹⁴⁰ A pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional foi realizada com o nome das crianças envolvidas na produção do jornal e com o nome dos irmãos/irmãs de Anísio, mas só foi encontrada a participação dele.

Figura 19 – Livro em francês pertencente a Anísio Teixeira.



Fonte: APMC. Acervo da Família Teixeira.

O livro *Le Guide de l'enfance* apresenta uma cor desbotada, mas está bem conservado; assinado na folha posterior à contracapa, encontra-se o nome de Anísio Teixeira. Esse livro de leitura era uma edição francesa, estava na vigésima edição e fazia parte de uma coleção escolar.

Em *O Bem-ti-vi*, Anísio utilizava o pseudônimo de Macário Berimbau. Abaixo, vemos no quadro os textos publicados por ele.

Quadro 4 – Textos de Macário Berimbau.

Número	Título	P.	
II	Apólogo das árvores (conto)	2	½
II	O menino generoso (conto)	4	1/3
III	A fidelidade (conto)	1-2	¾
IV	A menina teimosa	2	½
VIII (1º)	As aventuras de Turlupino Conclusão O início ou parte/partes estava em outro número não preservado Das edições preservadas, é o primeiro texto que foi publicado em partes.	2	½

Número	Título	P.	
VIII (2º)	O menino brioso	2-3	½
IX	A história de Orlando (cont.)	2	½
X	A história de Orlando	2	1/3

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

Esses textos vinham localizados no jornal, logo após os textos do Dr. Zig-zag e, geralmente, ocupavam metade de uma página. Os temas tratados por Macario Berimbau, pseudônimo de Anísio Teixeira, giravam em torno das virtudes, com personagens que eram recompensadas ou punidas, de acordo com os seus comportamentos.

A sua educação foi marcada pela tradição católica, principalmente por influência da mãe e das irmãs. Deocleciano Teixeira, como tratamos antes, empenhou-se em negociações, juntamente com o Padre Luiz Pinto Bastos, para trazer o Colégio dos Jesuítas para Caetité. Para a sua instalação, disponibilizou o antigo prédio da Escola Normal.

O Instituto São Luiz Gonzaga oferecia o ensino primário e secundário¹⁴¹, apenas para meninos, em regime de internato e externato; funcionava em conexão com o Colégio Antônio Vieira, em Salvador. Segundo Helena Lima (1976, p. 72), os jesuítas tiveram muita influência na comunidade caetitéense, “nitidamente educativa, facilitando aos pais para seus filhos, um possível ingresso ao ensino superior ou preparando-os com um grau melhor de instrução para seus negócios”. Além da instrução religiosa, ensino de francês, inglês, latim, geografia, história, literatura com *Os Lusíadas*, Flávio Neves (1986, p. 38) – que foi aluno do Instituto – afirma que a presença dos jesuítas em Caetité “deixou uma marca inesquecível, pela formação que imprimiram, mormente nas boas letras”. O fato de Flávio Neves ter estudado no Colégio dos Jesuítas, enquanto os irmãos mais velhos estudaram na Escola Americana¹⁴², pode ser justificado pela perda de prestígio que essa escola sofreu alguns anos depois de sua fundação. Conforme afirma Madureira (1929, p. 636),

o Collegio [Jesuíta] foi prosperando dia para dia, na mesma proporção em que a eschola protestante ia declinando. Não podendo lutar contra os Padres, os protestantes suprimiram o Internato e, pouco a pouco, foi o Externato perdendo a sua influencia, a ponto de retirarem os próprios políticos seus filhos daquela eschola para envial-os ao colégio dirigido pelos Jesuítas. Hoje está o Collegio Americano reduzido a proporções assás insignificantes, da mesma maneira que sua influencia religiosa, não havendo em Caetité

¹⁴¹ Iniciou com “tres cursos de instrucção primaria e três primeiros anos do Curso Gymnasial” (MADUREIRA, 1929, p. 633). Em 1918, o 3º. anno ginásial foi suprimido.

¹⁴² A irmã mais velha, Maria Regina Neves, foi professora nessa Escola, conforme nota do *O Bem-ti-vi*, em 16/06/1914, p. 04, n. 43.

nenhuma família importante que confie a educação de seus filhos aos protestantes.

A proposta pedagógica jesuítica era fundamentada nos princípios da Ordem Inaciana, que influenciou as escolas brasileiras desde suas origens. Atendia aos anseios dos setores mais tradicionais da sociedade brasileira, pois suas práticas caracterizavam-se:

pelo autoritarismo do professor e passividade dos alunos; memorização excessiva; ênfase no estudo das línguas, da literatura, filosofia e história, em detrimento das ciências físicas e naturais, cujos conhecimentos eram transmitidos teoricamente, prescindindo das experimentações; dissociação da realidade nacional; enciclopedismo; reação à coeducação; não valorização de atividades práticas e da educação física (SELLARO, 1989, p.31).

O comportamento dos estudantes era controlado por meio de privações, notas e premiações. O jornal *O Bem-ti-vi* publicou uma matéria sobre “uma symphatica festa cujo fim era premiar os bons estudantes do ano de 1913”¹⁴³.

O jornal *O Bem-ti-vi*, não obstante todas as diferenças que permeavam os dois colégios – religiosas, políticas, ideológicas, etc – publicou notas referentes tanto à Escola Americana, quanto ao Instituto São Luiz. O jornal, como um impresso que circulou na sociedade de Caetité, não deixou aparente nenhum tipo de discordância relativa às duas instituições, nesses primeiros anos de funcionamento das duas escolas.

Além dos dois redatores, alguns nomes se destacaram no jornal, como Álvaro Neves e Dr. Frederico Lisboa. Trazemos, também, pela singularidade, uma das duas únicas meninas que, durante todo o período de circulação do jornal, tiveram textos publicados e que pudemos identificar.

Álvaro Neves

Álvaro Neves, natural de Caetité, era filho de Antônio Marcelino das Neves e de Dulcina das Neves. Não identificamos a sua data de nascimento, mas inferimos, por alguns indícios, que sua idade era próxima com a de Mario e Anísio. No período de publicação do *O Bem-ti-vi*, era aluno da Escola Americana¹⁴⁴. Segundo seu irmão Flávio Neves (1986, p. 18), ele tocava piston ou trompete na banda musical Lyra Caetiteense e “em casa, seus estudos eram acompanhados por um lamentoso uivar do cachorro – Dragão – acorrentado e a protestar contra o que ouvia”.

¹⁴³ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 04, n. 42, Anno II.

¹⁴⁴ *A Penna*, 20/11/1912, p. 02, n. 24, Anno I.

Álvaro colaborava com *O Bem-ti-vi*, com a escrita de uma história publicada em partes, a partir do número XIV, cujo título era *História de Alfredo*. Das 31 edições preservadas, em 16 delas foi publicada a história da sua autoria. O texto narra a amizade que surge entre um menino “rico”, Alfredo, de família tradicional e estruturada nos moldes convencionais, com um menino “pobre”, Pedrinho, órfão, que morava com a avó. Essa história ocupou muitas das páginas de *O Bem-ti-vi*. A posição de a *História de Alfredo* no jornal não era fixa. Veio inicialmente nas páginas 2 ou 3, e, em alguns números posteriores, foi o texto de abertura. Cada parte ocupava uma média de $\frac{3}{4}$ de uma página.

Na edição de 21 de fevereiro de 1914, *O Bem-ti-vi* noticia o surgimento de um novo jornal na cidade, que tem como um dos redatores, Álvaro Neves.

NOVO JORNAL

A 4 do corrente surgiu nesta cidade “O Arrebol” _ mimoso orgam da mocidade, redactoriado pelos esperançosos jovens José Turisco e Álvaro Neves.

No seu artigo inicial, _ brilhantemente vasado, _ promete batalhar “em prol do engradecimento intellectual e material deste formoso recanto da Bahia”. Seja benvindo o digno colega; consiga desbravar as urzes do caminho, que desejamos seja lhe sempre florido, risonho e bello¹⁴⁵.

Mesmo editando o novo jornal, a *História de Alfredo* continuou a ser publicada no *O Bem-ti-vi*. Álvaro, logo depois, mudou-se para a cidade de Belo Horizonte, para continuar os estudos, ficando *O Arrebol* sob a responsabilidade do seu pai. Álvaro diplomou-se pela “Escola de Odontologia e Pharmacia de Bello Horizonte” e, no ano de 1919 encontramos referência¹⁴⁶ de sua atuação na área, em Caetité. Ressaltamos que o pai de Álvaro, Antônio Neves, conforme nos diz Flávio Neves (1986, p. 67), “escrevia, com frequência seus artigos para os jornais e produzia com bom estilo poesias, ao modo do seu tempo”. Provavelmente, foi mais um dos colaboradores do jornal *O Bem-ti-vi*.

Benjamin Teixeira Rodrigues Lima e Maria Celina Teixeira Rodrigues Lima

Maria Celina e Benjamin eram os irmãos mais próximos de Mario quanto à idade e, na produção do jornal, foram companheiros e colaboraram com o irmão.

¹⁴⁵ *O Bem-ti-vi*, 21/02/1914, p. 04, n. XXXV, Anno II.

¹⁴⁶ *A Penna*, 07/08/1919, p. 02, n. 196, Anno VIII.

Figura 20 – Fotos de Maria Celina e Benjamin.

Fonte: APMC. Acervo da Casa da Família do Barão de Caetité.

No trecho a seguir, Benjamin é felicitado no jornal, pela passagem do seu aniversário. Na publicação, o texto do jornal deixa entrever a sua colaboração: “Passou a 10 do corrente, auspicioso e alegre, o aniversário do nosso distinto amiguinho e apreciado colaborador Benjamim Teixeira Rodrigues Lima, a quem mandamos um abraço de quebrar ossos”¹⁴⁷. Não encontramos textos com a autoria em nome de “Benjamin”, mas provavelmente, assim como os outros, ele se utilizava de pseudônimo, mas que não foi possível identificar qual teria sido. Outras participações de Benjamin foram em uma propaganda em que aparece como “fotógrafo”, além do texto de despedida, quando ele e Mario estão de partida para Minas Gerais.

Quanto à Maria Celina, ela assina dois textos com o nome de “Maria”, conforme vemos no quadro abaixo:

Quadro 5 – Textos de Maria.

Número	Título	P.	Espaço ocupado
II	Um passeio no campo	4	¼
III	O Cavallo	3	½

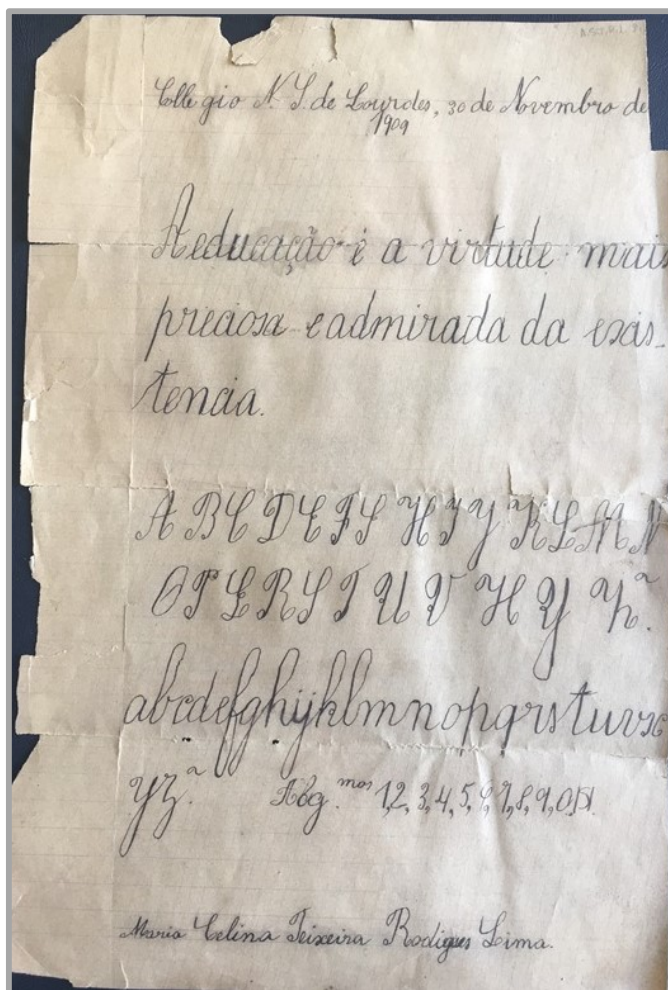
Fonte: Exemplares do jornal. APMC. Quadro elaborado pela autora.

¹⁴⁷ *O Bem-ti-vi*, 19/09/1913, p. 04, n. XXV, Anno I

Maria Celina, assim como Mario, e provavelmente Benjamin, estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de sua tia-avó, Priscilla de Souza Spínola¹⁴⁸ e, posteriormente, na Escola Americana. Antes da entrada na escola, a mãe se incumbiu dos primeiros estudos e “prendas domésticas”, conforme o trecho desta carta da sua mãe para as irmãs, em 1908: “(...) Mario já está estudando e escrevendo dictado. Celina está estudando commigo, escreve e cose pano de marca. (...)”¹⁴⁹.

Abaixo, temos uma imagem de seus escritos, datada de 30 de novembro de 1909, treinando o traçado das letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, dos números de um a nove, o zero e o que parece ser o símbolo do cifrão. Pela análise de sua assinatura na parte inferior da folha, vemos que sua caligrafia já era cuidadosa e bem traçada. A frase no alto da página nos diz que “A educação é a virtude mais preciosa e admirada da existência”.

Figura 21 – Escrita escolar de Maria Celina.



Fonte: APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

¹⁴⁸ Marieta Gumes (1975a, p. 114).

¹⁴⁹ ALZIRA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetité, 07 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 03.

Além desses dois textos de Maria Celina, cujos títulos foram citados no quadro 5, há no jornal apenas mais um, com a autoria de uma menina, que assina “Zaidir”; entretanto, não identificamos quem seria essa colaboradora. O título do seu texto é “Meditando”. Narra uma viagem à fazenda com a família, bem no estilo do texto “Um passeio no campo”, de “Maria”. Inferimos que poderia ser de autoria de outra irmã mais nova de Mario, chamada Zelinda, então com 7 anos.

Nos números preservados da coleção, constam apenas esses três textos com a autoria de meninas, nas edições de número II, III e IV. Não localizamos as edições I, V e VI. O que podemos afirmar é que, a partir da edição de número VII, não aparece mais nenhum texto de autoria de meninas. Por que nos números iniciais apareceram e depois não publicaram mais? O que isso pode nos dizer? Será que as atividades de produzir e publicar nos jornais não eram consideradas adequadas para meninas? Será que os editores sofreram críticas/retaliações nas publicações anteriores? Assim, nas edições posteriores, observamos apenas textos da autoria de meninos e homens, com exceção de um texto de uma mulher, Ignez Sabino¹⁵⁰, e de outro em que Ana Osório divide a autoria com Paulino de Oliveira¹⁵¹.

Em 1916, portanto, dois anos depois do encerramento da publicação de *O Bem-ti-vi*, Zelinda Teixeira Rodrigues Lima produziu um prospecto do que seria uma edição extra do jornal, com um texto, uma imagem de um molde de roupa e uma orientação para a confecção de uma roupa.

¹⁵⁰ Maria Ignez Sabino Pinho Maia foi uma baiana que viveu entre 1853 e 1911. Era poetisa, escritora e seu nome se destaca nas lutas pelos direitos femininos. Sobre isso, ver Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2008).

¹⁵¹ Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira foram autores portugueses que publicaram no final do século XIX e início do XX, eram casados e dividiram a autoria do livro *Os nossos amigos*, do qual o texto *O morcego* foi retirado para publicação na edição de número XXIV do jornal. Sobre eles, ver Ângela de Castro Gomes (2013).

Figura 22 – Prospecto do *Semanário das Meninas*.



Fonte: APMC. Arquivo da Família do Barão de Caetité.

O nome do jornal seria *Bem-ti-vi*, com o subtítulo “Semanário das meninas”, mês 1 e n. 1, localizado e datado: Caetité, quarta-feira, 29 de março de 1916. O texto de abertura teria como título “As rosas”, conforme está escrito no prospecto, na imagem. O número seria “avulso” com o preço de 50 réis e, se o pagamento fosse atrasado, o preço subiria para 100 réis.

A página dois do jornal seria preenchida com o molde de uma camisa, e na página três e quatro haveria a instrução detalhada de como costurá-la, escrita com algumas rasuras. Entretanto, a iniciativa de um jornal para meninas deve ter ficado apenas no âmbito do planejamento; não encontramos na documentação da família nenhum indício de que o jornal tenha sido impresso e publicado. Houve apenas a intenção e o registro cuidadosamente guardado e preservado. Quando adulta, Zelinda escreveu e publicou algumas obras literárias¹⁵².

Frederico Augusto da Silva Lisboa

A passagem de Frederico Lisboa¹⁵³ por Caetité, durante o período de circulação do jornal *O Bem-ti-vi*, provavelmente ocorreu por motivos familiares. Sua filha Adelaide Lisboa Xavier era casada com o Juiz de Direito da comarca de Caetité, Lindolpho Francisco de Sousa

¹⁵² Sobre isso, ver Maria Lúcia Porto Silva Nogueira (2015).

¹⁵³ Não encontramos referência quanto à sua naturalidade, mas diante da ausência do nome “Lisboa” nos documentos do Arquivo, presumimos que não era caetitéense.

Xavier¹⁵⁴. Na edição do dia 12 de dezembro de 1913, os redatores do jornal publicaram uma nota em nome de Frederico Lisboa com o objetivo de noticiarem a sua despedida da cidade. Em outros casos, essa nota viria na seção “Despedidas”, intitulada dessa forma. Contudo, inferimos que a nota teve o nome de Frederico Lisboa como título devido à importância que os redatores atribuíam à sua pessoa.

Dr. Frederico Lisboa

Trouxe-nos o seu abraço de despedida, por ter de se ausentar desta cidade, o nosso prezado colaborador, o distinto e tradicional paladino das cousas grandiosas, Dr. Frederico Lisboa, - nome fulgente gravado na história do abolicionismo do elemento servil e abençoado pelo povo, cujo coração attrahe o seu grande coração, que pela palavra, que lhe irrompe poderosa, há defendido a democracia e pugnado pela caridade, que tem em si um apóstolo. Galernos ventos conduzam o illustre baiano, por cuja saúde formulamos os mais fervorosos votos¹⁵⁵.

Na época em que circulou *O Bem-ti-vi*, Frederico Augusto da Silva Lisboa já era octogenário, com vasta experiência profissional. No ano de 1870, recebeu o grau de Doutor em medicina. Exerceu o cargo de tribuno provincial no Império, participou de inúmeras comissões do governo, foi redator de jornais como *O Horizonte*, em fins do século XIX e *A Semana*, na primeira década do século XX, além de colaborador em vários jornais. Dirigiu o Arquivo Público da Bahia entre 1893 e 1907¹⁵⁶. A capa da *Revista do Brasil*, da edição de 18 de maio de 1911, prestou uma homenagem a três abolicionistas, entre os quais Frederico Lisboa.

¹⁵⁴ Jornal *A Penna*, 15/11/1912, p. 02, n. 23, Anno I.

¹⁵⁵ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03, n. XXX, Anno II.

¹⁵⁶ Esses dados foram elaborados a partir de notícias publicadas em vários jornais do país, consultados por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Utilizei na busca o nome “Frederico Lisboa”. Em um vasto acervo foram encontrados centenas de respostas nas décadas de 1890-1899; 1900-1909; 1910-1919. As notícias se referiam às identidades do nosso pesquisado e a outro indivíduo, maranhense e militar, Frederico Lisboa de Mara. Para distingui-los, além do nome “Mara”, utilizamos informações extras das próprias notícias: procurávamos o baiano, tribuno, abolicionista, jornalista, diretor do arquivo, etc.

Figura 23 – Foto de Frederico Lisboa.



Fonte: Revista do Brasil. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A participação de Frederico Lisboa no jornal *O Bem-ti-vi* se deu com a publicação de 17 textos, na sua maioria poesias¹⁵⁷, com temáticas diversas, e três notícias sobre ele, da autoria dos redatores. Observamos no quadro abaixo as publicações:

Quadro 6 – Textos de Frederico Lisboa.

Número	Título	Página
IV	Charadas	p. 04
XIV	Improviso	p. 02- 03
XV	Improviso	p. 03
XV	Perfil	p. 04
XVII	O cego	p. 02-03
XVIII	Improviso	p.03
XX	Sinceros Affectos	p. 03-04

¹⁵⁷ Essas poesias são de datas bem variadas, e muitas foram publicadas em outros jornais, como no jornal *A Penna* e jornais de outros estados.

XXI	Fé, esperança e caridade	p. 02
XXII	A violeta	p.04
XXIV	O louco	p.03-04
XXV	Aos que tem Mãe	p.03
XXIX	Saudades	p.04
XXXII	Recuerdos	p. 03
XXXIII	Quadrinha	p. 04
XXXVII	Creanças	p. 02
XXXIX	Ao inteligente Mario	p. 02
43	Supremo aneio!	p. 04

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

Desses textos, dez são poesias e estão na seção “Improviso”; alguns com o título, apenas da seção, e outros com o título da poesia; ocupam, em média $\frac{1}{4}$ da página. Quando acontecia de o texto ser maior do que o comumente publicado, os editores diminuían o tamanho da letra, de forma que o espaço ocupado seria, mais ou menos o mesmo.

Frederico Lisboa participou do jornal *O Bem-ti-vi* com o envio de poesias e, deixa entrever na quadrinha que dedicou a Mario, que o estimulava com conversas. Sua neta, Maria Lisboa Xavier, foi aluna na Escola Americana¹⁵⁸ até o ano de 1913, quando a família se mudou de Caetité e, provavelmente, pertencia ao rol de amigos dos redatores. Diante disso, questionamos sobre qual teria sido a real contribuição de Frederico Lisboa no trabalho dos redatores na produção do jornal, diante da grande experiência que possuía com o jornalismo e com a imprensa¹⁵⁹.

Colaboradores locais: *Esperamos que nos mande um artigosinho que gostosamente publicamos*

A materialidade do jornal deixa muitos indícios para inferirmos sobre outras colaborações que o jornal recebeu da sociedade local e regional em relação ao envio de textos para publicação. No quadro abaixo, por exemplo, temos informações sobre textos que explicitam que foram escritos “especialmente” para *O Bem-ti-vi*:

¹⁵⁸*O Bem-ti-vi*, 28/11/1913, p. 02, n. XXIX, Anno II.

¹⁵⁹ Em uma notícia de um jornal carioca *O Monitor Campista*, de 28 de abril de 1881, reproduzindo uma notícia da *Gazeta da Tarde* (BA), intitulada *O grande incêndio da rua dos Algibebes* que diz: “a importante officina typographica do Sr. Dr. Frederico Lisboa perdeu-se toda.” Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030740/6438>.

Quadro 7 – Textos escritos para *O Bem-ti-vi* e dito explicitamente no jornal.

Título	Autoria	Assunto	Referência
A felicidade conduzida pela delicadeza	Anastaciano Violão	História de algumas crianças pobres que ajudam uma criança rica e são recompensados.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/02/1913, p. 01-02, n. IX, Anno I.
Impressões	Acayaba Natalino	História de um viajante que encontra abrigo num arraial sertanejo e ouve meninas, cantando pela volta de uma professora.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/03/1913, p. 01-02, n. X, Anno I.
A tempestade	X. Y.	Notícia de uma tempestade.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/04/1913, p. 04, n. XIV, Anno I.
Minha pátria	Waldimir M. C.	Poema, enaltecendo o Brasil.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 01/05/1913, p. 03, n. XV, Anno I.
História de José	Z.	História de dois irmãos rivais economicamente.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 30/05/1913, p. 03, n. XVII, Anno I.
O Excelso Brasileiro	Antoniveo	Texto, enaltecendo Ruy Barbosa.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 19/09/1913, p. 01-02, n. XXV, Anno I.
A mulher	L.	Texto, exaltando a mulher.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/06/1914, p. 01-02, n. 43, Anno II.
Amor conjugal	Antonio Dantas Barboza	Poema que narra o amor entre as aves.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/06/1914, p. 02, n. 43, Anno II
O rio São Francisco	Um sertanejo	Narra aspectos geográficos do rio.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 01/05/1914, p. 02, n. 40, Anno II <i>O Bem-ti-vi</i> , 31/05/1914, p. 02, n. 42, Anno II

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

Percebemos, diante da excentricidade¹⁶⁰ dos nomes dos possíveis autores dos textos, que alguns são pseudônimos, como Anastaciano Violão, Acayaba Natalino, Antoniveo, entre outros que não aparecem no quadro, como: Brocoió & Microcosmo, K. Cête, Tiriri, Dr. Sangue-suga, Zé Sabão, Zé Prego, K. Xinguelê, Gavião e Hbê C. Alguns, mais do que outros, brincavam com a identidade e com as palavras. Deixam transparecer também a ideia de que a produção do jornal não era uma atividade limitada aos redatores, mas envolvia uma rede de parentes/amigos/conhecidos. Esses colaboradores faziam parte dessa experiência de publicar um jornal.

Outra forma de omitir a identidade dos autores dos textos enviados era colocar apenas as iniciais do nome, como vemos em algumas participações. Na verdade, alguns poucos sujeitos

¹⁶⁰ As regiões e as épocas são constituídas por certas características de nomes próprios de pessoas, que podemos observar em fontes, como: registros de batismos, em notas de jornais, documentos cartoriais, na tradição oral. Desta forma, inferimos que alguns nomes são “estranhos” ou não fazem parte desse repertório comum no período.

da sociedade optavam por assinar os textos. Eles apareciam também como assinantes do jornal, como os Srs. Antônio Dantas Barbosa e Antônio Davi.

Podemos afirmar que a produção desse jornal mobilizou muitas pessoas. As primeiras edições tiveram mais textos da autoria dos redatores, mas aos poucos esses textos foram diminuindo e aumentando a quantidade de textos recebidos de colaboradores mais diversos, bem como foi crescendo o número de cartas e “visitas” de outros jornais, conforme trouxemos no capítulo um. O texto intitulado “Vale do São Francisco”, por exemplo, de autoria de *O Sertanejo*, foi oferecido para uma edição anterior. Porém, os redatores justificaram que “Sob esta epigraphe [Vale do São Francisco], recebemos de talentoso colaborador interessantes notas, que, *devido a falta de espaço hoje não publicamos*, o que faremos brevemente, com especial agrado”¹⁶¹. Esse texto foi publicado em duas partes, nos dois números posteriores a essa nota.

Além desses colaboradores que estão no quadro, temos indicação de que mais textos foram escritos e oferecidos para o jornal. Entretanto, não trazem escrito explicitamente¹⁶² que tenha sido assim. Por isso, restringimo-nos a esses.

Podemos inferir, a partir desses dados, que a produção do jornal não era uma atividade circunscrita apenas aos redatores. Contou com a contribuição de muitas pessoas, mesmo que ainda anônimas para nós e que, de uma forma ou de outra, participaram da formação dessas crianças e do empreendimento proposto. Silva (2004, p 136) afirma que a experiência da produção do jornal por Graciliano Ramos e conterrâneos

contribuiu consideravelmente para as práticas de leitura e de escrita, especialmente, daqueles que participaram de sua elaboração. Entre os indícios relativos aos níveis de sociabilidade da vida cultural registrados no jornal, merece destaque a contribuição do periódico para a formação intelectual daqueles jovens.

Da mesma forma, a produção do jornal *O Bem-ti-vi*, provavelmente, foi uma experiência que agregou muitos conhecimentos no processo formativo dos redatores, bem como no de todos os envolvidos. A começar pela atividade de leitura, de escrita, de seleção de textos e de organização da edição do jornal, por exemplo. Veremos, a seguir, o que o jornal *O Bem-ti-vi* deixa entrever a respeito das leituras realizadas pelos redatores e colaboradores.

¹⁶¹ *O Bem-ti-vi*, 17/04/1914, p. 03, n. XXXIX, Anno II. Grifos meus.

¹⁶² O critério utilizado para elaboração do quadro foi trazer a referência, de forma explícita, do que foi escrito para o jornal.

2.2. Os bons livros são os mensageiros da instrução: o repertório de leituras das crianças e colaboradores

Reconstruir uma história da leitura é algo complexo e dificultado pelos poucos vestígios diretos e/ou pela complexidade da interpretação dos vestígios indiretos (CHARTIER, 2011). Essas práticas deixam poucos rastros para que possamos tomar conhecimento do que se passou, e poucas vezes temos registros de leitores falando sobre suas experiências. Buscaremos nos exemplares dos jornais, nos livros e nos documentos do acervo da Família de Deocleciano Teixeira e da Família do Barão de Caetité, alguns indicativos dessas experiências, inicialmente das crianças e de suas famílias, inclusive no convívio social, e depois nos indícios deixados nos textos publicados no jornal *O Bem-ti-vi*.

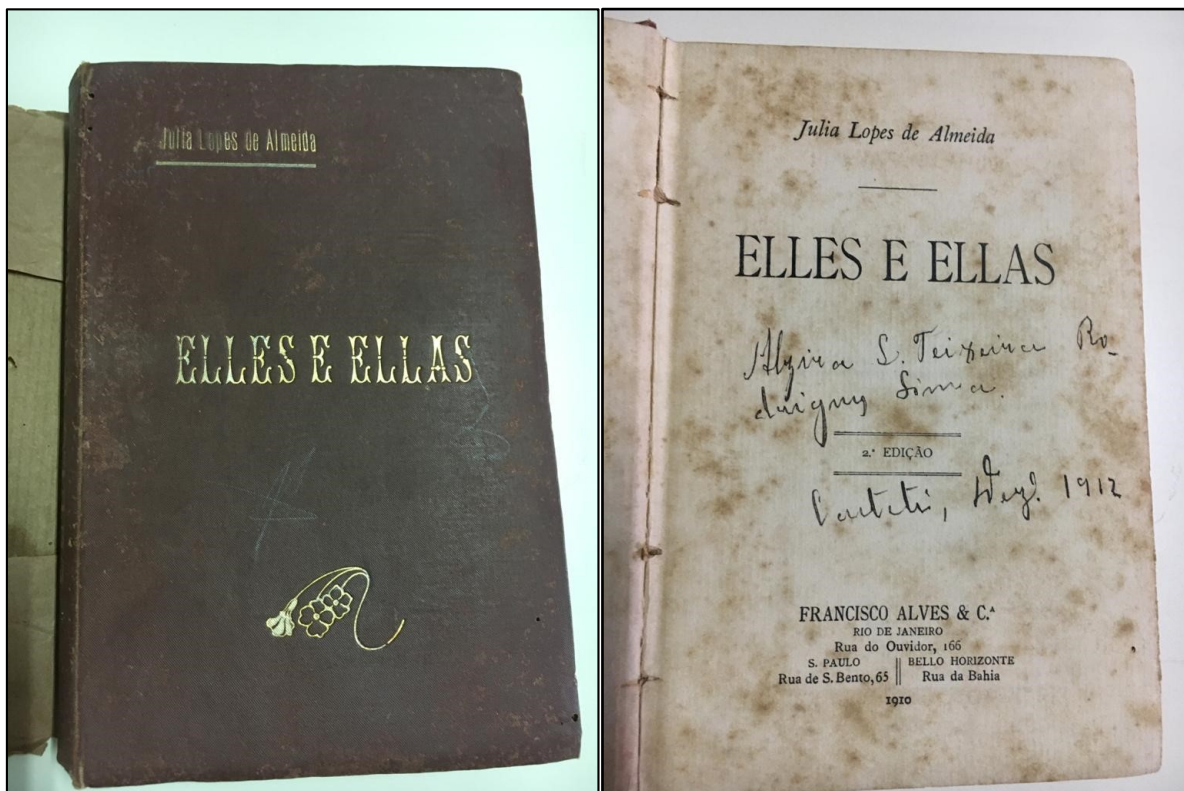
2.2.1. Leituras das crianças e suas famílias

As crianças das famílias Rodrigues Lima, Spínola Teixeira e Neves já nasceram circundadas pela cultura escrita. Muitos eram os objetos que serviam de suporte para a escrita e leitura, como livros, revistas, jornais, cartas, cartões, cadernos e materiais de escrita, como papéis variados, pincéis, carimbos, canetas, tintas, etc. As culturas do escrito permeavam sua vida cotidiana. O uso de cartões diversos para comunicar nascimentos, visitas, morte, por exemplo, fazia parte das convenções sociais do lugar. Parte do que compunha as bibliotecas da família Teixeira e da família Rodrigues Lima, na época do estudo, hoje faz parte do acervo do Arquivo Público da cidade e por meio delas temos acesso a uma parte dos livros e revistas que circulavam nas suas residências.

Quanto às instâncias de circulação do escrito na cidade, além do ambiente familiar, a escola, a igreja, a tipografia e sociedades literárias completavam o quadro. Assim, os modos de ler variavam conforme o lugar. Inicialmente em casa, mesmo antes de aprenderem a ler, essas crianças viam e ouviam os pais e irmãos mais velhos lerem em voz alta, principalmente as cartas recebidas. Viam os pais lendo jornais e livros, como afirma Maria em um dos seus textos publicados no jornal: “Organisamos um ramalhete com muitas flores e ao voltarmos à casa oferecemos à nossa Mãe, que nessa ocasião lia um livro de D. Júlia Lopes”¹⁶³. Maria, além de perceber a ação da mãe, referente à leitura, ainda tinha conhecimento da autoria do livro. Significava uma intimidade com o ambiente letrado.

¹⁶³ *O Bem-ti-vi*, 23/10/1912, p. 04, n. II, Anno I.

Figura 24 – Livro “Eles e ellas”, pertencente a Alzira T. R. Lima.



Fonte: APMC. Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité.

O livro “Elles e ellas”, assinado com o nome de Alzira S. Teixeira Rodrigues Lima, em dezembro de 1912, foi encontrado no acervo da biblioteca da casa do Barão. De acordo com a data, este pode ter sido o livro referido no texto de Maria. Essa obra, de Julia Lopes de Almeida¹⁶⁴, é uma composição de 37 pequenos monólogos e diálogos entre maridos e mulheres. O exemplar é a segunda edição de uma publicação de 1910, da Francisco Alves & Cia., com endereço no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Provavelmente, o livro foi comprado no Rio de Janeiro, por intermédio de parentes ou em viagens, que não eram raras.

Alzira R. Lima era leitora de Júlia L. de Almeida, portanto, as temáticas trazidas pela autora deviam atraí-la, correspondendo aos seus anseios de uma jovem mulher das elites, esposa e mãe, que se via diante dos dilemas existentes sobre o lugar e o papel da mulher, no período.

¹⁶⁴ Segundo Darlene Sadlier (1993, p. 233-234), os livros de Júlia Lopes de Almeida foram muito bem avaliados pela crítica, no início do século XX, porém, no decorrer de algumas décadas, foram perdendo a popularidade, até que a escritora passou a não ser mais mencionada pelos críticos, pois “as descrições de esposas, mães e da vida em família pareciam irrelevantes e estranhas, especialmente se comparadas às experiências formais deliberadamente exageradas e desconcertantes do início do modernismo, ou ao realismo social engajado das décadas de 1930 e 1940”. No entanto, os debates sobre experiências de foro privado e sobre a “subjetividade feminina”, em um período de alterações provocadas pela modernidade, vêm atraindo a atenção dos estudiosos, nesses últimos tempos; por isso, Sadlier (1993) propõe a releitura de Almeida.

Assim como a mãe, o pai de Maria era leitor e escritor frequente¹⁶⁵. Eles possuíam vários carimbos para identificar a propriedade dos seus livros, constando seus respectivos nomes e a localidade. Vejamos alguns.

Figura 25 – Carimbos de Alzira e J. M. R. Lima Junior.



Fonte: APMC. Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité.

O primeiro, de Alzira, era com impressão em tinta e o segundo, de J.M.R. Lima Junior, com impressão em alto relevo.

Além dos livros, era hábito das famílias adquirirem jornais e revistas por meio de assinaturas semestrais ou anuais. Na residência dos Rodrigues Lima, vários eram os tipos de impressos que eles assinavam, conforme vemos nos recibos a seguir:

¹⁶⁵ Consta no Arquivo Público Municipal de Caetité, a coleção de jornais, revistas do período do estudo e cadernos de escritos variados, principalmente poesias, pertencentes a Lima Junior.

Figura 26 – Recibos de assinaturas de revistas e jornais da família Rodrigues Lima.



Fonte: APMC. Acervo da Família do Barão de Caeté.

Desses recibos, três estão em nome de J.M.R. Lima Junior e um em nome de Alzira T. Rodrigues Lima. O primeiro, do ano de 1909, é da revista francesa *Je Sais Tout*. O segundo, do *Diário Oficial*, o terceiro, do jornal *A Penna*, e o quarto recibo, da revista religiosa *Mensagem da fé*. Os recibos evidenciam o quanto a família gastava com os materiais de leitura, que, provavelmente, não se restringiam apenas a esses, revelando a importância que atribuíam à cultura letrada.

Em casa, em alguns momentos que pareciam mais tranquilos, como no caso da mãe de Maria, enquanto os filhos estavam passeando, ela realizava a leitura individual e, provavelmente, silenciosa. O jornal *O Bem-ti-vi* registra, em alguns textos, os modos e experiências de leitura.

Vida no campo

Embaixo de uma árvore contemplamos as belezas da natureza e *lemos com calma um bom livro*.(...)

À noite o lavrador, deitado na rêde, conta histórias aos pequenos.

A família conversa no varandado da casa, em companhia dos vizinhos¹⁶⁶.

O modo de ler em voz alta e no coletivo já não era tão comum como no século anterior. Percebemos, neste estudo, esse modo de ler, presente em alguns momentos do convívio em família e em outras instâncias como na igreja, escola e reuniões sociais, como observamos nos trechos a seguir:

ESCOLA AMERICANA

Terminada a diversão literária que agradavelmente prolongou-se até adiantada hora da tarde, foram ouvidos harmoniosos cânticos e a digna D. Margarida (...) Pela Senhorinha Petrina Cardoso *foi lida uma saudação* á diretora e oferecido á mesma um ramallete de flores naturaes. Senhorinha Maria Lisboa Xavier *leu um significativo agradecimento* e apresentou despedidas por ter de mudar-se desta cidade.(...)

A todos “O Bem-ti-vi” deseja muita alegria, muita felicidade¹⁶⁷.

Congregação Marianna

Seguiu-se a benção das medalhas, *leitura das actas*, imposição das medalhas, acto de consagração a Nossa Senhora e juramento da Bandeira feito por todos com a mão sobre o Livro dos Santos Evangelhos.

D. L. L¹⁶⁸.

Nesses dois trechos, vemos que o modo de ler em voz alta atendia à necessidade de um momento especial, com um vasto público ouvinte, tanto na sessão da Escola Americana, quanto na leitura da ata da reunião da Congregação Mariana. Lia-se para que os outros ouvissem a homenagem e o registro do que ocorreu por meio da ata.

Na sequência, adentraremos mais nas experiências de leitura que o jornal possibilitou entrever, pois, conforme nos diz Robert Darnton (1990, p. 112), “Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral de empreendimento literário, que afetam seus textos”.

2.2.2. As leituras por meio dos textos publicados

A composição do jornal, como já apresentamos até aqui, era constituída por diversos textos, sem uma estabilidade de seções. Além das seções de notas sociais, como aniversários, viajantes, chegadas, doentes, muito provavelmente da autoria dos redatores ou dos solicitantes das notícias, as páginas do jornal eram compostas, em sua grande parte, por pequenos artigos, poesias, pensamentos e textos literários. Encontramos textos da autoria dos redatores, de

¹⁶⁶ *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, p. 01, n. XV, Anno I.

¹⁶⁷ *O Bem-ti-vi*, 28/11/1913, p. 03-04, n. XXIX, Anno II. Grifos meus.

¹⁶⁸ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I. Grifos meus.

colaboradores locais, textos de autores consagrados na história do país e do mundo, textos extraídos de outros impressos, textos traduzidos especialmente para *O Bem-ti-vi*, e, infelizmente, poucos deles identificavam de onde foram retirados. Analisaremos agora essa compilação com a intenção de conhecer melhor essa produção e buscar nela os vestígios das experiências de leituras dessas pessoas. Inicialmente, apresentaremos os textos e autores citados, para depois nos determos na exploração em relação ao pertencimento desses autores e classificação das leituras.

Composição dos textos e autores mobilizados na produção do jornal

As seções do jornal que mais mobilizaram/trouxeram autores consagrados da literatura foram as que publicavam pequenos excertos com o pensamento deles. A seção “Pedacinhos”, como o próprio nome já suscita, era composta por muitas frases pequenas, da autoria de literatos, filósofos e religiosos famosos. “Pensamentos”, “Miscelânea” e “Improvisado” foram outros três títulos de seções com a mesma proposta anterior. Abaixo, vemos, no quadro, os autores citados:

Quadro 8 – Autores publicados com pequenas mensagens.

Autor	Seção	Extrato	Referência
Firmino Sampaio	Pensamento	“A imprensa é tão útil ao mundo como o alimento à humanidade: este crêa, e aquella cultiva”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/02/1913, p. 03, n. VIII, Anno I.
Shak peare ¹⁶⁹	Pensamentos	“A aquisição de conhecimentos é o emprego mais nobre da mocidade. (...). A ignorância é uma maldição de Deus; a sciencia a aza que faz subir ao céo”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/03/1913, p. 04, n. X, Anno I.
Tobias Barreto	Pensamentos	“A política brasileira é uma criancice: (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 30/05/1913, p. 03, n. XVII, Anno I.
Chateaubriand	Pedacinhos	“As lembranças são como os echos das paixões; (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/07/1913, p. 04, n. XX, Anno I.
Rochebrune	Pedacinhos	“A mulher nada acha mais difícil como habituar-se a não ser bela, quando já o foi inteiramente”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/07/1913, p. 04, n. XX, Anno I.
S. Paulo	Pedacinhos	“O amor é sincero; detesta o mal (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/07/1913, p. 04, n. XX, Anno I.

¹⁶⁹ A grafia corresponde ao que estava na edição. Interpretamos como Shakespeare.

Musset	Pedacinhos	“Quem diz o que sabe, quem dá o que tem, (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/07/1913, p. 04, n. XX, Anno I.
Victor Hugo	Improviso	“Chantez, chantez, toujours”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.
	s/id	“Mãe! é o único Deus que não tem atheus na terra”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 19/09/1913, p. 03, n. XXV, Anno I.
Platão	Pedacinhos	“O mais desgraçado de todos os homens (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.
Sócrates	Pedacinhos	“Si a desventura atacar-me, (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.
Franklin (Benjamin ?)	Pedacinhos	“É preferível deitar-se sem ter ceado a ter de levantar-se com dívidas”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.
Pierre Larousse	Pedacinhos	“A mulher é o coração do homem”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.
Mme. Stael	Pedacinhos	“Os costumes severos conservam as afeições sensíveis”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Dante	Pedacinhos	“O amor é a nobreza do coração”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Plutarcho	Pedacinhos	“O amor é a origem de todas as virtudes”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Pe. Dr. Julio Maria	Miscelânea	“Em outros países ter posição elevada é ser sério; no Brasil ser sério é ter posição elevada”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 04/09/1913, p. 03, n. XXIV, Anno I.
Malherbe	Improviso	“Ella viveu o espaço de tempo em vivem as rozas”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 04, n. XXIX, Anno II.
Castro Alves	Miscelanea	“Há duas cousas neste mundo sanetas: (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 04, nº XXXIII, Anno II.
José Bonifácio	s/id	“É a língua portugueza bela, rica e sonora (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 02, n. XXXVI, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

Percebe-se uma variedade de autores, de estilos, de temas, de temporalidades e espaços de produção desses escritos citados. Observamos que, nos números iniciais do jornal, não havia publicação desse tipo; aos poucos elas foram aparecendo e se estabelecendo. No número XVIII foram citados pensamentos de oito autores sequencialmente, e, nas edições posteriores, eles voltaram a ser publicados de forma mais esporádica. A presença feminina foi representada apenas por uma escritora, a Mme. Stael. Esses “pensamentos” ocupavam uma média de duas a três linhas da coluna, na página.

Para compor a edição do jornal, alguns textos foram escolhidos para publicação, ocupando mais espaço do que as mensagens anteriores, da autoria de outros tantos escritores que circulavam no período, sendo eles contemporâneos do período estudado ou de outros

tempos. Alguns são reconhecidos até hoje, enquanto outros foram relegados ao esquecimento pela história. Vejamos no quadro a seguir:

Quadro 9 – Autores publicados com textos mais extensos.

Autor	Seção	Título (nem todos tem)	Extrato	Referência
Latino Coelho	s/id	A palavra	“De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil, é sem dúvida a arte da palavra.(...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 01/05/1913, p. 03, n. XV, Anno I.
Victoriano Palhares	s/id [Poesia]	Três Marias	“Mostraram-me uma casa (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Padre Correia de Almeida	s/id [Poesia]	(No congresso mineiro) Há mais Marias na terra	“Manoel José da Silva entrou na chapa (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/07/1913, p. 04, n. XX, Anno I.
D. Pedro de Alcântara	s/id [Poesia]	A Imperatriz	“Corda que estala em harpa mal tangida (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 07/08/1913, p. 04, n. XX, Anno I.
Antônio Gonçalves Dias	s/id [Poesia]	A concha e a virgem	“Linda concha que passava (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 07/08/1913, p. 02, n. XX?, Anno I.
Alexandre Herculano	Artigo de abertura	A mulher	“Examina bem a consciência e dize-me qual é o motivo (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 01, n. XXIX, Anno II.
Theophile Gautier * assinado por Plínio de Lima ¹⁷⁰	s/id [Poesia]	Letrilla	“Creança, tantos enfeites! (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.
Silva Jardim	s/i	Pensamento	“No grande dilúvio da ideia nova, a mocidade é uma área donde deve partir a pomba imaculada da república (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/02/1914, p. 01, n. XXXV, Anno II.
Julio Verne *Tradução de A. M. da Cunha e Sá	Folhetim D’O <i>Bem-ti-vi</i>	Um drama nos ares	“No mez de setembro de 185... chegava eu a Francforto sobre o Meno (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/02/1914, 06/03/1914, 20/03/1914, 17/04/1914,

¹⁷⁰ Plínio de Lima (1845-1873) foi cidadão caetiteense. Estudou Direito em São Paulo e no Recife, poeta da geração romântica, amigo de Castro Alves, Ruy Barbosa.

				01/05/1914, n. XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXIX, 40, Anno II.
Almeida Garrett	Artigo de abertura	Educação da mulher	“A mulher deve ser bella deve ter graças e encantos (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 01, n. XXXVI, Anno II.
Alexandre Herculano	Artigo de abertura	Pátria	“A língua e a religião são duas cadeias de bronze que unem (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/03/1914, p. 01, n. XXXVII, Anno II.
Ruy Barbosa	s/id [compõe o artigo de abertura]	A Pátria	“A pátria é o céu, o solo, a tradição (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/03/1914, p. 01, n. XXXVII, Anno II.
Conde de Affonso Celso	s/id [compõe o artigo de abertura]	Servir a Pátria	“Servir a Pátria acima de tudo (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> 20/03/1914, p. 01, n. XXXVII, Anno II.
Antônio de Castro Alves	s/id [Poesia]	Último abraço	“-Filho, adeus! Já sinto a morte (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 14/05/1914, p. 03-04, n. 41, Anno II.
Leon Tostoi	s/id	Philosophia de sapateiro	“A humanidade é como a mesa de minha officina (...)”.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/06/1914, p. 01, n. 43, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

Alguns desses textos, mais extensos do que as mensagens do quadro anterior, foram escolhidos para publicação como artigos de abertura, veiculando temáticas na linha desenvolvida pelos redatores, como valores morais, cívicos e educação. Os demais não pertenciam a uma seção específica, mas tinham em comum o gênero poético, que ocupou muito do jornal, quer seja de autores consagrados, ou não. Assim, o jornal utilizou-se dos textos desses autores para a publicação de pequenas mensagens em forma de “pensamentos”, de poesias e algumas vezes na condição de artigo de abertura.

Em algumas edições, os responsáveis pela composição do jornal escolheram textos que foram veiculados em outros suportes e fizeram a opção de deixar por escrito essa informação, inclusive nomeando alguns deles, o que não foi o caso dos textos de que tratamos anteriormente.

Quadro 10 – Textos extraídos de outros suportes, explicitamente.

Título	Transcrito de	Resumo	Autoria original	Referência
s/t	Fon-fon	Fala de um agricultor do Kansas que vestiu calças nos seus cavalos.	Autoria desconhecida	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/02/1913, p. 02-03, n. VII, Anno I.
O pequeno e o gigante	Não informa de onde, apenas o termo “Extrah.”	História de um pequenino preso por um gigante, identificados ao final como “um passarinho e um rapazinho mau”.	Autoria desconhecida	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/02/1913, p. 02-03, n. IX, Anno I.
O Morcego	Livro infantil <i>Os nossos amigos</i> .	Texto, falando da necessidade de respeitar o morcego.	Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira	<i>O Bem-ti-vi</i> , 04/09/1913, p. 02-03, n. XXIV, Anno I.
O bem-ti-vi	Não informa de onde, apenas o termo “Extrah.”	Poesia de um menino que ouve um bem-te-vi cantar.	Autoria desconhecida	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/10/1913, p. 01, n. XXVI, Anno I.
Nos Estados Unidos Parte I	De um estudo realizado por um diplomata, mas não informa como acessaram.	Fala da criação das crianças norte-americanas.	Dr. Salvador de Mendonça	<i>O Bem-ti-vi</i> , 29/10/1913, p. 01-02, n. XXVII, Anno II.
Nos Estados Unidos Parte II	*idem ao anterior.	Fala da educação escolar dos norte-americanos.	Dr. Salvador de Mendonça	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/11/1913, p. 01, n. XXVIII, Anno II.
Direito feminino	Do 3º Congresso Científico e Latino Americano.	Discute o papel da mulher no novo século e a luta pelo direito ao voto.	Ignez Sabino	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/11/1913, p. 01-02, n. XXVIII, Anno II.
Opinião de Joaquim Nabuco	Discurso na Universidade de Wiscousin.	Fala da formação do espírito e do coração.	Joaquim Nabuco	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 02, n. XXIX, Anno II.
Nos Estados Unidos Parte III	De um estudo realizado por um diplomata.	Discute por que nos EUA a mulher não tinha o direito de voto.	Dr. Salvador de Mendonça	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 01, n. XXX, Anno II.

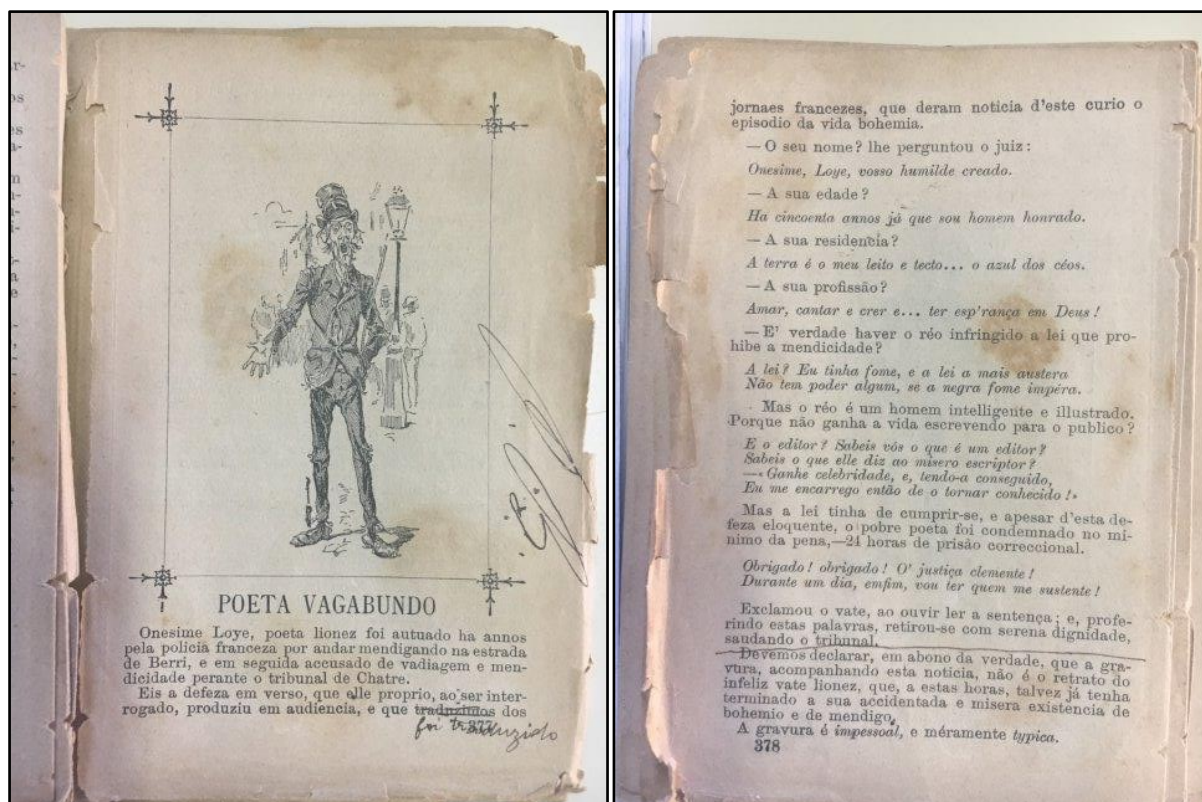
Preceitos e conselhos	<i>O livro de meus filhos</i>	Aconselhamento para filhos e pais sobre a vida.	Paul Doumer	<i>O Bem-ti-vi</i> , 31/05/1914, p. 02-03, n. 42, Anno II.
Philosophia e espírito de Julio Ribeiro	Extr. do jornal <i>A Comarca</i> .	Diálogo de Júlio Ribeiro com um amigo, nos seus últimos dias.	Arthur Goulart	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/06/1914, p. 01, n. 43, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal. Quadro elaborado pela autora.

O quadro acima apresenta dois livros, dos quais foram retirados trechos para publicação: *Os nossos amigos*, do casal português Ana Osorio e Paulino Oliveira, e *O livro de meus filhos*, do francês Paul Doumer. Os outros suportes utilizados foram a revista *Fon-fon* e o jornal *A Comarca*. O discurso de Joaquim Nabuco e o texto do Congresso de Ignez Sabino, originalmente, foram apresentados oralmente. Apesar de não estar identificado no jornal *O Bem-ti-vi* como foi o acesso aos textos escritos, inferimos que tenha sido por meio da publicação em jornais da época, como era costume, assim como deve ter sido o discurso do Dr. Salvador de Mendonça. Os textos *O Bem-ti-vi* e *O pequeno e o gigante* trazem apenas a informação de que foram extraídos de outras publicações, mas não são informados a autoria nem o suporte.

Dos textos publicados, salvo alguns poemas que localizamos em outros jornais da época, apenas para o texto *Poeta vagabundo*, publicado na edição número XXXII, foi possível identificar a materialidade do suporte de onde foi extraído. O pequeno livro de dimensões 10 x 15 cm não tem capa nem outras indicações sobre sua tipologia, mas há marcas de alteração no texto com a caligrafia de Mario, indicando como seria a adequação para publicar o texto no jornal *O Bem-ti-vi*. Há um risco na palavra “traduzimos”, substituído pelo termo “foi traduzido” em manuscrito e um traço horizontal separando a parte do texto que explica sobre a imagem. Esta alteração feita explica-se, provavelmente, para manter a fidelidade da autoria da tradução do texto, pois não foi alguém do jornal *O Bem-ti-vi* que traduziu. O termo “traduzimos” traz implícito o pronome “nós”. Por isso, os editores acharam melhor trocarem para o termo “foi traduzido”, indicando que foi alguém desconhecido. No jornal, a imagem do poeta não foi publicada. Desse modo, não justificaria constar a parte do texto que explicava sobre ela. Outra alteração feita foi a impressão das falas – o texto descreve que “o poeta” respondeu “em verso” - que, nesse suporte, o destaque está em itálico e, no jornal, foi substituído por letras em caixa alta, em consequência, talvez, da falta do recurso tipográfico.

Figura 27 – Livreto com o texto *Poeta vagabundo*.



Fonte: APMC. Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetitê.

Qual poderia ter sido a intenção dos redatores ao selecionarem esse texto para publicação no jornal? O poeta do texto, “inteligente e ilustrado”, responde ao seu interrogatório com versos formulados no momento, mas, no entanto, não consegue viver do seu ofício por conta das condições impostas pelo editor. Divulgar esse problema vivido pelo poeta, de certa forma, funcionava como uma denúncia das dificuldades enfrentadas por aqueles que viviam da arte da palavra, semelhante ao que ocorria com o ofício do jornalista? Alguns dados, já tratados nesse estudo, expõem as agruras da vida jornalística. Seria, dessa forma, uma estratégia para imprimir maior valor à atividade de produção do jornal, além da modéstia?

Na composição do jornal, os redatores contaram ainda, além dos textos destacados nos quadros anteriores, com textos traduzidos de outras línguas, especialmente para o impresso. Apesar de não deixarem evidências sobre os suportes e autorias desses textos, eles podem trazer informações sobre as experiências de leituras dessas crianças, inclusive sobre a prática da tradução. O aprendizado das línguas inglesa e francesa fazia parte da formação dos meninos, assim como era comum terem acesso a materiais escritos nessas línguas para leitura.

O quadro a seguir nos mostra os textos traduzidos e publicados no jornal.

Quadro 11 – Textos traduzidos especialmente para *O Bem-ti-vi*.

Título	Autoria da tradução	Referência
As duas raposas	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 22/01/1913, p. 03, n. VII, Anno I.
A abelha e a mosca	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/02/1913, p. 02, n. VIII, Anno I.
A esperança	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/02/1913, p. 02, n. IX, Anno I.
A rosa e a borboleta	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/04/1913, p. 01, n. XIV, Anno I.
Philosophia russa	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 30/05/1913, p. 04, n. XVII, Anno I.
A Consciência	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 04/09/1913, p. 01, n. XXIV, Anno I.
Existe um Deus	s/a	<i>O Bem-ti-vi</i> , 19/09/1913, p. 02, n. XXV, Anno I.
O homem voador	A. T.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 02-03, n. XXIX, Anno II.
A virgem Maria	A. T.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 01-02, n. XXX, Anno II
Letrilla ¹⁷¹	Plínio de Lima	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.
Um vintém por caridade – parte 1 e 2	Traduzido do francês por TSÉ	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 01-02, n. XXXVI, Anno II. <i>O Bem-ti-vi</i> , 17/04/1914, p.01-02, n. XXXIX, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal. APMC. Quadro elaborado pela autora.

Foram onze textos, dos quais apenas quatro trazem a autoria da tradução. O último está assinado por “TSÉ”, mas não temos elementos para dizer a quem pertence essa identidade. Inferimos que o S. e o T. sejam correspondentes ao sobrenome Spínola Teixeira; o E poderia ser de uma das irmãs de Anísio, Evangelina. O penúltimo foi publicado em nome de Plínio de Lima. O antepenúltimo e o anterior a ele estão identificados por A. T., Anísio Teixeira e, diante de outros indícios, como o teor dos textos e com o grau de envolvimento com a produção do jornal, inferimos que todos os outros que estão sem autoria também tenham sido traduzidos por ele.

Por fim, trouxemos os textos, na sua maioria com a autoria explícita das crianças, com o uso de citações de outros autores lidos por elas.

Quadro 12 – Autores citados nos textos, principalmente pelas crianças.

Autor	Nacio.	Obra	Título artigo	Extrato	Citado por	Referência
Dr. Abílio César Borges	Brasileira	Série Livros de Leitura	Porque amo a minha Pátria	“quem não ama sua pátria é um monstro”.	Dr. Zig-Zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 23/10/1912, p. 01, n. II, Anno I.

¹⁷¹ Esse texto é o único que vem com a autoria original, que é do francês Théophile Gautier (1811-1872), nome completo, Pierre Jules Théophile Gautier.

Casimiro de Abreu	Brasileira	As Primaveras	Porque amo a minha Pátria	“a mão da natureza esmerou-se em quanto tinha”.	Dr. Zig-Zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 23/10/1912, p. 01, n. II, Anno I.
Affonso Celso	Brasileira	Porque me ufano do meu paíz	Porque amo a minha Pátria	“O Brasil está em boa posição geográfica: seu progresso é constante”.	Dr. Zig-Zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 23/10/1912, p. 01, n. II, Anno I.
D. Júlia Lopes	Brasileira	s/id	Um passeio no campo	Não consta.	Maria	<i>O Bem-ti-vi</i> , 23/10/1912, p. 04, n. II, Anno I.
Dr. Duarte Guimarães e o Editor o Sr. Virgílio Cardoso	Brasileira	Pátria	A banana	“A banana que abunda muito entre nós (...)”.	Nelson da Silva Lula	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/11/1912, p. 01-02, n. III, Anno I.
Samuel Smiles		Economia	A riqueza	“Que fim tão miserável não foi o daquelle homem rico (...)”.	Dr. Zig-Zag.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 19/11/1912, p. 02, n. IV, Anno I.
Sr. Augusto de Lima	Brasileira	s/id	O futuro da Bahia	“Quando digo o lavrador, penso como o <i>Sr. Augusto de Lima</i> (...) O lavrador é o operário”.	Dr. Zig-Zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 22/01/1913, p. 01-02, n. VIII, Anno I.
Valmik	Indiano	s/id	O Brazil	Compara o Brasil com as descrições da Índia por Walmik.	J.R.L.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 22/01/1913, p. 02, n. VIII, Anno I.
Pe. Antônio Vieira	Português	Os Sermões	11 DE JUNHO – RIACHUELO	Seja ella [a guerra] embora “aquelle monstro que se alimenta das fazendas, do sangue e das vidas, e que, quanto mais come e	Antoniveo	<i>O Bem-ti-vi</i> . 13/06/1913, p. 01, n. XVIII, Anno I.

				consome, tanto menos se farta”.		
Valentim Magalhães	Brasileira	s/id	Circo Recreio	“Já Valentim Magalhães dizia que o riso, muito bem faz ao fígado”.	Os redatores	<i>O Bem-ti-vi</i> , 29/10/1913, p. 03, n. XXVII, Anno II.
Olavo Bilac	Brasileira	s/id	Opinião de Olavo Bilac	“no curso primário, a educação do espírito da criança (...)”.	s/a (infere-se que sejam os redatores)	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 02-03, n. XXIX, Anno II.

Fonte: Exemplos do jornal. APMC. Quadro elaborado pela autora.

Em uma análise mais detalhada, por meio dos dados visibilizados no quadro, percebemos que a prática de citação direta de autores foi realizada quase que exclusivamente por Mario. Das 11 vezes em que aparece, cinco vezes teve a autoria de Mario e duas vezes a autoria dos redatores, que inclui ele também. A maioria dos autores que foram citados por Mario possuíam publicações de livros escolares ou eram autores de textos em livros escolares, como Abílio César Borges, Olavo Bilac, Afonso Celso, dos quais trataremos mais adiante.

Tipos de leituras

No item anterior pudemos perceber, em relação ao repertório de leituras, a presença de autores nacionais e internacionais, como também a forma que eles foram mobilizados na edição dos textos, ora apenas para expressar pequenos pensamentos, ora para fortalecer uma ideia que o jornal procurava transmitir. Procuraremos, agora, conhecer melhor quem eram esses autores citados, onde e em que tempo escreveram e, principalmente, fazer algumas inferências sobre os tipos de leituras que essas crianças realizavam. Numa visão geral, fica evidenciado que o saber literário era facilitado e muito valorizado. O texto *A palavra*, de autoria do português Latino Coelho, foi publicado na edição de número XV, e transmite a ideia da consciência sobre a valorização da arte da língua falada ou escrita.

A palavra

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem dúvida a arte da palavra.

De todas as mais se entretece e se compõe. São-lhe as outras como servas, ella soberana universal.

Da estatuaria toma as fórmas; da architectura imita a regra da estrutura de suas edificações; da pintura copia a cor e o debuxo de seus painéis; da música aprende a variada sucessão de seus compassos e melodias; e sobre todos esses

predicados tem mais do que as outras artes – a vida que anima os seus quadros, a paixão que dá novo esplendor às suas tintas, o movimento, que intima aos que a executam e admiram o entusiasmo e a persuasão.
Latino Coelho¹⁷².

Esse texto, na versão original, consta da introdução do livro *A Oração da Coroa*, tradução da obra de Demóstenes, com um estudo introdutório intitulado *A Civilização da Grécia* (1880), introdução II, p. XVII¹⁷³. Não temos conhecimento sobre como os redatores tiveram acesso a ele, se por meio de uma edição do próprio livro ou se por meio da publicação do texto em outro suporte. Em jornais publicados na década de 1910, era comum ter anúncios desse livro por “preços baratíssimos”. José Maria Latino Coelho não foi o único literata português citado em *O Bem-ti-vi*. Outros nomes reconhecidos, principalmente portugueses e franceses, fizeram parte do rol de autores citados. Vejamos as nacionalidades:

Quadro 13 – Autores reconhecidos com textos publicados no jornal de acordo com as suas nacionalidades.

Brasileiros	Portugueses	Franceses
Artur Goulart	Alexandre Herculano	Paul Doumer
Castro Alves	Almeida Garret	
Conde Afonso Celso	Ana Osório e Paulino de Oliveira	
Gonçalves Dias	Latino Coelho	
Ignez Sabino		
José Bonifácio		
Padre Correia		
Pedro de Alcântara		
Ruy Barbosa		
Salvador de Mendonça		
Silva Jardim		
Victoriano Palhares		

Fonte: Exemplos do jornal. APMC. Quadro elaborado pela autora.

A maioria dos textos publicados, em trechos mais extensos, é de autores brasileiros, seguido de portugueses e apenas um francês. Na categoria de textos “Pensamentos”, o quadro se diferencia, trazendo uma diversidade maior de nacionalidades dos autores.

¹⁷² *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, p. 03, n. XV, Anno I.

¹⁷³ Livro digitalizado pela biblioteca da Universidade de Oxford. Disponível em <https://archive.org/details/aoraodacoroapre00demogoog/page/n42>.

Quadro 14 – Autores das mensagens nas seções Pedacinhos, Improviso, Pensamentos..., segundo suas nacionalidades.

Franceses	Brasileiros	Gregos	Outros
Chateaubriand	Castro Alves	Platão	Dante (Florença, atual Itália)
Malherbe	Firmino Sampaio	Plutarco	Franklin [Benjamin?] (EUA)
Musset	Pe. Júlio Maria	Sócrates	São Paulo (Tarso, atual Turquia)
M. Stael	Olavo Bilac		Shak Peare* (Inglaterra)
Pierre Larousse	Tobias Barreto		
Rochebrune			
Victor Hugo			

Fonte: Exemplares do jornal. APMC. Quadro elaborado pela autora.

A predominância, nessa segunda categoria, é de autores franceses, e depois dos autores brasileiros, seguidos dos gregos, e acrescidos por São Paulo, de Tarso, da atual Turquia, Dante, de Florença, Shakespeare, da Inglaterra e Franklin, dos EUA. Mensagens de autores portugueses não foram selecionadas para esse tipo de publicação. Inferimos que a predominância de autores franceses se deve pela circulação e influência francesa na cultura brasileira, especialmente nesse período. No caso dos autores brasileiros, que aparecem em segundo lugar em número de publicações de mensagens, acreditamos que se explica pela maior oferta de obras, no mercado livreiro, o que facilitava o acesso. Quanto à ausência de “pensamentos” de autores portugueses, aventamos a hipótese de que não teriam frases marcantes ou muito [re]conhecidas, disseminadas e consolidadas no mundo letrado, como as frases dos gregos antigos e dos “mestres” franceses, assim como consideramos também uma tendência ao declínio da influência da cultura portuguesa no Brasil, após a independência. Isso não significa, no entanto, que autores portugueses – principalmente os consagrados no século XIX – não sejam mais lidos pelos brasileiros.

Esses autores, com exceção dos gregos e dos que aparecem na categoria “outras nacionalidades”, viveram no século XIX, e alguns na transição do XIX para o século XX, portanto, em uma temporalidade próxima ao período em estudo. Suas publicações circulavam no ambiente em que as crianças viviam, seja em livros, jornais, revistas ou em outros suportes, como os almanaques, por exemplo. Fizeram parte de escolas literárias diversas ao longo do século XIX e início do XX, entre elas, o romantismo, realismo, naturalismo e parnasianismo.

Em relação às citações de autores reconhecidos, em textos da autoria das crianças, temos forte presença de autores brasileiros, com exceção apenas do escocês Samuel Smiles. Foram citados: Abílio César Borges, Casimiro de Abreu, Conde de Afonso Celso, Dr. Duarte

Guimarães junto ao editor Virgílio Cardoso e Valentim Magalhães. Esse fato se deve, provavelmente, porque, para escrever um texto e dialogar com outro autor, é necessário que se tenha muita intimidade com o assunto que está sendo tratado e conhecimento das ideias daquele que será citado. Assim, inferimos que os autores que as crianças se sentiam mais à vontade para utilizar como recurso para fundamentar suas ideias eram os brasileiros. Deviam ser mais frequentes, principalmente no ambiente escolar, por isso, mais acessíveis na hora de utilizá-los na escrita dos próprios textos.

Abaixo, apresentamos o perfil de todos os autores brasileiros que foram mobilizados no jornal *O Bem-ti-vi*.

Quadro 15 – Perfil dos autores brasileiros no jornal *O Bem-ti-vi*.

Autores	Nascimento e Data em que viveu	Perfil
Firmino Sampaio	Santo Amaro da Purificação, BA. Sec. XIX- XX.	Jornalista.
Tobias Barreto de Menezes	Vila de Campos (Tobias Barreto), SE. 1839-1889.	Filósofo, poeta, crítico e jurista. Movimento romântico/candodeiro. Poesia de temática social e defesa de ideias igualitárias. Defendeu o germanismo contra as influências francesas no Brasil.
Pe. Dr. Julio Maria Júlio César de Morais Carneiro	Angra dos Reis, RJ. 1850-1916.	Diplomou-se em direito pela Faculdade de São Paulo e, depois de enviuvar duas vezes, ordenou-se padre, em Mariana. Nas pregações e palestras que fez por todo o Brasil, desmitificou o positivismo reinante, levantou a bandeira da luta operária e convocou os católicos a melhorar a situação da Igreja Católica através da participação na democracia.
José Bonifácio de Andrada e Silva	Santos, SP. 1763-1838.	Naturalista, estadista e poeta.
Victoriano Palhares Vitoriano José Mariano Palhares	Recife, PE. 1840-1890.	Poeta.
D. Pedro de Alcântara II	Rio de Janeiro, RJ. 1825-1891.	II Imperador do Brasil.
Padre Correia de Almeida José Joaquim Correia de Almeida	Barbacena, MG. 1820-1905.	Poeta, presbítero, ordenado Sacerdote no Rio de Janeiro (1844), professor.
Antônio Gonçalves Dias	Caxias, MA. 1823-1864.	Poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Um grande expoente do romantismo brasileiro e da tradição literária conhecida como

		“indianismo”. É famoso por ter escrito o poema “Canção do Exílio”.
Antônio da Silva Jardim	Rio de Janeiro, RJ. 1860-1891.	Foi advogado, jornalista e ativista político, formado na Faculdade de Direito de São Paulo. Abolicionista e republicano.
Ruy Barbosa de Oliveira	Salvador, BA. 1849-1923.	Jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador. Um dos intelectuais mais brilhantes do seu tempo. Defensor do federalismo e abolicionismo.
Conde de Affonso Celso Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior	Ouro Preto, MG. 1860-1938.	Professor, poeta, historiador e político. É um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
Antônio de Castro Alves	Vila de Curralinho (Castro Alves), BA. 1847-1871.	Poeta.
Dr. Salvador de Mendonça Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça	Rio de Janeiro, RJ. 1841-1913.	Advogado, jornalista, diplomata, romancista, ensaísta, poeta, teatrólogo e tradutor. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
Ignez Sabino Pinho Maia	Salvador, BA. 1853 – 1911.	Poetisa, contista, romancista, memorialista e biógrafa brasileira nascida em Salvador, na Bahia, cujo nome é lembrado por sua ação na luta pelos direitos femininos.
“Joaquim Nabuco” Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo	Recife, PE. 1849- 1910.	Foi político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
Arthur Goulart Penteado	São Paulo, SP. 1872-1910.	Exercia o magistério e escrevia no periodismo paulistano. Precursor da Literatura Infantil paulista.
Dr. Abílio César Borges	Minas do Rio de Contas, BA. 1824-1891.	Cursou a Faculdade de Medicina da Bahia e terminou o curso no Rio de Janeiro. Escritor de livros escolares.
Casimiro José Marques de Abreu	Nova Friburgo, RJ. 1839-1860.	Poeta.
D. Júlia Lopes Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida	Rio de Janeiro, RJ. 1862-1934.	Escreveu e publicou mais de 40 volumes entre romances, contos, narrativas, literatura infantil, crônicas e artigos. Foi abolicionista e republicana além de mostrar, em suas obras, idéias feministas e ecológicas.
Dr. Duarte Guimarães e o Editor, o Sr. Virgílio Cardoso	Sec. XIX, XX Virgílio – Bahia. 1860-1935. Não sabemos se é o mesmo citado no jornal.	Dr. Duarte Guimarães aparece nos jornais da época apenas em relação ao seu trabalho de médico no Rio. Virgílio Cardoso bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, formado em 1889, exerceu a advocacia na cidade de Belém, do Pará, onde foi diretor da Instrução pública e foi chefe da secretaria do interior, justiça e viação. Escritor.

Sr. Antônio Augusto de Lima	Congonhas de Sabará (Nova Lima), MG. 1859-1934.	Foi jornalista, poeta, magistrado, jurista, professor universitário e político. Formou-se em 1882 na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Governador de Minas Gerais, deputado federal, presidente da Academia Brasileira de Letras.
Antônio Valentim da Costa Magalhães	Rio de Janeiro, RJ. 1859-1903.	Jornalista e escritor. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac	Rio de Janeiro, RJ. 1865-1918.	Jornalista, contista, cronista e poeta brasileiro, considerado o principal representante do parnasianismo no país. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Fonte: Sites de pesquisa e dicionários biográficos. Quadro elaborado pela autora.

■ Autores com textos publicados em livros escolares¹⁷⁴.

Esses autores eram naturais das atuais regiões nordeste e sudeste do país, mais precisamente, dos estados: do Rio de Janeiro (7), Bahia (6), Minas Gerais (3), São Paulo (2), Pernambuco (2), Maranhão (2) e Sergipe (1). Percebemos que o núcleo cultural que se destacava estava concentrado numa região que historicamente foi responsável pela condução da vida política e econômica do país: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, principalmente. Pernambuco, Maranhão e Sergipe aparecem em seguida, devido, provavelmente, ao que restava ainda do prestígio que possuíam da época colonial e por fim, vemos despontar São Paulo, que viria se somar àqueles locais de prestígio político e econômico daí em diante.

Desses escritores, apenas um viveu no século XVIII, nove viveram no século XIX, e 14 viveram na metade do XIX e início do XX. Tinham em comum, além de serem escritores e literatas, as participações em atividades jornalísticas e, alguns, em atividades políticas. Muitos deles diplomaram-se em Direito e fizeram parte de um grupo seleta que fundou a Academia Brasileira de Letras, como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Salvador de Mendonça e Afonso Celso.

Provenientes de vários estados do País e fixando-se, sobretudo, no Rio de Janeiro possuíam como traço comum não só a passagem pela Faculdade de Direito, mas a origem em clãs oligarcas e a trajetória marcada pelo envolvimento com o periodismo, sobretudo diário e de caráter político, com discurso vazado de nacionalismo. Medalhões de uma geração, acabaram por ingressar na Academia Brasileira de Letras, corolário da consagração. (MARTINS, 2008, p. 434).

¹⁷⁴ Provavelmente, outros autores desse quadro tiveram seus textos publicados em livros escolares. No entanto, não localizamos nas nossas fontes.

O pertencimento social, cultural e econômico, o prestígio, reforçam a reprodução das condições de acesso ao mundo letrado por parte de um grupo que permanece no comando das instituições e da vida pública do país. Nada de estranho ocorre na similitude das condições desses autores lidos com a posição das crianças que produziam o jornal *O Bem-ti-vi*. Os escritos desses autores fizeram parte da educação de um grande número de brasileiros ao compor os repertórios de leituras e influenciar, provavelmente, a formação de ideais, valores e opinião política.

No repertório de leituras, a partir do que foi publicado, identificamos que elas poderiam ser classificadas em: leituras literárias, utilitárias ou didáticas, políticas e religiosas. Na categoria de leituras literárias, encontramos textos em prosa e poemas. Temos representantes das escolas Romântica, Realista e Naturalista. Os brasileiros: José Bonifácio, Castro Alves, Gonçalves Dias e D. Pedro de Alcântara¹⁷⁵ tiveram alguns de seus textos publicados.

Convém destacar que, nesse período, já temos uma oferta de livros de literatura infantil disponível, todavia, apesar de sabermos, por meio de cartas familiares e de propagandas do jornal *A Penna*, que esses livros circulavam na cidade, não foram citados no jornal *O Bem-ti-vi*. Sobre a literatura infantil, no período, Zilberman e Lajolo (1986, p. 17) afirmam que

se o projeto de modernização sócio-cultural já constitui um dos elementos que viabilizam, na transição do século XIX para o XX, o surgimento de nossa literatura infantil, a permanência de estruturas sociais anacrônicas e a superficialidade das alterações promovidas em nome do progresso explicam, por sua vez, o caráter conservador que o gênero adota. Este conservadorismo também pode, ao menos parcialmente, ser atribuído ao modelo cívico-pedagógico no qual, mesmo que à revelia, ela se insere; ou, por outro lado, ao ranço dos padrões europeus nos quais ela se inspirava: eram os clássicos infantis europeus que forneciam o material para as adaptações e traduções que precederam a propriamente dita produção brasileira de literatura infantil.

Assim, percebemos que as produções literárias que circulavam para as crianças ainda eram mescladas pelas influências das produções estrangeiras, principalmente, portuguesa e francesa, mesmo com iniciativas de traduções e adaptações ao português falado no Brasil. Em estudo sobre um livro de leitura destinado a crianças, intitulado *Álbum de leituras*, que compõe a *Bibliotheca Infantil* editada pela Editora da Livraria Quaresma, Márcia Silva e Liana Santos (2018) afirmam que a compilação de poemas contou com parte da *intelligentsia* portuguesa e brasileira na autoria dos textos.

¹⁷⁵ Apesar do conhecimento do vasto cabedal cultural do Imperador D. Pedro II, o poema *A Imperatriz*, escrito na ocasião da morte da Imperatriz Tereza Cristina Maria de Bourbon, publicado com a sua autoria, “parece não ter sido escrito por ele”, afirma Aniello Ângelo Avella (2014, p. 150).

Na produção do jornal, ainda destacando a autoria e nos oferecendo indícios das suas leituras, os redatores deram prioridade a três textos de abertura de autores portugueses reconhecidos: Alexandre Herculano e Almeida Garret, sobre a mulher e sobre a pátria. Estes autores, além de serem conterrâneos, também foram contemporâneos e responsáveis por introduzirem o romantismo em Portugal. Segundo Regina Zilberman (1997, p. 63), Almeida Garrett “não apenas fundou a história da literatura em língua portuguesa; ele igualmente formulou os valores que vão presidir a criação e avaliação de obras artísticas, especialmente poéticas, entre os escritores de seu tempo, inclusive os brasileiros”. A influência de autores portugueses na formação das crianças é visível na edição das matérias do jornal.

Quanto ao número considerável de publicação de textos poéticos, Ana Luiza Martins (2008, p. 150) nos diz que “sinal dos tempos e do ‘País dos Poetas’, coube à poesia a aparição recorrente, ocupando páginas periódicas das mais diversas temáticas e propósitos”, expressando as inspirações e sentimentos da época. Foram publicadas poesias de autores consagrados, como também de “homens das letras” da sociedade local que ofereciam poesias ao jornal. Abaixo vemos um trecho de uma poesia oferecida ao primeiro aniversário do jornal:

O NASCER DO SOL
 Ao 1º aniversário da fundação do “O Bem-ti-vi”
 (...)
 Pois se alvorada é o momento
 De tão grato encantamento,
 Que tudo alegre e seduz,
 Saudemos enternecidos,
 De prazer embevecidos
 O arrebol que hoje reluz.
 Do progresso o sol fecundo,
 Alviçareiro, jucundo,
 Despontou também aqui,
 -Em Mayença ressurgindo,
 Entre nós é recémvindo
 Nas azas do “O Bem-ti-vi”.
 Caeteté, Outubro -1913¹⁷⁶.

A poesia, de autoria do colaborador Antoniveo, expressa a relação, que já vimos em outro momento desse texto, do jornal com a aurora, encantamento, alegria e sedução. A referência a Mayença, nome afrancesado da cidade de Meinz, cidade alemã onde Gutemberg imprimiu a primeira bíblia, enfatiza a importância dada à imprensa.

¹⁷⁶ *O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 03-04, n. XXVI, Anno I.

Os conteúdos dos textos literários publicados no jornal *O Bem-ti-vi* não se referiam exclusivamente ao universo infantil, coexistindo temas relacionados à natureza, ao amor, aos valores, junto de outros, mais próximos da ideia de infância.

No conjunto de textos, autores citados e indícios de leituras realizadas, enfatizamos aqueles que trazem conhecimentos didáticos ou utilitários. Entre estes, destacaram-se na história das leituras escolares das crianças que viveram na transição do século XIX para o século XX ou início do XX, o Barão de Macaúbas, o Conde Afonso Celso, Olavo Bilac e Artur Goulart. Em apenas um único texto publicado, em um dos primeiros números do jornal, Mario Lima cita três desses autores, como podemos ver a seguir,

Porque amo a minha pátria
 Dizia o ilustre educador professor Dr. Abílio César Borges, Barão de Macaúbas:
 ___ “quem não ama sua pátria é um monstro”.
 (...) diz Casimiro de Abreu: _ “a mão da natureza esmerou-se em quanto tinha”.
 (...) O Brasil está em boa posição geográfica: seu progresso é constante, como diz Affonso Celso.
 Dr. Zig-Zag¹⁷⁷.

O “ilustre educador professor” citado por Mario foi autor de livros de leitura no Brasil na segunda metade do século XIX. Antes disso, as crianças brasileiras desconheciam séries graduadas de livros de leitura, conforme afirma Pfromm Netto (1974). Ainda segundo o autor, a escola elementar no país permaneceu no abandono em relação a materiais para leitura. Nos centros mais populosos, utilizavam-se a constituição do Império, o Código Criminal, os Evangelhos, além de alguns textos manuscritos, compêndios, cartas, etc.

Em pesquisa sobre os livros escolares de leitura entre o século XIX e XX, Batista; Galvão e Klinke (2002) concluem que, à medida que o ensino seriado vai se instituindo, os livros isolados de leitura vão sendo substituídos pelos livros em séries graduadas. Foi o baiano Abílio César Borges (1824-1891), filho da vila de Minas de Rio de Contas, que, em 1856, trocou a carreira de médico pela de professor e se dedicou a elaborar livros didáticos para as crianças brasileiras. “Durante trinta e cinco anos, até a morte, Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, empenhou-se em vasta obra educacional, quer nas escolas que criou ou dirigiu, quer nos livros, artigos, relatórios e planos que escreveu” (PFROMM NETTO, 1974, p. 170). Sob influência do que se produzia na Europa, mas não satisfeito com as adaptações e traduções feitas no período,

¹⁷⁷ *O Bem-ti-vi*, 23/10/1912, p. 01, n. II, Anno I.

se propôs a escrever uma série de livros de leitura, impressos a partir de 1868. Pfromm Netto (1974, p.171) afirma que,

O Primeiro Livro de Leitura do “Método Abílio” representa um surpreendente salto na pedagogia brasileira. Até então, a aprendizagem de leitura se iniciava com abecedários manuscritos, papéis de cartório e toscas cartilhas. *O Primeiro Livro* adota a silabação, mas se opõe à soletração de sílabas sem sentido. Salienta a necessidade da marcha do concreto para o abstrato, realçando a importância disso no ensino metódico do cálculo.

Sobre o livro *Por que me ufano do meu país*, do conde Afonso Celso, de onde foi retirado o trecho do texto analisado, Maria Helena Câmara Bastos (2002, p. 03) afirma que essa não era uma obra isolada, mas que fazia parte de uma “extensa produção de manuais de ‘história pátria’ que circularam nas primeiras décadas do século XX, com a função de fortalecer a identidade nacional”. A citação desses autores nos indica que, mesmo o jornal não sendo uma produção escolar, sofria influência das leituras escolares que as crianças realizavam. Segundo Jinzenji (2010, p. 212) “o que se percebe na relação entre os jornais e a educação escolar é uma afinidade e uma interlocução maiores que uma simples coincidência de objetivos”. A escola, apesar de, neste período, ainda ser restrita a uma parcela pequena dos brasileiros, já era algo fortemente imbricado na vida das crianças das elites em Caetité. “De modo geral, pode-se afirmar que a família e a escola são as duas instituições que historicamente têm se responsabilizado pelo ensino da leitura e da escrita” (GALVÃO, 2010, p. 221).

Quanto ao trecho citado, de Casimiro de Abreu, faz parte de seu único livro, publicado em 1859, *As Primaveras*. Apesar da vida interrompida ainda na mocidade, ele tornou-se um dos autores mais lidos no Brasil e em Portugal, ainda no século XIX. Seu poema *Meus oito anos* fez parte dos livros escolares brasileiros lidos pelas crianças durante todo o século XX (ZILBERMAN, 1996). O trecho citado no jornal “a mão da natureza esmerou-se em quanto tinha” compõe o poema *Minha terra*, menos citado pelos autores que estudam a leitura escolar no Brasil, mas foi escolhida por Mario Lima, para citar no seu texto.

Arthur Goulart (1872-1910) foi outro autor vinculado ao periodismo, principalmente na imprensa paulistana, que se dedicou à infância. Era mestre, escritor, jornalista, numa “mesma chave de pedagogos envolvidos com a imprensa” (MARTINS, 2008, p. 442). Foi precursor da literatura infantil paulista. O texto publicado no *O Bem-ti-vi* foi extraído do jornal *A Comarca*, para o qual redigia.

As crianças em questão encontraram, desde muito cedo, condições favoráveis de formação, primeiramente na família e depois na escola. Pierre Bourdieu em diálogo com Roger Chartier sobre a leitura como uma prática cultural afirma que:

devemos saber que existem leituras diversas, portanto competências diferentes, instrumentos diferentes para apropriar-se desse objeto, instrumentos desigualmente distribuídos, segundo o texto, segundo a idade, segundo essencialmente a relação com o sistema escolar, a partir do momento que ele existe. (...) A leitura obedece às mesmas leis que as outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, isto é, de que o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema de fatores explicativos, sendo a origem social o segundo fator. (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 237).

No caso dos meninos redatores-chefes, tanto o nível de instrução quanto a origem social são fatores que ajudam a explicar o envolvimento com a cultura letrada, e mais especificamente com as práticas de leitura.

Recd" do Bem-ti-vi
Gaeteté,
Bahia

O BEM-TI-VI

Anno I I ORGAM DA INFANCIA Numero XXVIII
Gaeteté, 12 de Novembro de 1913

REDACTORES—MARIO LIMA E ANISIO S. CAIXEIRA

EXPEDIENTE		1\$500
—Na cidade	Seis mezes	
Numero avulso	100 rs.	As pessoas que receberem i numero e não deoiverem serão consideradas como assignantes.
Seis mezes	1\$200	
—Fora da cidade	140 rs.	
Numero avulso		

NOS ESTADOS UNIDOS

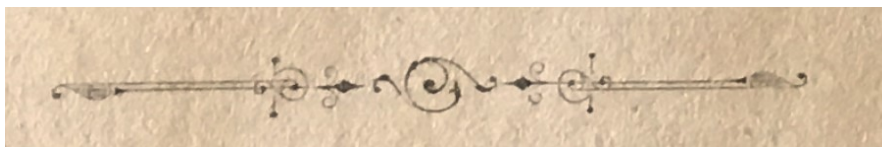
ESPERO QUE OS MEUS LEITORES, DE AGORA EM DIANTE LEIAM SOMENTE LIVROS SÃO E ABANDONEM OS MAUS, PARA A SUA FELICIDADE: O LEITOR VISADO DO JORNAL O BEM-TI-VI

(Continuação de um estudo feito dos sete annos de Mendonça.)
as, os alim...
a historia e a geographia...
es, algu... do francez, da historia...
graphia universaes, as mathem...
ticas elementares, além de noções...
de sciencias naturaes e de mecanica,
da economia politica e escriptura-
ção mercantil.
Aos quatorze annos, dois terços
dos alumnos do sexo masculino
vão ganhar a vida, e apenas um
terço se consagra a estudos supe-
riores, ao passo que do sexo femi-
nino a proporção é, exactamente a
inversa, pois, só um terço deixa
quanto que dois terços matricu-
lam-se nas academias, collegios e
universidades, nas quaes permane-
cem até os dezoito ou vinte e um,
e, ás vezes, até aos vinte e tres e
vinte e cinco annos, conforme se-
tuções taes como Vassar, Smith
e Wellesly.
Dest'arte, cada anno, 33% da

Ao fazer esta affirmação, resul-
tado de uma observação de muitos
annos, e não simples conclusão
tirada da leitura do que anda ali
nos livros dos viajantes, que se
acham autorizados a escrever so-
bre terras alheias, que só visitaram
alguns dias ou horas.
de outro...
maioria da população
pertence a mulher...
Esta é a chave do segredo da
superioridade da mulher norte-a-
mericana sobre o homem norte
americano.
(Continúa)

Direito Feminino

Na corrente dos tempos de ago-
ra, no espirito das leis do progres-
so, na harmonia dos interesses
geraes, é facto logico e indiscentivel
a intervenção da mulher no seio
das artes, das letras e das scien-
cias, como factora da sociedade
do futuro de qualquer nação.
O começo do seculo XX ja a en-



VERDADES
(monólogo)

Menino que não se aplica,
E ao collegio sempre falta;
Que com os outros implica
E na troça mais exalta,
É peralta.
Mas aquelle que ao estudo
Está sempre devotado.
Que responde sempre a tudo,
Que lhe seja perguntado,
É aplicado. (...)
Menina, que for boazinha,
que não teime, que não minta.
Que, quando escreve uma linha,
Não suja os dedos de tinta,
É distincta¹⁷⁸.

A pretensão de pesquisar a história das culturas do escrito traz muitos desafios, e talvez o maior deles seja instituir um provável leitor quando não temos registros autobiográficos sobre as experiências de leitura, seja de livros, jornais, revistas, entre outros tipos de impressos ou manuscritos. Darnton (1990, p. 112) propõe, no circuito de comunicação do impresso (livro/jornal), seguir um modelo para tentar “enxergar o objeto como um todo”. O circuito vai do autor, passando por todo o processo de produção até chegar no leitor, pois “o leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição” (DARNTON, 1990, p. 112).

Para se chegar à produção do jornal *O Bem-ti-vi*, presume-se que todo esse circuito foi percorrido, começando desde os primeiros passos: o surgimento da ideia, das condições existentes, do “contexto”, as conversas, influências que colocaram os meninos Mario Lima e Anísio Teixeira diante da possibilidade de fazer um jornal, das análises sobre a concretização da ideia, do fazer, imprimir, distribuir, até chegar na destinação do seu público, ou seja, dos seus “leitores”. Desse modo, desenvolvemos as análises para tentarmos alcançar esse último ponto do “circuito”.

¹⁷⁸ *O Bem-ti-vi*, 04/08/1913, p. 04, n. XXI, Anno I.

Muitas vezes, encontramos nos arquivos apenas o objeto impresso, de tempos remotos, que nos “seduz” e instiga à pesquisa. Por conseguinte, uma via possível para atingir o leitor “é tentar reinterrogar os objetos lidos eles próprios, em todas as suas estruturas” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 236). Nesse sentido, alguns estudos vêm indicando caminhos metodológicos para a análise do escrito, no próprio texto [no nosso caso, do escrito impresso] e na sua materialidade, como Galvão (2010), Galvão e Jinzenji (2011), Jinzenji (2010), Melo (2014), Galvão e Melo (2019), Verona (2020).

Tais estudos orientam metodologicamente para tentar responder às questões: Qual era o leitor visado durante a produção do jornal *O Bem-ti-vi*? Quem efetivamente o lia? Mario Lima, ao escrever sobre indicações de leitura, e dirigir-se “aos meus leitores”, estava se direcionando a quem especificamente?

Nos textos, encontramos poucos indícios diretos sobre esse leitor visado. Na última nota publicada, da última edição, assinada pelos irmãos Mario e Benjamim Teixeira Rodrigues Lima, ao se despedirem dos leitores, eles se dirigiram “aos nossos caros amigos e patrícios”¹⁷⁹. Será que a intenção de leitor para o escrito estava circunscrita apenas aos amigos e patrícios? Quem seriam esses amigos e patrícios? Que outros indícios deixados no jornal poderiam nos orientar nessa análise?

Quando o autor produz um texto, ele recorre a estratégias na sua construção linguística que institui um provável leitor. De acordo com Umberto Eco (1986), o autor do texto prevê um Leitor-Modelo por meio de uma série de competências, de forma que possa ocorrer a cooperação textual, mas, que pode excluir aquele leitor que não domina as competências selecionadas, como a língua escolhida, o tipo de enciclopédia e o patrimônio lexical, por exemplo. Assim sendo, “muitos textos tornam evidente o seu Leitor-Modelo, pressupondo *apertis verbis* (perdoem-me o oximoro) uma específica competência enciclopédica”, afirma Eco (1986, p. 40).

Para a análise desse provável leitor – o leitor visado -, Galvão e Melo (2019, p. 237) afirmam que “cada signo que se inscreve na página busca causar certos efeitos de sentido, os quais não devem escapar aos olhos investigativos do pesquisador que toma o texto e o impresso, como fonte, e como objeto de análise”.

Ao apresentarmos o jornal e discutirmos sobre o perfil e as trajetórias de leitura dos redatores e colaboradores, nos capítulos anteriores, algumas nuances do leitor começaram a se

¹⁷⁹ *O Bem-ti-vi*, 16/06/1914, p. 04, n. 43, Anno II.

delinear. Neste capítulo, procuraremos adentrar nos textos e conteúdos, a fim de trazer mais indícios do leitor visado.

3.1. Os conteúdos tratados nos dizem de qual leitor?

Os exemplares preservados do jornal *O Bem-ti-vi* somam 127 páginas (30 edições com quatro páginas, uma edição com cinco páginas, mais duas páginas de outra edição incompleta). Para analisarmos seus conteúdos, inicialmente, elencamos categorias de acordo com o que apreendemos nas matérias publicadas. Em seguida, elaboramos um quadro com a disposição deles por página de forma a contabilizá-los, atentando para o espaço ocupado em cada página. Na tabela e gráficos que seguem, podemos visualizar os conteúdos tratados e a porcentagem ocupada no impresso. Os conteúdos sobre o próprio jornal, as notícias de Caetité, educação, virtudes e política foram subdivididas no quadro, para que evidenciassem suas especificidades. O espaço ocupado por cada texto na página variava desde uma página inteira ou mais, até poucas linhas.

Tabela 5 – Conteúdos do jornal *O Bem-ti-vi* distribuídos por páginas e porcentagem ocupada¹⁸⁰.

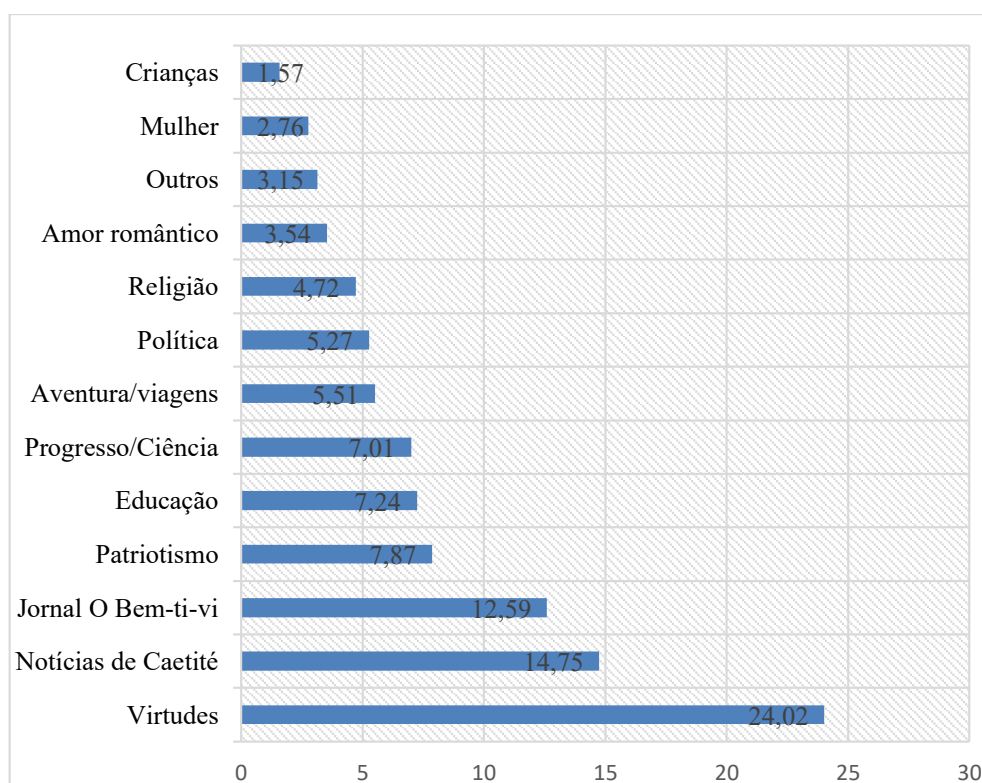
Conteúdo das matérias		Nº de Páginas	% do espaço ocupado no jornal	Total de páginas por categorias	Total de porcentagem por categorias
Jornal <i>O Bem-ti-vi</i>	Expediente	6	4,72 %	16	12,59%
	Livro de Ouro	3	2,36 %		
	Cartas, avisos	4	3,15 %		
	Correspondências com outros jornais (“Sala de visitas”)	3	2,36 %		
Notícias de Caetité e região circunvizinha	Eventos religiosos	2	1,57 %	18,7	14,75 %
	Outros eventos sociais, cívicos	6,7	5,28 %		
	Mensagens de aniversários	4	3,15 %		
	Mensagens de boas-vindas e despedidas (viajantes/ “de viagem”).	4	3,15 %		
	Mensagens a doentes e restabelecidos	1	0,80 %		
	Falecimento	1	0,80 %		

¹⁸⁰ Algumas vezes, realizamos uma aproximação na elaboração dos cálculos de número de páginas, de números fracionários para números inteiros.

Educação	Educação escolar	3	2,36 %	9,2	7,24 %
	Educação não-escolar	6,2	4,88 %		
Virtudes	Em textos variados	16 e ½	13,00 %	30,5	24,02%
	Na “História de Alfredo” ¹⁸¹	14	11,02 %		
Política	Temas variados (corrupção, eleição)	3,7	2,91 %	6,7	5,27%
	Sobre Ruy Barbosa	3.0	2,36 %		
Religião		6	4,72 %	6	4,72 %
Civismo/patriotismo		10	7,87 %	10	7,87 %
Crianças		2	1,57 %	2	1,57 %
Progresso, conhecimento científico		8,9	7,01 %	8,9	7,01 %
Mulher		3 e ½	2,76 %	3,5	2,76 %
Aventuras/viagens		7	5,51 %	7	5,51 %
Amor romântico (em poemas, escrito por colaboradores adultos)		4 e ½	3,54 %	4,5	3,54 %
Outros ¹⁸²		4	3,15 %	4	3,15 %
Total		127	100 %	127	100 %

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Tabela elaborada pela autora.

Gráfico 1 – Conteúdos do jornal *O Bem-ti-vi* e porcentagem ocupada.



Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Gráfico elaborado pela autora.

¹⁸¹ O destaque dado a esse texto justifica-se por ter sido publicado, fracionado, em 17 edições do jornal.

¹⁸² “Outros” refere-se a conteúdos variados que não se encaixaram nas categorias propostas.

Os textos do jornal *O Bem-ti-vi* estavam distribuídos em textos literários em forma de prosa, poemas, artigos de opinião, e notas sobre a sociedade de Caetité. Percebe-se que o conteúdo que ocupou o maior espaço do jornal foi “virtudes” (24,2%), predominante nos textos literários em prosa e nos textos traduzidos, dispostos em sua maioria, nas duas primeiras páginas, da autoria dos redatores e colaboradores. Generosidade, bondade, obediência, delicadeza, honestidade e justiça eram tratados em histórias e contos: o “menino Valdemar, menino muito generoso” (*O Bem-ti-vi*, n. II, p. 04); “José, um menino muito bom” (*O Bem-ti-vi*, n. IV, p. 02-03), “Guilherme, que era um menino muito obediente para seus paes, mestres, cuidadoso nos estudos” (*O Bem-ti-vi*, n. XXVIII, p. 03), entre outras personagens crianças, que praticavam boas ações e eram “recompensados” com bens materiais e/ou espirituais. A quantidade de espaço ocupado e a localização privilegiada¹⁸³ dessas temáticas no jornal fazem-nos pensar sobre quais seriam os objetivos desse impresso e sobre qual seria o tipo de leitor que presumiam. O gênero textual conto, com personagens crianças, leva-nos a supor que os editores pretendiam atingir um público-leitor constituído por crianças, sujeitos pertencentes a um grupo geracional tido como propício a ser “educado”¹⁸⁴.

Com 14,75% de espaço ocupado nas páginas do jornal, temos as notícias da cidade de Caetité ocupando a segunda posição de conteúdos publicados pelo *O Bem-ti-vi*. Geralmente eram notas mais curtas, mas com maior frequência nas edições, por isso ocuparam muitas páginas no total da contabilização. Os redatores publicaram os eventos religiosos (1,57%), geralmente notícias de cerimônias da “Congregação Marianna” e da “Festa do Coração de Jesus”. A Congregação Mariana foi instituída pelo Colégio São Luís Gonzaga, direcionada a “moços muito bem prendados e de sãos princípios”¹⁸⁵. O redator Anísio Teixeira, então com 12 anos de idade, aluno do referido colégio, foi eleito para “dignidades” como 2º assistente.

O ato religioso, segundo as notas do jornal (*O Bem-ti-vi*, n. III e IV), envolvia solenidades com bênçãos de imagens e medalhas, cânticos de louvor, leitura de atas, atos de consagração, “prática” (fala, discurso), missa e um momento festivo ao final. Participar da congregação exigia dos “moços” habilidades de leitura, escrita, oratória e canto¹⁸⁶. Nessas festividades, entre outras que aconteciam nas escolas em momentos religiosos e nos espaços

¹⁸³ Estamos interpretando que era mais comum que os leitores do jornal seguissem a disposição de leitura segundo a ordem crescente das páginas, iniciando pela primeira página, mas isso não significa que desconsideramos que essa ordem poderia se dar de forma inversa ou aleatoriamente.

¹⁸⁴ Os novos conhecimentos das ciências afirmavam sobre a importância de educar a criança desde “a mais tenra idade”, quando ainda estavam com os “miolos moles” (GONDRA E GARCIA, 2004).

¹⁸⁵ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 03, n. III, Anno I.

¹⁸⁶ Nesses momentos festivos, registravam-se, frequentemente, apresentações musicais do “Grupo Musical Filhos da União” e do grupo musical intitulado “Lyra Caetitéense”.

públicos da cidade, a cultura escrita permeava as práticas, envolvendo os adultos e as crianças. Havia ainda muita declamação de poesias em homenagens diversas, inclusive declamação em línguas estrangeiras, como inglês e francês.

Notas sobre outros eventos sociais em Caetité, além dos eventos religiosos, ocuparam 5,28% das páginas do jornal. Foram manifestações festivas cívicas – principalmente o 2 de julho¹⁸⁷ - festividades em homenagem aos viajantes que retornavam ou visitavam a cidade, festividades para aniversariantes – entre elas, uma manifestação a Mario Lima, na única edição do jornal com cinco páginas. Foi exatamente nesta quinta página que foi noticiada a homenagem feita ao redator:

O nosso redactor Mario Lima, na noite de 24, foi agradavelmente surpreendido com uma manifestação de estima feita por seus condiscípulos da “Escola Americana” (...). Falou brilhantemente o esperançoso alumno Edmundo R. Lima (...). Retiraram-se todos às 3 horas. O nosso redactor agradece mais uma vez aos dignos manifestantes e também ao nosso prezado “O Arrebol” as felicitações e a notícia relativa ao seu aniversário¹⁸⁸.

Além da manifestação ao redator, nesta mesma página foram registradas outras manifestações a aniversariantes não menos “importantes”, como a festividade em homenagem a D. Beatriz Rodrigues Lima, “distinta Professora”, e à Exma. Sra. D. Bernardina D. Castro. Nesta edição foram publicados também o artigo de opinião “Os efeitos dos livros”, de autoria de Mario Lima, e a finalização da matéria sobre o Vale do Rio São Francisco, entre outros textos que, supomos, os editores não consideraram a opção de retirá-los, de modo a reorganizar a edição apenas nas quatro páginas rotineiras. O acréscimo dessa quinta página poderia ter sido devido à inclusão dessas notas, principalmente para contemplar o registro do aniversário do redator? Acreditamos que tenha sido o mais provável. A nota de aniversário de Mario Lima havia sido publicada, também, no jornal “O Arrebol”.

Mensagens de felicitações a aniversariantes tiveram espaço registrado no jornal, inicialmente, em uma seção sem título (*O Bem-ti-vi*, n. II, p. 4), depois nomeada de: “Aniversário(s)”¹⁸⁹. Em uma edição recebeu o título de “Festas no lar” (*O Bem-ti-vi*, n. XXIV,

¹⁸⁷ Em 2 de julho de 1823, na Bahia, as tropas brasileiras venceram as tropas portuguesas que resistiram à separação política de Portugal. A data de “Independência da Bahia”, em Caetité, “sempre foi cultuada através de comemorações cívicas de alta significação” (GUMES, 1975a, p. 76). Flavio Neves (1986, p. 09) afirma que “viviam-se a data com um calor cívico permanente, na expectativa geral de celebrá-la com verdadeiro fervor”.

¹⁸⁸ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 05, n. 42, Anno II.

¹⁸⁹ *O Bem-ti-vi*, n. III, p. 4; n. IV, p. 4; n. XIX, p. 4; n. XVII, p. 4; n. VIII, p. 4; n. XX, p. 4; n. XXI, p. 4; n. XXII, p. 3; n. XXV, p. 4; n. XXVI, p. 2; n. XXVII, p. 3; n. XXIX, p. 4; n. XXXV, p. 3; n. XXXVI, p. 4; n. XXXVIII, p. 3.

p. 4), enquanto nas últimas edições foi identificada como “Datas festivas”¹⁹⁰. A opção em nomear “Festas no lar” pode ter sido motivada pela distinção da criança felicitada, que era irmão de Anísio Teixeira. No caso da alteração para “Datas festivas”, provavelmente ocorreu devido à adoção de um novo formato na edição. As mensagens de aniversários eram geralmente curtas, mas presentes em quase todas as edições. Felicitavam-se crianças e adultos das famílias dos redatores, além de pessoas da sociedade, entre esses, alguns assinantes. Outras mensagens para esse mesmo público leitor ocuparam espaço no jornal, no conteúdo que se referia às notícias de Caetité e região, com objetivos diferentes, como pronto restabelecimento da saúde, felicitações por nascimentos, casamentos, e condolências por falecimento.

O que essas mensagens registraram que poderiam dar indícios de seus prováveis leitores? Algumas características oferecem elementos para certas inferências, como a forma de distinção registrada na escrita: adjetivos como digno/a e distinto/a; o reverenciamento por meio dos pronomes de tratamento, como: Exma./o e Ilmo/a; e a identidade e posição social das pessoas nomeadas. Esses dados indicam que o jornal era destinado a famílias que ocupavam posição elevada na hierarquia social da cidade e região, incluindo as crianças, pois não era raro serem as destinatárias das mensagens: “o interessante Edivaldo”, “o nosso amigo Jayme”, “a gentil menina Elvirinha”, “o nosso estimado redactor, Anísio Teixeira”, “o travesso Oswaldo”, “a interessante criança, Angelina”, “a galante creança [ilegível] Teixeira”, “o nosso interessante amiguinho Nelson”, “nosso distinto amiguinho e apreciado collaborador Benjamim”, “as galantes filhinhas do nosso presado colega Major João Gumes – Célia e Celina”, entre outras.

Notas sobre o próprio jornal ocuparam 12,59% do espaço. Eram compostas pelo “Expediente” e “Livro de Ouro” – seções fixas, constantes na quase totalidade das edições; por notas referentes ao recebimento de jornais, na seção “Sala de visitas” e “Sala de recepção”¹⁹¹; e por publicações de mensagens recebidas, endereçadas aos redatores, sobre as quais trataremos adiante, no item sobre os leitores empíricos. As inter-relações com outros jornais, à medida que novas edições do *O Bem-ti-vi* iam sendo publicadas, fazem-nos pensar que a esfera de circulação do jornal ampliou-se e, conseqüentemente, chegou a mais leitores, neste caso “colegas” de jornais de outras cidades da Bahia e de outros estados brasileiros, conforme mapa apresentado no primeiro capítulo.

¹⁹⁰ *O Bem-ti-vi*, n. XXXVII, p. 4; n. XXXIX, p. 3; n. 41, p. 4; n. 42, p. 4; n. 43, p. 2.

¹⁹¹ Essa seção, assim como a seção dos aniversários, foi sendo revista e alterada no decorrer das edições. Começou nomeando o título do jornal recebido (primeira vez na edição n. VIII, p. 04), depois, quando se avolumaram os títulos recebidos, recebeu o nome “Sala de visitas” e “Sala de recepção”, ora uma, ora outra.

Os conteúdos classificados nas quatro posições a seguir (4^a, 5^a, 6^a e 7^a), quanto ao espaço ocupado nas páginas do jornal, oferecem mais indícios quanto à hipótese de o leitor visado corresponder a crianças, mais especificamente, crianças escolares. Narrativas sobre patriotismo, educação com o sentido mais próximo de instrução, progresso – geralmente associado a conhecimentos das ciências – viagens e aventuras pertencem, a nosso ver, ao universo de assuntos “formativos”. Contabilizados juntos, esses quatro conteúdos ocupavam mais espaço no jornal do que “virtudes”, que ocupou o primeiro lugar.

O século XX deu especial atenção às crianças nos seus discursos e ações. Segundo Eduardo Nunes (2011, p. 29), ao pesquisar os *Congresos Panamericanos del Niños*, ocorridos na primeira metade do século XX, “no âmbito das Américas, saiu-se de uma dimensão na qual cada país e seus movimentos condicionavam o universo infantil como objeto estratégico para a evolução nacional, passando para outra, de dimensão continental” por meio da realização dos congressos como espaço de estudos e difusão de conhecimentos. A valorização da infância fez-se sentir em várias áreas, como na saúde, no meio escolar, nos espaços de discussão política e na imprensa. No Brasil, soma-se a isso a instauração de um novo sistema político que carregava consigo promessas de promoção de uma nova nação confiada na educação das novas gerações. Associou-se infância com República e futuro.

O culto à pátria predominou como princípio basilar na constituição de uma identidade nacional, tema esse que foi fartamente explorado em livros escolares no início do século XX. Temos vários autores, já citados no segundo capítulo, como o Conde Afonso Celso, O Barão de Macaúbas – Abílio César Borges – Olavo Bilac, entre outros referendados nos textos do jornal. Traziam textos específicos sobre “o amor à Pátria” e várias datas cívicas, com o intuito, como os próprios textos dizem, de “compartilhar os louros conquistados por nossa terra querida” (*O Bem-ti-vi*, n. XX, p. 01-02), ou para cumprir “o iniludível dever cívico de relembrarmos com orgulho patriótico, com desvanecimento, amôr e gratidão, os feitos heroicos dos nossos antepassados (...)” (*O Bem-ti-vi*, n. XVIII, p. 01-02), e ainda,

Nós, que pertencemos á geração de hoje, aplaudimos e bemdizemos aos heróes da jornada de 1888, os quaes nos deram um Brazil que pode seguir altivo ao lado das nações civilisadas, no caminho constellado da Liberdade e do Progresso. Salve 13 de Maio!¹⁹².

¹⁹² *O Bem-ti-vi*, n. 41, p. 01.

As datas 15 de novembro (Proclamação da República), 13 de maio (Abolição da escravidão), 2 de julho (Independência da Bahia) e 11 de junho (Batalha do Riachuelo) foram títulos e temas de textos da primeira página de edições do jornal, e que, apesar de não serem do mesmo autor, dialogam entre si, cultuando os mesmos fundamentos: cultivar o patriotismo, “curvar submissos e respeitosos aos heroes”, “relembrar”, “aprender com o exemplo dos antepassados” e convocar os brasileiros a “cumprirem” os deveres de patriotas para colaborar com o Brasil “no caminho da grandeza e da prosperidade a que parece certamente fadado”¹⁹³. A promessa de que o Brasil seria ‘o país do futuro’ vem de longa data e fazia/faz parte dos discursos do governo e das elites para a condução do povo ao sacrifício pela pátria. Assim, ao dizer que eram patriotas, os redatores convocavam o leitor a também o serem, a se sentirem pertencentes a esse lugar destinado a progredir, a ter um futuro glorioso.

Além de idealizarem um provável leitor, os editores também intencionavam instituí-lo. Conforme afirma Umberto Eco (1986, p. 39), “gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros”. A construção do texto pelo autor intenciona comunicar uma mensagem, mas deixando interstícios, ou “não-ditos”, de forma que o leitor “se movimente” dentro do texto. De acordo com Galvão e Melo (2019, p. 228) “o que se espera, do ponto de vista da produção, é que o leitor visado seja cooperativo, colaborando com o autor, ao produzir, para o texto que lê, o sentido pensado no momento da produção”.

A construção desse leitor perpassava também pela veiculação de textos que, além de tratarem sobre virtudes e sentimentos pátrios, valorizavam os conhecimentos científicos, o progresso e a educação, escolar ou não-escolar. Seja em forma de contos (*O Bem-ti-vi*, n. X, p. 01; n. XXI, p. 01-02; n. XXII, p. 02-03) ou de artigos, como se vê no texto “Nos Estados Unidos” que tratou sobre a educação de crianças norte-americanas em duas edições (*O Bem-ti-vi*, n. XXVII, p. 01-02; n. XXVIII, p. 01).

O conteúdo veiculado no jornal que ocupa a oitava posição é “política”. No jornal *O Bem-ti-vi* esse conteúdo preencheu 6,7% das suas páginas, compreendendo 5,27% do espaço total. Foram textos em prosa e em verso, com notícias sobre alguns políticos, evidenciando elogios ou notas jocosas. Trataram de eleições, corrupção e matérias enaltecendo Rui Barbosa.

O número III do jornal do dia 06 de novembro de 1912, página 4, publicou que “O Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República comprou a biblioteca do Cons. Ruy Barboza, senador pelo Estado da Bahia”. Hermes da Fonseca foi presidente do Brasil nos anos de 1910 a 1914, eleito por voto direto. Seu concorrente foi o baiano Rui Barbosa, figura atuante

¹⁹³ *O Bem-ti-vi*, n. IV, p. 02-03.

na política desde o Império e, principalmente, no primeiro governo republicano do Marechal Deodoro da Fonseca.

Percebemos, na nota publicada, um tom jocoso, de crítica quanto à erudição dos dois políticos. Além de ser conterrâneo dos redatores, Rui Barbosa já carregava consigo as glórias do sucesso da sua representação na Conferência de Haia e era rival temido nos debates políticos que os jornais publicavam, pela astúcia e elaboração do seu pensamento. Todavia, a crítica realizada deve ter sido motivada mais especificamente como um tipo de desforra pela derrota sofrida por Rui Barbosa, depois de uma intensa campanha realizada pelo país (1909-1910), conhecida como *Campanha civilista*¹⁹⁴. Segundo Walter Costa Porto (2010, p. 50), esta campanha ficou famosa na história política brasileira por ter inaugurado uma nova forma de fazer política, pois ocorriam “pela primeira vez, na República, comícios, manifestações, passeatas, a mobilização popular, a participação dos jornais, com repórteres acompanhando o opositor às principais cidades do País, e com caricaturas espicaçando os candidatos”.

Após os resultados das urnas, desfavoráveis para Rui Barbosa, surge no cenário político a acusação de fraude eleitoral, comum no período, quando as eleições eram realizadas a “bico de pena” conforme consta numa carta de Mario Spínola ao pai Deocleciano Teixeira, por aqueles que eram “donos da mesa de votação” (AGUIAR, 2011, p. 98). No entanto, nada foi vistoriado ou provado. A justificativa da referida nota seria o alinhamento político de Deocleciano Teixeira e, provavelmente, de quase toda a região ao lado de Rui Barbosa.

Diante da perspectiva de Rui Barbosa voltar a ser candidato à presidência da República, no pleito de 1914, um colaborador do jornal *O Bem-ti-vi* enviou duas poesias enaltecendo o seu nome, publicadas nos números XXVIII (12/11/1913) e XXXII (08/01/1914). Mesmo diante da renúncia de Rui Barbosa à candidatura¹⁹⁵, em dezembro de 1913, devido ao posicionamento contrário de Rodrigues Alves, então governador de São Paulo, o jornal *O Bem-ti-vi* ainda dedicou espaço para a defesa do seu nome em três números XXXV (21/02/1914), XXXVI (06/03/1914) e XXXVII (20/03/1914), enviados por outro colaborador, replicando (Gloza) uma sentença contrária a Rui Barbosa (Motte).

No número VII de *O Bem-ti-vi* foram publicadas duas notas com tom de deboche sobre o governador da Bahia, no período, José Joaquim Seabra: “o Dr. Seabra almoçou hoje bagre com arraia para remoçar”, seguido da notícia de que, na Bahia, “as avenidas continuam no

¹⁹⁴ Civilista, por Rui Barbosa ser um civil, concorrendo com um militar.

¹⁹⁵ Mesmo não sendo mais candidato, Rui Barbosa obteve votos a seu favor nesse pleito. Segundo Walter Costa Porto (2010, p. 47), das 11 eleições diretas da Primeira República, “Rui Barbosa foi votado em todas, até sua morte, em 1923, mesmo sendo expressamente candidato somente em duas delas – a de 1910 e a de 1919”.

papel”¹⁹⁶. O governador J. J. Seabra assumiu o governo da Bahia em 1912, em decorrência do apoio anterior a Hermes da Fonseca, em um jogo político de acordos entre o presidente com os governadores contra as oligarquias tradicionais, o que culminou com o bombardeio de Salvador em 1912¹⁹⁷. O estopim imediato foram as disputas pela intendência de Salvador, que por sua vez se entrelaçavam com interesses econômicos de grandes corporações.

A primeira nota ridicularizou Seabra e a segunda cobrou pelas reformas que, realmente, viriam a ser realizadas na remodelação de algumas regiões da cidade. Mais do que um pouco da história da Bahia, elas expõem o posicionamento político do jornal *O Bem-ti-vi*, contra Seabra e favorável a Rui Barbosa, nessa polarização entre os dois baianos.

Seabra contou com o apoio inicial de Deocleciano Teixeira que, com o desenrolar das disputas políticas, logo mudou de posição. Segundo Lielva Aguiar (2011, p. 79) “essa virada de opinião tem importância central” na década seguinte “quando Deocleciano apoiou a candidatura de Góis Calmon” ao governo da Bahia, em 1924. Vitorioso, Deocleciano fortaleceu-se ainda mais política e economicamente, principalmente com a contribuição dos jovens filhos “doutores”.

A história do país faz-se em cada canto, em cada voz e em cada página escrita. O jornal *O Bem-ti-vi* registrou algumas linhas sobre a política sertaneja. A quem interessava esse tema? O leitor interessava-se por essas notícias? Provavelmente, os redatores usavam o espaço do jornal para se posicionarem e indicarem o posicionamento das suas famílias, em nível estadual e nacional, mas não em nível local¹⁹⁸. No espaço dos quase dois anos de circulação do jornal, as intrigas e embates político-partidários da cidade, que puderam ser percebidos em um espaço de tempo maior, não foram expostos. No jornal, prevaleceu uma sociabilidade entre aqueles que disputavam o poder local, tanto em nível das notícias, quanto na aquisição das assinaturas, sem desagradados entre as elites locais.

¹⁹⁶ *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, n. VII, p. 04.

¹⁹⁷ A cidade de Salvador foi bombardeada em janeiro de 1912 pelas forças nacionais. “Os relatos divergem de acordo com a filiação política das testemunhas, mas é certo que a tarde de 10 de janeiro de 1912 marcou um dos mais violentos e extraordinários acontecimentos da história da Bahia. O palácio do governo foi incendiado e a biblioteca pública, que ali estava instalada, foi destruída. Livros da época colonial foram perdidos para sempre”. (SARMENTO, 2009, p. 98). Depois do bombardeio Rui Barbosa iniciou uma campanha contra Seabra na imprensa: “publicou vários artigos no Diário de Notícias (RJ), entre eles o magistral “Caim” (02 fev.1912), em que um diabólico Seabra era levado a uma espécie de tribunal divino por ter assassinado seus irmãos e maltratado a Bahia, sua mãe. O texto teve impacto nacional e marcou a imagem de Seabra para sempre”. (SARMENTO, 2009, p. 99).

¹⁹⁸ Se, em relação à política da Bahia o jornal se posicionou claramente, não se pode afirmar o mesmo em relação à política local, marcada pelos embates entre José Antônio Rodrigues Lima (o Cel. Cazuzinha) e a família Tanajura, contra Deocleciano Pires Teixeira.

Após a política, o conteúdo seguinte foi “religião”. Ocupou 6 páginas, compreendendo 4,72% do total. Apesar de na cidade coexistirem no período as crenças católicas, protestantes, espíritas e de matrizes africanas, a religião veiculada de forma explícita no jornal era o catolicismo¹⁹⁹.

No dia 06 de outubro de 1912, “foi instituída em Caetité, na capella particular do Instituto S. Luiz Gonzaga a Congregação Mariana para jovens”²⁰⁰. A matéria sobre a descrição desta festa foi publicada em três números do jornal (II, III e IV). O redator Anísio Teixeira estava entre esses congregados, sendo eleito como segundo assistente da presidência da Congregação. As outras publicações foram textos esparsos, distribuídos pelos últimos números do jornal e, na maioria, traduções, as quais supomos tenham sido realizadas por Anísio Teixeira²⁰¹. As temáticas dos textos referiam-se a assuntos do universo do catolicismo.

Práticas religiosas católicas estavam muito presentes no sobrado dos Teixeira, envolvendo as mulheres e crianças da família (CARNEIRO, 2011). Por outro lado, não encontramos indícios da participação direta de Deocleciano Teixeira nessas práticas, apesar das ligações políticas com Monsenhor Luiz Bastos (AGUIAR, 2011). O trecho de uma carta de 1911, trocada entre filhos de Deocleciano Teixeira, diz:

Celso e Oscar

Aqui houve missão, bastante concorridas, todos em casa confessaram-se, menos Papae e as meninas pequenas. Anísio, Jayme e Nelson fizeram a primeira comunhão. Os missionarios sahiram hoje, muito satisfeitos, pois, pelas noticias que tinham daqui, não julgavam encontrar o povo com tanta fé. Angelina e Carmita chrismaram-se; Vanvan foi madr^a. de Carmita e eu, de Angelina. (...)

Celsina

Caetité, 4 de Junho de 1911²⁰².

A Igreja Católica, diante do laicismo republicano, adotou medidas para se impor no cenário das mudanças ocorridas com a proclamação da República e, conseqüentemente, com a possibilidade da perda de espaço para as novas ideias e para o “culto” à ciência. Nas seções “chegadas”, “partidas”, “de viagem”, o jornal *O Bem-ti-vi* registra o fluxo de padres e outros membros da Igreja Católica entre Caetité e a capital do Estado, possivelmente atuando nesse projeto. Lembremos também a instauração do Instituto São Luiz Gonzaga, da ordem dos

¹⁹⁹ Salvo, como já vimos no segundo capítulo, em notas sobre a Escola Americana, vinculada aos presbiterianos.

²⁰⁰ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, n. III, p. 03-04.

²⁰¹ Como vimos no capítulo 2, apenas uma das traduções foi assinada por Anísio Teixeira. Outras traziam as iniciais A. T.

²⁰² CELSINA, Carta para Celso e Oscar. Caetité, 4 de junho de 1911. APMC. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira, Série: Correspondências recebidas, Data limite: 1909-1976, n. 73 *apud* Fabiano Santos (2016, p. 12).

Jesuítas, fazendo frente ao avanço do protestantismo, que não está dissociado dessas transformações ditas “modernas”. A correspondência acima evidencia parte do trabalho realizado pelos religiosos católicos, culminando com a criação do bispado na cidade no ano de 1914.

Outras vertentes religiosas não foram referenciadas no jornal, com exceção de algumas notas informativas sobre a Escola Americana, tratando apenas de eventos escolares. Das religiões de matriz africana, tivemos conhecimento de sua ocorrência, no período, apenas por meio de memorialistas como Flávio Neves (1986) quando reportou os batuques da “preta Bernarda” no alto da ladeira. O culto espírita foi formalizado na cidade com a criação do Centro Psíquico de Caetité, em dezembro de 1905 por pessoas pertencentes às elites da cidade²⁰³. O pai do redator Mario Teixeira Rodrigues Lima, um irmão de Anna Spínola, Aristides Spínola, e o dono da Tipografia *A Penna* estavam entre essas pessoas.

O que dizer sobre o fato de o catolicismo ter sido a única religião divulgada nas páginas do *O Bem-ti-vi*? Que intenções quanto ao leitor, podemos presumir? Apesar das elites econômicas e políticas se confundirem com as elites intelectuais, que defendiam as ideias em voga sobre o desenvolvimento da técnica, da ciência, da educação e da modernidade, representada pelo ideal de progresso, tão propagado na imprensa local, podemos supor que eram os valores mais tradicionais e conservadores que eram veiculados quanto à religiosidade, representados pela Igreja Católica. Provavelmente, os redatores pensavam que, trazendo à tona ideias diferentes dos costumes tradicionais, poderiam gerar conflitos e críticas a um impresso que se dizia “Orgam da infância”, ou seja, sugestivo de que seria direcionado às novas gerações, muito suscetíveis a todo tipo de influências. Corria-se “menos riscos” ao se divulgarem ideias que passassem pelo crivo do julgo social. O catolicismo era amplamente aceito e valorizado por ser a religião, desde tempos remotos, praticada e “permitida” pelos “senhores”²⁰⁴.

Tal como a religião, discutir sobre o papel da mulher na sociedade poderia gerar polêmicas e julgamentos de valor sobre o impresso. Apesar disso, neste tema, inicialmente, os redatores ousaram um pouco mais, considerando o contexto e a época. Os textos sobre o conteúdo “mulher” preencheram quase quatro páginas de *O Bem-ti-vi*, constituindo um percentual de 2,76% do seu espaço. A primeira matéria foi publicada no número XXVIII, na primeira página, intitulada “Direito feminino” era da autoria de Ignez Sabino, texto este

²⁰³ Sobre isso ver Joseni Reis (2018).

²⁰⁴ A chegada dos protestantes presbiterianos em Caetité em 1911 e a instalação da Escola Americana, não se deram livre de tensões. Uma das mais sérias tensões ocorreu em 1918, quando João Gumes foi excomungado pelo bispo local, por manifestar, no seu jornal, apoio aos protestantes. Sobre isso, ver: Reis (2010); Silva (2020).

apresentado no 3º Congresso Científico Latino Americano. “No começo do século XX já a encara [a mulher] sob outra forma, com quanto ainda, para muitos seja o que sempre foi: – a graça, a beleza, a maternidade e as virtudes christãs e nada mais”²⁰⁵, inicia a autora, evidenciando indícios de boas perspectivas que o século que se iniciava trazia para a visão da mulher na sociedade.

No entanto, essa posição criticada no texto, da mulher como imagem da beleza, foi publicada em outro texto à frente, da autoria de Almeida Garrett, no qual discute que, se a mulher fosse bem educada, não precisariam “as mães” preocuparem se são “lindas”, pois “a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva”²⁰⁶. Nas entrelinhas, diz que a mulher nasceu para conquistar um marido e, no futuro, cumprir seu papel de gerar novos seres.

Desse modo, o jornal iniciou com uma matéria mais progressista, mas, nas matérias seguintes adotou posturas mais conservadoras. Na matéria de abertura do número XXX, o Dr. Salvador de Mendonça diz que ouviu de uma senhora nos Estados Unidos que a mulher não precisava possuir direito de voto porque para influir no governo “limitamos-nos a criar e educar eleitores, que por toda a parte nos representam”, assim como “todos os futuros representantes”²⁰⁷. Sobre o direito de voto feminino no Brasil, Ignez Sabino disse que:

Os que tem habituado a ler-me sabem quanto eu, com Josephina de Azevedo, então redactoras d’A Família, creada por ella, revista conhecida no Brazil inteiro, transformada em audaciosa campanha literária, luctamos para que a Constituinte da República Brasileira dêsse à mulher o ‘direito de voto’. Isso, com efeito, fez sensação na Câmara, onde ambas assistíamos aos debates, quando vimos cahido por terra o nosso bello ideal, após tremenda luctas de prós e contras!²⁰⁸.

Percebemos que a posição da mulher na sociedade brasileira estava sendo discutida em espaços de poder, com partidários em sua defesa, já que gerou debates em “tremenda luctas de prós e contras”. O jornal *O Bem-ti-vi* começou a discutir o tema, trazendo essas novas ideias, mas, no decorrer dos números seguintes, recuou. Questionamos se os editores foram orientados a adotarem perspectivas mais conservadoras, diante do lugar que ocupavam, e da sociedade em que estavam inseridos. Tal suposição mostra-se bastante provável, pois poderiam gerar “polêmicas”, contrariando a ordem instaurada, mesmo que próximo aos redatores tivessem defensores e defensoras dessas ideias, se não os próprios.

²⁰⁵ *O Bem-ti-vi*, 12/11/1913, n. XXVIII, p. 01-02, Anno II.

²⁰⁶ *O Bem-ti-vi*, 06/03/1914, n. XXXVI, p. 01-02, Anno II.

²⁰⁷ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, n. XXX, p. 01, Anno II.

²⁰⁸ *O Bem-ti-vi*, 12/11/1913, n. XXVIII, p. 01-02, Anno II.

Uma temática relacionada à mulher²⁰⁹ foi publicada no jornal, que identificamos como “amor romântico”. Foram poemas, quase que totalmente da autoria do colaborador Frederico Lisboa, poetizando o amor, o romantismo, muito atrelado à dor e ao culto ao feminino. Ocupou aproximadamente 3,54% do espaço do jornal. Segue o trecho de um poema em que Frederico Lisboa homenageou uma senhora da sociedade caetitense, filha de um dos assinantes do jornal,

Como sois tão elegante!
 Como sois tão delicada!
 Vossas maneiras fidalgas
 Vos tornam bem estimada!²¹⁰.

A figura feminina “perfeita”, aos olhos do autor, encarnando o ideal de mulher, desejado pela sociedade: elegante, delicada, fidalga... boa esposa e carinhosa. Era, portanto, bem diferente do papel de mulher que Ignez Sabino lutou para defender na Constituinte e no Congresso Científico Latinoamericano. Em pesquisa sobre relações de gênero na obra literária de João Gumes²¹¹, Maria Lúcia Nogueira (2015, p. 166) afirma que o modelo feminino que o narrador defende “passa pela retidão de caráter da mulher honesta que sabe se fazer respeitada, cuja conduta prioriza a autoridade masculina do pai ou do marido”. O referido estudo identificou realidades diversas vivenciadas pelas mulheres no Alto Sertão, de acordo com as condições socioeconômicas. Afirma que, enquanto as mulheres das camadas populares se desdobravam para dar conta das atividades da casa, da “lida” com criação de animais e hortas, além de pequenos serviços e negócios, as mulheres de elites podiam afastar-se das lidas domésticas, apenas supervisionando as atividades; podiam bordar, pintar, escrever cartas, tocar o bandolim e ajudar na administração financeira dos negócios da família.

Apesar das diversidades de perfis, pode-se afirmar que na sociedade do Alto Sertão, em qualquer uma das condições econômicas, “a despeito das normas prescritas e de situações legais pouco animadoras no que tange ao feminino, as mulheres enfrentavam na prática as circunstâncias que as aflingiam” (NOGUEIRA, 2015, p. 168). Logicamente, em relação às condições de vida, havia uma grande desvantagem das mulheres das camadas populares, se comparadas àquelas vividas pelas mulheres das elites. Ou seja, além das desigualdades de gênero, as mulheres das camadas populares ainda encontravam adversidades nas condições de sobrevivência. Provavelmente, adversidades que a mulher inspiradora do poema de Frederico Lisboa não enfrentava.

²⁰⁹ Não incluímos esses conteúdos na categoria “mulher” por apresentarem natureza diferenciada dos demais, visto que estavam atrelados ao amor, ao sofrimento e à dor.

²¹⁰ *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, n. XV, p. 03, Anno I.

²¹¹ Sobre João Gumes, ver Joseni Reis (2010).

Não foi publicada nenhuma matéria em prosa discutindo o conteúdo “criança”, especificamente²¹². Criança apareceu como tema de três poemas da autoria de colaboradores, versando sobre o mundo idílico da infância e sobre o ideal de criança educada. Um desses poemas foi “Meus seis anos”, possivelmente inspirado no poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu. A relação entre infância e um ambiente livre, feliz e despreocupado, foi comum a ambos; entretanto, enquanto o último poema comparava os tempos da infância com o tempo da vida adulta, o primeiro comparou os tempos da vida de criança, antes do processo escolar, com o tempo das vivências na escola primária, indicando que o seu autor ainda vivia o período da infância. Eis um trecho:

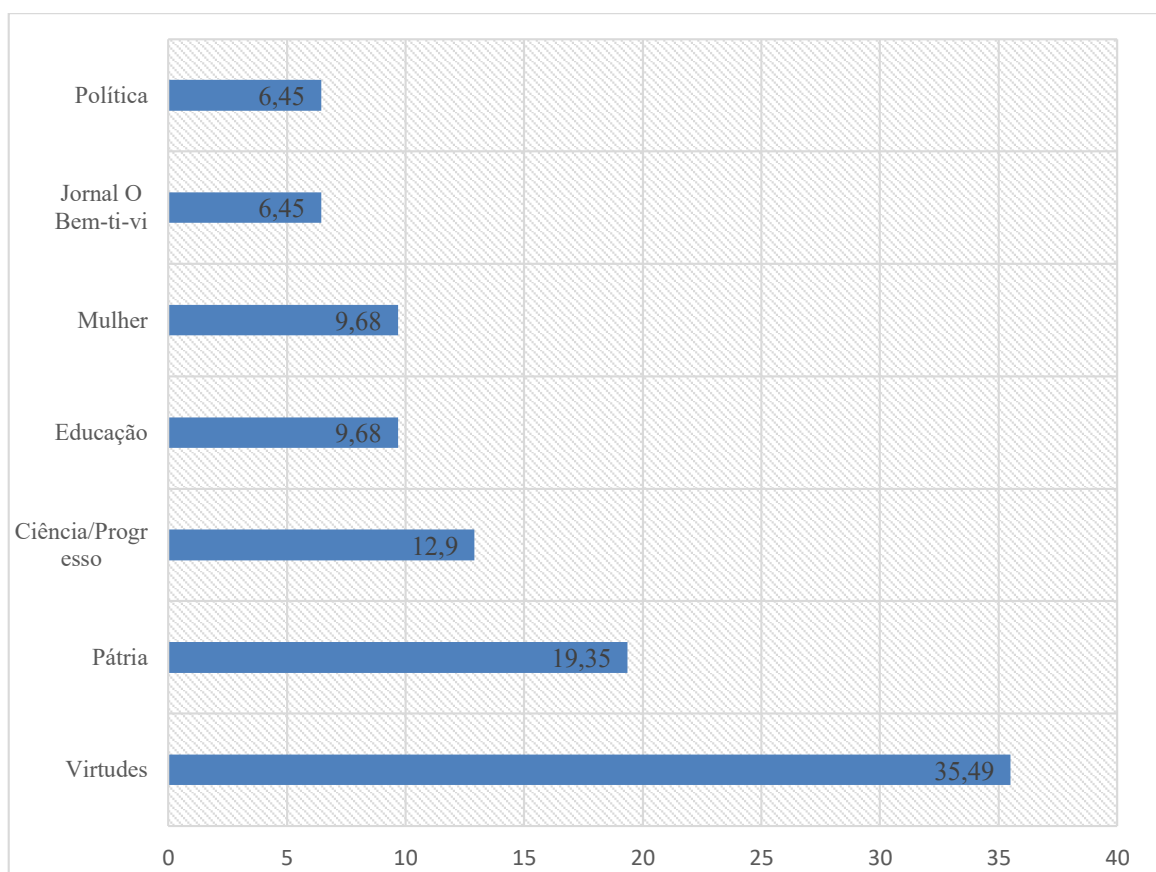
Corriam as horas breves
Do tempo nas azas leves,
Sempre contente a folgar,
Mas depressa tal vidinha
Lá se foi, oh! Sorte minha!
E na escola fui parar (...) ²¹³.

Não obstante a pequena porcentagem ocupada pelo conteúdo “criança”, percebemos que ele perpassou outros conteúdos publicados, como os contos, as histórias, as notas sociais e aqueles relacionados ao processo formativo – patriotismo, civismo, conhecimento científico e educação.

A seguir, procuramos analisar se a porcentagem de espaço desses conteúdos apresentados anteriormente variava de acordo com a localização ocupada no jornal. Quais foram os conteúdos elencados para serem publicados na primeira página? Partimos do pressuposto de que, na primeira página estariam os conteúdos de maior importância para o seu público leitor. O gráfico abaixo, apresenta as temáticas das matérias de abertura do jornal. Podemos observar, comparando com o gráfico anterior, que a proporção dos temas segue quase a mesma ordem.

²¹² As histórias e contos com personagens crianças foram computadas em “virtudes”.

²¹³ *O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 03, n. XIV, Anno I.

Gráfico 2 – Conteúdos das matérias de abertura do jornal.

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Gráfico elaborado pela autora.

A diferença principal entre um gráfico e outro é que as notícias da cidade não faziam parte das matérias de abertura, possivelmente por uma cultura dos jornais da época de veicular esse tipo de nota nas páginas finais. A temática escolhida para a maioria das aberturas foi a virtude, e isso reforça a hipótese de que a intenção do impresso, quanto ao leitor visado, era de se direcionar às novas gerações.

A temática predominante seguinte à virtude envolvia matérias que tratavam sobre a pátria, a ciência, o progresso e a educação. As outras temáticas tratadas cumpriam o papel de diversificar os temas/conteúdos, como mulher e política, entretanto com uma frequência menor.

Analisar os conteúdos foi uma opção metodológica para apreender o provável leitor visado. A análise dos vocativos utilizados pelos redatores ao se dirigirem aos prováveis leitores constituiu-se em outro caminho possível, como veremos a seguir.

3.2. A quem se dirigiam os redatores, quando escreviam?

Como tratamos em capítulo anterior, as seções do jornal não apresentavam uma rigidez no formato e na variedade, apesar de muitas constâncias. Nas seções que classificamos como

“sociais”²¹⁴, percebemos que a referência aos leitores aos quais se dirigiam acontecia de forma explícita, pois geralmente citavam os nomes das pessoas às quais estavam tratando. Os redatores dirigiam-se *a pessoas da cidade e região* para dar felicitações, recados, noticiar os doentes, desejos de pronto restabelecimento, fazer saudações, despedir dos viajantes, dar boas-vindas, etc. Às vezes, a pedidos, publicavam textos emitidos pelos próprios cidadãos com o objetivo de enviar recados para as pessoas amigas das famílias que partiam ou chegavam.

Todavia, em outras seções, o leitor visado encontrava-se subscrito implicitamente no texto. Nesses casos, elencamos os vocativos *brasileiros patriotas, baianos, homens de governo, o povo e caetitêenses*. Entre os caetitêenses, encontramos *o fazendeiro, a “mocidade” escolar e os letrados, a elite, a sociedade de uma forma geral*, algumas vezes, numa interseção entre esses grupos, *o pai de família e o camponês*. Para realizar a análise, selecionamos textos em prosa da autoria dos redatores²¹⁵ e de colaboradores, somando 53 textos. Esses textos eram notas ou pequenas notícias e artigos de opinião. *Os amigos e familiares*²¹⁶ fizeram-se presentes nas notas sociais e serão mais explorados posteriormente.

Convém ressaltar que, perpassando grande parte desses textos, ficou muito evidente a presença do gentílico “sertanejo”, fazendo referência à identidade das pessoas nos seus discursos quanto à região de pertencimento. Em referência à região, mas que diz respeito também aos indivíduos, encontramos o termo “sertão”. Esses termos também serão analisados nesse tópico, pois acreditamos que, por meio deles, somaremos mais elementos para conhecer melhor o provável leitor desse jornal.

Evidenciamos que o trabalho de categorização implica em escolhas, que podem gerar certa arbitrariedade em razão da forma como o próprio texto se estruturava; às vezes, no mesmo artigo, o autor referia-se ao rico, ao pobre, ao camponês, ao brasileiro e ao baiano e, assim, podemos estar sujeitos a alguma imprecisão.

A seguir, podemos observar, na tabela e no gráfico abaixo, os prováveis leitores visados pelo jornal:

²¹⁴ Aniversários, datas festivas e festas no lar; viajantes, de viagem, chegada, partida; e, ainda, mensagens de congratulações pelo restabelecimento da saúde, por nascimento, casamento e por falecimento.

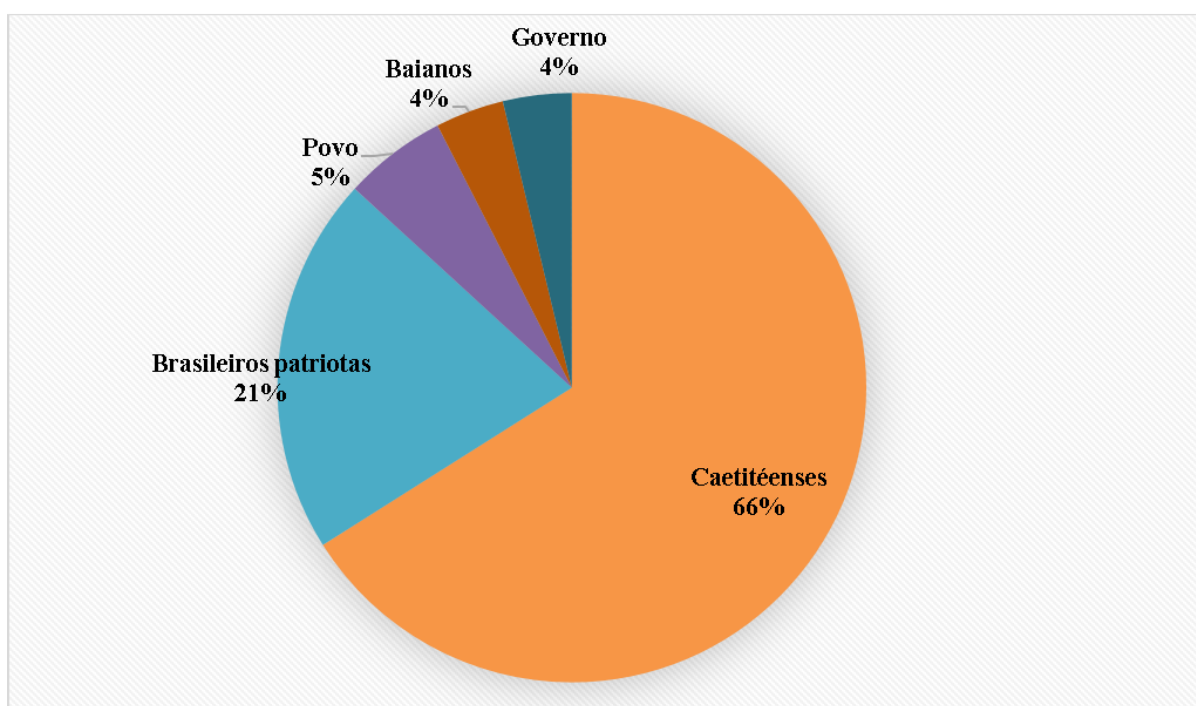
²¹⁵ Utilizamos os textos dos redatores identificados por pseudônimo e por nome próprio. Utilizamos também muitas notas que não traziam a autoria, mas que inferimos, pelo teor da mensagem, serem dos redatores.

²¹⁶ As notas sociais somaram 92 textos, variando o espaço ocupado no jornal, desde quatro linhas até um quarto de página. Em relação ao leitor visado, optamos por analisá-las em conjunto, pela estrutura comum que possuíam. Os outros gêneros textuais predominantes no jornal eram os contos – que, como vimos no tópico anterior, veiculavam lições de moral, virtudes – e poemas, de temáticas variadas.

Tabela 6 – Referências ao provável leitor.

Provável leitor	Número	Porcentagem
Caetitéenses	35	66,04%
Brasileiros patriotas	11	20,76%
Povo	3	5,66%
Baianos	2	3,77%
“Homens do governo”	2	3,77%
Total	53	100%

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Tabela elaborada pela autora.

Gráfico 3 – Prováveis leitores do jornal *O Bem-ti-vi*

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Elaborado pela autora.

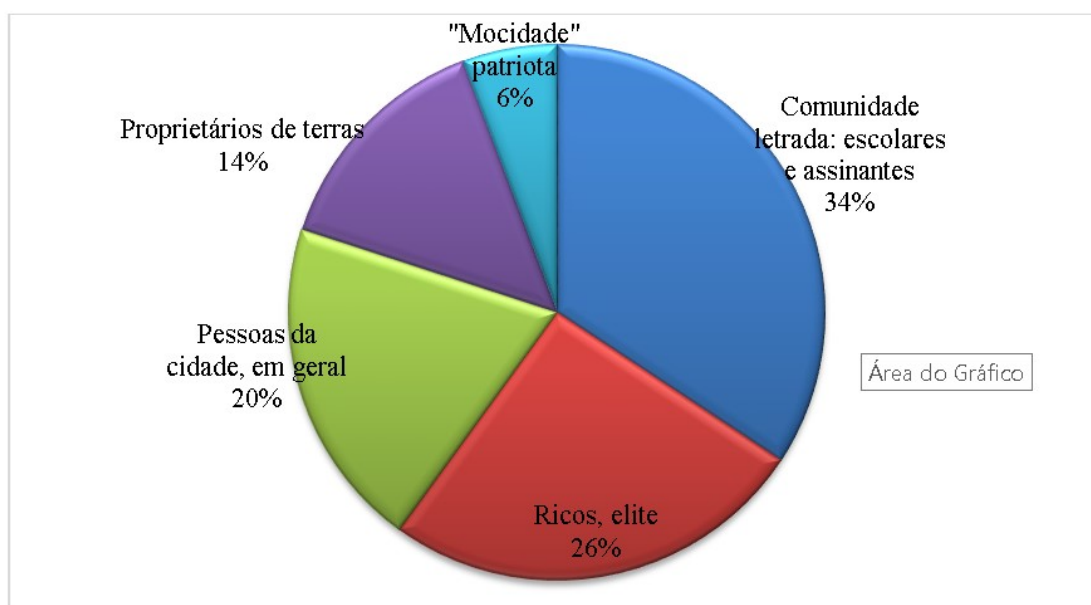
Na tabela, vemos que, em 35 dos 53 textos analisados, o leitor visado pelo jornal eram os caetitéenses, compondo 66% das referências. Eles foram citados principalmente nas notas dos editores em comunicados diversos. Em seguida, temos como prováveis leitores os brasileiros “patriotas”, em textos, na sua maioria de colaboradores do jornal, em forma de artigos de opinião. Na sequência, tivemos “o povo”, de forma genérica, com 5% das destinações prováveis, e as referências aos baianos e ao governo com 4% cada um.

Percebemos, a partir desses dados, que os “caetitéenses” constituíram o maior público leitor visado. Quem eram esses “caetitéenses”? Que grupos compunham esse quadro? Para chegarmos a grupos mais específicos, faz-se necessário fazermos inferências a partir da mensagem escrita. Vejamos, a seguir.

Aos caetitenses

Termos como *nossa elite*, *distintos cavalheiros*, *gentis senhoras e senhoritas*, *leitores e assinantes*, *mocidade patriota*, *os associados* e *grande número de pessoas desta cidade* eram utilizados pelos redatores nas notas que publicavam sobre as pessoas e os acontecimentos na cidade de Caetité. Ressaltamos que a categorização abaixo se fundamentou na forma como os redatores nomeavam os prováveis destinatários dos textos. Algumas categorias poderiam incluir outras – como “ricos, elites”, conter “proprietários de terras” e, “comunidade letrada” conter “mocidade patriótica” –, nesses casos contabilizamos apenas em uma categoria e excluimos da outra. No gráfico abaixo, podemos observar como reorganizamos esses grupos por meio das mensagens e a porcentagem das referências:

Gráfico 4 – Prováveis leitores entre os caetitenses.



Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Elaborado pela autora.

O termo “caetitense” raramente era apresentado de forma explícita, mas a partir de inferências, pudemos identificar nos 35 textos esse grupo como prováveis destinatários. Por exemplo, os redatores, ao descreverem um dos *amiguinhos*, afirmaram que “é o nosso amigo de hoje *natural desta cidade* e filho de uma das mais distintas famílias destes altos sertões”²¹⁷. Descrevem a criança e identificam a cidade, posição social da família e a região do sertão. Apesar de manterem o nome do descrito no anonimato, informam ao provável leitor que é *nosso* amigo, estabelecendo uma aproximação com os prováveis destinatários da mensagem, pessoas

²¹⁷ *O Bem-ti-vi*, 20/02/1913, p. 04, n. IX. Grifos meus.

desta cidade. Usam a estratégia discursiva – o *nosso*, e algumas vezes, o *nós* para instituir a ideia de inclusão e pertencimento do leitor.

Por conseguinte, conclamam os prováveis leitores a contribuírem com o progresso, o trabalho, a serem pessoas que valorizam as letras, os valores religiosos, o patriotismo e o civismo.

Textos que intencionaram, a nosso ver, instituir uma “comunidade letrada” somaram 34%, portanto, a maioria das referências a um provável leitor. Vemos isso na nota dos redatores da edição de aniversário do jornal, quando enfatizaram o sentimento de pertencimento coletivo, com o uso do *nosso*, e, apesar de parecerem modestos, elevaram a ação de produzirem um jornal, dizendo que “por entre jabilos e esperanças, comemora hoje o *nosso* modesto “O Bem-ti-vi” o seu primeiro aniversário *na trilha nobilitante da imprensa (...)*”, “lembrando do incitamento que há recebido”²¹⁸. Trilhar o caminho da imprensa era “nobilitante”, ou seja, valorizado, tido com foros de nobreza, ressaltando ainda que, durante o período deste ano de publicação, receberam incentivos para a realização desse intento.

Ao publicarem notas sobre eventos da Escola Americana (*O Bem-ti-vi*, n. XXVI, p. 02-03, n. XXIX, p. 01-02), do Instituto São Luiz Gonzaga, (*O Bem-ti-vi*, n. XXX, p. 02, n. 42, p. 04), da Congregação Marianna (*O Bem-ti-vi*, n. II, p. 03, n. III, p. 03-04, n. IV, p. 03-04), sobre a festa ao Sagrado Coração de Jesus, agradecimentos aos leitores e assinantes (*O Bem-ti-vi*, n. XXVI, p. 01-02), pedidos de desculpas pelo atraso na edição do jornal (*O Bem-ti-vi*, n. XXVII p. 04), provavelmente os redatores pretendiam evidenciar a instituição de um leitor escolar²¹⁹, que se dedicava aos deveres escolares, que lia muitos livros, que participava de homenagens/cerimônias públicas, cujo cultivo de habilidades letradas constituía-se como fator de diferenciação e de hierarquização entre as pessoas.

No seu penúltimo número, o jornal publica uma matéria, de autoria de Mario Lima, que muito fala sobre livros, autores e leitura. Recomendar, censurar, aconselhar; atos que caminharam *pari passu* com a leitura, na sua história. Livros foram/são adorados, destruídos, ignorados, enfim, múltiplas são as manifestações que evocam. Na história dos livros, no Brasil, várias foram suas significações e seus usos. Villalta (1999) afirma que, inicialmente raros na fase colonial, a constituição das primeiras bibliotecas era com livros que traziam conhecimentos para o exercício profissional e para a vivência religiosa, mas a partir do século XVIII, começa a ficar evidente que

²¹⁸ *O Bem-ti-vi*, 12/11/1913, p. 01, n. XXVIII.

²¹⁹ Em alguns contos e poemas não selecionados para análise desse item, quanto ao leitor visado, também não era rara a referência a valores relacionados com a escola e com a criança estudiosa.

a composição das bibliotecas, ainda, comportando uma diferenciação conforme o grupo sócio-profissional, apresentava outra clivagem, que se separava, no interior dessa elite proprietária de livros, um segmento, uma ‘elite dentro da elite’, que não resumia seus interesses às obras profissionais, ou mesmo religiosas, cultivando expectativas de, em seu recreio literário, refletir sobre o homem, a natureza, a divindade e o Estado. (VILLALTA, 1999, p.414).

Apesar de estarmos tratando do início do século XX, anos à frente, percebemos que a posse de livros e o saber sobre os livros ainda se constituíam dentro de uma elite e, no caso desse estudo, de crianças com protagonismo, apropriando-se dessa herança das suas famílias, a ponto de Mario escrever e publicar o texto abaixo aconselhando a “seus leitores” o que seria um bom e um mau livro.

Os efeitos dos livros

Os bons livros são os mensageiros da instrução, que vão desde a casa do mais pobre ao mais rico, espalhando a luz.

Existe grande diferença entre os efeitos causados pelos bons e pelos maus livros. (...).

Para a mocidade, os livros devem ser bem escolhidos, por ser nessa idade em que a pessoa vicia ou organiza o seu modo de viver. Diversos bons educadores teem publicado a lista dos romances que a juventude deve ler com proveito depois de muitos outros estudos; vou apenas citar os principaes. Os rapazes que gostam de romances históricos devem ler: Alfredo Vigny, Walter Scott, Maurice Maindron e Emile Gebbhart.

Nesta classe muitos aconselham - Alexandre Dumas Pai, - porém a meu ver só quem deve ler as composições deste extraordinário escritor são pessoas já de idade madura e de espírito forte. (...) As meninas devem dar preferência a: Júlio Verne, André Laurie e Lucien Biart, etc. Enfim, todos devem ler estes e mais, Jaguaribe, Paul Doumé, Shmid, etc. (...).

- *Espero que os meus leitores*, de agora em diante leiam somente livros são e abandonem os maus, para a sua felicidade.

Caeteté, 26-5-1914. Mario²²⁰.

O texto inicia mencionando a indistinção dos efeitos dos livros, em relação aos pobres e ricos. Tanto a um grupo quanto a outro, o livro vai trazer “instrução” e esta, por sua vez, “a luz”. Não de forma muito evidente, condena os romances, por “encher” a cabeça da mocidade de “fantasias” e “pervertimentos”. Traz a lista de autores que os educadores recomendam, mas entre estes, emite a sua própria opinião, como o exemplo de não recomendar Alexandre Dumas Pai para as crianças e jovens, apenas para pessoas “de idade madura”, de “espírito forte”. Aqui vemos se constituir e/ou fortalecer a ideia de que existem leituras apropriadas para crianças.

²²⁰ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 01-02, nº 42, Anno II. Grifos meus.

Recomenda Júlio Verne, entre outros, “para as meninas”. Convém lembrar que esse autor foi o escolhido por eles para veicular a história na seção “Folhetim d’*O Bem-ti-vi*”, com a história “Um drama nos ares”. Traz embutida a ideia de que meninas não podem ler “de tudo”. O que seria prejudicial às meninas, na opinião dos redatores? E por quê? Embora não deixam esse aspecto claro, podemos inferir qual o discurso propagado quanto ao lugar da mulher naquela sociedade.

É interessante como o texto se reveste de uma autoridade com o intuito de determinar o que seria uma boa e uma má leitura, um bom e um mau livro, diferenciando adulto/criança, meninas e os homens. O jornal é utilizado como um instrumento para veicular ideias pertinentes a uma elite letrada que “sabe” o que deveria favorecer a “instrução” e diga-se também, a “ordem” social. Reproduzia os discursos que seus redatores acreditavam que deveriam se perpetuar na sociedade. Por fim, deixa um recado a “seus leitores” para poderem escolher bons livros, a favor da instrução.

Ler e proferir discursos fazia parte das práticas da comunidade letrada, assim como declamar poesias e cantar. À vista disso, poderíamos inferir que os redatores estavam se dirigindo aos seus pares?

Na matéria sobre o Instituto São Luiz Gonzaga, podemos ver algumas dessas práticas e questões discutidas acima.

Distribuição de prêmios

Houve no dia 19 do corrente no Instituto S. Luiz de Gonzaga, uma symphatica festa cujo fim era premiar os bons estudantes do ano de 1913. A sala achava-se modestamente enfeitada. Compareceram algumas famílias.

Logo ao princípio a Lyra Caeteteense tocou uma linda peça, e depois os cantores entoaram o bellissimo Hymno do Instituto.

O discurso de abertura que seguiu imediatamente ao canto foi declamado pelo Sr. Anísio Teixeira. (...)

A poesia “*Dieu soit en aide aux ecoliers*” foi muito bem recitada pelo Sr. Nelson Teixeira.

Os prêmios do curso gymnasial foram dados aos Srs. Anísio Teixeira, Azarias Neves, Antônio Tanajura e Luiz Laranjeira.

Sucedeu á distribuição destes prêmios, o diálogo “Theorias Modernas” entre os Srs. Azarias Neves e Anisio Teixeira.

Os meninos cantaram o Hymno Brasileiro.

Foram galardoards na Instrucção Primária os Srs. Nelson Teixeira, Hybelmont Neves, João e Manoel Fernandes. Após isto veio a poesia “The Month of May”, pelo Sr. Azarias Neves; foi admirada por quase todos sua excelente pronúncia.

O Sr. Nelson Teixeira declamou a poesia “Santos Amores”, o Sr. Jayme da Silva, “Novo Éden”, ambos se sahiram muito bem.

Terminou a festa com um inesperado discurso do Revmo. Pe. Superior das Missões, no qual saudou com palavras elouquentes e entusiasticas o Brazil natureza e o povo brasileiro.

Agradecemos o convite com que nos honraram²²¹.

A matéria trata inicialmente do evento, dos seus objetivos, do ambiente físico e da presença de famílias, para em seguida narrar os acontecimentos. Sucederam-se práticas de música, discursos, declamação de poesias nas línguas portuguesa, francesa e inglesa, valendo elogios para a “excelente” pronúncia; por fim, houve a distribuição dos prêmios, o que deu título à matéria. Os “bons” alunos eram recompensados com o reconhecimento público em um evento/ritual para marcar o fato, além da sua publicação impressa, que acontecia nos jornais da cidade, que tinha “foros de civilizada”.

O diálogo com os “leitores”, “colaboradores” e “assinantes”, nesses termos, diz muito, também, da tentativa de instituição de um público leitor e de uma “comunidade letrada”. A mensagem transmitida parecia ser a de um lugar de pessoas que liam, que eram consumidoras de jornais e livros, que escreviam, que eram boas oradoras e que colaboravam com artigos para o jornal, tanto crianças quanto pessoas adultas. O colégio foi mais um espaço para evidenciar uma condição distinta dessa sociedade.

O direcionamento da mensagem para as elites estava, de certa forma, implícito em muitas matérias. Explicitamente, correspondeu a 26%, ficando em segundo lugar, atrás da comunidade letrada. Ao noticiarem um espetáculo de circo, a mensagem afirma: “Esplendida casa [Circo Recreio], não só pelo número como pelo que há de *mais fino e selecto* na sociedade caetetense (...)”²²². O adjetivo “fino” refere-se aos modos requintados, próprios de um grupo “selecto”. Termos como “nossa elite” eram utilizados para falarem de si próprios. Essa auto identificação reforçava as diferenças entre os grupos sociais. Segundo Bourdieu (2013, p.109),

A condição de classe que a estatística social apreende por meio de diferentes indicadores materiais da posição nas relações de produção, ou, mais precisamente, das capacidades de apropriação material dos instrumentos de produção material ou cultural (capital econômico) e das capacidades de apropriação simbólica desses instrumentos (capital cultural), determina direta e indiretamente, conforme a posição a ela conferida pela classificação coletiva, as representações de cada agente de sua posição e as estratégias de “apresentação de si”.

Ainda se tratando da destinação ao leitor caetetense, a “mocidade” patriota é destinatária de alguns textos do *O Bem-ti-vi*, totalizando 6% das referências²²³. Em uma nota,

²²¹ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 04, nº 42, Anno II.

²²² *O Bem-ti-vi*, 12/11/1913, p. 04, n. XXVIII, Anno II.

²²³ Esse tema será tratado posteriormente, neste texto, visando o público “brasileiro”.

os redatores conclamam *a mocidade* para comemorar a data cívica de 2 de julho, data da independência da Bahia.

2 DE JULHO

Por iniciativa do venerado tribuno baiano Dr. Frederico Lisbôa planeja-se festejar n'esta cidade esta grande data, que nos recorda o patriotismo acendrado dos nossos avoengos. Avante! Enthusiasmo! Que a mocidade, fitando os exemplos do passado, aprenda, com a História, lições de civismo, que há de salvar a pátria adorada no cataclismo que atravessa.

O Bem-ti-vi, 13/06/1913, p. 03, n. XVIII, Anno I.

A mocidade é tratada aqui como aprendiz; mais uma vez, vemos os processos formativos, neste caso, por meio da comemoração da data cívica, recordando o passado, aprendendo com a História e com os antepassados, o que serviria para “salvar” a pátria.

Direcionados aos caetitêenses e por duas vezes para os baianos²²⁴ concomitantemente, muitos textos tiveram a intenção de enfatizar o progresso, com base em melhorias na produção agrícola e pecuária, comércio e indústria, nos transportes e estradas. Identificamos, nesse ponto, a ênfase dada pelo jornal ao “desenvolvimento” econômico, criticando a falta de ações e/ou incentivando os leitores – nesse caso, proprietários de terras – para as possibilidades de negócios na região. Os textos com esse direcionamento constituíram 14% dos textos analisados.

Em conformidade com essa inferência, em uma matéria do n. XXV, p. 02-03, o colaborador Francisco Alberto de Moraes deixa entrever no seu discurso, embora tenha estragos no papel e o escrito esteja incompleto, que “este ilustrado periódico (...) tem por base os interesses do comércio e da lavoura”²²⁵. Tal colaborador era genro de João Gumes e, portanto, acreditamos que era verdadeira essa prerrogativa dele sobre o “programma” do jornal. Ademais, considerando que o texto foi publicado, e que deveria haver uma revisão, supomos que a ideia veiculada, de que um dos objetivos do jornal era cooperar com o progresso com base no estímulo aos donos de terras e lavradores, foi acatada.

No texto *O futuro da Bahia*, de autoria do redator-chefe, Mario T. Rodrigues Lima (ainda sob o pseudônimo de Dr. Zig-zag), os leitores são *os baianos, sertanejos e caeteenses, o fazendeiro e o lavrador*.

O futuro da Bahia

Na Bahia, quando vier o progresso, (...) Segundo telegrama do governo *para aqui*, quer vir uma companhia de colonos da Alexandria, para a cultura de algodão no vale do S. Francisco. (...) *N'este município de Caeté* há em grande quantidade plantações de canna (...). Um fazendeiro no sertão

²²⁴ A referência “Baianos” analisaremos juntamente com esse subitem.

²²⁵ *O Bem-ti-vi*, 19/09/1913, p. 04, n. XXV, Anno I.

enriquece com muita facilidade (...) *Ainda no sertão* (...). Penso que a lavoura se erguerá ao vir o progresso, pois *a nossa terra* é fértil e tudo produz. *Faremos* muita exportação, que nos trará a riqueza.

O lavrador muitíssimo lucrará (...).

O lavrador é o operário.

Dr. Zig-Zag²²⁶.

Nessa época, a Bahia ainda não fazia parte da região que hoje conhecemos como Nordeste, associada a estereótipos negativos, mas vivia um período de continuada perda de prestígio se comparada à importância colonial nos séculos XVII e XVIII. O texto *O futuro da Bahia* aponta caminhos que a região de Caetité poderia trilhar para que o estado da Bahia conseguisse alcançar as projeções do chamado “progresso” tão conclamado pelas “nações modernas”²²⁷ e, no período, também nos “estados sulistas” brasileiros, principalmente o estado de São Paulo, com a produção do café.

Em uma mesma edição, nos primeiros números do jornal, temos mais dois textos tratando desses temas, intitulados *A banana* e *O cavalo*. Nelson Lula da Silva diz que “a banana, que abunda muito *entre nós*, tem muita serventia, mas *nós* não sabemos aproveitar”²²⁸. Fala das utilidades da banana, mas critica o pouco aproveitamento que se faz dela. O segundo texto citado é um dos três textos de autoria de menina, a Maria. Ela cita todas as utilidades do cavalo, dizendo que “aqui no sertão, onde não há estradas de ferro, o cavalo presta os maiores serviços (...)”²²⁹. Discorre ainda sobre a feira de Caetité. Convém ressaltar que os autores desses textos – Mario, Maria e Nelson Lula – eram “con-discípulos”²³⁰ na Escola Americana.

Mais uma vez, seguindo os preceitos dos textos anteriores, o texto *Doce de Imbu*²³¹, de autoria provável dos editores, recomenda aos leitores, implicitamente, os caetitéenses proprietários de terras, a exploração do imbu na região: “está tentando fundar uma empresa para a exploração do doce de imbu, na Cidade de Jequié, o Sr. Telesphoro Cunha, a quem felicitamos pela iniciativa. No bello e vasto baixio de Monte Alto²³² podia-se tratar de igual tentamen”²³³. Quem *podia tratar*? Quem teria autonomia para tomar a iniciativa de *fundar uma empresa*? Decerto, os proprietários de terra da região.

²²⁶ *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, p. 01-02, n. VIII, Anno I. Grifos meus.

²²⁷ Ressaltamos a Exposição de 1900, em Paris.

²²⁸ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 02, n. III, Anno I.

²²⁹ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 02, n. III, Anno I.

²³⁰ Os alunos da Escola Americana eram tratados por “discípulos” e “con-discípulos”, ao falar de colegas. *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 05, n. 42.

²³¹ Fruto típico da Caatinga, no semiárido nordestino.

²³² Município vizinho a Caetité, no período, em cujas terras, os caetitéenses possuíam fazendas.

²³³ *O Bem-ti-vi*, 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.

Em uma modalidade de gênero jornalístico ainda nova no período, a entrevista, os editores do jornal dirigem-se de forma mais explícita aos caetitéenses proprietários e fazendeiros, da qual transcrevemos um trecho:

Entrevista com um distinto fazendeiro sertanejo.

Fazenda de gado

sua prosperidade

Qual a melhor raça de gado

a moléstia que mais o ataca

P. As *fazendas sertanejas* prosperam?

R. Pouco prosperam por falta de três condições primordiais: é que *o nosso governo* leve avante a construção de açudes (...) *todo proprietário* deve fazer prados artificiais (...)

P. Qual a melhor raça de gado para *o Sertão*?

P. Qual a moléstia que ataca o gado *nestas paragens*?²³⁴.

No discurso veiculado aos caetitéenses em favor do “progresso”, o jornal *O Bem-ti-vi* dirige-se aos fazendeiros e, às vezes, citava *os agricultores, o pobre pai de família e o lavrador*, incluindo assim as pessoas das camadas populares como também responsáveis por elevar a condição econômica da região. No texto *O futuro da Bahia*, transcrito acima, Mario Lima especifica, claramente, que o lavrador a que ele se refere não é o fazendeiro, mas o operário.

Em outro texto, que já tratamos acima, Maria afirma que o cavalo “é um animal útil, não só à *pessoa de recursos* como *ao pobre* que leva ao mercado a farinha afim de vender e fazer dinheiro para sustento da sua família, muitas vezes é o cavalo um auxiliar forte do pobre camponês na condução de cargas, trazendo recurso ao bolso do *pae de família*”²³⁵.

Que leitor os redatores pretenderam instituir, que mensagens achavam importantes para esse leitor e com quais intencionalidades, quando se dirigiam às pessoas de Caetité, de uma forma geral? Diante dos indícios presentes nos textos que analisamos, os autores escreviam a um leitor que pudesse cooperar com as atividades econômicas da região, convidando-os a fazer reflexões sobre ações possíveis diante do potencial a ser explorado. Os redatores se referiam sempre utilizando o gênero masculino: *o agricultor, o lavrador, o sertanejo, o camponês, o pai de família*. A exceção ocorreu quando o jornal tratou do civismo, quando se dirigiu à mocidade, o que interpretamos que estivessem falando de meninos e meninas e, explicitamente, no texto *Os efeitos dos livros*²³⁶, quando especificou os livros mais “apropriados” para *as meninas*.

²³⁴ *O Bem-ti-vi*, 05/03/1913, p. 03, nº X, Anno I. Grifos meus.

²³⁵ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 03, n. III, Anno I. Grifos meus.

²³⁶ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 02-03, n. 42, Anno II. Grifos meus.

Quanto à condição econômica, vimos que o jornal falava *ao fazendeiro, ao pobre pai de família e ao camponês*. Mais adiante veremos mais vestígios sobre a condição econômica, todavia, percebemos que, quando os redatores falavam de forma abrangente às pessoas da cidade, de uma forma geral, as distinções sociais na construção desse leitor não eram dissonantes. Será que o jornal chegava realmente a esses leitores trabalhadores das fazendas ou pequenos proprietários de terra? Nos textos publicados, temos dois vestígios que podem indicar esse leitor. Na edição número IX, uma nota com o título *Declaração* apresenta uma correção no nome de um *lavrador*. Supomos, nesse caso, que esse lavrador conhecia e poderia ser leitor; no entanto convém evidenciar que ele trabalhava na Fazenda Espinho de propriedade do Cel. Lima Jr., pai do redator Mario Lima. Logo, não podemos considerar um caso que poderia ser estendido a muitos lavradores.

Em outra nota, na seção *A pedidos*, um sapateiro também solicita a correção da forma de tratá-lo:

Ao público:

O sapateiro Marinonio Nicolau vem, pelas columnas do “Bem-ti-vi” pedir aos seus amigos e todos os demais para d’ora avante não tratá-lo por Nicolau, pois o seu verdadeiro nome de baptismo é Marinonio Manoel da Silva.
Caeteté, 25 de fevereiro de 1913²³⁷.

Os editores, no título, dirigem-se *ao público*, mas logo a seguir afirmam que Marinonio Nicolau da Silva solicita *aos amigos* dele e *a todos os demais* para tratá-lo pelo nome de baptismo. Quem seriam esses amigos? Seus clientes? Provavelmente poderiam ser pessoas “de posses” e também trabalhadores, como ele. E quanto *aos demais*? O *público*? Deveria ser, provavelmente, todos os que liam o jornal e que o conheciam; isso indica um público leitor circunscrito às pessoas do seu convívio. Por prestar serviços de sapateiro, devia relacionar-se com pessoas da cidade e talvez da região que utilizavam seus serviços. Outra evidência, nesse caso, é que era provável que Marinônio Manoel tivesse sido leitor do jornal ou, no mínimo, tinha conhecimento e confiança de que era lido por muitas pessoas, por confiar a esse jornal o serviço requisitado.

²³⁷ *O Bem-ti-vi*, 05/03/1913, p. 04, nº X, Anno I. Grifos meus.

Aos brasileiros patriotas

Quando o jornal *O Bem-ti-vi* circulou, haviam se passado três décadas desde a instituição da República. Esse tema aparecia no jornal como um fato histórico a ser enaltecido ainda como algo relacionado ao novo, em contraposição ao monarquismo – associado ao antigo, velho, esgotado e transitório regime. Dos 53 textos analisados, 11 deles, representando 20,75%, eram dirigidos a um leitor *brasileiro*, que *amava a pátria* ou que precisaria cultivar os valores patrióticos.

Quinze de Novembro foi título do artigo de abertura da edição número IV, ocupando a primeira página e parte da segunda, no qual o autor se dirige ao leitor incluindo-o no discurso ao utilizar o pronome possessivo na primeira pessoa do plural: *nosso – nossa independência, nossos direitos, nossa redenção*. Vejamos um trecho nas palavras de Alvíno Novaes: “Era pois chegado o tempo da reivindicação dos nossos direitos e a aurora da nossa verdadeira redenção política surgiu com a gloriosa e pacífica revolução de 15 de Novembro de 1889”²³⁸. A quem interessava esse discurso? O sentido de pertencimento chegava a todos os leitores brasileiros, logo, não importava se era lido em Caetité, Salvador, no estado de Minas Gerais ou São Paulo, se era criança ou adulto, o certo é que parece ter a intenção de incluir um vasto público leitor.

Da mesma forma, uma data que pertencia ao calendário cívico brasileiro, 11 de junho, o dia da vitória na Batalha de Riachuelo, na guerra do Paraguai²³⁹, foi igualmente matéria de abertura do jornal, na edição de número XVIII, ocupando uma página e meia. Destacamos um pequeno trecho do que o colaborador do jornal, Antoniveo, escreveu:

11 DE JUNHO- RIACHUELO

(...) Assim pois, *cumpre-nos* o iniludível dever cívico de lembrarmos com orgulho patriótico, com desvanecimento, amor e gratidão, os feitos heroicos dos nossos antepassados (...).

Refiro-me á guerra do Paraguay, tão injustamente provocada pelo dictador Lopez, e tão digna e justamente sustentada *pelos nossos valentes e briosos compatriotas* de então (...). Um preito pois de merecida homenagem *tributemos* perenemente á memória do inlyto vencedor de Riachuelo (...) ²⁴⁰.

Antoniveo utilizou muitas vezes verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, conclamando os leitores a lembrarem a data com orgulho e tributar homenagens. Entre os *Compatriotas*, estavam alguns homens da região que participaram diretamente nessa guerra,

²³⁸ *O Bem-ti-vi*, 19/11/1912, p. 01-02, n. IV, Anno I.

²³⁹ As revisões historiográficas sobre a Guerra do Paraguai fazem novas leituras sobre o conflito e sobre a atuação e a responsabilidade do governo brasileiro sobre as sérias implicações da guerra para o povo paraguaio. Portanto, esclarecemos que atualmente não é vista como uma data a ser enaltecida.

²⁴⁰ *O Bem-ti-vi*, 13/06/1913, p. 01-02, n. XVIII, Anno I. Grifos meus.

tanto homens das camadas populares, escravos e ex-escravos, pressionados pelas autoridades locais, como homens das camadas mais altas da sociedade, tal qual Deocleciano Pires Teixeira, que nela atuou como médico.

Desta forma, os ânimos da população inflamavam-se ao lembrar a data, pois estavam se referindo a uma guerra que extrapolava as fronteiras nacionais, mas com envolvidos locais; compreende-se a importância dada ao ser publicado um texto como matéria de abertura do jornal.

Entre os textos da autoria de Antoniveo, mais um, de cunho patriótico, foi publicado na edição de número XXV, falando aos baianos e brasileiros – desta vez, prestando homenagem a Ruy Barbosa, com o título de *O excelso brasileiro*. Diz ele que “Ruy Barbosa não é somente uma glória bahiana (...), mas sim um grande homem de reputação verdadeiramente mundial (...), o que lhe valeu a honrosa distinção de ser escolhido para Presidente da *nossa* Academia de Letras (...)”²⁴¹. A *nossa*, a que ele se refere, é a Academia Brasileira de Letras, presidida por Ruy Barbosa de 1908 a 1919. O autor do texto exprime o orgulho pelo conterrâneo baiano, assim como pela Academia de Letras. É nesse ponto que ele se dirige ao leitor, quando afirma que a Academia é *nossa*, ou seja, dos brasileiros.

Além das datas cívicas, em uma nota de falecimento, os redatores dirigiram-se à *Pátria* na matéria de abertura da edição de 12 de julho de 1913 [numeração ilegível], para noticiar “o transpasse do grande brasileiro Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, que deixa nome benemérito e fulgente na história da pátria (...) Pesames à Pátria”²⁴². Dão os pêsames à *pátria* para se referirem aos brasileiros, devido à importância atribuída à pessoa noticiada na história do país; utilizaram de um elemento de eloquência do discurso para reforçar a mensagem.

Conclamar os brasileiros, mesmo que esse impresso não chegasse a todo o País e tivesse a sua circulação restrita a um espaço menor, significava cumprir uma prerrogativa desse tempo em que a educação patriótica, a formação de uma ideia de nação moderna e republicana, fazia parte dos discursos da época. Ao questionarmos as intenções desses escritos e a que tipo de leitor esse discurso seria mais profícuo, pensamos que a educação patriótica e cívica servia bem a um público leitor em formação, como as crianças e jovens, mesmo que os índices de alfabetização e de escolarização ainda fossem baixos.

²⁴¹ *O Bem-ti-vi*, 19/09/1913, p. 01, n. XXV, Anno I. Grifos meus.

²⁴² *O Bem-ti-vi*, 12/07/1913, p. 01, n. XX, Anno I.

Ao povo

Poucas vezes, quando noticiaram algum aspecto negativo – nos dois casos sobre o tempo: pouca chuva e chuva em demasia –, o jornal dirigiu-se genericamente *ao povo*, conforme uma nota *oferecida ao Bem-ti-vi*, intitulada *A tempestade*, assinada por X. Y., “Ninguém entende *esse povo*... quando vem sol, pedem para vir chuva; e quando vem chuva, pedem pra vir sol...”²⁴³. Três meses antes, uma nota havia sido publicada sobre a falta de chuvas: “tem sido muito escassas [as chuvas], e *o povo* muito desanimado continua emigrando para o S. Paulo”²⁴⁴. Essa forma de trato parece ser uma estratégia discursiva utilizada pelos redatores para se isentarem de atingir um grupo mais específico, como os agricultores, os fazendeiros, os conterrâneos, porque não estão tratando de coisas “boas”.

Quando noticiam a temporada das chuvas, na região, os redatores nomeiam os destinatários de forma mais direcionada a um determinado grupo, *os sertanejos*: “tem caído boas chuvas em vasta zona sertaneja. Muita animação de melhores tempos. Parabéns *aos sertanejos*”²⁴⁵. Da maneira semelhante, observa-se nessa outra nota:

CHUVAS

Felizmente temos tido excelentes chuvas, que vieram afogar os presságios tristes e despertar punhados de esperanças fagueiras, trazendo a alegria aos corações sertanejos que palpitam por uma estação bôa e de fartura, que tenha muito mantimento, muito leite, abundância de requeijões, emfim tudo de bom²⁴⁶.

Assim, o mesmo tema, “as chuvas”, é tratado de duas formas distintas, com uso de palavras e sentidos diferentes: *povo* e *sertanejos*. Nessas duas últimas notas, que se referem *aos sertanejos*, a notícia é otimista, em um discurso leve, agradável, esperançoso. É utilizado um vocativo que os identificam como moradores do sertão, fazem parte de um lugar comum, enquanto *povo* parece ser o outro, aquele que *não sou eu, que não somos nós*.

Isso pode ser percebido, mesmo quando, associado ao nome “povo”, veio o adjetivo “nobre”. Foi em uma nota sobre a festa do 2 de julho, replicando uma fala da comissão organizadora da festa “que a comissão organizadora dos festejos (...) pretende levar avante (...) confiada no apoio entusiástico, cheio de civismo, do *nobre povo* desta tradicional zona sertaneja”²⁴⁷. Nesse caso, o adjetivo “nobre” parece ter sido utilizado pela comissão, que

²⁴³ *O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 04, n. XIV, Anno I. Grifo meu.

²⁴⁴ *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, p. 03, n. VIII, Anno I. Grifo meu.

²⁴⁵ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 04, n. XXX, Anno II. Grifo meu.

²⁴⁶ *O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 04, n° XXVI, Anno I.

²⁴⁷ *O Bem-ti-vi*, 14/05/1914, p. 02, n.41, Anno II.

provavelmente era composta por pessoas da “sociedade caetitense”, como uma estratégia para que as pessoas da cidade, ou seja, “o povo”, contribuíssem de bom grado com a realização da festa. Afinal, se a comissão “confia”, o *nobre povo* teria que corresponder com disposição a essa conclamação de confiança depositada nele. Deste modo, olhando sob esse prisma, o termo “nobre povo” não pode ser interpretado como tão nobre assim, pela possibilidade de ter jogos de interesses subjacentes ao seu uso.

Ao governo

Além de se voltar aos brasileiros, baianos e caetitenses, em dois textos (3,77% do total), os editores dirigiram-se ao governo; no primeiro, solicitando *providências aos homens do governo*, mesmo duvidando: *se a nossa vizinha chegar ao alto*. Os próprios autores questionam se o jornal chegaria a ter pessoas do governo como prováveis leitores, mas a enunciação já traz uma intenção, apesar da modéstia declarada no termo, *a nossa vizinha*. A segunda referência ao governo veio em uma fala de autoria de um *fazendeiro sertanejo*, quando associou a prosperidade do sertão a ações do *nosso governo*, em uma entrevista tratada anteriormente neste texto.

Temos conhecimento de que o intendente municipal do período era assinante do jornal e, muito provavelmente, era leitor; no entanto, não temos maiores dados para afirmar se este jornal foi lido por homens que ocupavam cargos no governo estadual ou nacional, apesar de serem estreitas as relações das famílias Teixeira e Rodrigues Lima com a vida política baiana.

Entre os leitores caetitenses, o jornal *O Bem-ti-vi* aproximava mais o discurso a um grupo de pessoas específicas – tratando-as por *amigos* e identificando alguns deles pelo nome –, assim como muitos familiares, o que analisaremos no próximo item, a partir das notas sociais das quais falamos na introdução deste tópico.

Aos amigos e familiares

Dos 411 textos distribuídos pelas 127 páginas do jornal, 92 textos fazem parte das seções que trazem notas sobre a sociedade caetitense, como: aniversários, restabelecimento da saúde, viajantes, partida, festas no lar, datas festivas, despedida, nascimento, falecimentos, correspondência, chegada, a pedido, postais, declaração, festa e casamento.

Excluindo os 23 textos da seção “Expediente” – que trata do preço do jornal –, temos quase 25% ou 1/4 do total dos textos dedicados a essas notas sociais, nas quais o jornal se dedica a noticiar acontecimentos de pessoas próximas dos meninos editores.

O teor desses textos e os vocativos que utilizam – *nossos amigos, famílias amigas, a gentil senhorinha, o distinto amigo, o illustre Cel.* – indicam que as elites da sociedade caetitense seriam prováveis leitores do jornal. Os redatores falavam dos seus pares, das famílias amigas e das suas próprias famílias, que tinham posição elevada na hierarquia social de Caetité. As pessoas que eram noticiadas variavam entre homens, mulheres, meninos e meninas, como podemos ver abaixo:

A Pedidos

A família do Dr. Deocleciano P. Teixeira tendo de passar alguns dias na fazenda Santa Bárbara – distante daqui 2 léguas, despede-se *das famílias amigas*, pedindo desculpas de não ir pessoalmente por falta de tempo.
O Bem-ti-vi, 22/01/1913, p. 04, n. VII, Anno I. Grifos meus

Anniversários

Fizeram anos no dia 14:

A gentil menina Elvirinha, filha do Cel. Joaquim Manoel Rodrigues Lima J^or., nosso distinto amigo (...).

“O Bem-ti-vi” deseja a todos feliz existência.

O Bem-ti-vi, 19/11/1912, p. 03, n. IV, Anno I.

A mensagem de despedida, a pedidos de Deocleciano Teixeira, pai do redator Anísio Teixeira, era para as famílias amigas; se elas tomaram conhecimento do fato publicado, não sabemos, mas presumimos que esse grupo social se constituía em potencial leitor visado. Da mesma forma, *todos* os aniversariantes do mês de novembro do ano de 1913 publicados no jornal devem ter recebido os desejos de *feliz existência*.

Dos 92 textos dessa natureza, 18 trazem como título da nota social, o nome da pessoa da qual estavam falando, seja o aniversariante, o falecido, ou o viajante, por exemplo. O critério para essa diferenciação parecia ser a importância social da pessoa. Vemos, no quadro a seguir, maiores informações sobre isso.

Quadro 16 – Pessoas que tiveram notas intitulas com o nome próprio.

Nomes	Assunto	Referência
M. [Mario] Lima	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/04/1913, p. 04, n. XIV, Anno I.
Dr. Deocleciano Teixeira	Congratulações pelo restabelecimento da saúde.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 30/05/1913, p. 03, n. XVII, Anno I.
Dr. Frederico Lisboa	Congratulações pelo restabelecimento da saúde.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 30/05/1913, p. 03, n. XVII, Anno I.
Cel. Lima Jr.	Congratulações pelo restabelecimento da saúde.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
D. Anna Teixeira	Congratulações pelo restabelecimento da saúde.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.

D. Constança Haydée	Congratulações pelo restabelecimento da saúde.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Dr. Joaquim Venâncio	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 13/06/1913, p. 04, n. XVIII, Anno I.
Cel. Rodrigues Lima	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 04/08/1913, p. 04, n. XXI, Anno II.
Manifestação ao Cel. Rodrigues Lima	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 04, n. XXIX, Anno II.
Dr. Frederico Lisboa	Despedida.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 04, n. XXX, Anno II.
Cel. Antônio Davi	Viajante ou comunicado de viagem.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 08/01/1913, p. 04, n. XXXII, Anno II.
D. Mariana Ladeia	Falecimento.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.
Luiz Americano	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 04, n. XXXIII, Anno II.
Dr. W. San. Juan	Viajante.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/02/1914, p. 02, n. XXXV, Anno II.
Dr. Antônio Ladeia	Boas-vindas.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/02/1914, p. 03, n. XXXV, Anno II.
Coronel Gasparino Davi	Viajante.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 03, n. XXXVI, Anno II.
Coronel Antônio Davi	Viajante.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 04, n. XXXVI, Anno II.
Coronel Francisco Cunha	Falecimento.	<i>O Bem-ti-vi</i> , 14/05/1914, p. 02, n. 41, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal. Elaborado pela autora.

O primeiro nome que teve destaque em uma nota social foi o do redator chefe, na edição número XIV, quase um ano depois da publicação do primeiro número de *O Bem-ti-vi*, dando-lhe boas-vindas e convocando-o à *tenda de trabalho* do jornal. Em seguida, foram publicadas mais notas, em sua maioria de congratulações pelo restabelecimento da saúde de familiares, para, em edições posteriores, incluírem notas em nome de amigos e de algumas pessoas das elites caetitênses e da região, por outros motivos: boas-vindas, falecimento e despedidas. Nesse caso, foram publicados nomes de pessoas a quem o jornal se dirige explicitamente, em uma prática que, depois de iniciada, continuou até o antepenúltimo número. Alguns desses nomes constam na lista de assinantes²⁴⁸ do jornal. Assim, podemos afirmar que essas pessoas efetivamente liam o jornal? Acreditamos que as probabilidades disso são altas. Logo, nossa hipótese de que o jornal tinha como público visado, entre outros grupos, as elites locais e regionais, se fortalece.

²⁴⁸ Apresentamos os assinantes no capítulo 4.

Quanto aos indícios que dizem respeito à categoria geracional de prováveis leitores, pudemos observar numa seção das edições iniciais do jornal, intitulada *Perfil*, de autoria identificada por pseudônimos, a existência de textos que deixam vestígios da idealização de crianças como leitores visados. Isso acontece quando utilizam os termos nosso amigo, nosso amiguinho: “esperamos que o *nosso amiguinho* nos presenteie, mais tarde, com os seus artigosinhos, e pedimos desculpas se o melindramos”²⁴⁹.

Ao sertanejo

A referência ao *sertanejo* perpassou as matérias publicadas no jornal ao tratar das pessoas e do lugar. Segundo o dicionário de Antônio de Moraes Silva (1878, p.674), sertanejo é o adjetivo que designa aquele “que vive no sertão, ou matos interiores; e longes da costa” ou o “que se produz no sertão”. O significado expresso indica uma referência geográfica, lugar que fica distante do mar, sem, no entanto, atribuir juízos de valor. No quadro a seguir, observamos o sentido que o jornal utilizou o termo.

Quadro 17 – Apresentação da palavra “Sertanejo/a, sertanejos/as”, no jornal.

Expressão	Significado que vem agregado	Autor	Referência da edição
“Paragens sertanejas”.	Lugar calmo, quieto; “quietude”.	Dr. Zig-zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/11/1912, p. 01, n. III, Anno I.
“A gentileza sertaneja”	Lugar de gente gentil.	Acayaba Natalino	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/03/1913, p. 01, n. X, Anno I.
“Entrevista com um distinto fazendeiro sertanejo”	Homens distintos, com possibilidades de enriquecer.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/03/1913, p. 03, n. X, Anno I.
“Benemérito sertanejo”.	Homem que possui mérito.	Dr. Frederico Lisboa	<i>O Bem-ti-vi</i> , 16/04/1913, p. 03, n. XIV, Anno I.
“Trazendo a alegria aos corações sertanejos”.	O coração do sertanejo é esperançoso; se alegra com a chuva.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 05/10/1913, p. 01, n. XXVI, Anno I.
“Boas chuvas em vasta zona sertaneja”.	Lugar extenso, em que a chuva anima as pessoas.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 04, n. XXX, Anno II.
“O talentoso e progressista sertanejo”.	Homem de talento e progressista; aquele que luta pelo progresso.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 08/01/1914, p. 04, n. XXXII, Anno II.
“Em vasta zona sertaneja”.	Lugar extenso, possuidor de famílias distintas.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.

²⁴⁹ *O Bem-ti-vi*, 05/03/1913, p. 03, n. X, Anno I. Grifos meus.

“Ao honrado e symphatico sertanejo”.	Homem honrado e simpático.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 03, n. XXXVI, Anno II.
“Honrado e estimado sertanejo”.	Homem que desperta estima e possui honra.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/03/1914, p. 04, n. XXXVI, Anno II.
“Digna família sertaneja”.	Família de pessoas dignas.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 01/05/1914, p. 02, n. 40, Anno II.
“Desta tradicional zona sertaneja”.	“Desta” destaca Caetité como lugar de povo nobre e cívico.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 14/05/1914, p. 02, n. 41, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Quadro elaborado pela autora.

Percebemos, pelo quadro, que essa forma frequente de se referir às pessoas da região e ao lugar estava imbuída de um sentido positivo. Das doze referências, sete foram para adjetivar as pessoas e cinco referiam-se ao lugar. O homem sertanejo era *digno, distinto, honrado, estimado, simpático*, e, lembremos, pertencente às elites, pois essa forma de tratamento era publicada nas notas sociais do jornal. Quando utilizaram o mesmo adjetivo para falar de coisas do lugar, o sentido foi com o teor semelhante – lugar de tradição, de famílias distintas.

Todavia, quando as matérias utilizaram o termo *sertão*, espaço de vivências das pessoas, o significado foi expandindo, abarcando um universo maior e não apenas tratando da elite, como antes. Diante dessa situação, algumas nuances de negatividade começaram a ser percebidas. No dicionário, o sentido do vocábulo *sertão* era “o interior, o coração das terras; é opp. ao marítimo, praias, e costa. O sertão da calma” (SILVA, 1878, p. 674). Vejamos, no quadro, como o termo foi utilizado pelo jornal.

Quadro 18 – Apresentação do termo “Sertão” no jornal.

Expressão	Significado que vem agregado	Autor	Referência da edição
“Aqui no sertão”	Lugar de ausência, sem estrada de ferro.	Maria	<i>O Bem-ti-vi</i> , 06/11/1912, p. 03, n. III, Anno I.
“Um fazendeiro no sertão”	Lugar em que o fazendeiro pode enriquecer, prosperar e que o lavrador luta.	Dr. Zig-zag	<i>O Bem-ti-vi</i> , 22/01/1913, p. 01, n. VII, Anno I.
“Destes altos Sertões”.	Lugar mais específico, que tem famílias distintas.	Brocoió & Microcosmo	<i>O Bem-ti-vi</i> , 20/02/1913, p. 04, n. IX, Anno I.
“Sertões bahianos”	Vários sertões. “pobre terra”, boa e futura, mas sofre com a seca e expulsa, por falta de ações governamentais.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 01/05/1913, p. 01, n. XV, Anno I.

“Sertão maninho” [improdutivo, infértil]	Lugar associado à seca e ao analfabetismo.	A. Natalino	<i>O Bem-ti-vi</i> , 04/08/1913, p. 01, n. XXI, Anno I.
“Esse sertão”	Lugar sobre o qual cai um manto de analfabetismo.	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 28/11/1913, p. 02, n. XXIX, Anno II.
“[Caetité] fama espalhada no sertão inteiro”.	Lugar extenso onde fica Caetité, que se sobressai.	Sr. Odilon Silva	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 03-04, n. XXX, Anno II.
“No sertão”	Lugar em que a vida jornalística possui empecilhos, espinhos. [referência à caatinga?]	[Os editores]	<i>O Bem-ti-vi</i> , 12/12/1913, p. 04, n. XXX, Anno II.

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Quadro elaborado pela autora.

Um dos sentidos atribuídos para *sertão* foi *lugar calmo*, como estava no dicionário, mas contraposto à civilização, pois começaram a ser identificadas certas “ausências” nos lugares, que eram colocados como seus opostos. Entre as ausências, os elementos mais desejados pela sociedade caetitéense no período eram a estrada de ferro e as escolas. As “benesses” do progresso, do avanço da técnica e da ciência, já eram realidade no Rio de Janeiro e em Salvador, estavam se expandindo além das proximidades da costa.

Denúncias do analfabetismo, da dificuldade de comunicação, da dificuldade de transportes, da falta de oportunidades de vida, da falta de chuvas e da emigração eram publicadas no jornal *O Bem-ti-vi*, bem como em outros jornais. O sertão ainda era visto como um lugar “bom e futuroso”, mas

Continua a grande corrente emigratória de patrícios dos sertões bahianos para o progressista Estado de S. Paulo. (...) é o sertão que se despovôa. Pobre terra, tão bôa, tão futura!!..! Além da seca que assola, estiolando esperanças, matando plantações, espalhando tristezas, - veiu, para cumulo de males, - a caudal emigratória²⁵⁰.

A polarização Norte/Sul intensificou-se com a atração exercida pelo “progressista Estado de S. Paulo”, e com o discurso da seca, instituído no final do século XIX – a seca como flagelo e miséria que precisava ser combatida. Durval de Albuquerque Júnior (2009) afirma que a seca começa a ser utilizada como arma de políticos e das elites, denunciando o “abandono” dos Estados do Norte²⁵¹. Esses discursos levaram à construção da ideia de nação a partir dos

²⁵⁰ *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, p. 01, n. XV, Anno I.

²⁵¹ A Bahia, como já exposto neste texto, fazia parte da região Oriental, em divisão instituída em 1913. À medida que esses discursos regionalistas vão se firmando, reconfiguram-se as fronteiras e “inventa-se” o Nordeste, em 1940, quando a Bahia passou a compor a região Leste. Apenas em 1970 a Bahia é inserida na região Nordeste. “O Nordeste nasce da construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de espaços

regionalismos. Segundo Durval de Albuquerque Júnior (2009, p.62, grifos do autor), “o discurso regionalista não mascara a realidade de uma região, *ele a institui*”. Os intelectuais do final do século XIX acreditavam que se devia partir do regional para se chegar à construção de uma identidade nacional. O livro *Os sertões*, publicado em 1906 por Euclides da Cunha, representa um marco na busca das nossas origens, e instaura algumas dicotomias, como paulista x sertanejo, litoral x sertão, sertão x civilização. O sertão como o lugar que guarda as tradições, livre das influências estrangeiras (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009). Segundo Nicolau Sevcenko (2003, p. 45), “é nesse momento que se registra na consciência intelectual a ideia de desmembramento da comunidade brasileira em duas sociedades antagônicas e dessintonizadas, devendo uma inevitavelmente prevalecer sobre a outra, ou encontrarem um ponto de ajustamento”.

O jornal *O Bem-ti-vi* foi publicado em um período em que esses discursos estavam em construção. As dicotomias entre o orgulho de ser sertanejo e a denúncia dos problemas, expressas nas páginas do jornal, talvez sirvam como indícios sobre a sua publicação. A atitude de produzir o jornal pode ter sido uma resposta a esses problemas que perturbavam as elites e os intelectuais em Caetité, condizente com a “luta contra as trevas e a ‘ignorância’; tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização” (SEVCENKO, p. 47). Afinal, às elites dirigentes caberia educar seus filhos no intuito de “serem bons cidadãos republicanos”. Por isso, a ênfase em demarcar os lugares e suas fronteiras, cientes dos “sertanejos” que eram, mesmo que longe da “costa”.

econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 80).

P.O. 12, 11 C

Red" do Bem-ti-vi

Caeteté, Bahia

O BEM-TI-VI

Anno 11

ORGAN DA INFANCIA

Numero XXVIII

Caeteté, 12 de Novembro de 1913

REDACTORES—MARIO LIMA E ANISIO S. CAIXEIRA

EXPEDIENTE		
—Na cidade		
Numero avulso	100 rs.	Seis mezes
Seis mezes	1\$200	1\$500
—Fôra da cidade		
Numero avulso	140 rs.	

As pessoas que receberem i numero e não deoiverem serão consideradas como assignantes.

NOS ESTADOS UNIDOS

(Continuação de um estudo publicado no Bem-ti-vi.)

Dos sete aos quatorze annos, nas escolas primarias e nas secundarias, os alumnos aprendem a historia e a geographia nacionaes, algumas noções do allemão ou do francez, da historia e da geographia universaes, as mathematicas elementares, além de noções de sciencias naturaes e de mecanica, da economia politica e escripturação mercantil.

Aos quatorze annos, dois terços dos alumnos do sexo masculino vão ganhar a vida, e apenas um terço se consagra a estudos superiores, ao passo que do sexo feminino a proporção é, exactamente a inversa, pois, só um terço deixa os estudos pela vida pratica, enquanto que dois terços matriculam-se nas academias, collegios e universidades, nas quaes permanecem até os dezolito ou vinte e um, e, ás vezes, até aos vinte e tres e vinte e cinco annos, conforme seguem um ou mais cursos, em instituições taes como Vassar, Smith e Wellesly.

Dest'arte, cada anno, 33% da

CAPÍTULO IV NOSSOS DIGNOS AMIGOS E ASSIGNANTES: O LEITOR EMPÍRICO DO JORNAL O BEM-TI-VI

Ao fazer esta affirmação, resultado de uma observação de muitos annos, e não simples, que ainda ali nos livros dos viajantes, acham autorizados, sobre terras alheias, que só visitaram durante semanas, dias ou horas, declaro que não me refiro a casos notaveis de especialistas de um ou de outro sexo, mas á generalidade ou maioria da população, cuja maior somma de conhecimentos pertence a mulheres.

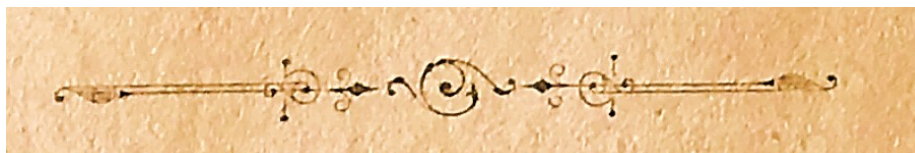
Esta é a chave do segredo da superioridade da mulher norte-americana sobre o homem norte-americano.

(Continúa)

Direito Feminino

Na corrente dos tempos de agora, no espirito das leis do progresso, na harmonia dos interesses geraes, é facto logico e indiscutivel a intervenção da mulher no seio das artes, das lettras e das sciencias, como factora da sociedade do futuro de qualquer nação.

O começo do seculo XX ja a en-



No capítulo anterior, procuramos traçar um quadro ou perfil do leitor visado do jornal *O Bem-ti-vi*, por meio dos indícios deixados no impresso a partir da análise dos conteúdos tratados e dos vocativos utilizados para se dirigirem ao provável leitor, atingindo o último ponto do Circuito de Comunicação proposto por Darnton (1990).

No esforço de escrevermos uma história da leitura, procuramos, também, os indícios de um possível leitor “de carne e osso”, como afirma Chartier (2011). Foram poucos os relatos de pessoas que deixaram o testemunho por escrito de que leram o jornal *O Bem-ti-vi*. No entanto, mesmo que escassos, por meio deles, “pode-se ter uma medida da distância (ou da identidade) existente entre os leitores virtuais, inscritos em filigrana nas páginas do livro, e aqueles de carne e osso que o manuseiam” (CHARTIER, 2011, p. 21). Ao desenvolvermos a análise, podemos perceber a confluência, ou não, do provável leitor visado, explorado anteriormente, com o leitor empírico.

No presente capítulo, analisamos vestígios dos leitores e leitoras empíricos ou algumas nuances deles a partir de uma lista de assinantes publicada no decorrer das edições. Algumas cartas escritas para o jornal, textos enviados com autoria explícita para publicação, além de marcas deixadas no jornal físico - como manuscritos e recortes, auxiliaram na tentativa de reconstrução desse leitor.

A lista de assinantes foi elaborada com os dados encontrados na seção “Livro de Ouro”, explorada no primeiro capítulo. Os redatores publicavam, nessa seção, os nomes dos assinantes que pagavam as assinaturas, com o seguinte texto: “pagaram as suas assinaturas os Senhores ...” ou então, “pagaram adeantamente suas assinaturas os Senhores ...”. Assim, consideramos que esses nomes publicados, eram assinantes do jornal.

A seguir, apresentamos o quadro com a lista dos nomes a que tivemos acesso, no intuito de compreender quem são esses possíveis leitores.

Quadro 19 – Assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*.

Nº	Assinante	Referência ²⁵²
1	Ilmo. Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira ²⁵³ .	II e XXXVII
2	Ilmo. Sr. Dr. Celso Torres.	II e 40

²⁵² Número do jornal em que os nomes dos assinantes aparecem na seção “Livro de Ouro”. A ocorrência de dois números na coluna explica-se porque o jornal publicou a renovação da assinatura.

²⁵³ Os pronomes de tratamento e nomes próprios estão escritos da mesma forma como estão no jornal.

3	Exma. Sra. D. D. Anna Spínola Teixeira.	II e XXVIII
4	Exma. Sra. D. D. Constança Haydée de Sousa Spínola.	II , XV e 41
5	Exma. Sra. D. D. Maria Sophia Gomes Lima.	II e XXVII
6	Exma. Sra. Prof. D. Lia da Silveira Lima.	III
7	Engº Dr. Cyro Moreira Spínola.	III
8	Sr. Clementino de Oliveira Mimim.	IV
9	Sr. Ovídio A. Teixeira.	VII
10	Exma. Sra. D. Celsina Spínola Teixeira Ladeia.	VII
11	Revo. Sr. Pe. João Ilhão.	VIII
12	Exma. Sra D. Anísia Bastos (Grafia do nome na renovação: Prof. D. Maria Anísia Teixeira Bastos).	VIII e XXXVII
13	Sr. Coronel Rogaciano Pires Teixeira.	X
14	Sr. Cel. José A. Rodrigues Lima (Cazuzinha).	X
15	Sr. Cel. Octacílio Rodrigues Lima.	X e 41
16	Sr. Cel. Octacílio da Silva Gomes .	X
17	Major Leandro das Virgens.	XIV
18	Exma. Sra. D. d. Alzira S. Teixeira Rodrigues Lima.	XIV
19	Sr. Capitão Antonio Marcellino das Neves.	XV
20	Sr. Capitão Manoel Neves de Sá Roriz.	XV
21	Cel. Antônio de Seixas Salles.	XV
22	Cel. José Ladeia Tanajura.	XVII e XXVII
23	Cel. Manoel [Sic] de Carvalho.	XVII
24	Dr. Cleophano Meirelles.	XVII
25	Sr. João de Campos Alcântara.	XX
26	Capitão Antônio Ottoni de Britto.	XX e 42
27	Azarias Batista Neves.	XX
28	Cel. Antonio David de Sousa.	XXII e XXXIX
29	Sr. Antonio Ottoni de Magalhães.	XXIV e XXXIX
30	Sr, Dr. Mario Spínola Teixeira.	XXV e 41
31	Major Justiniano Vellozo Moniz Barreto.	XXV
32	Major Francisco David.	XXVI
33	Capitão César Garcez Domingue.s	XXVI
34	Dr. Antônio Ladeia ²⁵⁴ .	XXVII
35	Capm. Francisco Alberto de Moraes.	XXVII e 41
36	D. Maria Julieta P. Cardoso.	XXVII
37	D. d. Margarida (Margaret) Bell Axtell Mac Call.	XXVIII
38	Sr. Arthur Revenster Costa.	XXVIII
39	Sr. Odilon Silva.	XXVIII
40	Sr. Arthur Riserio de Meira.	XXIX
41	Cel. Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior.	XXXII
42	Joaquim Souto.	XXXIII
43	Cel. Augusto Ferreira Leão.	XXXV ²⁵⁵
44	Prof. D. Jovina Novaes.	XXXV

²⁵⁴ O nome desse assinante foi o único que não retiramos da seção “Livro de Ouro”, mas da seção “Viajantes”.

²⁵⁵ Nesse número aparece como “renovação”; porém, não foi preservado o número em que ele se tornou assinante. No número XXVII, ele já constava como assinante, conforme a correspondência enviada para o jornal.

45	Sr. Frederico Dantas Castro.	XXXV
46	Cel. Genésio Seixas Salles.	XXXIX
47	Cel. Gasparino Pereira de Castro.	40
48	Major Athanasio Silva.	40
49	Major Prudenciano Teixeira de Azevedo.	40
50	Cel. José Antônio de Castro Tanajura.	41
51	Major José Cupertino Ribeiro.	41
52	Prof. Sr. Ladislau Silva.	41
53	Cap. José Cardoso de Carvalho.	42
54	Cap. Ozorio Soares Vieira.	42
55	Capitão Pedro Cardoso de Carvalho.	42
56	Professor Francisco J. de S. Anna.	42

Fonte: Jornal *O Bem-ti-vi*. Elaborado pela autora.

Computamos 56 nomes nas edições preservadas. Provavelmente, nos números que se perderam no tempo, outros nomes de assinantes foram publicados. Essa lista foi o ponto de partida para orientar a busca por mais informações sobre esses assinantes nas próprias páginas do jornal *O Bem-ti-vi*, nos livros dos memorialistas, no jornal *A Penna* e nos Almanques. Iniciamos com a análise dos trechos de correspondências publicadas, que lançaram evidências pontuais, mas significativas. Na sequência, apresentamos os manuscritos registrados em exemplares do jornal e um recorte. Por fim, traçamos uma caracterização dos assinantes, com base em critérios de pertencimento social, econômico e geográfico.

4.1. Correspondentes do jornal

A primeira carta publicada a que tivemos acesso foi enviada pela *Sociedade União Operária*²⁵⁶, agradecendo o número recebido e comunicando algumas informações, talvez, na intenção de que fossem publicados. Esse ato representou, ao nosso ver, respeito e crédito depositado ao jornal. Entretanto, a nota saiu com a justificativa sobre a “falta de espaço” como impedimento por não ter publicado os nomes dos membros da nova diretoria²⁵⁷.

Uma estratégia utilizada para a adesão de assinaturas era a distribuição de exemplares, esperando que as pessoas pagassem. O nome da *Sociedade União Operária* não foi publicado entre os exemplares preservados, na seção Livro de Ouro, fato que ocorria quando o pagamento era realizado. Contudo, outra nota sobre essa Sociedade foi publicada pelo *O Bem-ti-vi*,

²⁵⁶ Essa associação foi criada no dia 15 de outubro de 1911. Deocleciano Pires Teixeira foi eleito presidente no segundo ano e o Sr. Manuel B. A. Teixeira, no terceiro ano. Não temos conhecimento de quanto tempo essa associação funcionou.

²⁵⁷ *O Bem-ti-vi*, 06/11/1912, p. 04, n. III, Anno I.

reafirmando o diálogo entre eles. A *Sociedade União Operária* possuía uma biblioteca e, de acordo com notas do jornal *A Penna*, era movimentada, com muitas consultas e empréstimos de exemplares de livros, revistas e jornais²⁵⁸. Será que o presidente lia *O Bem-ti-vi*? E os associados? Diante da posse desse impresso, eles podem ter sido leitores, pois o espaço da biblioteca era um espaço privilegiado para divulgação do jornal e para ampliação do público leitor diante da frequência de pessoas nesse ambiente. Desse modo, os sócios podem ter sido leitores do “pequeno” *O Bem-ti-vi*.

Outra correspondência publicada informava que “recebemos das Exmas. Sras. D.D. Constança Meirelles e Alice Santos lindos e delicados postaes de felicitações e agradecimentos que muito nos penhoraram”²⁵⁹. As Exmas. Sras. D.D. Constança Meirelles e Alice Santos, respectivamente, eram uma antiga professora da cidade, esposa do Médico Cleophano Meirelles²⁶⁰ e a irmã mais velha de Anísio Teixeira, que enviaram muito gentilmente, cartões postaes “lindos e delicados”, felicitando os redatores, e em “agradecimentos”. Acreditamos que os agradecimentos e as felicitações, indicando que apreciaram a produção do impresso ocorreram por conta do envio de exemplares do jornal a essas senhoras, em Salvador.

Muitos foram os incentivos recebidos pelos redatores, advindos das pessoas “letradas”. A “Carta honrosa” enviada pelo “Coronel Antônio David” corrobora essa afirmação.

CARTA HONROSA

Do ilustre Cel. Antônio David Costa recebemos a seguinte carta, que desvanecidos, publicamos.

“Caeteté, 20 de Junho de 1913

[corroído] Redactores do ‘Bem-ti-vi’, [corroído] satisfação em [corroído] recepção d’um número [corroído] organ ‘O Bem-ti-vi’. É com muito gosto que peço a inclusão do meu humilde nome como assignante.

[corroído], Srs. Mario Lima e Anísio Teixeira – destemidos representantes da novíssima geração vem impulsionar, em futuro virtuoso, o progresso d’essa cidade- que eu vos felicito por esse exemplo de civismo que estão dando com a publicação desse pequeno, mas bem acabado jornalsinho ‘O Bem-ti-vi’.

Avante! Muita prosperidade deseja o humilde admirador e [corroído] eio. Antônio David”²⁶¹.

²⁵⁸ De acordo a nota intitulada “União Operária” do jornal *A Penna*, (n. 06, p. 02), a Biblioteca foi visitada no mês de fevereiro de 1912 por 240 pessoas, sendo consultadas 128 obras, revistas e jornais; e emprestados 47 volumes, além de recebidas muitas doações de livros, revistas e jornais. O bibliotecário que atuava nesse período era o Capitão Boaventura da Costa Mello.

²⁵⁹ *O Bem-ti-vi*, 05/02/1913, p. 04, n. VIII, Anno I.

²⁶⁰ O nome do médico Cleophano Meirelles consta como pagante da assinatura no número XVII, final de maio de 1913; a correspondência de D. Constança foi publicada no início de fevereiro de 1913. Não é muito tempo se considerarmos a distância e o tempo do ir e vir entre Caetité e Salvador, local de residência do casal, no período. A irmã de Anísio Teixeira, Alice, alternava residência entre Salvador e Altamira (Conde-BA), localizada, aproximadamente, a 200 km ao norte de Salvador.

²⁶¹ *O Bem-ti-vi*, 07/08/1913, p. 02, n. XXII, Anno I.

O coronel Antônio David era natural de Jacaracy e proprietário da Fazenda Tanque, no município de Umburanas. Seu irmão Francisco David era redator do jornal *O Jacaracy*, editado em períodos irregulares. Antônio David revela em seu texto a satisfação pelo empreendimento dos redatores de *O Bem-ti-vi*. Ele solicita a inclusão do nome como assinante, “com muito gosto”. Provavelmente, por ter negócios gráficos na família e por ter intimidade com a produção de impressos, ele se entusiasma com os elogios aos redatores e ao “pequeno, mas bem acabado jornzinho”. Ao afirmar que os redatores são destemidos, deixa transparecer que o ofício de produzir um jornal implica enfrentar situações difíceis; mas, que não se podem temer os obstáculos; que a tarefa é importante para o progresso, o futuro. Felicita pelo exemplo de civismo. Deseja prosperidade e mostra sua admiração.

Os redatores do *O Bem-ti-vi* deviam se sentir muito bem ao receberem mensagens positivas, indicando que o empreendimento de produzir o jornal era tão bem recebido pelos seus leitores. A edição de aniversário do primeiro ano desencadeou o envio do maior número de correspondências recebidas, com muitas felicitações e mais elogios. Do jornal *A Penna* a mensagem foi a seguinte:

O nosso aniversário

Do nosso digno colega “A Penna”, desta cidade no seu número de 10 do corrente:

“O Bem-ti-vi”

Esse nosso interessante coleguinha que se publica n’esta Cidade sob a inteligente direção e redação dos nossos jovens conterrâneos Mario Rodrigues Lima e Anísio Teixeira, festejou a 5 do corrente o seu primeiro aniversário. O número, impresso a verde e dourado em papel de primeira qualidade, correspondeu ao auspicioso fim que se propoz. Parabéns”²⁶².

Manifestação no mesmo teor foi enviada pela professora D. Tharcila Uzeda Costa, residente na Villa de Bom Jesus dos Meiras.

Da Exma. Profa. da Villa de Meiras, D. Tharcila Uzeda Costa:

“Mario e Anísio:

Aceitai a mensagem das minhas sinceras felicitações pelo primeiro aniversário d’“O Bem-ti-vi”, essa mimosa chrysalída em que se vae formando o espírito dos futuros jornalistas que sereis.

Desejando longa vida ao vosso jornalzinho, congratula-se convosco por este motivo altamente auspicioso.

A particular amiga e admiradora

Tharcila U. de Uzeda Costa”.

²⁶² *O Bem-ti-vi*, 29/10/1913, p. 04. n. XXVII, Anno II.

Nos confessamos penhoradíssimos a todos²⁶³.

Tharcila Uzeda formou-se em Caetité, no ano de 1902, na primeira escola normal²⁶⁴. Era esposa do assinante Arthur Revenster, tido como “distinto poeta” e “intelectual”. O casal era admirador do jornal. Ela se dizia “particular amiga e admiradora”. No número seguinte²⁶⁵ às congratulações da Profa. Tharcila Uzeda, o nome do seu marido é publicado no Livro de Ouro como assinante. Um mês depois, Arthur Revenster envia nova correspondência em que diz: “apresento-vos as minhas congratulações pela edificante romagem que encetastes, conduzindo a flammulla radiosa desse nobre ideal da nova geração que representaes – rumando para diante, em busca de mais engradecimento para o futuro de Caeteté”²⁶⁶. Em uma linguagem mais rebuscada do que as anteriores, elogia e reafirma a concepção de que os redatores representam a nova geração, responsável pelo desenvolvimento, pelo progresso, pela vida futura daquela sociedade, em um “nobre ideal”.

As palavras da carta do assinante Sr. Odilon Silva, em dezembro de 1913, expressam o acolhimento que o jornal *O Bem-ti-vi* recebeu:

CARTAS

Do digno intelectual Sr. Odilon Silva, recebemos amável missiva, da qual destacamos os seguintes trechos: - “A aceitação e os louvores que teem facilmente conquistado os dois jornaesinhos, editados nessa futura cidade, complemento indispensável da educação total de um povo civilizado, fazem que, impulsionado por um dever de justiça, vos escrevo essas linhas com o intuito apenas de felicitar-vos pelo brilhante desempenho da esdinhosa e nobre missão que encetastes e, ao mesmo tempo, solicitar dessa briosa empresa a inscrição do meu humilde nome como assignante do pequeno mas valente órgão da imprensa caetetense”²⁶⁷.

“Aceitação” e “louvor” ele diz que “tem facilmente conquistado os dois jornaesinhos editados na cidade”, referindo-se ao *O Bem-ti-vi* e o outro, possivelmente, ao jornal *A Penna*²⁶⁸. Odilon Silva define a imprensa como “complemento indispensável da educação total de um povo civilizado”. Ao final, solicita a inclusão do seu nome como assinante.

²⁶³ *O Bem-ti-vi*, 29/10/1913, p. 04, n. XXVII, Anno II.

²⁶⁴ Santos (1995, p. 51).

²⁶⁵ *O Bem-ti-vi*, 12/11/1913, p. 04, n. XXVIII, Anno II.

²⁶⁶ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03-04, n. XXX, Anno II.

²⁶⁷ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03-04, n. XXX, Anno II.

²⁶⁸ Vários impressos foram publicados em Caetité nas primeiras décadas do século XX, mas nesse período específico, nenhum deles estava circulando. *O Arrebol* iniciou sua publicação em 04 de fevereiro de 1914, conforme nota do próprio *O Bem-ti-vi* (21/02/1914, p. 03, n. XXXV, Anno II).

O jornal *O Bem-ti-vi* publicou textos de colaboradores, conforme foi tratado no segundo capítulo. Em alguns desses textos vinha a inscrição “Oferecido ao *Bem-ti-vi*”, enquanto alguns poucos traziam algum comentário do autor sobre o jornal.

No número XXXIX, foi publicada uma nota sobre o recebimento de um texto que não pode ser publicado por falta de espaço: “recebemos de talentoso colaborador interessantes notas, que, devido a falta de espaço hoje não publicamos, o que faremos brevemente, com especial agrado”²⁶⁹. Foi cumprido o prometido, o texto foi dividido em três partes e publicado em números posteriores. Nas últimas linhas, o autor, intitulado “Um sertanejo” afirma que: “Em dias outros “O Bem-ti-vi”, por nímia gentileza, abriera as azas para nos agasalhar; hoje, reconhecidos resolvemos voltar ao mesmo puiso”²⁷⁰”.

Esse artigo, que teve como título “Vale do São Francisco”, publicado em três números, traz dados científicos detalhados, o que indica uma certa erudição ou que demandou conhecimento livresco, resultado de um processo de escolarização ou de pesquisa autônoma por parte do autor do texto oferecido ao jornal. O que isso nos diz dele como leitor do jornal *O Bem-ti-vi*?

Ao finalizar seu texto, o “Sertanejo” afirma que o jornal, “em dias outros”, referindo-se ao período anterior à essa publicação, foi gentil em oferecer aos leitores, “suas asas para agasalhá-los” e que, ao oferecer um texto seu, estaria retribuindo o que foi dado antes. Esse agasalhar parece sugerir que, para esse leitor, o ato dos redatores foi recebido como um ato de cuidado, ao tornar disponível um impresso, seus textos e suas informações. Com a reciprocidade, parece indicar que imputa importância e valor ao conhecimento difundido, ou seja, afirma [ao menos para ele], como leitor, que o jornal é um conforto em sua vida. Diante das cartas recebidas, vimos que esse pensamento sobre o valor do jornal foi compartilhado por todos que escreveram.

No texto “Monarchismo” vemos mais uma apropriação do jornal por um colaborador que assina por “ELLE.”: “Não vimos aqui tratar de politicagem. Isso seria nodoar a candidez destas encantadoras paginazinhas. A política, porém, assumpto nobilíssimo, nada conspurca. Sou republicano e os meninos também devem sê-lo”²⁷¹. O texto trata da política nacional e defende a legalidade do partido Monarquista como um meio de fortalecer a República, ao ver do autor. Essa opinião traz resquícios ainda dos conflitos resultantes da alteração do regime

²⁶⁹ *O Bem-ti-vi*, 17/04/1914, p. 03, n. XXXIX, Anno II.

²⁷⁰ Está escrito “puiso”, mas acreditamos que pode ter havido um erro e que o nome correto seria “pulso”, que faz sentido ao texto. *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 01, n. 42, Anno II.

²⁷¹ *O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 02, n. XIV, Anno I.

político no Brasil, em fins do século XIX. O colaborador “ELLE.” faz elogios ao jornal quando denomina suas “paginazinhas” de “encantadoras” e no uso da palavra “candidez”, atribuindo-lhe “inocência” e “pureza” – adjetivos associados à infância. Em contraponto, indica uma provável postura política “dos meninos”, quando supõe que eles eram republicanos. O envolvimento com a vida política, provavelmente, correspondia às demandas do mundo adulto, ou àquelas pessoas que, mesmo com pouca idade, eram preparadas para conduzirem os destinos de uma sociedade – o que mais se adequa ao caso em questão.

Esses foram os registros escritos nas páginas do jornal, em que os leitores manifestaram a receptividade do impresso. Essas correspondências não retrataram apenas congratulações pelo jornal, pelo primeiro aniversário, mas foram manifestações de intelectuais da sociedade de Caetité e região, de pessoas do ambiente cultural, do dono da tipografia, do poeta, das professoras, do velho professor; todos muito entusiasmados com o empreendimento da produção do jornal pela “nova geração”. Viam no jornal um exercício para o futuro, lição de civismo, manifestação de inteligência e uma ação digna de ser louvada. Era isso que os intelectuais diziam esperar para o país de um povo civilizado, e esta era a resposta esperada deles, pelos chefes políticos, pelos homens de negócios, proprietários, dos quais os familiares desses meninos redatores eram representantes; tudo parecia tecido e planejado numa teia em que cada um cumpria o seu papel para a manutenção da “ordem republicana” e o “progresso” das elites.

4.2. Marcas manuscritas e recorte nos exemplares do jornal.

A partir das falas dessas pessoas, por meio das correspondências, inferimos que deve ter havido um empenho por parte dos redatores, provavelmente auxiliados por familiares, para elaborarem uma lista das pessoas a quem seriam remetidos exemplares do jornal, futuros assinantes. No alto da página, de algumas edições, encontramos o registro manuscrito com o nome de assinantes, conforme imagens, a seguir.

Figura 28 – Marcas manuscritas no jornal.



○ Bem-ti-vi, 23.10.1912, n. II, Anno I



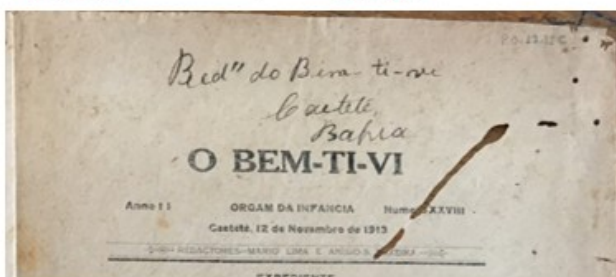
○ Bem-ti-vi, 13.06.1913, n. XVIII, Anno I.



○ Bem-ti-vi, 04.08.1913, n. XXI, Anno I.



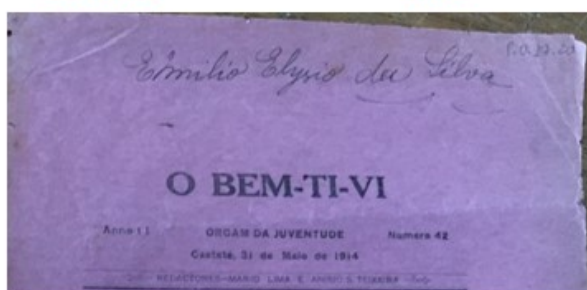
○ Bem-ti-vi, 07.08.1913, n. XXII, Anno I.



○ Bem-ti-vi, 12.11.1913, n. XXVIII, Anno II



○ Bem-ti-vi, 12.12.1913, n. XXX, Anno II



○ Bem-ti-vi, 31.05.1914, n. 42, Anno II.



○ Bem-ti-vi, 31.05.1914, n. 42, Anno II.

Fonte: Exemplos do jornal O Bem-ti-vi, APMC.

Os exemplares acima foram marcados com nomes manuscritos. A primeira imagem traz o nome do assinante Celso Torres, com letras grandes, escrita com um lápis de cor azul. A marca seguinte registrou o nome do Coronel Antônio David de Souza com a referência do lugar, a fazenda Tanque, escrita com caneta tinteiro, como as demais que se seguem. Na sequência

temos os nomes de Alzira (Rodrigues Lima) e o nome de Mario. A marca posterior é bem significativa para o nosso estudo, pois traz o nome “Red” do *Bem-ti-vi*, o nome da cidade de Caetité, e do estado da Bahia. A abreviação “red”, provavelmente, corresponde “à redação” do jornal, que pode significar um local físico, mas principalmente, a identificação de uma fase do processo produtivo do jornal, que se realiza a sua elaboração.

Dentro do modelo de circuito proposto por Darnton (1990), essa fase corresponderia à editoração²⁷². A pesquisa histórica sobre os editores “ainda demanda um estudo sistemático (...) embora sejam as fontes mais ricas dentre todas para a história dos livros” (DARNTON, 1990, p. 123). Na “redação”, supomos, devia ocorrer a tomada de decisões quanto aos textos que seriam publicados, o que seria veiculado, como seria organizada a quantidade de matérias necessárias, o que seria necessário para as próximas edições, a avaliação da edição anterior, entre outras ações que corresponderiam ao trabalho dos “editores”. Segundo Darnton, pesquisar “como os editores firmavam contratos com autores, faziam alianças com livreiros, negociavam com autoridades políticas, tratavam as finanças, os fornecimentos, as remessas e a publicidade”, traria grande contribuição à história dos livros.

Esses nomes manuscritos indicam uma parte do trabalho com o jornal, ou seja, a organização da distribuição dos exemplares para os assinantes. Na imagem, vimos ainda um exemplar com as iniciais de Lima Junior, o “L. J.”, o nome de Emílio Elysis da Silva²⁷³ e do assinante Joaquim Souto. Deve ter ocorrido algum impedimento no envio dos exemplares que não pertenciam aos familiares, mas que ficaram arquivados.

Como esses exemplares chegavam às mãos dos assinantes ou candidatos a assinantes? Por meio de registros memorialísticos, podemos inferir que uma das estratégias de envio era a entrega “em mãos” por amigos ou parentes. Sobre isso, Marieta Lobão Gumes (1975b, p. 17) registrou, nas suas memórias, que aos sábados o “tio João Gumes” levava o último número do jornal *A Penna* para o avô: “aos sábados, à tardinha, geralmente iam visitá-lo o Tio Toninho [Antônio Marcellino das Neves, filho do Prof. Marcellino] e o Tio João Gumes. Conversavam sobre os acontecimentos mais recentes, comentavam as últimas notícias e, comumente, o Tio João trazia-lhe o número de A PENNA daquele dia”.

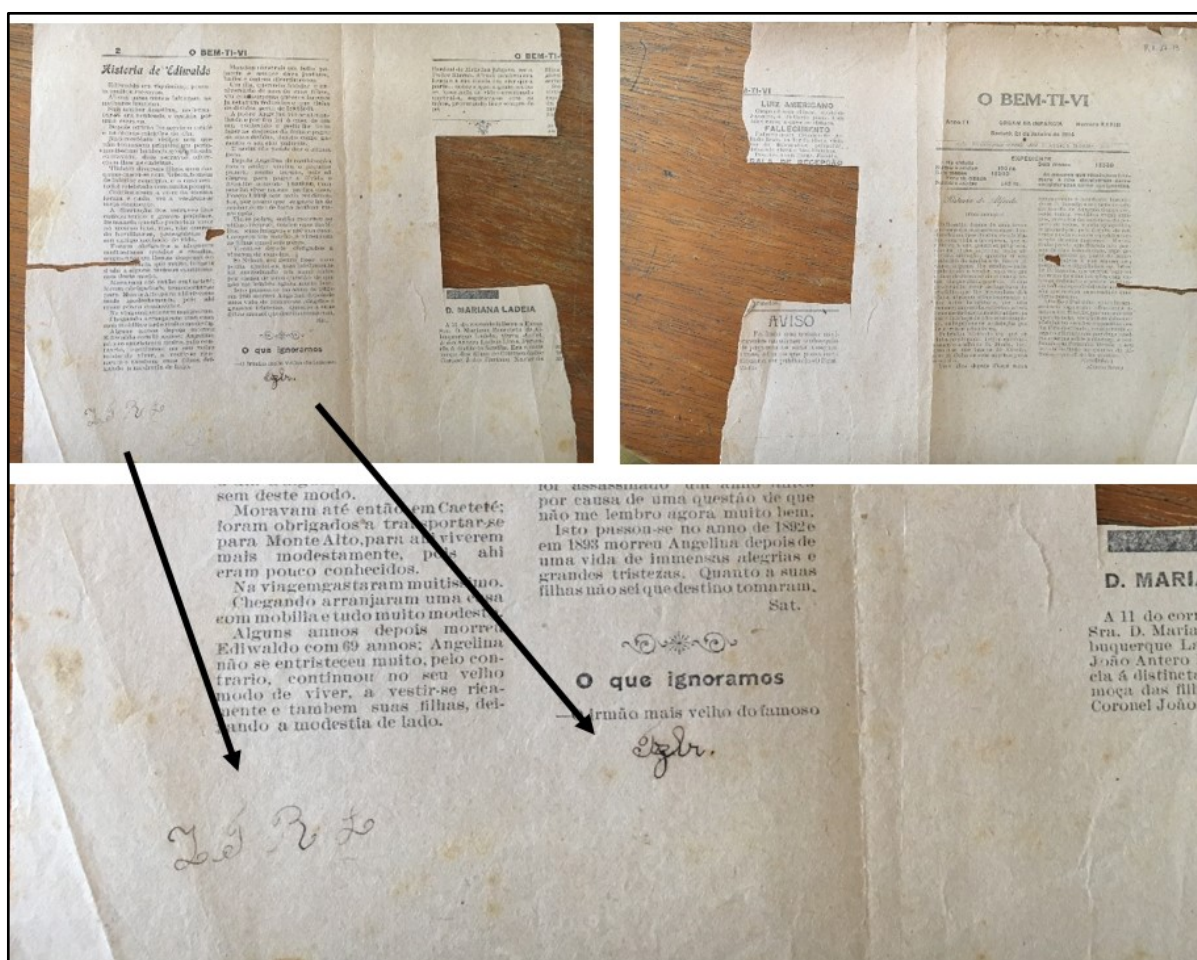
João Gumes, Antonio Marcelino (Tio Toninho) e o “velho Professor” Marcelino das Neves eram pessoas que pertenciam ao ambiente letrado da cidade e enviaram correspondências

²⁷² No caso de um empreendimento maior, cada fase teria responsáveis diferenciados, contudo, no caso do jornal *O Bem-ti-vi*, os redatores e provavelmente, algum colaborador, realizavam, eles mesmos, grande parte do circuito.

²⁷³ Mantinha uma escola de música, era regente da Lira Caetitéense e pai do professor de música José Elysis da Silva (SANTOS, 1995, p. 43). Seu nome não foi registrado em nenhum dos exemplares como assinante. A hipótese é que o nome dele estaria em algum dos exemplares não preservados.

para o jornal *O Bem-ti-vi*. Os dois primeiros foram editores de jornais (*A Penna* e *O Arrebol*, respectivamente) e os três escreviam e publicavam matérias, artigos nos jornais²⁷⁴. Dos três, apenas o nome de Antônio Marcellino constava na lista de assinantes. Nesses encontros, essa fala da neta que observava quando criança, deixa entrever que, nesse ambiente, os comentários, as opiniões eram debatidos, já originando ideias e interpretações para outros escritos, possíveis futuras matérias.

Figura 29 – Recorte e manuscrito em um exemplar do jornal.



Fonte: *O Bem-ti-vi*, 21/01/1914, p. 02-04, n. XXXIII, Anno II.

Na trilha dos que manusearam *O Bem-ti-vi* e, talvez, o leram, nos deparamos com esse número recortado. Além do recorte, na margem inferior da página dois, foram escritas algumas letras. As letras à esquerda são Z.T.R.L., que interpretamos como as iniciais de uma irmã de Mario, Zelinda Teixeira Rodrigues Lima. As mesmas letras compõem o escrito à direita, porém

²⁷⁴ O Prof. Marcelino das Neves escreveu alguns livros e uma peça de teatro intitulada *O Designado*, que foi amplamente apresentada nos palcos do teatro em Caetité, assim como João Gumes.

com inversão da posição das letras, e apenas a inicial em maiúscula, T, z, l, r. Zelinda estava com oito anos quando esse número foi publicado, mas não podemos afirmar quando se deu essa ação e se o recorte e os escritos foram feitos pela mesma pessoa. Comparando com um exemplar íntegro, percebemos que foi recortada uma poesia intitulada “Letrilla” da autoria do francês Theophile Gautier, assinada²⁷⁵ pelo caetitêense Plínio Lima, então falecido.

Figura 30 – Poesia recortada: posição no jornal e destaque do texto.



Fonte: *O Bem-ti-vi*, 21/01/1914, p. 03, n. XXXIII, Anno II.

²⁷⁵ A assinatura de Plínio Lima se deve, provavelmente, pela tradução do francês para português, em 1869.

Entrecruzando esses dados disponíveis, é bem provável que tenha sido Zelinda que, realizando a leitura do jornal, selecionou a poesia para declamar na escola ou em algum evento social, como era o costume tantas vezes descrito nas cartas e nos jornais. Teríamos, nesse caso, não apenas um indicativo de uma leitora criança do jornal, mas de outros usos que o impresso possibilitou.

As correspondências, marcas manuscritas e o recorte nos forneceram vestígios para nomear alguns prováveis leitores. Contudo, acreditando que os 56 nomes de assinantes publicados podiam fornecer conhecimentos importantes para esse estudo, fizemos um exercício de caracterização, para nos aproximarmos desse provável leitor e da história da produção desse impresso. É o que tratamos a seguir.

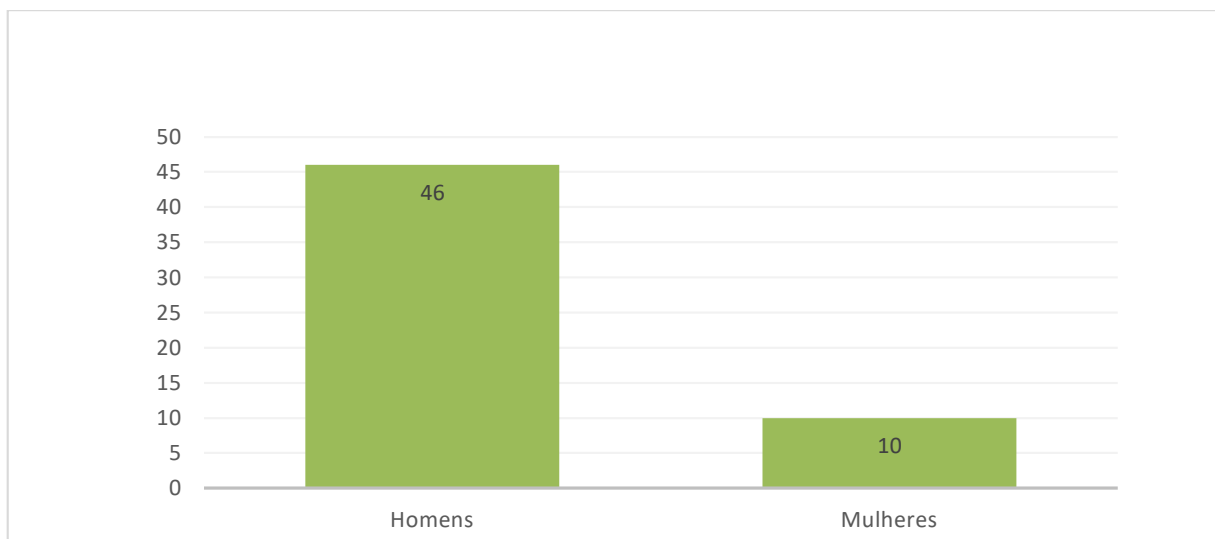
4.3. Quem eram os assinantes?

Em uma visão superficial da lista, percebemos que, entre os assinantes, há uma prevalência de homens, possuidores de títulos como Coronel, Major, Capitão, etc, e a indicação de algumas profissões antes dos nomes, como professores e engenheiros. Outros aspectos dos perfis que pudemos apreender por meio das fontes serão explorados no decorrer do capítulo, como indícios de posição social, posse de terras, envolvimento em atividades comerciais, de forma que se torne possível apreender sutilezas dessas pessoas e entre elas, nomeadamente assinantes do jornal²⁷⁶, que podem nos ajudar na compreensão do nosso objeto de estudo. O fato de termos homens ou mulheres como assinantes nos informa o quê? De serem pessoas da família, amigos ou apenas “conhecidos” dos redatores? De pertencerem ao grupo social “x”, “y” ou “z”? Essas e outras perguntas nos orientaram a seguir.

4.3.1. O Dr., o Coronel ou a Exma. Sra. D. D.?

Dos 56 nomes coletados na seção Livro de Ouro, há uma diferença significativa entre o número de homens e mulheres que constavam como assinantes. Os títulos de Coronel, Capitão e Major antecipavam fartamente os nomes dos senhores de Caetité e região, sobrepondo-se em quantidade, aos Exmas., D. D., colocados antes dos nomes das senhoras. No gráfico abaixo, visualizamos o quantitativo e a diferença entre eles.

²⁷⁶ A sequência do nome dos assinantes no quadro está na ordem em que foram aparecendo no jornal. Acreditamos que o número de assinantes devia ser maior, ao considerar que várias edições não foram preservadas, e que estas, poderiam trazer mais nomes. Nas anotações, feitas, por exemplo, no jornal físico, depois de impresso, consta o nome de Emílio Elycio da Silva, primeiro regente da filarmônica *Lira Caetitéense*.

Gráfico 5 – Número de assinantes por sexo.

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*.

Foram 46 assinaturas de homens e dez assinaturas de mulheres. Será que o motivo da diferença eram os papéis atribuídos aos homens e mulheres, no período? Teriam os índices de alfabetização e a taxa de escolarização alguma relação com essa diferença? Os homens tinham taxas de alfabetização e escolaridade maiores do que as mulheres? Infelizmente, os dados dos censos do IBGE que se aproximam do período em estudo (censo de 1890, 1900 e 1920), não nos possibilitam responder com exatidão a estas questões, uma vez que, por se tratar de pessoas de posição elevada na hierarquia social, o que será melhor analisado adiante, as taxas de alfabetização não diferiam tanto entre homens e mulheres das elites. Percebemos diferenças quanto ao acesso ao ensino superior, com homens portando os títulos de doutores, médicos e engenheiros, principalmente, enquanto as mulheres, o máximo que atingiram foi o curso na Escola Normal.

Portanto, pressupomos que, apesar de estudos²⁷⁷ questionarem a subalternidade feminina no Alto Sertão, o lugar representado pelo homem, pai, coronel, capitão, como aquele que se responsabiliza pelas decisões, que conduz ações, que cumpre o papel das sociabilidades fora de casa, responde a esse número maior das assinaturas em seus nomes, mesmo que o destino do jornal fosse para o usufruto dos familiares, em casa. Não enxergamos como acaso o primeiro nome de assinante ser o de Deocleciano Pires Teixeira, pai do redator Anísio Teixeira.

²⁷⁷ O primeiro desses estudos é o de Marcos Profeta Ribeiro (2009) que objetivou analisar como as mulheres interferiam nas decisões, nas questões financeiras e de poder da família. Todavia, as fontes acessadas neste estudo indicam que isso acontecia ainda muito no âmbito do privado. Quando as questões eram publicizadas, o homem ainda era quem mais aparecia, quem conduzia.

Interpretamos como uma ação que visava dar o exemplo, a motivação e o estímulo para que fosse seguido por outros familiares e amigos, “colaborando” com os “inteligentes e talentosos” redatores.

O nome de Anna Spínola veio na sequência, separado na materialidade do jornal por um subtítulo entre os parágrafos. Os nomes dos homens vieram primeiro (Deocleciano Teixeira e o Eng. Celso Torres), e depois, os das mulheres (D. Anna e D. Constança Spínola).

Nesta mesma direção, em relação à preponderância do masculino, refletimos sobre o fato de os redatores serem dois “meninos”. A imprensa, como em quase todas as áreas da vida pública, era dominada por homens. Em pesquisa sobre gênero e imprensa no início do século XX, no Rio de Janeiro, Lericé Garzoni (2012) afirma que a participação feminina na imprensa era restrita a seções pertencentes ao suposto “universo feminino”, como moda, prendas domésticas, beleza, literatura e comportamento. Todavia, “apesar de aparentemente distantes da discussão política, essas seções poderiam veicular observações importantes sobre a inserção das mulheres na sociedade, questionando a própria oposição entre público e privado ou abordando-a de maneira ambígua” (GARZONI, 2012, p. 25). Em Caetité, a história da imprensa carece de mais pesquisas que possam analisar como as mulheres subvertiam, ou não, esse predomínio aparente do masculino, como vimos no jornal *O Bem-ti-vi*.

Os títulos de “Coronel”, de “Capitão” e “Major” que vinham à frente dos nomes de muitos dos assinantes, eram provenientes da Guarda Nacional²⁷⁸. Segundo Eivaldo Neves (1996), o primeiro Batalhão da Guarda Nacional de número 78º foi criado em Caetité em 1832. A Guarda Nacional substituiu as antigas Milícias coloniais, que Caetité também sediou. Lycurgo Santos Filho (1956) afirma que a vila de Caetité foi sede de uma companhia do corpo colonial de Milícias²⁷⁹, depois transformada na 6ª Companhia do 78º Batalhão da Guarda Nacional. Criada para servir de reserva do exército, terminou como tropa de oficiais honorários, devido à Reforma de 1850 ter instituído a supressão do sistema eletivo, pela adoção de um sistema de cobrança de taxas financeiras, deixando margem à interpretação de que os títulos eram “comprados”²⁸⁰.

Conforme afirma Eivaldo Neves (1996), desde então, essa instituição foi perdendo prestígio aos poucos, por meio de reformas que fortaleciam o Exército, tal qual se deu na

²⁷⁸ Organização paramilitar, criada no Brasil em 1831, subordinada ao poder judiciário.

²⁷⁹ “O ‘Regimento de Milícias’, cujas ‘companhias’ estacionavam em vilas e freguesias, onde exerciam funções policiais. Velavam, as milícias, pela observância dos decretos e alvarás, ao mesmo tempo que se incumbiam da manutenção da ordem pública (...). Possuir patente militar do Regimento de Milícias tornou-se a aspiração máxima dos senhores do sertão e de tal forma foi solicitada, que cedo perdeu a primitiva característica de posto militar para transformar-se em símbolo de importância, em título e honraria”. (SANTOS FILHO, 1956, p. 131-132).

²⁸⁰ Outros critérios eram considerados para a emissão da patente.

transição da Monarquia para a República. Entretanto, apesar disso, manteve-se como instrumento de poder das oligarquias fundiárias até 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil. Flávio Neves (1986, p. 29) registra o orgulho que percebia no Coronel Augusto Leão pelo título que carregava. Afirmou que este “não carregava apenas o título; era coronel, com todas suas conseqüências; de manhã, de tarde e de noite. Era coronel diante do Eterno”, sentimento muito expresso na farda de oficial que usava:

uniforme mais belo que já vi em toda a minha vida, confeccionado na Capital da Bahia. Fino estofado azul marinho; alamares e dragonas de ouro; espada de copo finamente trabalhado; esporinhas de ouro encravadas nos tacões; capacete de plumas brancas. Tudo como, talvez, somente no tempo do Império se deparava na Corte. (NEVES, 1986, p. 29).

O coronel Augusto Leão, quando enviou as felicitações pelo aniversário do primeiro ano do jornal, o fez por meio de um cartão postal, com sua foto, trajando esse uniforme, conforme nota publicada no *O Bem-ti-vi*:

Do nosso respeitável amigo e assignante Cel. Augusto Ferreira Leão, em um postal que traz seu retrato, com a respectiva farda do 390 da Guarda Nacional: “Ao Ille. Paladino da imprensa caetetense, O Bem-ti-vi, Augusto Leão envia sinceros parabéns pelo seu primeiro aniversário, fazendo ardentes votos pela prolongada existência de tão útil imprensa”²⁸¹.

O coronel Augusto Leão era um dos assinantes de *O Bem-ti-vi* que tinha o tratamento de oficial. Entre os 46 assinantes do sexo masculino, 13 possuíam o título de coronel, 6 possuíam o de major e 8 de capitão, somando-se 27 oficiais. Os doutores eram seis: quatro engenheiros e dois médicos, entre os quais Deocleciano Pires Teixeira, médico, que não possuía patente, apesar do poder que exercia na região. Segundo Lielva Aguiar (1911, p. 23, grifos meus),

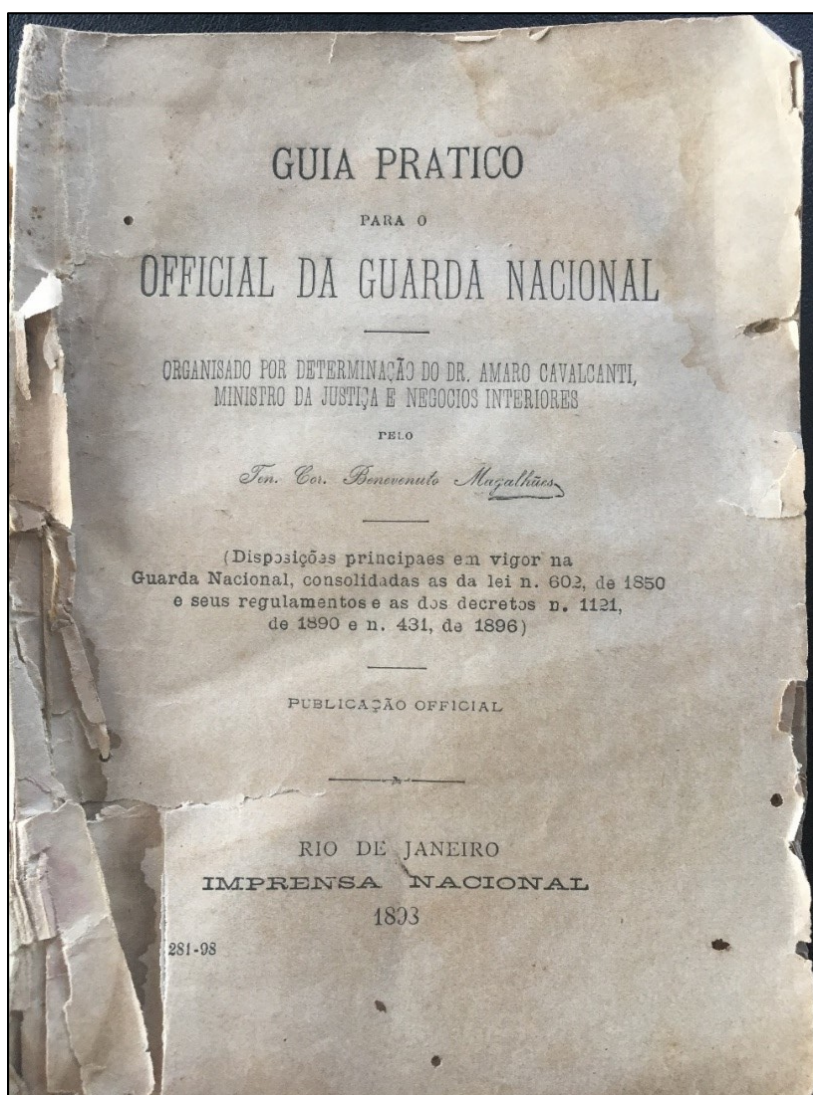
Tomando como referência a atuação de Deocleciano Pires Teixeira, pode-se afirmar que, apesar de proprietário de terras e residente no alto sertão baiano, uma região ainda com fortes tradições rurais, ele foi um homem de vivências urbanas. Era médico, residiu durante algum tempo na capital da Bahia, onde se graduou; era também comerciante, interligado a pessoas residentes em diferentes capitais, bem como em lugares distintos do interior baiano; preocupava-se em adquirir jornais de diferentes cidades e manter-se informado a respeito dos acontecimentos de maior amplitude. Mantinha uma rede de amigos influentes e atuantes na política estadual e federal e, **apesar de exercer algumas práticas coronelistas, não foi um coronel de patente**, aliás, dos homens da sua família foi o único que não ostentou nenhum título

²⁸¹ *O Bem-ti-vi*, 12/12/1913, p. 03-04, n. XXX, Anno II.

militar, uma vez que tanto seu pai, quanto seus dois irmãos aparecem nas fontes como “Major”.

Rogaciano Pires Teixeira, irmão de Deocleciano Teixeira, foi tratado no jornal *O Bem-ti-vi* como Coronel e não como Major. Provavelmente, no período de circulação do jornal já havia galgado a patente superior. Comparando algumas fontes, percebemos que alguns assinantes alteravam a hierarquia da patente, no decorrer dos anos, entre os primeiros anos do século XX e o período de publicação do jornal (1912-1914). Abaixo, temos a foto de um exemplar do *Guia Prático para o Oficial da Guarda Nacional*, presente no acervo da biblioteca da Família do Barão de Caetité.

Figura 31 – Guia Prático para o Oficial da Guarda Nacional.



Fonte: APMC. Arquivo da Família do Barão de Caetité. Guia Prático para o Oficial da Guarda Nacional. Rio de Janeiro, 1893. [Incompleto].

Em 1914, o jornal *O Paiz* fez uma publicação criando mais brigadas da Guarda Nacional, inclusive em Caetité. Essa ação foi gerada, provavelmente, pelo clima de tensão que se instalou com o início da Primeira Guerra.

Na pasta da justiça foram hontem assignados os seguintes decretos: creando mais brigada da Guarda Nacional, de infantaria, nas comarcas de Benjamim Constant, no Estado do Amazonas; Caetité, na Bahia (...) creando uma brigada de infantaria de guardas nacionais na comarca de Caetité, no Estado da Bahia²⁸².

Apesar de as reformas virem diminuindo o prestígio dos títulos da Guarda Nacional, essa nota, mesmo considerando o clima da Guerra, indica que ela não era uma instituição de pouco valor, na terceira década da República. A quantidade de títulos dos assinantes deixa brechas para interpretação quanto à condição econômica e social desses senhores. Somaram 33 homens, entre oficiais e doutores²⁸³, enquanto apenas oito carregavam antes do nome o tratamento de, simplesmente “Sr.”. O Padre Ilhão, que era o Superior do Instituto São Luiz, foi tratado como “Revo. Sr. Pe.”, e os dois professores tiveram tratamentos diferentes entre si. O professor Ladislau por “Prof. Sr.” e o professor Santana, apenas “Professor”, acrescido do nome. Os dois assinantes mais jovens, amigos dos redatores, vieram somente com os nomes grafados, sem nenhuma deferência.

Esse diferencial no tratamento desses sujeitos deixa transparecer que a maioria dos assinantes, mesmo antes de analisarmos as condições sociais de forma mais pormenorizada, possuíam muito prestígio na sociedade de Caetité e região. Veremos adiante que, mesmo os que carregaram apenas o “Sr.” e “Prof.” antes do nome (situação que estamos interpretando, como sujeitos de condição econômica inferior aos coronéis e doutores) estavam inseridos no grupo de prestígio social. Possivelmente, o prestígio não vinha tanto do capital econômico, mas, decerto pelo capital cultural, como os senhores Arthur Revenster, Odilon Silva, Antônio Ottoni de Magalhães, apenas para citar alguns. Esses senhores foram reconhecidos como “intelectuais” em matérias publicadas no jornal, analisadas em diferentes momentos, neste texto.

Em relação ao tratamento das dez mulheres assinantes, foram poucas as variações entre elas. Foram tratadas por Exma. Sra. D. D. às vezes utilizavam os dois “d”, outras vezes apenas um, para senhoras de mesmo nível social e econômico. Diferenciou-se quanto às duas professoras, que vieram com o “Profa. D.” à frente do nome. A diretora da Escola Americana, Margarida Mac Call, não teve o “Profa.”, mas D. d., apenas. Esse tratamento foi publicado no

²⁸² *O Paiz* (RJ), 17/09/1914, p. 02, Anno XXIX, n. 10.937.

²⁸³ Não percebemos nenhuma intersecção entre oficiais e doutores. Constituíam dois grupos distintos.

mesmo impresso em que a mãe de Anísio Teixeira renovou a assinatura; o tratamento foi o mesmo para ambas.

A maior diferença de tratamento que houve foi em relação à assinante Maria Julieta P. Cardoso, que teve o “D” antes do nome, apenas. Inferimos que essa assinante, da qual não obtivemos maiores informações sobre familiares ou ocupação, seria uma colega de escola dos redatores ou amiga. Em uma reportagem do jornal *A Penna* sobre as festas do “Dois de julho”, o autor escreve: “seguiram-se na tribuna as interessantes crianças: Elza Castro que recitou a poesia ‘A Bandeira’, do Dr. Frederico Lisboa, Sílvia Silveira,, Filomena Fagundes Silveira e Maria Julieta Cardoso, as quaes recitaram não menos lindas poesias”²⁸⁴. A notícia traz o nome de “Maria Julieta Cardoso”, tratando-se de uma “interessante criança”, mas não temos como afirmar se é a mesma assinante “D. Maria Julieta P. Cardoso”. Caso sejam a mesma pessoa, teríamos uma menina, da mesma faixa etária dos redatores, como assinante. No caso, não teria sido o pai dela quem assinou, como ocorreu com a maioria das assinaturas, mas a própria.

Ao tomarmos os textos publicados para uma análise mais minuciosa, percebemos que os personagens e sujeitos dos textos são majoritariamente masculinos, além do fato, que já tratamos anteriormente, de serem raros os textos com autoria de meninas/mulheres. O “vaqueiro”, o “pae de família”, o pobre “camponez”, o “lavrador”, o “fazendeiro”, as histórias de “José”, “Alfredo”, “Ediwaldo”, “Guilherme”, “o menino brioso”, são alguns dos exemplos, entre outros tantos, que retratam a figura do masculino. As “digníssimas”, “excelentíssimas”, “gentis” senhoras e senhoritas são apresentadas nas seções que tratam da vida social da cidade, salvo poucas exceções. As dez mulheres assinantes do jornal eram as mães, irmãs, as tias dos redatores e três professoras, além de D. Maria Julieta P. Cardoso.

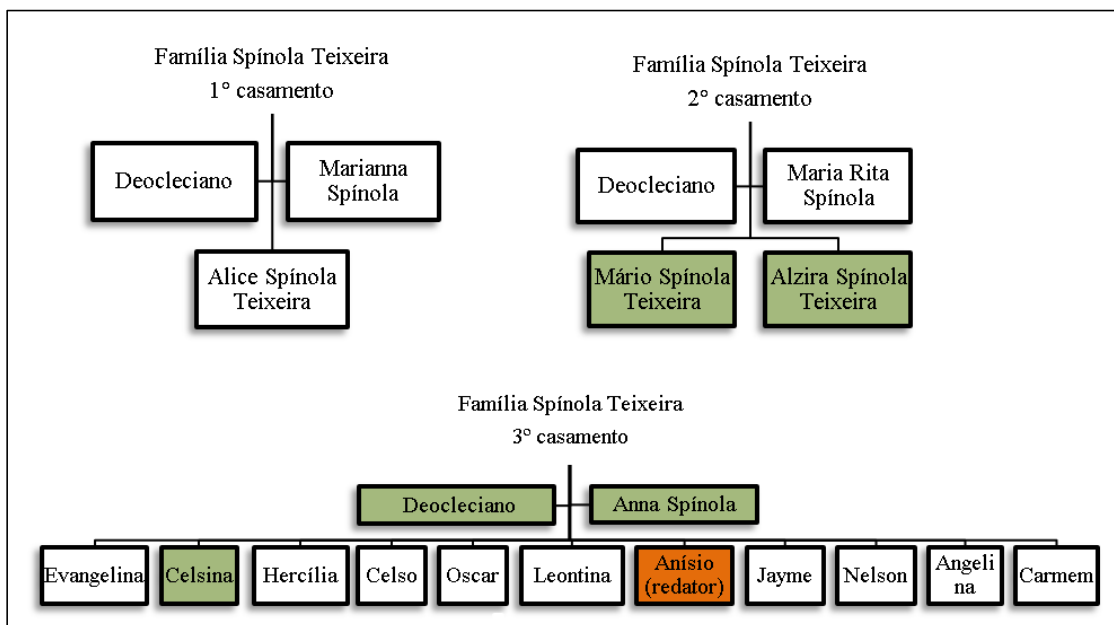
4.3.2. As Exma. famílias

A seguir, temos a genealogia das famílias Spínola Teixeira e Rodrigues Lima, com identificação dos familiares que foram assinantes do jornal e dos redatores. Podemos perceber, visualmente, a posição de cada familiar assinante.

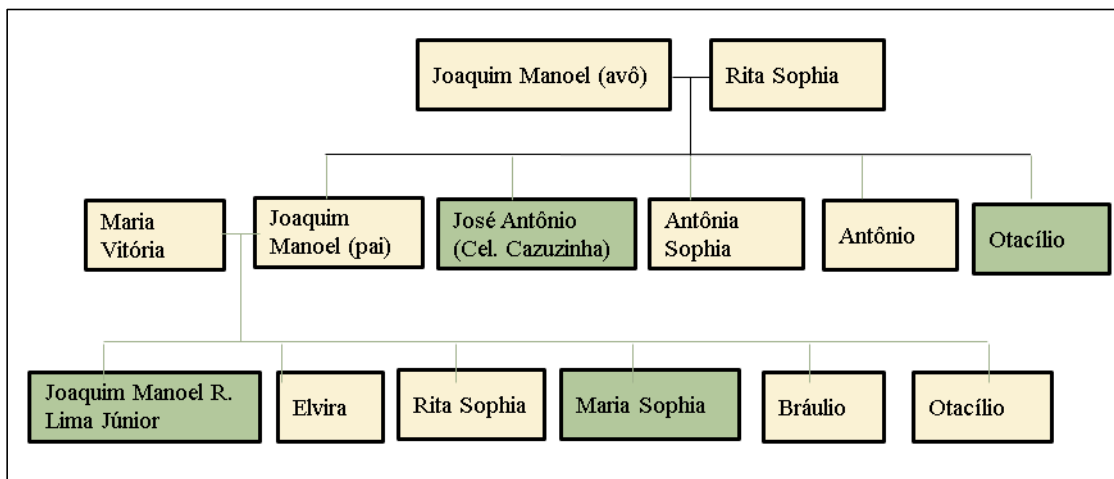
²⁸⁴ Jornal *A Penna*, 09/07/1914, p. 01, n. 64, Anno III.

Figura 32 – Familiares assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*.

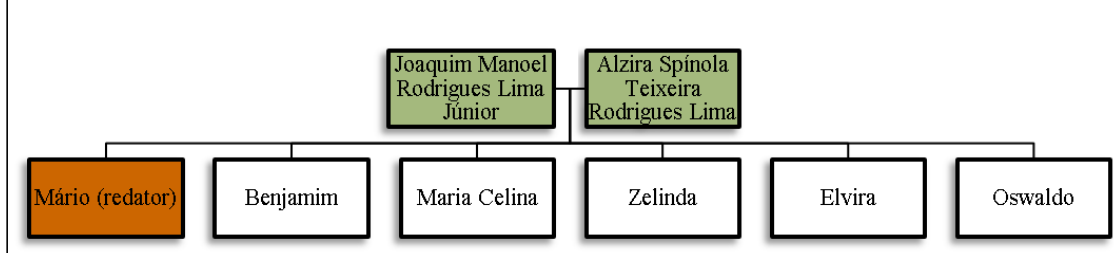
Família Spínola Teixeira



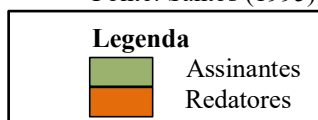
Família Rodrigues Lima



Família Teixeira Rodrigues Lima



Fonte: Santos (1995); Carneiro (2011).



Nas imagens dos arranjos familiares dos Spínola Teixeira, visualizamos inicialmente, como assinantes, os filhos do segundo casamento de Deocleciano Teixeira, Mario Spínola Teixeira e Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima²⁸⁵. Em seguida, a constituição da família do terceiro casamento de Deocleciano Teixeira. Dessa união, nasce o redator Anísio Spínola Teixeira. Como assinantes, temos o pai, a mãe e uma irmã. Entre os irmãos, somam-se três assinantes, que constituíam, com os demais membros, um núcleo familiar bem integrado. Apesar de os primeiros filhos de Deocleciano Teixeira já serem casados e um, no período de publicação do jornal, estudar em São Paulo, pode-se perceber a constante interação entre eles por meio das correspondências e o envolvimento com o “empreendimento” do irmão mais novo e do sobrinho, na produção do jornal.

Apesar de o nome de Alice não constar na lista de assinantes, inferimos que o jornal era enviado para ela, nas fazendas, principalmente em Altamira²⁸⁶, e/ou em Salvador, conforme endereços postados nas correspondências. No final do ano de 1912, ela escreve aos familiares em Caetité: “tenho sabido pelas suas cartas e pela *Penna* os progressos do nosso sertão”. À frente, ela fala sobre o jornal *O Bem-ti-vi*: “muito e mtº temos apreciado o pequeno *Bem-te-vi*, aos futuros jornalistas e escriptores, beijo e abraço com alegria, desejando que o anno 913 seja cheio de prosperidades e esperanças pª q. *O Bem-te-vi* possa dar um vôo igual a um aeroplano...”²⁸⁷.

Em 1914, o irmão de Anísio Teixeira, Oscar, estudante de Engenharia em São Paulo, diz em correspondência para a mãe, Anna: “recebi hontem o número da *A Penna* que li com prazer. É o primeiro que recebo este anno. *O Bem – ti – vi* ainda não tive o prazer de receber”²⁸⁸. O nome de Oscar não constava como assinante, mas conforme sua fala, ele esperava que lhe fosse enviado. Esses dois excertos são indicativos do apoio e da afetividade envolvidos na família.

Entre os Spínolas, constavam ainda como assinantes do jornal, o Engenheiro Cyro Spínola, um sobrinho de Anna Spínola, residente em Salvador, Constança Haydée Spínola, tia

²⁸⁵ Ela é a mãe do redator Mario Teixeira Rodrigues Lima e aparece no último arranjo familiar, com o marido, “Lima Júnior”, e os filhos. A filha Alice, fruto do primeiro casamento de Deocleciano Teixeira, não aparece na lista de assinantes, entretanto era leitora do *O Bem-ti-vi*, conforme vimos nas correspondências.

²⁸⁶ Altamira atualmente é um distrito do município do Conde-Ba, próximo a Salvador. As cartas de Alice citadas foram remetidas de Altamira.

²⁸⁷ ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tulinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

²⁸⁸ Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Fundo: Arquivo da Família Teixeira. Série: Anna Spínola Teixeira. Subsérie: Correspondência Usuais. Caixa: 01. Maço: 01.

de Anísio Teixeira. Na família Pires Teixeira, houve a assinatura de Rogaciano Pires Teixeira, tio de Anísio Teixeira.

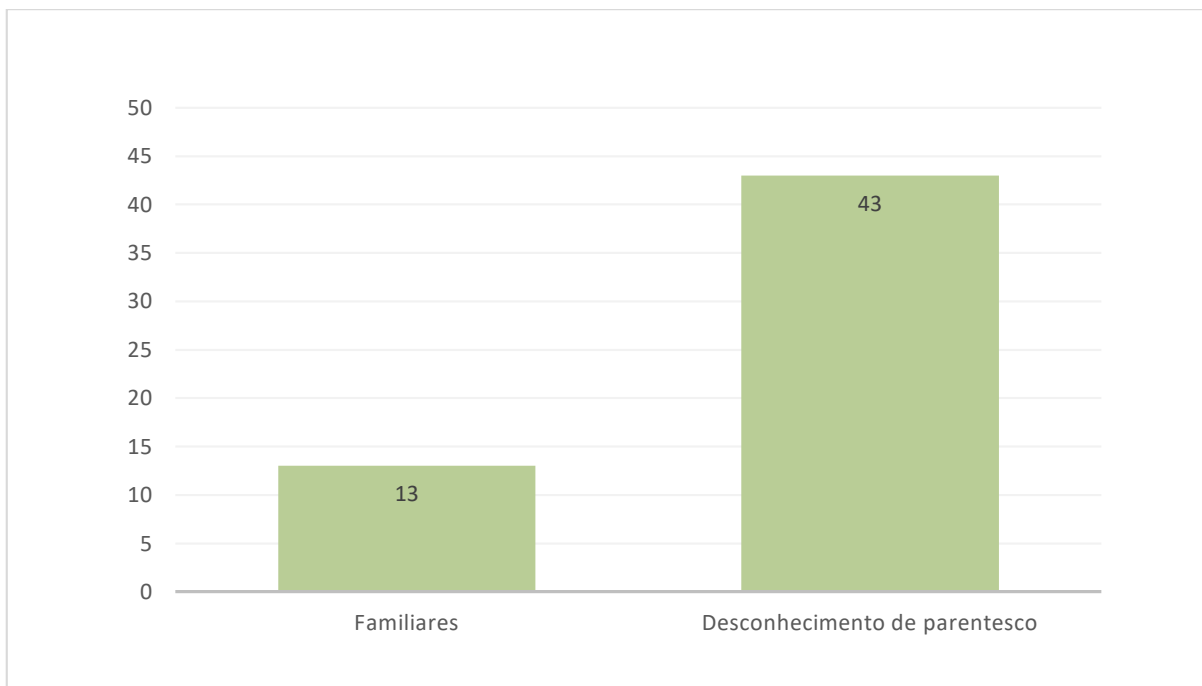
Convém ressaltar que o Engenheiro Celso Torres, um dos primeiros assinantes da lista, poucos anos depois, casou-se com a irmã de Anísio Teixeira, Leontina. Todavia, não temos como afirmar se, no período de publicação do jornal, frequentava o núcleo familiar dos Teixeira.

Entre os assinantes do jornal *O Bem-ti-vi* na família Rodrigues Lima²⁸⁹, temos dois tios-avôs do menino Mario, os Coronéis José Antônio (Cel. Cazuzinha) e Otacílo Rodrigues Lima. O Cel. Cazuzinha era líder político, grande proprietário rural e comerciante; “enérgico e autoritário” (SANTOS, 1995, p. 225); exerceu o cargo de intendente municipal em duas gestões, a última delas no período em que o jornal *O Bem-ti-vi* circulou. Otacílio, conforme afirma Helena Santos (1995, p.227), “era um homem culto e estudioso, gostava de livros, tinha boa biblioteca, lia bem o francês, calmo e morigerado, avesso a violências. Foi Guarda-livro da casa comercial de seu irmão Cazuzinha e depois também seu associado”.

Na geração seguinte dos Rodrigues Lima, temos como assinantes, “Lima Júnior”, como era conhecido, e uma irmã, respectivamente, pai e tia de Mario. A união entre os Spínola Teixeira e os Rodrigues Lima se deu com o casamento de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior e Alzira Spínola Teixeira. Vemos que, assim como os pais de Anísio Teixeira, o pai e a mãe de Mario eram, ambos, assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*.

Os familiares dos redatores totalizaram 14 assinantes, entre os 56. Dos 42 restantes, não identificamos vínculo familiar.

²⁸⁹ Inserimos nesta genealogia apenas os membros da família necessários para entendermos quais eram os assinantes e o grau de parentesco. Começamos pelo bisavô de Mario, Joaquim Manoel Rodrigues Lima que deu maior projeção ao nome da família, quando se uniu em matrimônio com a irmã de José Antônio Gomes Neto, o Barão de Caetité. Um dos filhos deste casal, homônimo do pai, casou-se com a filha do Barão, sua prima Maria Vitória; foi seu sucessor político, e primeiro governador eleito na Bahia, no regime republicano. Tiveram seis filhos, sendo o primogênito, Joaquim Manoel Rodrigues Lima Júnior, o pai de Mario, o redator.

Gráfico 6 – Número de assinantes por parentesco com os redatores.

Fonte: Exemplares do jornal O BTV.

4.3.3. Crianças, jovens ou adultos?

Observamos que a maioria dos assinantes são homens de meia idade, principalmente pessoas da geração de Deocleciano Teixeira, e alguns, da idade aproximada com Lima Jr. As idades de grande parte dos assinantes serem semelhantes com as idades dos pais dos redatores pode ser evidência da ajuda ou interferência dos adultos na parte de circulação e distribuição do jornal. Então acreditamos que o produzir, organizar, procurar textos relacionar com amigos crianças ficava por conta dos redatores, mas a parte do impresso, relações com João Gumes, assinaturas, poderia ter a influência dos adultos familiares, principalmente, os pais. A questão desses aspectos geracionais é que esses homens tinham família e crianças, se não filhos, tinham netos, e esses poderiam ser leitores, exemplo de João Gumes e o próprio Deocleciano Teixeira, que nesta época tinha filhos pequenos e netos. Geralmente famílias grandes, com várias gerações convivendo juntas. Pessoas já alfabetizadas liam e cuidavam dos pequenos.

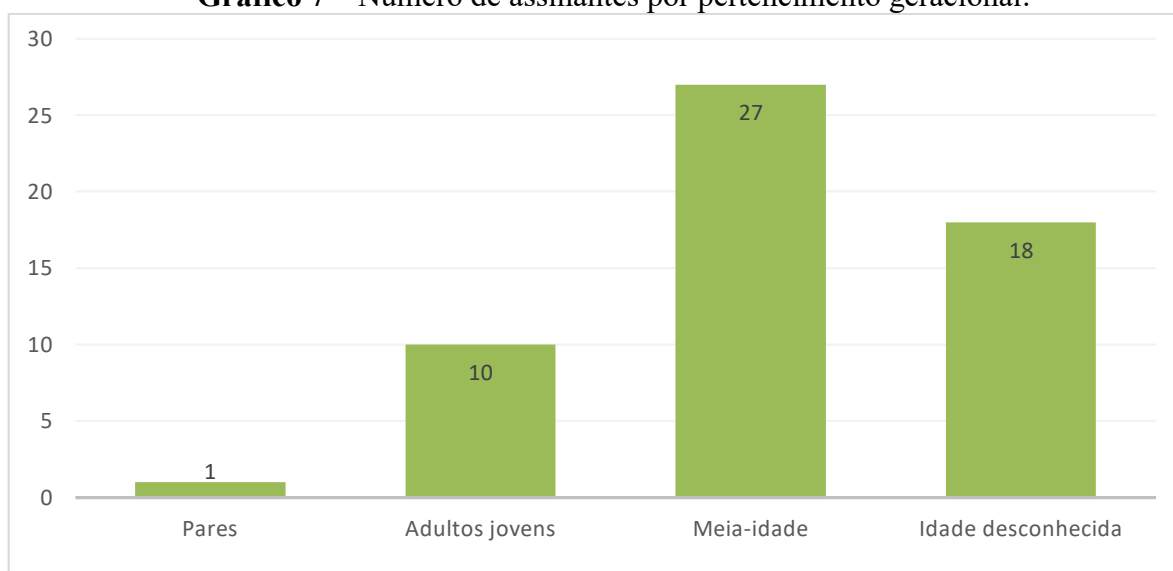
Convém ressaltar que pessoas de várias gerações se envolveram na produção do jornal. Os adultos intelectuais jovens e de mais idade, da cidade, ajudavam, assim como os jovens e antigos professores, bem como os amigos dos redatores, que também apoiavam escrevendo e enviando “seus artigosinhos”.

Um nome relevante, constituinte do antigo quadro da intelectualidade de Caetité, foi o do Professor Marcellino das Neves. O nome dele não consta na lista de assinantes que elaboramos, de acordo com os números do jornal que foram preservados, mas a avaliação que ele faz, por meio da correspondência enviada ao *O Bem-ti-vi*, indica que ele foi um dos leitores mais entusiastas.

Do nosso venerado amigo Prof. Marcellino Neves:
 “À esperançosa redação do “Bem-ti-vi” o sympathico jornalzinho da mocidade estudiosa, eu, embora velho, mas entusiasta admirador de todas as manifestações da inteligência, envio de todo o coração as mais sinceras felicitações por ser, primeiro aniversário hoje tão gentilmente comemorado. Do velho patrício e admirador
 Marcellino José das Neves²⁹⁰.”

O professor Marcellino disse que, embora existissem diferenças geracionais, entre ele, “velho”, e a “mocidade”, estas não o impediam de continuar sendo um “entusiasta admirador de todas as manifestações da inteligência”. Transmitiu, por sua mensagem, a visão de que o ato de produzir um jornal era como um ato de esperança, enfatizando que os redatores representavam essa “mocidade estudiosa” que produziu “sympathico jornalzinho”.

Gráfico 7 – Número de assinantes por pertencimento geracional.



Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*.

De acordo com o gráfico, a maioria dos assinantes identificados – 27 assinantes – eram homens que classificamos como de “meia-idade”. Se considerarmos os desconhecidos, quase todos com títulos da Guarda Nacional, supomos que esse número seria bem maior.

²⁹⁰ *O Bem-ti-vi*, 29/10/1913, p. 04, n. XXVII, Anno II.

Os “jovens adultos” totalizaram 10 pessoas. Nesse grupo, contabilizamos pessoas solteiras ou, apenas, com filhos crianças.

Quanto ao número de assinantes pertencentes ao mesmo grupo de idade dos redatores, identificamos apenas o estudante Azarias Batista. Esses dados indicam que os assinantes eram, principalmente, senhores das relações dos pais dos redatores, com predominância daqueles com a idade aproximada de Deocleciano Teixeira. A análise dos grupos sociais, a seguir, oferece mais dados e corrobora essa questão.

4.3.4. Grupos sociais

No decorrer deste estudo, buscamos elementos que nos ajudassem a responder as questões sobre as relações da sociedade investigada, com as culturas do escrito. Assim, ao analisar quem eram os assinantes do jornal, sob várias perspectivas, procuramos entender o papel que desempenhavam na produção do jornal e suas relações com as crianças envolvidas.

Ao lermos as matérias publicadas no jornal *O Bem-ti-vi*, descortinam-se, para nós, leitores do tempo presente, uma sociedade “distinta”, de ilustríssimos senhores, digníssimas senhoras e senhoritas, de inteligentes crianças. Todavia, temos acesso, por meio dele, apenas a uma parte constitutiva dessa sociedade. O que mais poderemos apreender ao tomarmos como foco de análise os pertencimentos socioeconômicos dos assinantes? Como compor as outras faces não aparentes desse quadro, por meio do que foi possível visualizar?

Encontramos, entre os 56 assinantes, proprietários de terras, comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais e um estudante, conforme exposto no quadro abaixo:

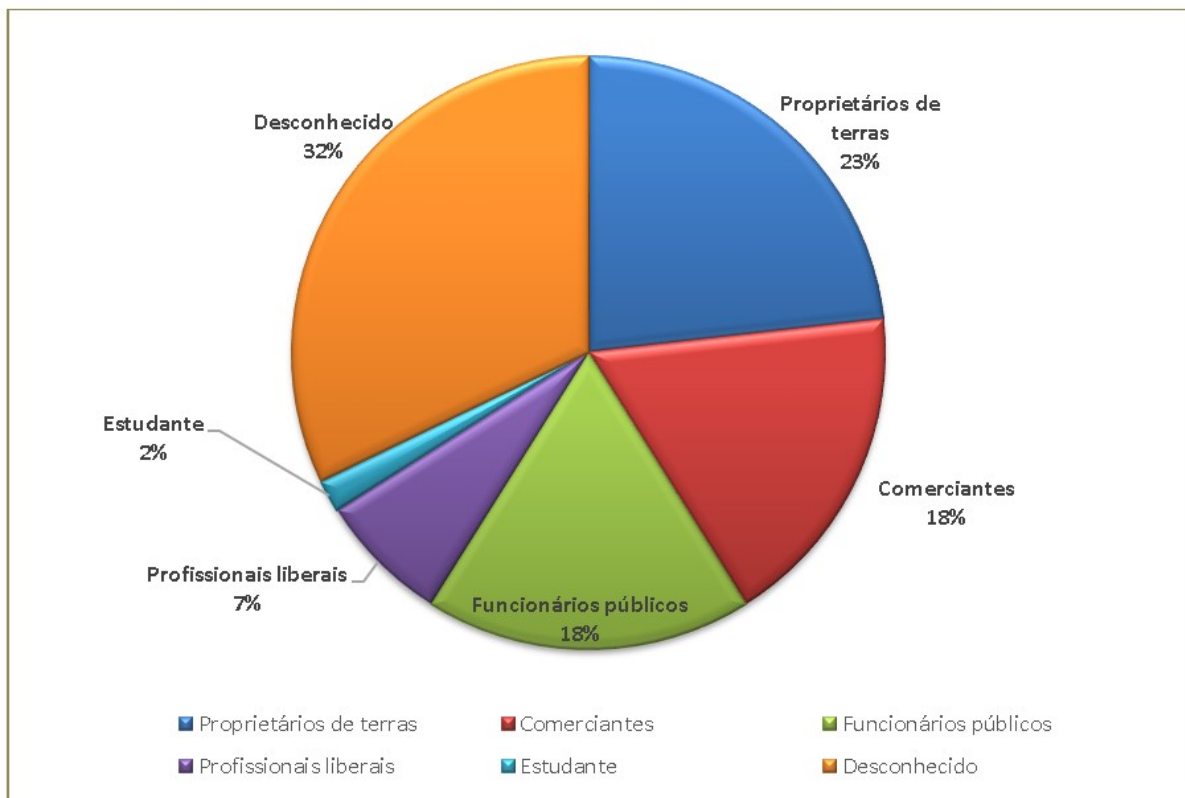
Tabela 7 – Grupos sociais dos assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*.

Grupos sociais	Número
Proprietários de terras	13
Comerciantes	10
Funcionários públicos	10
Profissionais liberais	4
Estudante	1
Grupo social desconhecido	18
Total	56

Fonte: Exemplares do Jornal *O Bem-ti-vi*; Santos (1995); Cotrim (2015); *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1891-1940)*; IBGE, Censo 1920; Ramos (2016); Exemplares do Jornal *A Penna*.

Entre os 36 assinantes²⁹¹ dos quais foi possível obter informações, sobrepuseram-se os proprietários de terras. Todavia, nos fazeres cotidianos, as atividades se entrelaçavam e, a fim de classificação, tivemos que fazer escolhas e definir um pertencimento²⁹². Cotidianamente, as diferentes atividades estavam muito imbricadas com o trabalho nas fazendas, no comércio e na atividade política. Vejamos os percentuais de cada uma dessas atividades:

Gráfico 8 – Grupos sociais dos assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*.



Fonte: Exemplos do Jornal *O Bem-ti-vi*; Santos (1995); Cotrim (2015); *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1891-1940)*; IBGE, Censo 1920; Ramos (2016); Exemplos do Jornal *A Penna*.

Proprietários de terras

Os proprietários correspondem a 23% dos assinantes. Eram, em sua maioria, familiares dos redatores: pais e mães, tios, uma irmã e um irmão. As propriedades rurais localizavam-se nos municípios de Caetité e outras localidades próximas, especialmente nos municípios de

²⁹¹ Dos 20 assinantes, o que corresponde a 36%, não encontramos nenhum documento contundente que permitisse classificá-los com segurança, em um ou outro grupo, entretanto, por possuírem título da Guarda Nacional e outros vestígios, como fazer parte das relações das famílias dos redatores, aventamos a hipótese de que eles fossem proprietários e/ou comerciantes. Muito provavelmente, o grupo de proprietários pode ser bem maior do que os 23% conhecidos.

²⁹² Quando se entrecruzaram as atividades dos proprietários de terras com o comércio, priorizamos classificá-los na atividade primária.

Monte Alto e Carinhanha, este último, localizado às margens do rio São Francisco. As fazendas constituíam grande parte do valor dos bens dessas famílias.

Os estudos de Fátima Pires (2009), Lielva Aguiar (2011), Paulo Henrique Santos (2014) e Danielle Ramos (2016), ao investigarem inventários *post mortem* de pessoas de Caetité e da região do Alto Sertão, em fins do século XIX e início do século XX, evidenciaram as disparidades econômicas e o domínio de terras, além de outras desigualdades.

Fátima Pires (2009) informa que a maior parte dos inventários pesquisados (63%) apresentavam uma faixa não superior a cinco contos de réis, pertencentes a sitiantes e pequenos fazendeiros. Por sua vez, 13% dos inventários concentravam uma renda de dez a vinte contos de réis. Este estudo pôs à mostra a enorme concentração de riqueza nas mãos de poucos. Segundo a autora, “os espólios com inventários acima de vinte contos de réis não alcançaram 10% do montante estimado. Vale ressaltar que alguns desses inventários alcançavam somas acima de cem contos de réis”. (PIRES, 2009, p. 136).

Flávio Neves afirma que “a riqueza, àquele tempo, era muito relativa. Dizia-se do Dr. Diocleciano que suas posses valiam mil contos de réis. Nelas incluídas uma fazenda, com sete léguas ao longo do Rio São Francisco”. (1986, p. 46). Sobre a fortuna de Deocleciano Teixeira, líder político na região e pai de Anísio Teixeira, a pesquisa de Lielva Aguiar (2011, p. 38) afirma que,

quando perdeu a primeira esposa, em 1878, a riqueza inventariada por Deocleciano Teixeira totalizou Rs. 27:708:058. Anos depois, em 1886, seu pai, o Major José Antônio Teixeira, faleceu, deixando para ele uma herança de Rs. 16:077\$990, e mais Rs. 340\$000 para cada um dos quatro netos, filhos de Deocleciano. Além disso, Ana Spínola Teixeira, sua terceira esposa, provinha de uma família tradicional residente em Lençóis, que mantinha posses e escravos e, assim como as demais irmãs que foram anteriormente casadas com Deocleciano Teixeira, ela era uma das herdeiras de extensas posses de terra na região do Médio São Francisco, deixadas por um tio que não teve filhos. Tais valores e bens ajudam a perceber a situação econômica da família Teixeira logo quando se estabeleceu em Caetité.

Os estudos de Paulo Henrique Santos (2016, p. 149) corroboraram a informação que “corria de boca em boca”, conforme nos diz Flávio Neves, sobre o valor real do montante de Deocleciano Teixeira, pois chegou ao total de Rs. 950:726\$922, distribuídos principalmente, em imóveis urbanos e rurais, semoventes, ações, apólices e poupanças. Dos inventários analisados no referido estudo, apenas o de Eugênia Rocha Rodrigues Lima (esposa do assinante do jornal *O Bem-ti-vi*, Otacílio Rodrigues Lima), se aproximava um pouco desse valor, compreendendo Rs. 606:006\$500. A média das fortunas dos outros inventariantes ficava em

torno de Rs. 100:000\$000 (cem contos de Réis), entre essas, a do assinante Antônio Rodrigues Gomes Ladeia, calculada em Rs. 109:434\$080.

No termo de Monte Alto, onde ficavam localizadas muitas das terras dos caetitenses, os inventários analisados por Danielle Ramos (2016, p. 108-109) evidenciaram que o montante maior não chegou a somar Rs. 100.000\$000. O percentual dos inventários analisados foram: 22,7% até Rs. 1:000\$000; 42,6% de R\$ 1:000\$000 a 5:000\$000; 10,4% de Rs. 5:000\$000 a 10:000\$000; 10,4% de R\$ 10:000\$000 a 20:000\$000; 9,5% Rs. 20:000\$000 a 50:000\$000 e 4,3% acima de Rs. 50:000\$000. Assim sendo, percebe-se que os valores predominantes nos inventários ficavam na faixa de Rs. 1:000\$000 a 5:000\$000, compreendendo quase 50% do total e menos de 5% os que foram avaliados acima de R\$ 50:000\$000. Esses números ratificam as análises realizadas por Fátima Pires (2009).

Nesta última faixa de valor, aliás, o mais alto deles (Rs. 86:795\$000), encontrava-se o inventário de Virgínia de Oliveira Spínola Teixeira, prima e esposa do assinante Mario Spínola Teixeira. Sobre esse inventário, Danielle Ramos (2016, p. 55) relata que

fallecida no ano de 1917 no arraial de Bella Flor, foram arroladas 420 ações da Empresa Industrial Sertaneja no valor nominal de 100\$000, totalizando um valor de Rs. 42:000\$000, maior valor na soma da riqueza inventariada, que foi de Rs. 86:795\$000 e que se constituía também por 204 ações no Banco Econômico da Bahia, no valor nominal de 30\$000, todas por Rs. 5:100\$000, e 25 apólices federais com valor de 21:750\$000, além de propriedades rurais e gado *vacum*.

As estratégias utilizadas para elevar o patrimônio eram inúmeras, desde casamento entre membros da elite e até dentro da mesma família, alianças políticas, conchavos, relações de amizades com pessoas influentes, entre outras. Em Caetité, ao menos com grande parte dos casamentos nas famílias investigadas, as alianças matrimoniais eram a base para a manutenção e o acúmulo de patrimônio, de acordo a vontade, escolha e aprovação das famílias. Um exemplo bem ilustrativo dessa situação foram os matrimônios das filhas do Barão de Caetité, que por não ter herdeiros masculinos, “casou” as suas filhas com os filhos da sua irmã. Essa característica endogâmica permaneceu em algumas uniões das gerações seguintes, alterando-se o sobrenome dos Gomes para Rodrigues Lima, devido ao fato de a descendência feminina não perpetuar o nome da sua família²⁹³, conforme mencionamos anteriormente.

Segundo Aguiar (2011, p. 54), “a prática de casamentos por ‘motivo de política’, ou interesses outros, não foi incomum entre as elites caetiteenses, pois através dessas alianças

²⁹³ Sobre isso, ver Lielva Aguiar (2019).

emergiam ciclos de reciprocidades onde trocas econômicas e políticas foram seladas”. Os critérios para a escolha conjugal remetem às condições econômicas, sociais e até políticas. “Entre eles, a distinção, educação e o sobrenome da família mostraram-se essenciais na realização do que se julgava um ‘bom casamento’” (AGUIAR, 2011, p. 55).

Comerciantes

Outra estratégia dessas elites foi diversificar as atividades econômicas e, entre elas, o comércio era significativo. Entre os assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*, classificamos dez comerciantes, computando 18% do total. Contudo, esse número pode ser maior se considerarmos as intersecções entre proprietários e comerciantes, pois como justificamos anteriormente, muitos desses grandes proprietários de terras empregavam parte do patrimônio em investimentos e atividades comerciais. Deocleciano Teixeira compunha uma dessas intersecções, conforme afirma Aguiar (2011, p. 18-19):

Ainda se observou o quanto os negócios relacionados às fazendas e criações de gado, bem como aqueles ligados ao comércio e aos empréstimos em dinheiro, foram importantes para sua [Deocleciano Teixeira] consolidação econômica. Atrelado a eles, o envolvimento político reforçou a distinção conferida pelo *status* econômico, endossando a eminência dessa família na cidade de Caetité e nas demais localidades do seu entorno. (Grifo no original).

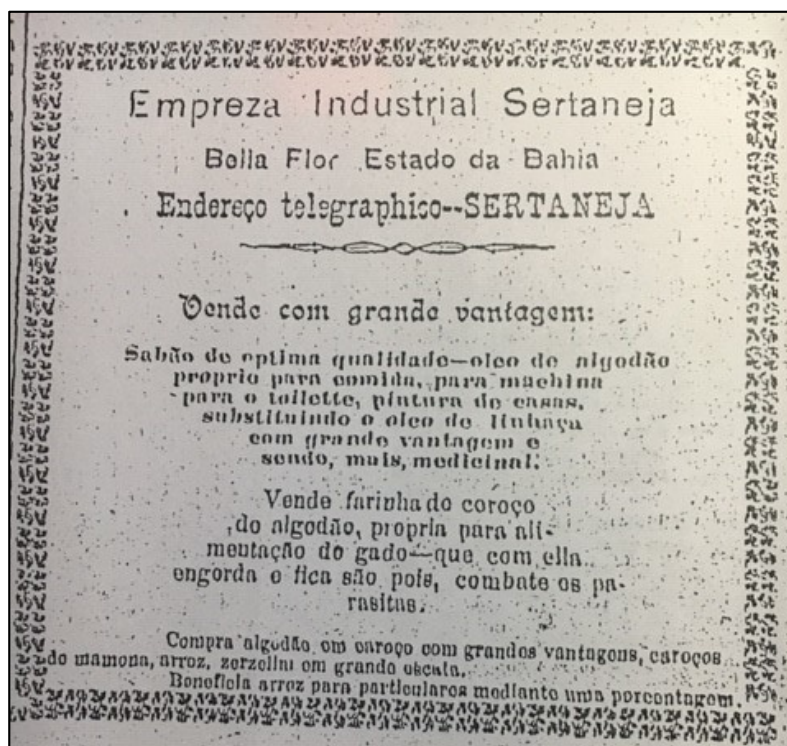
Mario Spínola Teixeira assim como o pai, Deocleciano, envolvia-se em atividades com terras, com o comércio e com a indústria. O jornal *O Bem-ti-vi*, em 22 de janeiro de 1913, noticiou que em Bella Flor, “a Empreza Industrial Sertaneja está em actividade”, da qual Mario Spínola era fundador e administrador. Na matéria “O futuro da Bahia” publicada no jornal *O Bem-ti-vi*, de autoria do Dr. Zig-Zag (Mario Teixeira Rodrigues Lima), o texto afirma que a indústria de algodão da Bahia

tem desenvolvido muito nestes últimos annos. No arraial de Bella Flor, do Município de Monte Alto, já fundaram uma fábrica para beneficiamento do algodão, que exportam para fábricas de Minas, e com o caroço fabricam sabão, óleo para machinas e para outras cousas, fubá para gallinhas, animaes, etc.²⁹⁴

²⁹⁴ Jornal *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913. p. 01, n. VII, Anno I. Um mês antes da matéria do Dr. Zig-Zag, em 19/12/1912, o assinante do *O Bem-ti-vi*, Antonio Marcellino das Neves, assina uma matéria no jornal *A Penna*, descrevendo a experiência que observou sobre o funcionamento de uma empresa de beneficiamento de algodão e dá o exemplo do que “já se tem feito em Bella Flor”. Jornal *A Penna*, 19/12/1912, n. 15, p. 02. Anno I.

A Empresa Industrial Sertaneja beneficiava grande parte do algodão produzido na região do Alto Sertão, além de muitas outras atividades, conforme anúncio publicado no jornal *A Penna*²⁹⁵:

Figura 33 – Anúncio publicado no jornal *A Penna*.



Fonte: Jornal *A Penna*, 26/01/1912, n. 03, p. 04. Anno I.

Os assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*, Deocleciano Teixeira e José Antônio Rodrigues Lima, eram acionistas. Segundo Paulo Henrique Santos (1914), Deocleciano Teixeira, além de acionista era também agente da empresa, negociando com várias firmas como a Salles & Filhos²⁹⁶, Cezar Garcez²⁹⁷, Otacílio Brandão, entre outras. Em 1924 o balanço da empresa contabilizou Rs. 329:082\$820, principalmente, com o beneficiamento de algodão, caroço, farinha, óleo e sabão. A produção da empresa servia ao mercado regional, nacional e

²⁹⁵ Jornal *A Penna*, 26/01/1912, n. 03, p. 04. Anno I. “A Empresa Industrial Sertaneja – Bella Flor, Estado da Bahia. Endereço telegráfico – SERTANEJA. Vende com grande vantagem: sabão de ótima qualidade, óleo de algodão próprio para comida, para máquina, para o toilette, pintura de casas, substituindo o óleo de linhaça com grande vantagem, mais, medicinal. Vende farinha de caroço de algodão, própria para alimentação do gado – que com ela engorda e fica são pois, combate os parasitas. Compra algodão em caroço com grandes vantagens, caroços de mamona, arroz, zerzelm em grande escala. Beneficia arroz para particulares mediante uma porcentagem.

²⁹⁶ O sobrenome Salles corresponde ao nome de família dos assinantes Antônio e Genésio Seixas Salles, dos quais trataremos adiante.

²⁹⁷ Não temos maiores informações sobre essa firma, mas na lista de assinantes consta o nome de Capitão César Garcez Domingues, no n. XXVI do jornal *O Bem-ti-vi*. No *Almanaque Laemmert* (1925, p. 252) o Capitão Cesar Garcez Domingues consta como escrivão da coletoria estadual. Nos anos anteriores não houve publicação no referido almanaque sobre a cidade de Caetité.

internacional. O algodão beneficiado chegava aos estados “sulistas”²⁹⁸ e ao porto do Rio de Janeiro, utilizando vários meios de transportes, conforme trecho a seguir:

Os fardos eram transportados em lombos de burros cargueiros até Carinhanha. Dessa cidade, seguiam a Pirapora (MG), nos vapores que realizavam viagens semanais pelo sistema de navegação fluvial do Rio São Francisco. Nesse ancoradouro, os fardos eram finalmente carregados nos vagões da Estada de Ferro Central do Brasil, com destino final a portos de exportação e fábricas têxteis dos estados do Centro-Sul do país²⁹⁹. (SANTOS, 2014, p. 174).

Os negócios da empresa contavam, no Rio de Janeiro, com a contribuição do irmão de Deocleciano, Rogaciano Pires Teixeira³⁰⁰, funcionário da Alfândega nesta cidade, que intermediava as transações com empresas fornecedoras de insumos para a empresa Industrial Sertaneja, segundo Paulo Henrique Santos (2014). Rogaciano Teixeira está entre os primeiros assinantes do jornal dos sobrinhos. No número do dia 20 de março de 1914, na seção “Datas festivas”, o jornal *O Bem-ti-vi* felicita-o pela passagem do seu aniversário, em 17 de março: “o Coronel Rogaciano Pires Teixeira, eminente bahiano, que com honra e lustre para o seu nome exerceu durante longos anos o cargo de conferente da Alfândega do Rio de Janeiro, no qual acaba de aposentar-se; Parabéns”. O Coronel Rogaciano Teixeira, mesmo morando distante do Alto Sertão, mantinha relações próximas com o irmão e sobrinhos, seja participando dos negócios comerciais, seja prestigiando o empreendimento da produção do jornal, pela nova geração da família.

Em relação às atividades comerciais, Paulo Henrique Santos (2014, p. 144) registra uma transação financeira realizada entre Deocleciano e o irmão, Rogaciano, intermediada pela firma baiana *Salles & Filhos*³⁰¹. Os irmãos Antônio e Genésio Salles tornaram-se assinantes do jornal *O Bem-ti-vi* em momentos diferentes. Primeiro, Antônio, cujo nome é publicado no número XV, e só no número XXXIX publica-se o nome de Genésio. O primeiro era compadre de Deocleciano, provavelmente de amizade firmada quando os irmãos Salles foram morar em Caetité no final do século XIX.

²⁹⁸ Era assim que os textos dos jornais *O Bem-ti-vi* e *A penna* se referiam aos estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

²⁹⁹ Esse percurso de viagem pelo Rio São Francisco, seguido da Estrada de Ferro, era utilizado pelas pessoas da região como uma via de acesso aos estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, conforme registro em variadas cartas da família Teixeira, no APMC.

³⁰⁰ Segundo Hermes Lima (1978, p. 22), quando jovem, o pai o enviou a Liverpool para estudar inglês e contabilidade, mas com a guerra franco-prussiana e a queda no comércio de diamantes, ramo dos negócios da família, teve que retornar.

³⁰¹ Essa empresa estava presente também nas transações comerciais do termo de Monte Alto, município vizinho de Caetité, segundo Daniele Ramos (2016, p. 73).

Segundo Helena Lima Santos (1995, p. 330), a família Salles era originária de Macaúbas, mas, “fugindo das lutas armadas”, chegaram em Caetité “em fins do século passado”. A partir de 1904, Lielva Aguiar (1911, p. 69) registra correspondências entre Antônio e Deocleciano remetidas de Salvador onde, provavelmente, os irmãos já tinham fixado a residência e a empresa *Salles & Filhos*³⁰². Traços de relações próximas se evidenciam quando Antônio Salles “lembra” Deocleciano Teixeira do “bom presente de requeijões que me costuma mandar todos os anos” e, em contrapartida a afilhada Dorinha Salles envia saudades e pede a benção ao “Padrinho Doutor”. Ademais, diante dessas afinidades, é plausível a assinatura do jornal por Antônio Salles, que afirma ainda que “todos os filhos [de Deocleciano Teixeira] são meus sobrinhos do coração” (AGUIAR, 2011, p. 69). Exercer atividades comerciais exitosas, muitas vezes, envolvia a adoção de estratégias para manter relações afetivas e de cooperação entre os sujeitos e suas famílias. Os filhos, ou seja, a nova geração e seus projetos eram enredados nas tramas tecidas pelas gerações dos pais, tios e outros adultos da família. No entanto, essas sociabilidades fundamentadas em “regras morais tradicionais” tendiam a se dissolverem em prol da “cobiça” e de novos padrões de comportamento do mundo dos negócios, como afirma Sevckenko (2003, p.55), ao tratar sobre o período da *Belle époque* no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas republicanas. Não obstante essas alterações de comportamento social, as relações entre Deocleciano Teixeira e a família Salles ainda se firmavam dentro dos padrões de distinção social que demarcavam as posições de cada um, na velha hierarquia social.

Antonio Salles, quase um ano depois de ter se tornado assinante, provavelmente, convidou o irmão Genésio para também assinar *O Bem-ti-vi*. Por conseguinte, a lista de assinantes ia conquistando novos adeptos à medida que o tempo transcorria. Quando o jornal estava prestes a interromper a publicação, no penúltimo número, na seção “De viagem”, os redatores saúdam e agradecem o “distinto amigo” Cezar Castro, recém-chegado da cidade de Riacho de S. Anna, pela “lista de assignantes que nos trouxe”³⁰³. Contudo, essa lista foi desconsiderada, pois no número seguinte, o editorial anunciava a interrupção da publicação do jornal.

Na lista de assinantes que exerciam atividades comerciais, tínhamos ainda o Coronel José Antônio Rodrigues Lima e seu irmão Otacílio Rodrigues Lima, sócios da empresa

³⁰² Lielva Aguiar (2011, p. 69) afirma que “Nessa empresa, Deocleciano Teixeira possuía, em 1926, 415 apólices, além de ter efetuado, ao longo desse mesmo ano, depósitos nos valores de Rs. 1:660\$000, Rs. 536\$900, Rs. 6:690\$000, entre outros. Em 1930 o total de apólices era 445, no valor de Rs. 500\$000.112”.

³⁰³ *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p. 4, n. 42, Anno II. O jornal não divulgou essa lista.

Rodrigues & Araújo, que comercializavam fazendas, miudezas e ferragens. Segundo Helena Lima Santos (1995, p. 225), “o grande Empório Comercial vendia aos municípios vizinhos e até do norte de Minas”, em sociedade com “Cincinato Araújo³⁰⁴, da Casa Brandão em São Félix”.³⁰⁵ As atividades comerciais do Cel. José Antônio Rodrigues Lima envolviam ainda ações da Empresa Sertaneja, comércio de gado, e “o arrolamento de duas balancinhas no inventário”, o que sugere Paulo Henrique Santos (2014, p. 159), que ele pode ter comercializado pedras preciosas. Essa hipótese é bem provável, pois pedras preciosas, especificamente ametistas, eram exploradas no distrito de Brejinho das ametistas³⁰⁶, desde o século XIX. Havia um intenso trânsito de pessoas entre Caetité e esse distrito. Os estudos de Carla Cotrim (2015, p. 30) indicam a presença de “alemães e ricos comerciantes de Caetité”, em Brejinho, e mais, identificou uma “parceria entre os alemães e Deocleciano Pires Teixeira no comércio das ametistas”. Correspondências entre essas partes

indicam uma relação de confiança e trocas de favores entre Deocleciano e os alemães. Tais relações ocorreram principalmente por que à época não havia posto telegráfico em Brejinho, o que dificultava a comunicação desses alemães com o restante da Bahia e com a própria Alemanha. Com isso, constantemente os alemães solicitavam favores a Deocleciano, sobretudo referentes às transações em dinheiro, indicando uma relação de confiança e interesses mútuos entre as partes. (COTRIM, 2015, p. 34).

Essas relações, mais do que “trocas de favores”, envolviam negócios e ampliação de patrimônio.

Constituindo práticas comerciais mais modestas, e patrimônios menos vultosos, encontramos nas cidades e vilas brasileiras no final do XIX e início do século XX, um crescente comércio “miúdo” constituído por estabelecimentos comerciais conhecidos por “vendas”, “armarinho” e “armazéns”, além das “lojas”. Em Caetité, o assinante Frederico Dantas de Castro era proprietário de um desses armazéns, denominado “1º. de Janeiro”, fundado em 1898, bem localizado na cidade, na Praça da Matriz, como consta na figura abaixo:

³⁰⁴ Cincinato Araújo era irmão de Cel. Balbino Gabriel de Araújo Cahahiba, que, em 1912 era o “M. D. Diretor caixa da ‘Empresa Sertaneja’”. *O Bem-ti-vi*, 19/11/1912, p. 04, n. IV, Anno I.

³⁰⁵ Sobre maiores informações das atividades dessas firmas no Alto Sertão, ver Paulo Henrique Duque (2014) e Danielle Ramos (2016).

³⁰⁶ Em 1912 o distrito pertencia ao então município de Umburanas. Atualmente, continua na condição de distrito, mas pertence ao município de Caetité. Localiza-se a 29 km de Caetité. Sobre os municípios e seus distritos, ver apêndice B.

Figura 34 – Cartão do Armazém 1º. de Janeiro, Caetité-BA.



Fonte: APMC. Acervo da Família Teixeira.

Eram comercializadas diversas mercadorias, como fazendas, armarinhos, ferragens, tintas, louças, molhados, chapéus, calçados, por ‘preços razoáveis’. O texto destaca que a especialidade do estabelecimento era “em arreios”, material importante para prover as tropas utilizadas nas viagens. Esse comércio de balcão funcionava geralmente em construções conjugadas com as casas de moradia; um cômodo da casa era disponibilizado para o comércio, geralmente com várias portas, que davam acesso direto para a rua; se o imóvel fosse localizado numa esquina, seria bem melhor para a atividade comercial. Paulo Henrique (2014, p. 68-70) localizou em alguns inventários, imóveis de “casa com loja e armação para negócio”, estabelecimentos esses, que “contavam com farta freguesia da cidade, distrito e comarcas circunvizinhas”. Um balcão dividia o ambiente que, por trás, dispunham-se prateleiras com produtos e ficava o atendente; à frente do balcão, a depender da quantidade de mercadorias, colocavam mais produtos, dispostos ao redor do cômodo, sem uma maior organização. Muitas vezes a vida privada se misturava com o ambiente dos negócios, com crianças e outras pessoas da família circulando pelo armazém.

Outro assinante e colaborador do jornal, envolvido com o comércio de “miudezas”, foi Frederico Alberto de Moraes. O *Almanak Laemmert* (1925, p. 252) publicou a lista de nomes que trabalhavam com “comércio de armarinhos, fazendas, tecidos, louças, ferragens e bebidas” em Caetité. Abaixo do nome de Frederico Dantas, estava Francisco Alberto de Moraes.

Pertencente ao ramo comercial de lojas, o jornal *O Bem-ti-vi* teve como assinante “o nosso bom amigo Joaquim Souto, digno gerente da Loja Progresso”³⁰⁷. Joaquim Souto era de família portuguesa. Segundo Simone Marinho (2017, p. 115), os irmãos Carlos e Antônio Souto migraram para o Brasil no final do século XIX para trabalharem como negociantes em Salvador. Carlos começou a trabalhar com 14 anos, ao chegar, na firma Manoel Francisco Brandão & Cia. Aos 18 anos mudou-se para Rio de Contas para gerenciar a filial dessa empresa, seguido pelo irmão Antônio. Foram sócios fundadores do Club Rio Contense. Sobre Joaquim Souto, seu nome apareceu na documentação do Club em 1919.

Outro irmão dos Souto, Joaquim, também veio para Rio de Contas, embora não foi possível registrar exatamente quando, e, da mesma forma, abriu seu estabelecimento comercial, o Bazar Central. Joaquim Souto foi sócio do Club Rio Contense, tendo se tornado sócio benemérito, em 1919, por doações feitas à associação. (MARINHO, 2017, p. 116).

O nome de Joaquim Souto é publicado pela primeira vez no jornal *O Bem-ti-vi*, na nota em janeiro de 1914 como “bom amigo” e “gerente de loja”. Maiores informações sobre como chegou a Caetité não foram encontradas. Mas, provavelmente chegou antes de 1914, pois já havia se estabelecido no comércio e feito amizades. Posteriormente, fixou residência com os irmãos em Rio de Contas.

Quando o jornal *O Bem-ti-vi* abriu o concurso do rapaz “mais sympathico”, seu nome alcançou os primeiros lugares da lista. Ele organizou em Caetité um “Club de jogos ao ar livre”, segundo consta na matéria publicada no jornal do dia 01 de maio de 1914: “organizou-se nesta cidade, por iniciativa do Sr. Joaquim Souto (...) um club de sports”³⁰⁸. A notícia continua com a narração da organização de dois times de futebol na cidade e a realização dos jogos. O círculo de assinantes do jornal contou com os/as senhores/as de Caetité, da região e novas pessoas que chegaram à cidade, como o português Joaquim que, provavelmente, veio atraído pelas oportunidades do comércio.

Outro ramo comercial atrativo, no período, eram as farmácias. Entre seus assinantes, o jornal *O Bem-ti-vi* teve um farmacêutico, o Sr. Ovídio Antunes Teixeira, diplomado em 1909 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Proprietário da “Farmácia Nice”, quando em sociedade com seu primo Joaquim Silveira Lima e, depois de desfeita a sociedade, “Farmácia Teixeira” (SANTOS, 1995, p. 242). Mas, para a população, muitas vezes, era o nome do comerciante que identificava o estabelecimento, assim, nem “Nice”, nem “Teixeira”, mas “Farmácia de Dr.

³⁰⁷ Jornal *O Bem-ti-vi*, 21/01/1914, p. 04, n. XXXIII, Anno II.

³⁰⁸ Jornal *O Bem-ti-vi*, 01/05/1914, p. 02-04, n. XXXIII, Anno II.

Ovídio”, como disse Flávio Neves, que viveu, quando menino, esses tempos em Caetité. Os espaços das farmácias e boticas eram, tradicionalmente, espaços de sociabilidades. Helena Lima Santos (1995, p. 324) afirma que eram diárias as reuniões de amigos, às tardes, na Farmácia Teixeira, para jogarem gamão, discutir política e os acontecimentos do Brasil e do mundo. Referência como local de encontros, a Farmácia Teixeira também ficou registrada nas memórias de Flávio Neves, quando ele narra um desses encontros ocorridos, em que se discutiam e acompanhavam as notícias da Primeira Guerra:

Com o telegrama na mão, o Dr. Deocleciano, com boné de alpaca e chinelo de lã, dirigia-se à Farmácia do Dr. Ovídio; dali a nova se irradiava. Às pressas se imprimiam boletins, fartamente distribuídos, concitando o povo para uma *marche aux flambeaux*,³⁰⁹ logo mais. Esta irrompia, com vigor, com a Lyra Caetiteense à frente, recheada aqui e acolá de inflamados discursos. (NEVES, 1986, p. 12). Grifos do autor.

Possivelmente, esse espaço pode ter sido palco de comentários e, quem sabe, de leituras do jornal *O Bem-ti-vi*, considerando que o proprietário da farmácia era um assinante, desde os primeiros números. A farmácia como lugar, primeiramente de comércio, mas também de discussões, de divulgação de informações, pode ter possibilitado que outras pessoas, que ali frequentavam ou entravam para comprar remédios, conhecessem o jornal. A divulgação de medicamentos era frequente no jornal *A Penna*, como “Bromil”, “Febrolina”, “Phymonal” e “A Saúde da Mulher” com promessas de cura para muitos dos males que afligiam as pessoas no período, como coqueluche, tuberculose e doenças e males do cotidiano, como bronquite, gripe e “os incômodos das mulheres”. Deste modo, devia ter fluxo de pessoas, seja para adquirir remédios, ou para saber das “novidades”.

Diversas eram as formas de difusão das informações. Elas vinham por meio dos recados orais, cartas, jornais e pelo telégrafo. Esse último era utilizado principalmente quando se tratava de negócios e outras formalidades. Quando essa informação tinha valor para as relações políticas locais, como no exemplo citado por Neves (1986), rapidamente definiam-se as estratégias de divulgação dessas notícias, tanto por meio do escrito, no caso, os boletins³¹⁰ “fartamente distribuídos”, quanto por meio das manifestações populares, para as quais “o povo” era conclamado. A forma como o texto escrito era elaborado dependia da mensagem que se

³⁰⁹ Era comum o uso de termos da língua francesa no português do período; marca a influência da cultura francesa, considerada como “molde de civilização” para o Brasil. Tradução: Marcha à luz de tochas.

³¹⁰ Considerando-se que na cidade só existia a “Empreza Typographica d’A Penna de Gumes & Filhos”. (*Almanak Laemnert*, 1925, p. 126) e ciente das relações próximas entre Deocleciano Teixeira e João Gumes, diretor da *A Penna*, supomos que esses boletins eram impressos nessa tipografia. Sobre João Gumes ver: Joseni Reis (2010).

desejava transmitir e a qual objetivo pretendia alcançar. Na documentação da família Teixeira não encontramos nenhum exemplar desses “boletins” citados.

Outro assinante que se envolvia em atividades comerciais na região era o Coronel Augusto Ferreira Leão, “proprietário do importantíssimo ‘Empório Brejinhense’, no arraial do Brejinho das Amethystas, onde esse digno cidadão é muito prestigiado”³¹¹. Ele fazia viagens com certa periodicidade a Caetité por conta das transações comerciais, pois como vimos anteriormente, o arraial de Brejinho não contava com linha telegráfica. Ademais, as representações de empresas comerciais mais próximas estavam em Caetité. Era um dos hóspedes costumeiros da residência de Flávio Neves. “Chegava em Caetité em uniforme próprio para a jornada à cavalo”, vindo para as visitas comerciais e “em ocasiões de festas, principalmente religiosas”. (NEVES, 1986, p. 28-29).

Em maio de 1914, trouxe consigo para Caetité seu filho, conforme noticiado em *O Bem-ti-vi*, na seção “De viagem”: “Esteve na cidade, o Coronel Augusto Ferreira Leão, nosso assignante e acreditado negociante na terra das Amethystas, o qual trouxe consigo o seu pupillo Antonio F. Leão, de 5 ½ annos, cuja precocidade de intelligencia admira”³¹². A precocidade do menino foi assunto de uma matéria do jornal *O Arrebol*, intitulada “Criança que promette” afirmando que receberam de Antônio uma “cartinha do próprio punho, em bello cursivo, na qual *nos pede gentilmente uma assinatura do ‘O Arrebol’*. Esta criança (...) constitue uma legítima e risonha esperança para o futuro da Pátria”³¹³. Pela admiração expressa nos textos dos dois jornais, supõe-se que a criança não “copiou”³¹⁴ o texto, mas que realmente escrevia autonomamente. De tal modo, podemos inferir que aprender a ler e escrever aos cinco anos não era comum entre as crianças, no período. Será que Antônio foi um pequeno leitor do *O Bem-ti-vi*? Seu pai assinava *O Bem-ti-vi*, provavelmente desde os primeiros números, e na carta que Antônio enviou ao *O Arrebol*, solicitou “gentilmente” uma assinatura deste jornal. Por que solicitaria a assinatura do jornal? Pode até ser por motivos que não compreendemos, mas não é inconcebível supor que fosse para usufruir da sua leitura.

Não vimos nas páginas de *O Bem-ti-vi* outros textos evidenciando admiração por habilidades precoces de crianças, a não ser das outras pessoas em relação aos redatores. Era comum, nas notas do jornal, os editores dirigirem-se às crianças aniversariantes com palavras

³¹¹ Jornal *A Penna*, 26/01/1912, p. 02. n. III, Anno I.

³¹² Jornal *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, p.3, n. 42, Anno II.

³¹³ Jornal *O Arrebol*, 27/05/1914, p.02, n. 09, Anno I. (Grifos meus).

³¹⁴ Era comum crianças que não sabiam escrever cobrirem a escrita do adulto ou pedirem para alguém conduzir a mão. Sobre crianças e aprendizagem de práticas de leitura e escrita em Caetité no início do século XX, ver Carneiro (2011).

elogiosas, como distintas, graciosas, inteligentes, mas em nenhum momento tratou-as como precoces, como fizeram com Antônio Leão, filho do coronel comerciante.

Funcionários públicos

Entre os assinantes identificamos dez funcionários públicos que trabalhavam em áreas diversas, compreendendo 18% do total.

Três desses funcionários trabalharam na Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS). Um deles, o Engenheiro Celso Torres, futuro cunhado³¹⁵ de Anísio Teixeira, foi o segundo nome a constar como assinante. Os outros foram o Major Leandro das Virgens “M. D. Nivelador da Inspetoria de Obras Contra a Secca”, aproximadamente uns seis meses depois de iniciada a publicação do jornal, no número XIV; e pagou adiantado. No número seguinte, foi registrado o nome do “Auxiliar” Manoel Neves de Sá Roriz, também pagando antecipadamente a assinatura. Ao indicar o nome do assinante na seção “Livro de Ouro”, algumas vezes vinha antes a expressão “pagaram adiantadamente as suas assignaturas”³¹⁶. Na tentativa de perceber uma lógica na adesão dos assinantes, inferimos que, talvez, por influência de Celso Torres, os outros dois funcionários da IOCS, alguns meses depois dele, realizaram suas assinaturas.

A criação da Inspetoria de Obras Contra a Seca, em 21 de outubro de 1909, concretizou a aproximação dos discursos das elites dirigentes – que almejavam instituir a nação republicana progressista e “civilizada” - com os discursos científicos, que defendiam o uso de conhecimentos das ciências para sanar os problemas do país. Segundo Kleiton de Sousa Moraes (2010), nesse momento, a chamada “região das secas” ou “sertões do norte”, no interior, passou a ser tratada como entrave para o desenvolvimento do Brasil. A Inspetoria, vinculada ao Ministério da Viação e Obras Públicas, tinha a função de realizar estudos e buscar meios de viabilizar ações que pudessem sanar os problemas decorridos das “secas”, na atual região nordeste brasileira. Até então era utilizado o termo “norte” para dizer desse lugar.

A imprensa da região do Alto Sertão já vinha denunciando as periódicas migrações para São Paulo por conta das consequências das secas para as pessoas de poucas posses, que não conseguiam meios de sobrevivência nos períodos de seca prolongada. Simone Marinho (2017, p. 67) afirma que, em Rio de Contas, o jornal local denominou esse movimento de “saopaulomania”, dizendo dos deslocamentos de homens ou famílias inteiras para “o Sul” por conta dos “tempos difíceis, de seca e estagnação econômica, que obrigava a migração de

³¹⁵ Celso Torres casou-se com Leontina Spínola Teixeira poucos anos depois. Viveram em Salvador.

³¹⁶ *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, p. 04, n. XV, Anno I.

pessoas que compunham os setores menos favorecidos”. O jornal *A Penna*, em Caetité, chamava essas pessoas de “sampauleiros”³¹⁷.

O jornal *O Bem-ti-vi* também publicou um editorial em tom de denúncia, conclamando “os homens de governo” para o problema da emigração³¹⁸. Coincidentemente ou não, foi no mesmo número que um funcionário do IOCS se tornou assinante. No número anterior, o outro funcionário tinha se tornado assinante. Será que eles teriam alguma influência na temática tratada na primeira página? O IOCS tinha a missão de realizar estudos, tratar dos problemas das secas e, possivelmente, esses funcionários podem ter participado de conversas com os redatores sobre a importância do trabalho que estavam realizando na região. Esse problema incomodava os dirigentes políticos, a quem os redatores recorreram no texto da matéria, incomodava as elites locais e, como afirmou Moraes (2010), a Inspeção representava o saber científico no trato sobre as questões advindas das secas. Dessa forma, supõe-se que os funcionários do IOCS possam ter lido, já que assinaram o jornal, e que, possivelmente aprovaram a matéria publicada, pois ela reforçava a necessidade do trabalho que eles vinham desenvolvendo. Ao descortinar os pormenores da produção do jornal, vimos como as questões se imbricavam entre as esferas de pensar, escrever, de autoria, do produzir, do fazer circular, do ler e fazer pensar de novo.

Os funcionários públicos constituíam uma força importante junto às elites na condução da vida política e econômica nesse período. A política dos governadores, instituída com a República federativa, possibilitou aos chefes locais ter um certo controle sobre as decisões e acontecimentos em cada região do país. Esse sistema político funcionava a favor das elites dirigentes, portanto, ter aliados atuando na máquina pública contribuía com a manutenção de privilégios e controle do poder político. Entre os funcionários públicos em Caetité estavam também: Sr. Clementino de Oliveira Mimim, “M. D. Procurador da cidade” e o Sr. João de Campos Alcântara, “Colletor Estadual”. Esses cargos eram peças importantes no jogo político. Segundo Simone Marinho (2017, p. 123) “a escolha de quem ocuparia tais cargos era decisiva (...) e fundamental para a vitória eleitoral e, conseqüentemente, para a manutenção do mando local”. Enfim, cultivar boas relações no sistema político-administrativo agregava forças e poder.

Na lista de assinantes do *O Bem-ti-vi* constavam os nomes dos Intendentes de Caetité que estiveram nesse cargo eletivo durante algumas décadas. Vejamos:

³¹⁷ Título de um romance do caetitéense João Gumes.

³¹⁸ *O Bem-ti-vi*, 01/05/1913, p. 01, n. XV, Anno I.

Quadro 20 – Assinantes do jornal *O Bem-ti-vi* que ocuparam o cargo de Intendentes em Caetité.

Período	Assinantes	Observações
1892	Dr. Deocleciano Pires Teixeira (era Presidente do Conselho)	Em substituição ao Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima (1890-1891) que se afastou para assumir o cargo de governador da Bahia.
1893	Dr. Cleophano Meirelles	Renuncia ao final do 1913.
1894-1895	Dr. Deocleciano Pires Teixeira (Era Presidente do Conselho)	Em substituição ao anterior, que renunciou.
1896-1903	Cel. José Antônio Rodrigues Lima (Cel. Cazuzinha)	
1904-1907	Cel. Otacílio Rodrigues Lima	
1908-1911	Cel. Joaquim Manoel R. Lima Júnior	
1912-1915	Cel. José Antônio Rodrigues Lima (Cel. Cazuzinha)	J. J. Seabra assume como governador em 1912.
1916-1918	Dr. Antônio Rodrigues Ladeia	
1919	Cel. José Antônio de Castro Tanajura	Atuou até o mês de agosto. Monsenhor Luís Pinto Bastos assumiu nesse interím.
1920-1923	Cel. José Antônio de Castro Tanajura	
1924-1927	Dr. Ovídio Antunes Teixeira	Em 1924 retorna a liderança política de Deocleciano Teixeira na região, com a vitória do Dr. Góes Calmon para governador da Bahia. Outras gestões de Dr. Ovídio: 1929. 1932-1934 (Prefeito). 1948-1950 (Prefeito).

Fonte: Helena L. Santos (1995, p. 260-261).

No período de circulação do jornal *O Bem-ti-vi*, quem estava ocupando o cargo de intendente foi o Cel. José Antônio Rodrigues Lima. No alvorecer do ano de 1912, no dia 1 de janeiro, os caetitéenses realizaram as cerimônias e comemorações de posse do novo intendente, dos conselheiros municipais e dos demais membros eletivos da esfera municipal. Primeiramente, ocorreu uma sessão solene para a posse do Conselho e do Intendente – Cel. José Antônio Rodrigues Lima – conduzido “com as devidas honras” para prestar seu compromisso legal. Em seguida, foi realizada a leitura de um relatório com o histórico de todo o movimento administrativo e financeiro do Município referente ao quadriênio anterior, “o qual patenteava o quanto foi fecunda em melhoramentos importantes a administração do Ilmo. Sr. Cel. Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior (...) de embelezamento e serviços de grande valia e utilidade pública”, enfatizando que não foram contraídos empréstimos, nem se oneraram os cofres

públicos, ao contrário, deixou saldos, conforme notícia do jornal *A Penna*, em seu segundo número, datado do dia 09 de janeiro de 1912.

A matéria do jornal continua apresentando as manifestações de apreço do povo para o ex- Intendente, desde as apresentações musicais, oferta de *bouquet* de flores, leitura de “belíssima allocução”, discursos de agradecimentos do “verdadeiro democrata, o amigo e respeitador do povo, e evocando *os charos espíritos de seus progenitores*, a quem deve a primorosa educação e os exemplos são que sempre o guiaram no desempenho dos seus deveres perante a sociedade”. O “préstimo” seguiu para a residência do novo Intendente, juntando-se mais grupos de manifestantes. “Pelas praças e ruas que seriam percorridas, estavam as casas iluminadas”, “tudo por lanternas lindíssimas”; “às 8h da noite saíu do Paço Municipal, precedida da Lyra Caetitense, que ia executando lindas peças do seu repertório, ao espoucar de fogos, uma extensa procissão de senhoras e senhoritas lindamente trajadas”.

A narração desses acontecimentos que se deram em apenas um dia da história de Caeté deixa à mostra muitas evidências sobre essa sociedade. O ritual das cerimônias públicas busca, entre outros objetivos, legitimar o poder de grupo. A palavra escrita do relatório e sua leitura em voz alta, práticas do mundo letrado e “ilustrado”, ajudam a compor esse quadro, em que o grupo que mantém o poder se institui e utiliza dessas práticas para demonstrar o quanto se cumpriu com os “deveres” para com a cidade e seu “povo”. Nesta matéria, percebemos também que os discursos e as ações das reformas urbanas que estavam acontecendo na Europa desde meados do século XIX e início do XX, chegaram ao Brasil e ecoaram em Caeté³¹⁹. Todavia, para quem era o embelezamento promovido na cidade? Um desses feitos foi o calçamento³²⁰ da Rua Barão de Caeté, rua da residência do ex-intendente.

A continuidade da matéria vai descortinando mais práticas do que poderíamos chamar de *performance* do rito de passagem do poder público municipal, de um gestor a outro, em que

³¹⁹ Em Caeté não houve remodelamento de antigas ruas, para destruir tracejados “tortos”, características das antigas cidades coloniais, persistindo até hoje, muitas delas, como a Rua 2 de Julho. Todavia, a antiga Catedral de Nossa Senhora Santana foi reformada, ganhando linhas da arte moderna, novos prédios foram construídos como o novo mercado público (1897), Teatro Centenário (1922) e as novas ruas que iam surgindo já tinham o planejamento em retas, mais largas, ganhando pavimentação no decorrer da primeira metade do século XX. O jornal *A Penna* registrava, em suas matérias, na segunda década do XX, constantes elogios e reclamações com o tema da ordem, limpeza e embelezamento da cidade. Sobre a urbanidade em Caeté, ver SANTOS (2001).

³²⁰ “É digno de louvores e de ser aqui salientado que, durante o quadriennio que expirou no exercício de 1911, o Intendente Coronel Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior fez uma verdadeira transformação nas ruas da Cidade, dotou a Rua ‘Barão de Caeté’ com um ótimo calçamento, gastando com ele cerca de 9:000\$000 [nove contos de Réis], despendeu largas sommas com melhoramentos nos diversos districtos, provendo-os de aguadas, tornando melhores muitas estradas de péssimo trânsito, augmentando o número de combustores de nossa iluminação de 25 a perto de 50 (...)”. Jornal *A Penna*, 24/05/1912, n. 11, p. 03. Anno I. Informamos a título de comparação que a despesa do município orçada para o ano de 1912 foi de quase 19:000\$000 (dezenove contos de Réis), Jornal *A Penna*, 09/02/1912, n. 04, p. 05, Anno I.

sobressai o uso da palavra escrita, da palavra falada, lida e discorrida, em vários ritmos e tons. Ao realizar a leitura do relatório em voz alta, provavelmente, o tom e o ritmo foram mais formais e pontuados com pausas; mais eloquentes e inflamados nos discursos dos oradores; enquanto que, nas declamações de poesias, a palavra deve ter sido proferida em tom mais elegante, com variações de voz, em um ritmo próximo da linguagem musicada e, possivelmente, com gesticulação dos braços e mãos. Em todas essas práticas, a postura corporal assume seu lugar na constituição da cena.

Geralmente, ao falar, nesses momentos “solemnes”, as pessoas punham-se de pé, ombro ereto e cabeça erguida, numa atitude de entrega para que a voz fosse emitida de forma clara e em bom tom. Constituindo ainda a *performance*, eles utilizavam a sonoridade da música, por meio das bandas musicais da cidade³²¹, a Lyra Caetitense e Grupo Musical Filhos da União e dos sons dos fogos de artifícios que complementavam as manifestações, intensificando os ânimos, somando-se aos sons das palmas e gritos de vivas, após cada apresentação, com o povo atuando como parte importante na composição da *performance* (FINNEGAN, 2015).

Essa manifestação foi representativa de muitas outras que ocorriam na cidade e que eram temas das matérias dos jornais *O Bem-ti-vi* e *A Penna*, no período, pois afinal, além de realizar a ação, era importante publicizar e deixar registrado, por meio do veículo de comunicação escrito e impresso, todo o “investimento” embutido nessas práticas de sociabilidades que legitimavam a cultura de um grupo e fortaleciam as relações de poder, pois, segundo eles mesmos, “estavam prestando deveres à sociedade”. Essas manifestações ocorriam nas festas cívicas, religiosas, na chegada de pessoas que ocupavam cargos de liderança, na esfera pública e privada, laica e religiosa, em aniversários, entre outras ocasiões que se achassem adequadas. Ademais, registradas nas páginas dos jornais, adquiriam um duplo papel, primeiro como memória das vivências para os que participaram presencialmente e, em segundo plano, para “dar a conhecer” àqueles que iriam tomar conhecimento apenas pela leitura da matéria, constituindo uma memória por meio do escrito.

Os homens que estiveram na chefia do poder executivo municipal, entre os anos de 1892 e 1927, foram assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*³²². Ocupar o mais alto posto do poder executivo,

³²¹ Em outros momentos, o jornal *O Bem-ti-vi* registrou a presença de bandas musicais de localidades próximas que vieram “abrilhantar” as comemorações e compor o quadro performático de outro rito, o religioso, conforme nota a seguir: “Celebrou-se a 28 do p. p. com pompa, a festa do Coração de Jesus n’esta Cidade, tendo vindo a filarmônica do Brejinho das Amathystas, a qual, com a ‘Lyra Caetitense’ muito concorreu para o brilhantismo dos festejos. Fez-se ouvir, na Matriz de San’Anna, por ocasião da missa solemne, o eloquente e ilustrado orador sacro padre Celestino Brandão” (*O Bem-ti-vi*, 05/10/1913, p. 02, n. XXVI, Anno I).

³²² Com uma exceção do Monsenhor Luiz Pinto Bastos que esteve no cargo por alguns meses e não está na lista de assinantes, apesar das relações estreitas entre ele e Deocleciano Teixeira.

conjugado com outras formas de poder, principalmente o econômico, permitia a esse grupo o controle das decisões públicas, que se encontravam imbricadas com as questões privadas, possibilitando o uso de múltiplas estratégias na manutenção do poder e do patrimônio.

O Capitão Antônio Marcellino das Neves era outro funcionário da esfera pública, assinante do jornal *O Bem-ti-vi*. Na verdade, era bem mais do que um simples assinante, era colaborador do jornal sob o pseudônimo de Antoniveo e pai de Álvaro Neves, outro colaborador. Escrevia artigos e poesias para os jornais. Quando ele residiu em Duas Barras, trabalhou como professor, auxiliando o pai, o Professor Marcellino das Neves (GUMES, 1975a). No período de que estamos tratando, ocupava o cargo no sistema judiciário de Escrivão dos Feitos Cíveis e Criminais, em Caetité. Segundo seu filho, Flávio Neves, “meu pai era escrivão dos feitos cíveis e criminais; em audiências comparecia envergando roupa de casemira, paletó preto de alpaca e camisa engomada, com indefectíveis colarinhos duros, de pontas viradas, e punhos da mesma espécie” (NEVES, 1986, p. 46).

Dos seis professores³²³ assinantes, três eram vinculados ao emprego público estadual. Eram a professora Jovina Novaes, em Caetité, a professora Maria Anísia Bastos em Palmas de Monte Alto, e o Professor Francisco José Santanna, em Rio de Contas, no período. A professora Jovina Novaes, professora pública estadual diplomou-se em 1897 no Instituto Normal da Bahia. De 1900 a 1911 regeu a cadeira estadual feminina, em Caetité. Em 1913 foi transferida para a escola municipal masculina da cidade. Nesse interím fundou a Escola Paroquial Mista, para atender crianças de 6 a 9 anos. Foi a fundadora da caixa escolar em Caetité (SANTOS, 1995, p. 63-64). Áurea Silva foi aluna de Jovina Novaes e descreve em suas memórias a primeira impressão que teve da sala,

Enquanto faziam a minha matrícula, eu examinava a sala, admirando os grandes mapas dos cinco continentes, que pendiam das paredes. Um grande relógio estava na parede acima da cadeira da professora, marcando pausadamente as horas e os minutos. Dois grandes retratos representavam o Barão do Rio Branco e o Dr. Miguel Calmon (...). Senti imediata simpatia por D. Jovina Novaes. (SILVA, 1992, p. 39).

As irmãs mais novas de Anísio Teixeira também estudaram com a professora Jovina Novaes. Em 1916, a irmã mais velha registrou, em uma carta, notícias sobre as aprendizagens das pequenas:

³²³ Não contabilizamos o Rev. Superior Pe. Ilhão, do Instituto São Luiz Gonzaga como Professor.

Caetité, 13/03/1916

De Evangelina para Nenem (Celsina)

Angelina continua sempre pachorrenta da D. Jovina que ella está estudando mais do que no anno passado. Carmita está estudando commigo e sempre com muito gosto. Está agora aprendendo uma poesia para recitar domingo, no baptizado de uma boneca de Zelinda, ella é muito amiga de Tio Rogaciano, está sempre prosando com elle que apprecia muito a vivacidade d'ella³²⁴.

Os registros sobre D. Jovina evidenciaram o afeto das alunas por ela em um período em que prevalecia o ensino tradicional. Por ser assim, talvez tenha ficado a ideia, na história da educação, de que era um ensino muito severo, dando a entender que as relações entre professor/aluno não comportassem os afetos. Rever alguns paradigmas pode desmitificar ideias construídas que nem sempre dizem respeito a todos os lugares e a todas as condições.

A Profa. Maria Anísia Bastos era prima de Anísio Teixeira, diplomada pela Escola Normal de Caetité em 1903 (SANTOS, 1995, p. 51). Morava em Monte Alto e ocupava o cargo de professora estadual³²⁵. O outro professor público assinante era o Professor Francisco José de Santana. Diplomou-se pelo Instituto Normal da Bahia em 1875. Residia e trabalhava em Rio de Contas, no período. Segundo Helena Lima Santos (1976, p. 57), ele “aplicou os postulados da Escola Nova, entre os seus alunos, introduzindo educação física com jogos variados, dança, dramatização e declamação, aulas de civilidade”.

Diplomar-se em Escola Normal no período não era algo acessível para a maioria das moças³²⁶. Em Caetité, na primeira escola normal, foram diplomadas três turmas (1901, 1902 e 1903) no total de 22 moças. Antes e depois desse período – até 1926, quando a instituição foi reaberta – a situação era ainda mais difícil, pois quem almejava fazer o curso tinha que se deslocar para Salvador, para prestar o exame de admissão no Instituto Normal da Bahia, como o fizeram a professora Jovina e o professor Francisco. Os custos dos estudos eram altos, em Caetité e, principalmente, em Salvador. As famílias das camadas populares não tinham condições econômicas de manter uma/um jovem apenas dedicando-se aos estudos, assim inferimos que esses professores assinantes usufruíam de certo capital econômico, bem como cultural, o que contribuía para a sua circulação entre as elites, caso não pertencessem a elas³²⁷.

³²⁴ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 13 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

³²⁵ *Almanak Laemmert* (1915, p. 2542). Não foram encontradas maiores referências sobre a vida profissional de Maria Anísia Bastos.

³²⁶ Não era vedado aos rapazes cursarem a Escola Normal, mas em Caetité, na Primeira Escola Normal não houve nenhum estudante do sexo masculino.

³²⁷ O pai de Francisco José de Santana, Martiniano José de Santana, era professor, casado com Maria Eulália de Santana, naturais de Salvador, mas o filho nasceu na região do Alto Sertão em 25 de maio de 1857, na freguesia de Nossa Senhora do Amparo das Umburanas, pertencente a então comarca de Caetité. (MARINHO, 2017, p. 90).

Em Rio de Contas, o professor Santana – que não provinha de família de elites e era negro – conquistou prestígio junto às elites locais e foi admitido como sócio do *Club Rio Contense*. Simone Marinho (2017, p. 90-91) afirma que “o ‘embranquecimento’, obtido pelo *status* oriundo da riqueza amealhada ou pelo acesso à educação superior, pode ter sido a justificativa para admissão ao *Club* e a aparente vistas grossas que se fez à cor dos mesmos”, referindo-se ao professor Santana e ao outro sócio negro.

Profissionais liberais

Mais três professores, que não pertenciam ao quadro público, assinaram *O Bem-ti-vi*: a professora e diretora da Escola Americana, D. Margarida Mac Call, natural do Kansas, Estados Unidos, a professora Lia da Silveira e o professor particular Ladislau Silva.

Assinar o jornal *O Bem-ti-vi* e, na reciprocidade, ter esses professores como assinantes significava prestígio na intrincada rede de relações constituídas socialmente em que não só o capital econômico tinha peso, mas também o capital cultural. Esses professores tinham o respeito e valorização reconhecidos pela sociedade. Tê-los como aliados no grupo seletivo da administração pública era do interesse dos dirigentes políticos, pois poderiam servir como reforço do poder estabelecido ou a ser ampliado.

A “Exma. Sra. Prof. D. Lia da Silveira Lima” era diplomada pela segunda turma da primeira escola normal de Caetité em 1902. Em 1908 ela foi professora de Mario Lima no “Collegio N. S. de Lourdes”, de propriedade de Priscila de Souza Spínola³²⁸. A professora Lia da Silveira, D. Margarida e o professor Ladislau foram classificados no grupo dos profissionais liberais³²⁹, junto ao médico Dr. Cleophano Meirelles, residente em Salvador. Constituíram 7% do total de assinantes.

Estudante

Por fim, identificamos, entre os próprios pares dos redatores, o estudante Azarias Batista Neves. Azarias era filho e neto de proprietários rurais, mas a família morava em Caetité, numa “grande casa” à Praça do Alegre. Seu pai, Francisco Batista Neves, segundo Helena L. Santos (1995, p. 183), “fazia forte oposição aos Teixeira. (...) Era um homem franco e desabusado”, que não cansava de proclamar que “não só os filhos do Dr. Deocleciano podem estudar”³³⁰.

³²⁸ APMC, AFBC. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

³²⁹ Cyro Spínola era engenheiro e não encontramos vinculação do seu nome com cargos públicos, porém não o classificamos como profissional liberal por falta de fontes que o indicassem.

³³⁰ Três filhos cursaram Direito, entre os quais Azarias e um diplomou-se em Odontologia, outro foi padre e cinco formaram-se na Escola Normal de Caetité, segundo Santos (1995, p. 183).

Apesar disso, os filhos deviam ter relações de amizade, pois Azarias era colega de Anísio Teixeira no Colégio São Luiz e assinante do jornal em que era redator. Em 31 de maio de 1913, o jornal *O Bem-ti-vi*³³¹ traz uma matéria sobre a “Distribuição de Prêmios” do Instituto São Luiz Gonzaga, referente ao ano anterior, em que o nome de Azarias Neves é publicado junto ao nome de Anísio Teixeira por terem sido contemplados com o Prêmio do Curso Ginásial.

Segundo Lielva Aguiar, cuidar da educação dos filhos foi uma estratégia de Deocleciano Teixeira para manter as influências.

Como homem instruído, Deocleciano Teixeira sabia a importância das ações dos filhos para a continuidade dos seus interesses, bem como a necessidade de proporcionar-lhes condições favoráveis que os diferenciariam futuramente na ocupação de destacadas posições sociais, quer através do bom casamento para as filhas, quer na profissão qualificada para os filhos. Tal preocupação, ao passo que refletiu comportamentos inerentes à posição social que ocupava, também carregava fortes influências relacionadas à sua trajetória intelectual e acadêmica, bem como familiar. Nesse sentido, vale ressaltar um dos pedidos feitos pelo Major Antônio José Teixeira (pai de Deocleciano Teixeira) no seu testamento, direcionado aos filhos: “espero e peço que [...] jamais se descuidem da educação doméstica e instructiva de seus filhos, de preferência a ideia, aliás muito nobre e bem entendida, de lhes deixarem grande fortuna pecuniária”. (...) Os herdeiros recebiam também a ‘visão de mundo’, os valores de seus familiares que carregavam consigo”. (AGUIAR, 2011, p. 110).

O cuidado com a educação dos filhos vinha desde as gerações anteriores, possibilitado por muitos fatores, principalmente pelas condições econômicas. O envolvimento do avô, dos tios, assim como da mãe e das demais mulheres da família, tias e irmãs, somavam forças para acolher os que já “demonstravam gosto” e encaminhar as crianças que, ao ver da família, “estavam preguiçosas” com os estudos, desde o início da vida escolar. A carta a seguir fala um pouco da rotina doméstica e desse cuidado com as crianças em casa, no ano de 1908.

Caetité, 21/02/1908

De Tilinha para Sissinha

Estão aqui me atrapalhando, hoje, que não foram à escola deitei para estudarem aqui no sotam commigo.

Todos os dias à noite, faço elles estudarem, Jayme continua impaciente só quer ler a lição uma vez, é preciso, forçal-o para ler mais vezes.

Fale com Vanvan que Anísio já está estudando Grammatica, e com muito gosto, porém Mamãe não quer, pois elle está muito pequeno e assim cançã a memória muito cedo, elle não quer deixar, diz que quer passar Mario, que está

³³¹ Jornal *O Bem-ti-vi*, 31/05/1914, n. 42, p. 04, Anno II.

perdendo a escola, amanhã fazem 8 dias que elle e Benjamin estão na Serra com Yayá, que volta para semana. (...)”³³².

Esses registros sobre o cuidado com a educação das crianças eram assuntos constantes das cartas trocadas na família³³³. Dava-se notícia de todo o acompanhamento da vida das crianças para os parentes que viajavam ou residiam em outro local.

Não pudemos afirmar se na lista de assinantes teria mais algum colega dos redatores, mas podemos supor que, assinantes ou não, os colegas de Mario, da *Escola Americana*, e de Anísio, do *Instituto São Luiz*, tinham acesso ao jornal *O Bem-ti-vi* e que, possivelmente esse impresso foi tema de conversas e de leituras entre eles, na vida escolar. Alguns desses colegas eram filhos dos assinantes, como Edmundo Lima, filho de Otacílio Rodrigues Lima, Nelson da Silva Lula, filho de Odilon Silva, Loide McCall, filha de D. Margarida Mac Call, entre outros. O estudante Nelson Lula foi autor de um texto publicado. Alguns autores colaboradores que publicaram utilizando pseudônimos, podem ter sido do grupo de colegas escolares. Nesse trecho da Seção “Perfis”, os autores dizem que “esperamos que o nosso amigo nos presenteie, mais tarde, com os seus artigosinhos, e pedimos desculpas se o melindramos. Brocoió & Microcosmo”³³⁴.

Convém enfatizar que tanto a diretora da Escola Americana quanto o Supervisor do Colégio São Luiz foram assinantes do jornal.

Sobre os nomes de assinantes que classificamos no grupo dos “desconhecidos”, encontramos informações esparsas sobre eles. Os vestígios deixados no próprio jornal como os títulos da Guarda Nacional, possibilitam inferir que se tratam de senhores dos círculos de amizade ou de relações comerciais e políticas das famílias dos redatores.

Os estudos realizados nas últimas décadas sobre a história do Alto Sertão – a propósito das ideias difundidas de isolamento, precariedade, economia de subsistência, carência cultural – têm evidenciado um trânsito de pessoas, de informações e um dinamismo, camuflados na aparente tranquilidade do cotidiano. Nessa região do Alto Sertão desenvolveram-se atividades comerciais e políticas que iam além das fronteiras regionais, envolvendo valores financeiros consideráveis e muitas estratégias, como vimos em relação às pessoas que assinaram o jornal *O Bem-ti-vi*.

³³² TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 21 de fevereiro de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

³³³ Sobre isso ver Carneiro (2011).

³³⁴ *O Bem-ti-vi*, 05/03/1913, p. 03, n. X, Anno I.

4.3.5. Os lugares, as partidas e chegadas

Considerando a existência de variadas estratégias envolvidas no ato das comunicações e transportes, necessárias em uma época em que os correios³³⁵ funcionavam com limitações, questionamos sobre como os exemplares do jornal *O Bem-ti-vi* chegavam em outras localidades, para assinantes que residiam na região circunvizinha, e até em distâncias mais consideráveis, como na capital do Estado e do País.

Tabela 8 – Número de assinantes por local de residência e distâncias em relação a Caetité.

Local de Residência	Número	Distâncias
Caetité (sede) - BA	18	----
Brejinho das Amethystas – distrito de Umburanas - BA	01	31 km
Lagoa Real – distrito de Caetité -BA	01	67 km
Villa dos Meiras ou Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado) - BA	01	101 km
Monte Alto - BA	01	82 km
Bella Flor (atual Guanambi) – distrito de Monte Alto - BA	02	40 km
Rio de Contas - BA	01	116 km
Jacaracy - BA	02	103 km
Bahia (Salvador) - BA	03	636 km
Rio de Janeiro - RJ	01	1.258 km
Localidade desconhecida ³³⁶	25	----
Total	56	-----

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. Elaborado pela autora.

A maior parte dos assinantes do jornal *O Bem-ti-vi* morava na cidade de Caetité. Uma outra parcela encontrava-se distribuída pelos distritos e municípios vizinhos. Mais precisamente, em dois distritos de Caetité, quatro municípios da região e em um distrito do município de Monte Alto. Essas localidades do Alto Sertão distam da cidade de Caetité entre 30 e, aproximadamente, 100 quilômetros, considerando as rodovias atuais³³⁷. Alguns amigos assinantes residiam na capital do estado e um tio dos redatores, na cidade do Rio de Janeiro, a capital federal no período.

O que esses lugares de vivências dos assinantes e os seus deslocamentos nos dizem sobre o jornal? O que os faziam ir e vir de um lugar a outro? Quais os caminhos que percorriam?

³³⁵ O serviço de correio foi estabelecido em Caetité em 1832, segundo Santos (1995, p. 279).

³³⁶ Apesar de não termos dados explícitos, temos indícios, pelos nomes de família, de que muitos desses assinantes moravam em Caetité.

³³⁷ Distâncias entre Caetité e cada localidade, por estradas rodoviárias mais utilizadas atualmente. Pode haver pequenas variações com os caminhos utilizados no início do século XX. Eram caminhos por terra – uns mais estreitos e outros mais largos, chamados “estradas gerais” (ZORZO, 2002) – e percursos feitos com a combinação de estradas “de chão”, ferrovia e via fluvial (no caso de Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro).

Qual o perfil dos assinantes que mais se deslocavam de um lugar a outro? Presumimos que, ao buscar respostas a essas questões, desvendaremos alguns conhecimentos sobre as possíveis formas de circulação do jornal *O Bem-ti-vi* e sobre a cultura escrita nesse lugar.

Abaixo visualizamos, em um primeiro plano, o mapa do estado da Bahia, e em seguida, outro fragmento da mesma publicação, projetando a região do Centro-Sul do estado.

Figura 35 – Fragmentos do *Mappa Geral do Brasil* publicado em janeiro de 1911, pelo *Jornal do Brasil*. Fragmento 1 – Destaca o estado da Bahia e, Fragmento 2- A região Centro-Sul da Bahia.





Fonte: Original na Biblioteca Nacional. Organizado pela seção cartográfica da companhia litográfica Hartmann-Reichenbach, São Paulo e Rio de Janeiro. Publicado no Jornal do Brasil, 1911. Legenda dos locais dos assinantes acrescentada ao original pela autora, assim como o município de Minas do Rio de Contas. Disponível em: <https://www.historia-brasil.com/bahia/mapas-historicos/seculo-20.htm>. Acesso em 12/09/2020.

O segundo fragmento apresenta o município de Caetité e os municípios em que alguns assinantes residiam, assinalados por um triângulo. A legenda traz símbolos para as localidades, de forma hierárquica, das maiores para as menores: primeiro, as capitais, depois as cidades principais de cada região, seguidas das vilas e povoações. Caetité está representada como uma cidade-polo regional. As sedes dos municípios de Monte Alto, Jacaracy, Bom Jesus dos Meiras e Umburanas foram representadas como “villas”, por meio de um pequeno ponto preenchido na cor preta.

A cidade sede do município de Minas do Rio de Contas não foi representada no mapa original, assim como os distritos, especificamente: Brejinho das Ametistas (Umburanas), localizado a 30 quilômetros ao sul de Caetité, Lagoa Real (Caetité) a 40 quilômetros a leste de Caetité (em linha reta imaginária³³⁸) e Bella Flor (Monte Alto), a 40 quilômetros a sudoeste de

³³⁸ A estrada fica a 101 km de distância de Caetité.

Caetité. Entre as localidades de residência dos assinantes, com exceção da capital do estado, as mais distantes eram Minas de Rio de Contas, Jacaracy e Lagoa Real, com uma média de 100 quilômetros de distância. Os caminhos que levavam a esses lugares eram caminhos de tropeiros, ou as chamadas “estradas geraes” (ZORZO, 2002).

No mapa, podemos observar o registro de estradas de ferro, representadas pela linha contínua, em vermelho. Segundo Francisco Antônio Zorzo (2000, p. 100), “a implantação das ferrovias na Bahia ocorreu, com relativo pioneirismo dentro do quadro nacional, já na década de 1850”. De acordo com Zorzo (2000), em 1911, no estado da Bahia, haviam sido construídas a estrada de ferro que interligava Salvador a Juazeiro, às margens do rio São Francisco, seguindo a lógica da interconexão marítima-hidroviária-ferroviária e a estrada de ferro em direção à Chapada Diamantina.

Os caetitenses, geralmente homens de negócios e/ou pessoas pertencentes às elites³³⁹, viajavam para a capital do estado utilizando essa última via. Partiam de Caetité até Machado Portela em cavalos ou muares (burros, mulas ou “bestas”) por estradas de terra. Flavio Neves (1986, p. 48) afirma que “nas condições em que vivíamos, o cavalo era o meio de transporte soberano. Ter uns cavalos, à disposição era um conforto e uma garantia”. Neste percurso gastavam cinco ou seis dias. De Machado Portela seguiam de trem até São Félix por aproximadamente 12h de viagem. O segmento da Estrada de Ferro Central da Bahia até Machado Portela foi aberto ao tráfego em 1888, com cerca de 320 quilômetros de extensão, conforme afirma Francisco Zorzo (2002).

Em construção, indicada por uma linha tracejada, segundo a legenda, consta a linha ferroviária que une a Bahia a Minas Gerais, no sentido nordeste/sudeste. Havia, ainda, mais projetos para ampliação das ferrovias na Bahia. Mas, a projeção de via férrea que mais interessava aos caetitenses, no período, era um ramal que partia da estação de Machado Portela e chegaria à divisa com o estado de Minas Gerais, passando por Caetité. O percurso dessa linha férrea que estava na projeção de ser construída seguiria o mesmo trajeto que já era feito por terra, de Caetité até Machado Portela. Esse projeto foi representado no mapa acima, codificado pelo pontilhado menor.

O jornal *A Penna*, desde a sua edição de retomada das publicações, em dezembro de 1911, menciona o empreendimento³⁴⁰ e relata uma grande manifestação ocorrida na cidade em

³³⁹ Temos poucos registros de pessoas das camadas populares viajando para lugares mais distantes, com exceção dos “camaradas”, cargueiros, ou tropeiros, ou seja, pessoas que ganhavam seu “sustento” por meio do trabalho como viajante.

³⁴⁰ “Só a via férrea synthetisa para nós, sertanejos, o progresso; pois, vai ligar-nos mais intimamente aos centros civilizados”. *A Penna*, 19/12/1911, p. 01, n. 01, Anno I.

homenagem aos engenheiros que faziam parte da comissão de estudos da estrada de ferro, chefiadas por um dos assinantes do jornal *O Bem-ti-vi*³⁴¹. Entretanto, esse projeto não foi avante no período. Zorzo (2002) afirma que as expectativas financeiras em relação ao projeto de expansão das ferrovias se mostraram frustradas com o decorrer do tempo, pois houve muita especulação e pouco planejamento. Com isso, a responsabilidade pelas vias férreas sofreu muitas trocas e alguns projetos ficaram inacabados.

Os transportes hidroviários são representados no mapa e categorizados em: navegação transatlântica, costeira e fluvial. Os caetitenses utilizavam a navegação costeira quando chegavam à cidade de São Félix, pela via férrea e seguiam a Salvador, navegando em vapores pela foz do rio Paraguaçu até adentrarem na Baía de Todos os Santos, trecho realizado em aproximadamente 7h de viagem. Quanto à navegação fluvial, utilizavam-na para chegarem aos estados “sulistas”, principalmente o trecho do rio São Francisco que partia da cidade de Bom Jesus da Lapa ou Malhada, até Pirapora, em Minas Gerais. Partiam de Pirapora para Belo Horizonte, São Paulo ou Rio de Janeiro por via férrea.

Outra representação que vimos no mapa é a comunicação via telégrafo, representada por uma linha contínua preta, atravessando o estado da Bahia de leste a oeste, partindo de Salvador e cidades do recôncavo até a cidade de Malhada, na divisa com o estado de Minas Gerais, passando pela cidade de Caetité. Esse percurso do telégrafo corresponde ao caminho terrestre utilizado para ir de Caetité ao distrito de Bella Flor, à vila de Monte Alto e Malhada. Segundo Helena Santos (1995), o serviço telegráfico foi inaugurado em Caetité no ano de 1896. O telégrafo era imprescindível para a realização de negócios, envio de notícias, rompendo as barreiras do tempo e espaço, no período. Representava, assim como as vias férreas, um símbolo do desenvolvimento capitalista, do “progresso” e da “civilização”.

Flávio Neves (1986, p. 56) relata que, de Caetité, para se chegar a Bella Flor, caminho percorrido por ele para visitar a irmã, “cumpria-se uma viagem de oito léguas a cavalo, deixando o clima suave do planalto da Serra do Espinhaço pelo forno permanente dos baixios que se estendiam às margens do ‘São Francisco’”. As temperaturas entre Caetité e Bella Flor, localizada nos “baixios”, realmente são bastante contrastantes devido às diferenças de altitude.

³⁴¹ “Desde o mez passado, tendo alguns amigos lembrado a idéa de receber-se nesta Cidade com as honras que bem merece, o nosso ilustre conterrâneo o Eng. Dr. Antonio Rodrigues Gomes Ladeira, que, á frente da comissão de estudos do trecho da linha da Estrada de Ferro Central Bahia que atravessa grande parte do Município de Caetité”. *A Penna*, 19/12/1911, p. 01, n. 03, Anno I.

Relatos de viajantes também falam desses percursos pelo Alto Sertão, como o diário de viagem de Teodoro Sampaio (2002)³⁴².

Na tarde do dia 25 de dezembro de 1879 Teodoro Sampaio partiu de Carinhanha em direção ao município de Monte Alto e em seguida a Caetité, onde chegou no dia 2 de janeiro de 1880. Quando deixou Monte Alto em direção a Caetité, assim descreveu o percurso:

Atravessamos a princípio uma região plana, encharcada, com solo breve, onde a cada passo afora o granito ou gnaisse-granítico, formando bancos e lajeados extensos ou levantando-se em cabeços arredondados de formas pitorescas, ornando a paisagem que, por vezes, é tão bela como um parque ou jardim natural. (SAMPAIO, 2002, p. 201).

Atravessou rios, riachos, passou de fazenda em fazenda, observou as plantações de algodão, a criação de gado, a caatinga; subiu a Serra do Espinhaço para, enfim, pousar no dia de “ano-bom” na fazenda *Escadinhas*, acerca de “duas léguas” de Caetité, para onde se dirigiu no dia seguinte. Em Caetité ele permaneceu por quatro dias tomando providências necessárias para prosseguir a viagem rumo à Chapada.

Viagens às fazendas localizadas no município de Caetité e municípios vizinhos eram realizadas pelos seus proprietários, na lida rotineira da administração e mais esporadicamente, com toda a família, em temporadas maiores. No mês de abril de 1913, o redator Mario esteve com seus pais e irmãos na fazenda da família, *Pau d’Espinho*³⁴³. Nas seções “Chegadas” e “Partidas” do jornal, eram registrados esses deslocamentos, porém, percebemos que havia mais notificações de chegadas e mensagens de boas-vindas do que de despedidas. Muita gente que viajava só era notificada no seu retorno para Caetité. As despedidas foram notificadas em dezesseis números do jornal, registrando vinte e duas notificações de viagens. As boas-vindas, por sua vez, foram registradas em trinta números, com quarenta e sete notificações de chegadas.

Quem mais viajava, segundo esses registros do jornal *O Bem-ti-vi*, eram os proprietários das fazendas, os religiosos do corpo eclesiástico, padres, reverendos, funcionários públicos, geralmente da esfera estadual. No número XXXIX, o jornal registrou as despedidas ao Pastor Henry Mac Call, à sua esposa e filha, pela viagem que iriam fazer aos Estados Unidos e à

³⁴² As notas dessa viagem foram publicadas inicialmente pela revista *Santa Cruz* em doze números de maio de 1902 a abril de 1903. Em 1936 a revista do IHGB publicou um número inteiro com todo o texto e em 1938 a *Editora Progresso*, uma edição do livro, reimpressa em 1955. Esta edição de 2002 foi publicada pela editora *Companhia das Letras*, intitulada *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Teodoro Sampaio chegou em Carinhanha no dia 27 de outubro de 1879, vindo da região de Juazeiro, via rio São Francisco, pelo vapor *Presidente Dantas*. Continuou a viagem pelo rio até Pirapora-MG, e retornou a Carinhanha em 27 de dezembro de 1879 para dar início à exploração por terra, da região do Alto Sertão até a Chapada Diamantina.

³⁴³ *O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 04, n. XIV, Anno I.

Inglaterra. Salvo essa viagem internacional, os outros registros foram para viagens no país, algumas, ao Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e mais frequentemente à “Bahia”. Todavia, os registros predominantes referiam-se às viagens entre as localidades do Alto Sertão, principalmente às fazendas, como já mencionamos.

Os motivos para essas viagens, em algumas notas estavam explícitos, como viagem por motivos de tratamento médico na capital, para negociações comerciais na “Bahia”, São Félix, Mundo Novo, Bandeira de Melo, por exemplo. Outros motivos, que não ficaram tão explícitos, nós tentamos inferir, como padres viajando à capital, provavelmente, para tratar de assuntos ligados ao ofício, assim como os funcionários públicos. Os fazendeiros se deslocavam para suas propriedades para administração das suas terras, negócios com o gado e outros produtos. Viagens com certa frequência eram comuns, ainda, entre os assinantes das localidades vizinhas, com destino à Caetité, compreendida como uma cidade que centralizava alguns serviços como Correios e Telégrafo, representações comerciais, casas comerciais, que atraíam muitas pessoas das redondezas, além das festividades.

As viagens registradas no jornal referiam-se, na sua totalidade, às pessoas pertencentes às elites de Caetité. Deslocamentos de pessoas do “povo” não ficaram registrados nas suas páginas, nessas seções “sociais”, a não ser por um ou outro vestígio deixado em algum texto. No editorial sobre a “Emigração”, por exemplo, os redatores analisaram a situação dos “sertanejos” que iam procurar melhores condições de vida em São Paulo. Sobre os deslocamentos dessas pessoas, Flávio Neves registrou que,

os emigrantes para São Paulo passavam em Caetité em fila indiana, pesados sacos às costas, alpercatas de couro cru. Em marcha transpunham a fronteira de Minas, percorriam a pé, seu território, de norte a sul, até, finalmente se situarem em alguma parte de São Paulo. Pelo caminho, descansavam ou pernoitavam à beira de regatos, em estalagens de meio de estrada ou de outra localidade. (NEVES, 1986, p. 32-33).

Bom contingente tomava outro caminho, longa caminhada, em geral com a família, arrematava em Senhor Bom Jesus da Lapa ou em Malhada, às margens do Rio São Francisco. Ali tomavam um vaporeco que os descarregavam em Pirapora. Emassados, homens, mulheres e crianças na chamada segunda classe, onde se achavam as máquinas, todas as bagagens e o carregamento de lenha. Com o tempo de cheia, cinco dias, rio a cima. De trem, em miserável segunda classe, rumavam para o destino, em longa e cansativa viagem. (NEVES, 1986, p. 35).

As viagens, no período, eram desconfortáveis para todos, mas, para essas pessoas de poucos recursos, conforme o relato de Flávio Neves, se revelavam como mais uma provação

que enfrentavam para sobreviver. Em outra matéria do jornal, na narração de Maria sobre o cavalo, ela trata dos camponeses que iam semanalmente à feira, para colocarem seus produtos à venda e adquirirem outros. A feira de Caetité acontecia aos sábados, com grande movimentação de pessoas e produtos. Conforme Flávio Neves (1986, p. 35),

já na sexta-feira, à tarde, começavam a chegar os bruaqueiros, que pernoitavam no próprio mercado municipal, edificação ampla que, ao que me informaram, alguma administração dita progressista resolveu construir. A maior parte dos bruaqueiros arrancavam de suas roças pela madrugada e chegavam ainda cedo no mercado, onde estendiam suas mercadorias. A bruaca dava nome à espécie. Esta uma mala de couro cru que a besta de carga levava aos pares. Muitos roceiros conduziam a produção em carro de boi; o rechino cultivado pelo guieiro, que lhe atritava carvão ao eixo de madeira, ouvia-se à distância.

Essa produção comercializada na feira consistia em mandioca, feijão, arroz, carne salgada, toucinho, ovos, tapioca, maxixe, abóboras, melancia, frutas variadas, entre outros (GUMES, 1975a; NEVES, 1986; SAMPAIO, 2002). O ambiente da feira era caracterizado pela exposição desses produtos, que compunham um mosaico em muitas cores, em cheiros e sabores, ruídos, como dos carros de boi, das vozes dos feirantes e fregueses, e de outros prováveis elementos. Flávio Neves (1986, p.35) relata que “à azáfama e ao vozerio acrescentavam-se as cantilenas dos cegos e outros mendigos”. Era um ambiente propício às conversas, à circulação de informações e às trocas de notícias.

Ana Galvão (2006, p. 385), em estudos sobre a literatura de cordel em Pernambuco, afirma que as feiras foram os principais locais de venda dos folhetos, que também eram lidos ali.

Nessa época [década de 1930] e nas décadas seguintes, em geral, os folhetos eram vendidos junto com almanaques, orações impressas, canções, remédios caseiros e imagens de santos, assim como revistas usadas. Geralmente, eram comercializados em uma área específica na feira ou mercado onde também eram vendidos ervas medicinais, fumo e artigos manufaturados.

O ambiente das feiras, comumente foi descrito na literatura e nas memórias das pessoas como esse ambiente de venda e compra de produtos diversos, de burburinho, agitação e de muita conversa. Era um espaço em que a oralidade compunha a intersecção com os escritos, como vimos no caso dos vendedores de cordel em Pernambuco e outros estados da região. Além de folhetos, outros materiais escritos eram encontrados nas feiras, e muito provavelmente, entre eles, os jornais, pois, em meio às atividades com os negócios, “as feiras livres serviram ao lazer,

ao encontro entre amigos, compadres, familiares, e ainda para manter-se informado, estreitar laços de amizades”, afirma Danielle Ramos (2016, p. 100).

Na região de Caetité, relatos de memorialistas sugerem que os feirantes funcionavam como portadores de mensagens, mercadorias e correspondências, numa tarefa responsável por fazer a ligação entre as pessoas e seus diversos lugares. Quando a irmã de Marieta Lobão, Lourdes, assumiu uma cadeira de magistério numa localidade distante 36 quilômetros da cidade de Caetité, uma década depois da que estamos tratando, eram dois ‘feireiros’ que intermediavam o contato entre ela e a família:

dois velhos feireiros que, semanalmente, vinham trazer as suas mercadorias para serem negociadas no nosso Mercado.
Ricardo era irmão da nossa ama, a Maria; trazia sua carga de farinha e rapadura. O Roque, negociava com galinhas, frangos e ovos.
Eram eles, os portadores certos que nos traziam e também levavam a nossa correspondência a Lourdes (GUMES, 1975b, p. 32).

Da mesma forma que esses feirantes, muitos outros, provavelmente, eram portadores de correspondências diversas, bem como poderiam ter sido portadores do jornal *O Bem-ti-vi* nos quase dois anos em que foi publicado. Poderia ser, portanto, uma das formas desse jornal chegar até à Fazenda Tanque, em Bella Flor, no distrito de Lagoa Real e em outras localidades de residência de alguns dos assinantes.

Não menos importantes nessas atividades do ir e vir e de portar notícias, eram os chamados “camaradas”. Não se fazia viagem nas estradas de terra, sem essa figura. Eram uma espécie de guia, cargueiro e protetor. Segundo Lielva Aguiar (2011, p.62),

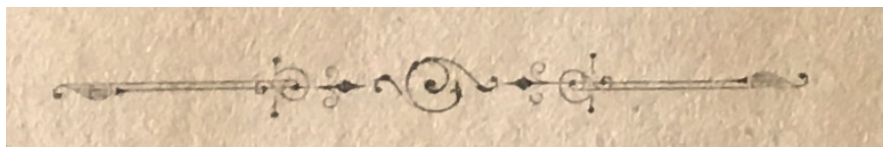
Nessas viagens, a atuação de camaradas como Eusébio (...) assume um papel fundamental. A serviço da família Teixeira, foram localizados ainda os camaradas Cândido, Durvalino e Bruno, a quem foram pagos 10 réis (cada), em 2 de janeiro de 1923, “p. c/ viagem”. No mesmo dia, o livro-caixa de Deocleciano Teixeira registrou também a saída de 200 réis pagos a sua filha “Sinsinha [Celsina] p^a despesas de viagem”. Ao longo do mesmo livro, aparecem também as despesas com Francisco e José, “camaradas de Anísio”, a quem foram pagos 29 réis; 10 réis pagos “a um viajante”; 10 réis pagos ao camarada Francisco Prado para despesas de viagem e ainda 35 réis pagos ao camarada Zezinho para viagem.

Os camaradas atuavam em viagens longas, como também em viagens curtas, servindo àqueles que podiam despender as quantias em retribuição ao serviço prestado. Pela nota acima, algumas famílias já tinham as pessoas determinadas para prestarem esses serviços. Desta forma, os camaradas acompanhavam as pessoas em viagens e atuavam também como portadores de

encomendas, o que favorecia a circulação de notícias e produtos. Além dos camaradas, os locais de pouso dessas viagens ocuparam um papel importante para a comunicação entre pessoas, lugares e circulação de informações, pois, “espalhados ao longo do caminho, funcionavam muitas vezes como pontos de entrega e despacho de mercadorias”, conforme afirma Aguiar (2011, p. 63).

Diante das condições de transportes e comunicações do período, percebe-se que todas as possibilidades eram muito exploradas para dinamizar os contatos. A ideia de isolamento difundida no imaginário, relacionada ao sertão, na verdade só existiu quando comparado às condições da atualidade ou em relação aos poucos centros mais “adiantados” quanto aos avanços tecnológicos, no período.

Mesmo demorando a chegar, o irmão de Anísio Teixeira, Oscar, lia o jornal *O Bem-ti-vi* em São Paulo, a irmã Alice e a família do médico Cleophano Meirelles o liam em Salvador. Chegava também ao tio, Rogaciano Teixeira, no Rio de Janeiro, sem contar o alcance que teve na região do Alto Sertão, em que as distâncias eram menores.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mãos ainda “não amestradas” manuseavam a caneta-tinteiro, com cuidado para não fazer borrões – pois “menina (o) distinta (o), quando escreve uma linha, não suja os dedos de tinta”³⁴⁴. Essas mãos produziram escritos que, aos poucos, letra por letra, linha por linha, iam preenchendo as páginas em branco, para enfim, dar existência ao texto manuscrito. Esse texto chegaria às mãos do tipógrafo, que manipulava os tipos para (re) compor a escrita; os prelos movimentavam-se sobre o papel, deixando sobre ele marcas de tinta. Eis o jornal *O Bem-ti-vi* produzido, a começar pelas “pennas vacillantes” das canetas-tinteiro.

Analisar a produção do jornal *O Bem-ti-vi* a fim de compreender a relação entre as crianças de elites e as culturas do escrito, investigando – como propôs Darnton (1990) – o circuito que o impresso realizou, do autor ao seu (provável) leitor, foi o objetivo deste estudo. Investigar como esse jornal se apresentava, materialmente, foi nosso ponto de partida. Os aspectos tipográficos evidenciaram um jornal com boa impressão, elogiado por seu “bom acabamento”. Os textos eram bem distribuídos nas páginas e o jornal, esteticamente apresentável, ornamentado com vinhetas compostas por linhas curvas características do estilo *art nouveau*. As artes gráficas adotaram o movimento e a fluidez desse estilo na *Belle Époque*. A *Tipografia d’A Penna*, mesmo com prelo ainda manual nesse período³⁴⁵, buscou incorporar as mudanças em voga, ao empreender esforços para comprar tipos gráficos nos Estados Unidos e inovar na materialidade de suas impressões, inclusive no jornal *O Bem-ti-vi*. Era “preciso” acompanhar o “progresso”. Em Caetité, não era suficiente as elites serem e parecerem distintas, empreendia-se um esforço para que a cidade, em si, fosse reconhecida pela distinção em todos os seus aspectos.

Nesse contexto, quais as circunstâncias que propiciaram o “voo” de *O Bem-ti-vi*? Como ele chegou à sua materialidade? Os meninos redatores-chefes nasceram em famílias tradicionais, de elites da cidade, detentoras de capital econômico, social e cultural, consolidados por muitas gerações. As estratégias para manutenção do poder foram sendo adaptadas,

³⁴⁴ *O Bem-ti-vi*, 04/08/1913, p. 04, n. XXI, Anno I.

³⁴⁵ Em 1919 adquire um prelo Marinoni. Ver, *A Penna*, 19/10/1911, p. 01, n. 201, Anno VIII.

reinventadas, e algumas perpetuadas, como o empenho atribuído à educação. Mario Lima e Anísio Teixeira foram crianças que tiveram muita atenção da família nos primeiros aprendizados e com as “primeiras letras”, o que propiciou bom desempenho escolar.

Dentro de casa eles viam as mães, os pais e, no caso de Anísio, os irmãos mais velhos lendo livros, jornais, escrevendo as cartas e as anotações nos cadernos de contabilidade domésticos, rotineiramente. Frequentavam a Igreja Católica, ouviam os sermões, as músicas, brincavam, participavam de manifestações festivas cívicas, religiosas e escolares no espaço público da cidade. Muitos rascunhos das cartas e dos exemplares de jornais arquivados apresentam rabiscos, garatujas, letras, borrões de crianças que estavam aprendendo a manusear os objetos de escrita, em um ambiente propício para o desenvolvimento da leitura e da escrita, principalmente.

Esses aprendizados se aperfeiçoaram no ensino primário. Alceu Pemba³⁴⁶ expõe, a seu ver, esse período em um poema: “como foi-se ligeiro, aquelle tempo fagueiro, dos meus seis annos felizes (...) em vez de livros maçantes, e de lições fadigantes (...) De lições, escriptas, contas, já sinto a cabeça tonta, só das férias me lembrando, entretanto satisfeito, estudarei - o proveito, do meu labor esperando”.

Na escola primária, os meninos redatores escreveram poemas, como este de Alceu Pemba, textos em prosa, aprenderam gramática da língua portuguesa e outros idiomas. Muito provavelmente, foi quando leram Olavo Bilac, Barão de Macaúbas e conde Afonso Celso. Possuíam muitos livros de leitura, compêndios, livros de francês, como vimos na biblioteca da família Teixeira, pertencentes à menina Angelina Teixeira e ao menino Anísio Teixeira. Pensavam eles, como Alceu, que os esforços seriam aproveitados depois? Que logo iriam utilizar tantos conhecimentos para produzirem um jornal?

Não tardou e o ano de 1912 chegou com a mudança de escola para os dois meninos. Cada um tomou um rumo escolar diferente: Mario Lima foi para a Escola Americana e Anísio Teixeira, para o Instituto São Luiz. Colégios de diferentes tradições. Partimos do pressuposto que esse período foi crucial para o planejamento da produção do jornal. Nos colégios, os dois meninos conheceram professores novos; estudantes da região começaram a chegar em Caetité. Foi um período de entusiasmo com as perspectivas de progresso, promessas da chegada da estrada de ferro, que animava as pessoas³⁴⁷. Ressaltamos ainda que o reaparecimento do jornal *A Penna*, no final do ano de 1911, deve ter causado impacto nas leituras, nas conversas e nas

³⁴⁶ Alceu Pemba era o pseudônimo de um dos colaboradores do jornal. *O Bem-ti-vi*, 16/04/1913, p. 03, n. XIV, Anno I.

³⁴⁷ Matéria “Festa do progresso”. *A Penna*, 19/12/1911, p. 03-04, n. 01, Anno I.

discussões sobre as notícias publicadas. Essas condições suscitaram nesses meninos de elites a intenção de produzirem o próprio jornal. Tanto o ambiente escolar, com a ajuda de colegas, quanto o ambiente familiar tiveram implicações na ação. O apoio e o envolvimento das famílias foram necessários para que o empreendimento se concretizasse.

As influências do tipo de educação propiciada pela Escola Americana e pelo Instituto São Luiz podem ser percebidas no jornal. Há um hibridismo entre, de um lado, os ideais humanistas e os valores tradicionais; de outro, as coisas práticas da vida, com o progresso, a valorização do empenho, do trabalho, do aproveitamento das diversas possibilidades que o meio oferece, como a exploração das potencialidades do cavalo, do cultivo da banana, a industrialização do imbu, a criação de gado, ressaltando o interesse do fazendeiro, do governo e do lavrador. O jornal era porta-voz de uma classe dirigente que tinha a função de alertar, educar, indicar caminhos e fazer-se reconhecido.

Desse modo, as mazelas sociais precisavam ser combatidas pelos “homens do governo”, isso se a “vozinha” do *O Bem-ti-vi* “chegasse lá no alto”. A modéstia quanto à produção do jornal se fez presente em alguns textos, confrontando com os muitos elogios recebidos. Segundo Bourdieu (2013, p. 109), essa atitude faz parte da criação de uma ordem social em que se utiliza de “estratégias simbólicas visando mudar a posição pela manipulação das representações da posição, como as que consistem, por exemplo, em negar as distâncias (mostrando-se “simples”, fazendo-se “acessível”) para melhor suscitar seu reconhecimento”.

O jornal *O Bem-ti-vi*, de acordo com a análise da materialidade e do seu conteúdo, dirigia-se à sociedade caetitéense e região. Nas notas sociais ficou muito visível o seu direcionamento para as elites, que liam muito, que assinavam impressos, que viajavam, comemoravam aniversários, recebiam visitas. Contudo, havia uma intenção explícita no jornal – educar as crianças e chamar a atenção dos adultos para o cuidado em fazer com que as crianças se envolvessem com as questões do país, que conhecessem sua história, que cultivassem virtudes para que cada um se tornasse um bom cidadão republicano, ilustre, contribuindo com a recuperação da Bahia e com a chegada do progresso na região. As atitudes de descuido, a preguiça ou a falta de interesse nos estudos, “todos esses defeitos são porém, relevados devido a sua tenra idade”³⁴⁸.

Essa idade referida como “tenra” era 11 anos. A questão geracional perpassou as nossas análises devido às oscilações que ocorrem na demarcação de fases da vida. Em algumas situações registrava-se imaturidade para o empreendimento, em outras demonstrava-se muita

³⁴⁸ *O Bem-ti-vi*, 22/01/1913, p. 04, n. 07, Anno I.

segurança. Nas correspondências recebidas percebemos que quase sempre os redatores foram tratados como crianças. Tiveram oportunidades de vivenciarem a infância como uma fase que necessitava de proteção, cuidado e formação, devido à condição de elites. As correspondências enviadas à redação do jornal evidenciaram que os redatores eram “precoces”, mas ao mesmo tempo, era esperado deles que, de certa forma, tivessem preparo e atitudes para se afirmarem enquanto futuros dirigentes, herdeiros dos capitais das famílias.

Um aspecto peculiar na produção do jornal foi a forte marca masculina. Os redatores foram meninos e também a quase totalidade dos seus colaboradores. A sociedade brasileira do início do século XX estava apenas começando a discutir os direitos femininos. Os valores da tradição patriarcal ainda predominavam. O governo, o mundo da política, o ambiente das ruas e o mundo da imprensa eram espaços ocupados majoritariamente por homens. Na lista de assinantes, os homens também eram maioria.

A produção do impresso envolve várias etapas – a elaboração do texto pelo autor, a edição, a impressão, o transporte, a circulação, até chegar ao leitor. Percebemos que a hipótese inicial sobre a autonomia das crianças, evidenciava-se em graus diferentes, de acordo com a etapa de produção do jornal – na escrita e escolhas dos textos, a tutela ou mediação do adulto, possivelmente, foi menor. Em outras etapas, a presença do adulto se fez mais perceptível, como na etapa da impressão – com o trabalho do tipógrafo e, no momento de destinação do jornal ao fazê-lo atingir o seu público. Observa-se, portanto, por meio da lista de assinantes, que as famílias dos redatores tiveram muita participação na dimensão da circulação do jornal.

As assinaturas começaram pelas famílias, seguidas pelas pessoas próximas das relações familiares, professores e amigos. Muitos desses leitores foram conquistados com a estratégia de enviar o número e esperar pela assinatura. No decorrer dos quase dois anos de circulação do jornal, percebemos que houve uma tendência de aumento das assinaturas por meio da influência de um assinante sobre outro, geralmente pessoas ligadas por alguns laços às famílias dos redatores, sejam laços de compadrio, de amizade ou de negócios. A própria família, por ser assinante, mobilizava as pessoas a assinarem – o dono da farmácia, do armazém, o intendente municipal, o escrivão, os professores – resultando em muita gente envolvida, apoiando e colaborando.

Pela identidade dos seus assinantes, muitas inferências sobre os espaços de circulação do jornal puderam ser feitas, como ter sido assinado pelo proprietário da farmácia que funcionava como ponto de encontro dos políticos e do padre, pelos genros de João Gumes (proprietário da tipografia), pelos diretores dos dois colégios, por coronéis de distritos e municípios vizinhos. Em Brejinho das Ametistas, Antônio, filho do Coronel Augusto Leão,

com cinco anos e ½ foi representante de muitas crianças leitoras, não apenas na sede da cidade de Caetité.

Apesar da autoria de meninas nos textos do jornal ter sido incipiente, listamos algumas meninas, filhas de assinantes que podem ter sido suas leitoras, assim como Antônio Leão o foi – Loide Mac Call, Maria Lisboa, Maria Celina Lima, Zelinda Lima, Angelina e Carmem Teixeira, Célia e Celina Gumes.

Durante os quase dois anos de circulação do jornal *O Bem-ti-vi*, foi notória a dinamicidade do empreendimento. Os redatores promoveram alterações em seus aspectos gráficos, no cabeçalho, introduziram seções diferentes, alteraram o subtítulo. As interlocuções com outros jornais na “sala de visitas” se intensificaram bastante nos últimos números, mais textos de colaboradores foram oferecidos, bem como chegavam propostas de mais nomes para a lista de assinantes. Nesse sentido, concluímos que o projeto do jornal *O Bem-ti-vi* foi um empreendimento que estava alcançando bons resultados; encontrava-se em uma curva ascendente, salvo em relação à qualidade do papel, quando encerrou sua publicação. A justificativa pública para o seu término foi a viagem de Mario Lima e a sobrecarga de trabalhos escolares de Anísio Teixeira. Entretanto, questionamos se as tensões políticas e econômicas, geradas pelo clima que antecedeu a Primeira Guerra, não colaboraram, pelo menos parcialmente, com a diminuição da oferta de papel.

Analisando sob outra perspectiva, pode ser que o jornal tenha “interrompido” a publicação por ter cumprido os propósitos almejados, visto que forneceu material de circulação do escrito na cidade, material de leitura literária, promoveu sociabilidades entre as elites, comunicou avisos e recados, disseminou valores, indicou comportamentos, serviu de espaço para as crianças e colaboradores adultos publicarem seus textos, possibilitou aos redatores a experiência de produzirem um jornal, de lidarem com os saberes da imprensa, e finalmente serviu como instrumento de afirmação das elites.

Ressaltamos que essa análise foi apenas uma forma de interpretação do objeto, que ajudou a entender como ocorreu a produção de um impresso infantil, não escolar, no início do século XX, por meninos de elites, além de apresentar outra faceta da biografia do educador Anísio Teixeira, que não havia sido contemplada em pesquisa anteriores. Outras análises podem ser feitas, a partir de outras perguntas. A coleção do jornal traz muitas possibilidades e não temos como esgotá-los em apenas uma pesquisa. Muitas questões não puderam ser respondidas, outras puderam somente ser inferidas. Leituras mais completas poderiam ser feitas com os exemplares que não foram encontrados.

Enfim, o jornal alçou “voo”, “agasalhou”, cumpriu sua missão na vida das crianças e dos adultos que se envolveram com a sua produção por um período de quase dois anos. Em seguida, seus exemplares foram guardados nos baús da família por aproximadamente um século.

O “pequeno” *O Bem-ti-vi* cantou, encantou, cumpriu propósitos, na sua época, em tempos de outrora. Hoje, me intrigou, mostrou-me caminhos, conhecimentos, possibilitou esta pesquisa e a escrita deste texto.

FONTES

MANUSCRITAS

Arquivo Público Municipal de Caetité

Cartas

ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tilinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

ALZIRA. **Carta para Celsina**. Caetité, 30 de março de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 21 de fevereiro de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

ANNA SPÍNOLA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetité, 07 de maio de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

ALZIRA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetité, 07 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 03.

CELSINA, **Carta para Celso e Oscar**. Caetité, 4 de junho de 1911. APMC. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira, Série: Correspondências recebidas; Data limite: 1909-1976.

ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tilinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 13 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 21 de fevereiro de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

Escritos escolares de Mario e Maria Celina T. R. Lima, e Prospecto do jornal *Semanário das meninas*

Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

Recibos de assinaturas de jornais e revistas

Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 06, Joaquim Manoel T. R. Lima Júnior, Subsérie 07 – Finanças, caixa 17.

Inventário *post mortem* de Mario Teixeira Rodrigues Lima

Cartório dos Feitos Cíveis e Criminais. Série: Autos Cíveis. Subsérie: Arrolamento. Data limite: 1975-1980. Caixa 18.

IMPRESSAS

Arquivo Público Municipal de Caetité

Jornais

Jornal *O Bem-ti-vi*. Caetité, s/i Tipografia, 1912-1914.

Jornal *A Penna*. Caetité: Typographia Gumes e Filhos, 1911-1930. Edições microfilmadas.

Jornal *O Arrebol*. Caetité: s/i Tipografia, 27/05/1914, n. 09, Anno I.

Jornal *O Arrebol*. Caetité: Tipografia *O Regato* [Riacho de Santanna], 10/01/1918, n. 81, Anno IV.

Fotografias

Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1866-1917. Resumo Sinóptico: Catálogo 1-30. Notação: Caixa 01.

Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

Livros

Le Guide de L'Enfance – Acervo da Biblioteca da Família Teixeira. S/catalogação.

Livro incompleto com o texto “Poeta vagabundo” – Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité. S/catalogação.

Eles e Elas – Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité. S/catalogação.

Folhetim “Os malditos” – Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité. S/catalogação.

Guia prático para o oficial da guarda nacional – Acervo da Biblioteca da Família do Barão de Caetité. S/catalogação.

LIVROS DE MEMÓRIALISTAS

GUMES, Marieta Lobão. *Algodão de seda*. [s.n.]: Salvador:1975b.

GUMES, Marieta Lobão. *Caetité e o “Clã” dos Neves*. Salvador: Editora Mensageiro da Fé, 1975a.

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1986.

SANTOS, Helena Lima. *Caetité – “Pequenina e Ilustre”*. 2.ed., Salvador: Gráfica N.S. de Lorêto, 1995.

SILVA, Áurea Costa. *Luz entre os roseirais*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1992.

DIGITAIS

Dicionário

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 7 ed. Lisboa (Portugal): Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877-1878.

Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/526>

Acervo da Hemeroteca Digital Da Biblioteca Nacional

Revista *O Tico-Tico*, 12/10/1910, p. 19, n. 262., Anno VI.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/153079/3380>.

Revista *do Brasil*. 18/05/1911, p.01, n 01, Anno VI.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/390062/3570>

Jornal *O Monitor Campista*, 28/04/1881, p.02, n. 94, Anno 44.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030740/6438>.

Jornal *O Pharol* (RJ), 01/05/1917, p.01, n. 101, Anno LII.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/258822/35298>

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1891-1940). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Biblioteca do IBGE

IBGE. *População por sexo, estado civil, nacionalidade dos centenários recenseados; população segundo os defeitos físicos, idade, sexo e nacionalidade; estatística predial e domiciliária*. v. 4, 1920. <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em julho 2020.

IBGE. *Diretoria Geral de Estatística População do Brazil por estados, municípios e districtos, segundo o grão de instrução, por idade, sexo e nacionalidade*. Censo de 1920. <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em julho 2020.

IBGE. *Dados da Divisão Administrativa em 1911, Diretoria do Serviço de Estatística*, p. 27. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em julho 2020.

IBGE. Synopse do recenseamento de 1900. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em julho 2020.

IBGE: Diretoria Geral de Estatística. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo. Censo de 1890. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em julho 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Casimiro. Juramento. In: *As Primaveras*. São Paulo: Martins, 1972 [1859].

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015.

AGUIAR, Lielva Azevedo. “*Agora um pouco da política sertaneja*”: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité – 1885–1924). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2011.

AGUIAR, Lielva Azevedo. Arquivo da família do Barão de Caetité: inventário e preservação de documentos históricos no Alto Sertão da Bahia. *VIII Encontro Estadual de História da ANPUH Bahia*. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

AGUIAR, Lielva Azevedo. *Entre a política e a magistratura: o Barão de Caetité e suas articulações no Império (Alto Sertão da Bahia e Além, 1840-1880)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALENCAR, Patricia Maria Garcia. *A revista “O tico-tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu jornal”*: seus autores e leitores (1935-1940). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ALMEIDA, Cíntia Borges de; COSTA, Aline Santos. Para a “petizada inocente”: encanto, diversão e lições de conduta na revista *O Tico-tico* (1905-1910). *Revista Teias*. v. 16, n. 41, p.54-71, abr./jun. 2015.

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *História da Educação*. Pelotas: Asphe, n. 11, p.117-130, 2002.

ANDREOTTI, Azilde Lina. *A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal A voz da infância* da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006 [1973].

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos, 1843-1889*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra “Porque me ufano do meu país”, de Affonso Celso, (1900). *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 245-260, 2002.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. *Revista Brasileira de Educação*. v. 12 n. 34, p. 166-168, jan./abr. 2007.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A história da imprensa periódica para a infância e a juventude italiana. *História da Educação*. (online) Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 449-452, jan./abr., 2017.

BASTOS, Maria Helena Câmara; ERMEL, Tatiane de Freitas. O jornal *A voz da escola*: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS, 1934-1940), *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.143-173, 2013.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 27-47, Maio/Jun/Jul/Ago. 2002 .

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BICCAS, Maurilane de Souza. Roger Chartier: Contribuições para história da educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs). *Pensadores sociais e história da educação*. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 269-296.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998 [1979]. p.71-79.

BOURDIEU, Pierre. O capital social. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998 [1980]. p.65-69.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos, CEBRAP* [online]. n. 96, p.105-115, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre, Zouk, 2017.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 231-253.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018 [1964].

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

BRITES, Olga. História e Educação em *Sesinho*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 9, n. 9, p. 57-80, set. 89/fev.1990.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CARDOSO, Rafael. O início do design de livros no Brasil. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O Design antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 160-196.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. *As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto em Caetité-BA, 1908-1930*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história no Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CATANI, Denice Bárbara, VILHENA, C. P. S. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. *Revista do IEB* (Instituto de Estudos Brasileiros). São Paulo: USP, (37), p. 177-183, 1994.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). *Educação em revista*. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, p. 5-10, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. v. 5, n.11, jan/abr 1991. (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext)

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. Elites. In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

CHAVES DE MELLO, Maria Tereza. A modernidade republicana. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. n. 26, v. XIII. Niterói: UFF, jan. 2009.

COELHO, José Maria Latino. A civilização da Grécia. In: DEMOSTHENES. *A Oração da Coroa*. 2. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1880. Disponível em: <https://archive.org/details/aoraodacoroapre00demogooq/page/n42>. Acesso em: 12/10/2019.

COELHO, Nelly. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

- COENGA, Rosemar Eurico. *Infância e leitura na memória de escritores*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CORDEIRO, Andréa Bezerra. *Luz e caminho aos pequenos: os primeiros Congressos Americanos da Criança e a Pan-Americanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CORREA, Vivian Anghinoni Cardoso. *Uma dádiva da Biblioteca Pública Pelotense aos seus leitores de um palmo e meio: a Seção Infantil Erico Verissimo (1945-1958)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008 .
- COSTA, Eliezer Raimundo de Souza. “Grêmios Estudantis na Escola Normal de Belo Horizonte (1930-1945): práticas educativas na Escola Nova”. In: *XXV Simpósio Nacional de História. História e Ética*. Fortaleza/CE, 2009.
- COSTA, Eliezer Raimundo de Souza. *Os grêmios escolares e os jornais estudantis na cidade do Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, na Era Vargas*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- COTRIM, Carla Graciela de Castro. “As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930). *Epígrafe*, São Paulo, v.02, p. 25-46, 2015.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Folhas voláteis, papéis manuscritos: o pelotão de saúde no jornal infantil Pétalas (Colégio Coração de Jesus – Florianópolis/SC, 1945-1952). *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.251-266, 2013.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPE, 2002.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- ECO, Umberto. *Lector in fábula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1986.
- EDREIRA, Marco Antônio Branco. Monteiro Lobato e seus leitores: livros para ensinar, ler para aprender. *Revista Brasileira da História da Educação*. n. 01. Campinas, São Paulo: Editora: Autores Associados, 2001.

EDREIRA, Marco Antônio Branco. *À caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTA, Marcus Levy. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1.

FINNEGAN, Ruth. *Where is language? An Anthropologist's Questions on Language, Literature and Performance*. London: Bloomsbury, 2015.

FINOCCHIO, Sílvia. Un tesoro inexplorado: los periódicos escolares en la Argentina, *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.27-54, 2013.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREITAS, Leonardo Fialho. *A vinheta e sua evolução através da história: da origem do termo até a adaptação para os meios de comunicação*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FREITAS, Marcos Cezar de; KULHMANN Jr., Moysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Apresentação dossiê: História da Cultura Escrita. *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 207-214, jan./abr. 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FRADE, Isabel C. A. da Silva. Cultura escrita em Minas Gerais nas primeiras décadas republicanas. In: CARVALHO, Carlos Henrique; FARIA FILHO, Luciano Mendes. *História da educação em Minas Gerais: da Colônia à República*: v. 3, República. Uberlândia: EDUFU, 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; JINZENJI, Mônica Yumi. A quem se destinava o Boletim Vida Escolar? In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes (Orgs.). *Boletim Vida Escolar: uma fonte e múltiplas leituras sobre a educação no início do século XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (Orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In.: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GARCIA, Patricia Maria. *A revista “O tico-tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu jornal”*: seus autores e leitores (1935-1940). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

GARZONI, Leric de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária* (Rio de Janeiro, início do século XX). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. A “grande aliança”: um projeto político- pedagógico luso-brasileiro na Primeira República. *XXVII Simpósio Nacional de História, ANPHU/Brasil*, Natal, 2013.

GOMES, Antônia Simone Coelho. *Álbuns de Pesquisa: Práticas de escrita como expressão da escolarização da infância* (1930-1950). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GÓMEZ, António Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

GONDRA, José; GARCIA, Inára. A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 69-84, mai/ago, 2004.

GONDRA, José Gonçalves. A emergência da infância. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 195-214, abr. 2010.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. Célestin Freinet, la escritura en libertad y el periódico escolar: un modelo de innovación educativa en la primera mitad del siglo 20. *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.11-26, 2013.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *As lições de Meninice: um estudo sobre as representações de livros de leitura inscritas na série graduada de leitura ‘Meninice’*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escolarização da 'meninice' nas Minas oitocentistas: a individualização do aluno. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In.: SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.97-118.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 509-534, maio/ago. 2005.

HÉBRARD, Jean. *Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França - séculos XIX e XX)*. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Autores Associados, n. 01, jan/jun, 2001.

HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites* (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOHLFELDT, Antônio. Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez... In.: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.363-380.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KUHLMANN Jr., Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, problemas e práticas*. Lisboa: Instituto Universidade de Lisboa. n. 49, 2005. p. 11-42.

LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

MADUREIRA, I. M. de, S. J. *A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus. Sua pedagogia e seus resultados*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1929.

MANGABEIRA, Otávio. Centenário da Imprensa Baiana. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008, p.23-39.

MARCÍLIO, Maria Luzia. *História Social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

- MARINHO, Simone Ramos. *Club Rio Contense: sociabilidade, instrução e assistência no sertão republicano (Rio de Contas, 1902-1966)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2008.
- MATOS, Fernanda de Oliveira. *Presença Jesuíta no Sertão da Bahia: Instituto São Luiz Gonzaga / Caetite – 1912 a 1925*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.
- MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- MELO, Juliana Ferreira de. *Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- MELO, Juliana Ferreira de. *Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- MERLO, Maria Cristina; CAGNIN, Antônio Luiz. *O Tico-Tico (HQ): um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)*. 2003.[s.n.], São Paulo, 2003.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- MONTEIRO, Lorena. *Estudos de Elites Políticas e Sociais: As contribuições da Sociologia e da História. Revista Sociedade e Cultura, Goiânia*, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009.
- MORAES, Kleiton de Sousa. *O Sertão descoberto aos olhos do progresso: A Inspetoria de Obras Contra as Secas (1909-1918)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- NASCIMENTO, Luiz Augusto do. *O design dos livros de leitura da editora Francisco Alves (1900-1938): Felisberto de Carvalho e seus contemporâneos*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *Poder Local Oligárquico: Alto Sertão da Bahia. Sitientibus (UEFS), Feira de Santana*, v. 15, p. 321-340, 1996.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *Estrutura fundiária e dinâmica Mercantil: Alto Sertão da Bahia, século XVIII e XIX*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2005.
- NOGUEIRA, Maria Alice. NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu e a educação*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. Revista Brasileira de Educação*. n. 26, maio /jun /jul /ago. 2004.

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. *Mulheres baianas nas artes da escrita: tessituras de experiências, memórias e outras histórias (1926-1960)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2015.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000 [1991].

NUNES, Eduardo Silveira Netto. *A infância como portadora do futuro: América Latina, 1916-1948*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *A imprensa periódica como uma prática educativa no século XIX. Caderno de Pesquisa* Fundação Carlos Chagas, n.104, jul/out. 1998.

PATROCLO, Luciana Borges. *As mães de famílias futuras: a revista o tico-tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)*. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PFROMM NETTO, Samuel; DIB, Claudio Zaki; ROSAMILHA, Nelson. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na cor: escravos e forros no alto Sertão da Bahia (1830-1888)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima-BA (1860-1920)*. São Paulo: Annablume, 2009.

PORTO, Walter Costa. Rui Barbosa e as eleições presidenciais. *Senatus*, Brasília, v. 08. p. 46-57, out., 2010.

PORTO, Walter Costa. Rui Barbosa e o voto. *Estudos eleitorais*, v. 11, n.13, p. 253-303, set./dez. 2016.

RAFFAINI, Patricia Tavares. *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 e 40*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RAMOS, Danielle da Silva. *O mundo aqui é largo demais: produção e comércio no termo de Monte Alto –alto sertão da Bahia (1890-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2016.

REIS, Joseni Pereira Meira. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: O caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

REIS, Joseni Pereira Meira. *Circulação de cultura letrada e a comunidade de leitores em Caetité-BA (1897-1930)*. VII Congresso Brasileiro de História da Educação, UFMT, Cuiabá, 2013.

REIS, Joseni Pereira Meira. *Letramentos em uma instância religiosa: o caso do Centro Psychico de Caetité, Bahia (1905-1930)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SADLIER, Darlene. Modernidade e feminino em Eles e Elas de Júlia Lopes de Almeida. *Travessia*, Florianópolis, n. 26, p. 233-242, 1993.

SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Organização José C. Barreto de Santana. S.P: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Escritas escolares sob regime totalitário no Brasil e na Itália: “fascistização” da infância?. *35ª reunião anual da ANPEd*, Porto de Galinhas, 2012.

SANTOS. André Carazza dos. *Gurilândia (1948 – 1956): A formação de crianças e professores na página do Estado de Minas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS. Fabiano Nascimento. O processo de romanização no alvorecer do século XX em Caetité-Ba: entre disputas e consolidação. *II Simpósio Internacional da ABHR / XV Simpósio Nacional da ABHR / II Simpósio Sul da ABHR. História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII E XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Cidade e memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940-1960*. Dissertação (Mestrado em História Social e Documento) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Légua tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia. Caetité, 1890-1930*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2014.

SARMENTO, Manuel. Sociologia da infância: correntes e confluência. In.: SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Sílvia Noronha. *A raposa e a águia: J.J Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

SELLARO, Lêda Rejane Accioly. Educação e religião: colégios protestantes em Pernambuco, na década de 20. *Tóp. Educ.* Recife, UFPE 7(1-2): 22-42, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Cristiani Bereta da. Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar A criança brasileira (Santa Catarina, 1942-1945). *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.175-195, 2013.

SILVA, Jamir Guimarães da. *Central Brazil Mission: Conflitos e resistências durante a implantação e a atuação da Escola Americana de confissão de fé presbiteriana no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1900 - 1926)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.

SILVA, Márcia Cabral da; PINTO, Mariane Sousa. Discursos em disputa sobre a Bibliotheca Infantil em O Paiz (1894-1899). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 56, n. 47, p. 221-243, jan./mar. 2018.

SILVA, Márcia Cabral da; SANTOS, Liana Borges Pereira. Álbum das Crianças: apontamentos sobre retratos da infância em um livro de leitura no Brasil. In: *XI COLUBHE - Congresso Luso-brasileiro de História da Educação*, 2016, Cidade do Porto. Investigar, intervir e preservar: caminhos da História da Educação Luso-brasileira. Porto: CITCEM, 2016. v. 1. p. 7-24.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2004.

SINGLY, François de. A apropriação da herança cultural. *Educação e Realidade*. n. 34 (1): 9-32 jan/abr. 2009.

SIQUEIRA, Romilson Martins. Do silêncio ao protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança. *35ª Reunião Anual da ANPEd*, Porto de Galinhas, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Vera Lúcia do Lago. *Athenas do Sul de Minas: memória e história da educação: práticas e representações das Elites de Campanha – 1870/1930*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

SPIX, Von; MARTIUS, Von. *Através da Bahia: excertos da obra Reise in Brasilien*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. O jornal *A escola* e a construção da escola moderna e republicana (Laguna, década de 1910). *História da Educação*, Pelotas: Asphe, v.17, n.40, p.55-68, 2013.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEIGA, Cynthia Greive; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Infância no sótão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*: n. 2, ano XIII, p.23-34, maio/ago 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *O Tico-tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Ópera Graphica Editora, 2005.

VERONA, Priscilla Samantha Barbosa. *A imprensa como instância educativa em Mariana na primeira metade dos oitocentos: formas e estratégias da escrita*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

VIANA FILHO, Luiz. *Anísio Teixeira: a Polêmica da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. A Influência da Pedagogia Norte-Americana na Educação em Sergipe e na Bahia reflexões iniciais. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.2, p. 09-38, jul./dez. 2001.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado, censura e prática de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1999.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. No começo, a leitura. *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar, p. 16-29, 1996.

ZILBERMAN, Regina. Almeida Garrett e o cânone romântico. *Ensaio Via Atlântica*, n. 01, março, p. 54-65, 1997.

ZORZO, Francisco Antônio. Retornando à história da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850 – 1950). *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 22, p. 99-115, jan./jun. 2000.

ZORZO, Francisco Antônio. O movimento de tráfego da empresa da Estrada de Ferro Central da Bahia e seu impacto comercial: das iniciativas privadas inaugurais à encampação estatal (1865-1902). *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 26, p.63-77, jan./jun., 2002.

SITES CONSULTADOS

<http://rubi.casaruiarbarbosa.gov.br/handle/ferb/526> Acesso em maio 2020

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?edicao=24863> Acesso em maio 2019.

<http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE>. Acesso em novembro 2019.

<http://www.ici.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/WebHome>. Acesso em novembro 2019.

<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>. Acesso em dezembro 2018.

<http://www.bu.ufmg.br>. Acesso em dezembro 2018.

<https://archive.org/details/aoraodacoroapre00demogooog/page/n42>. Acesso em maio 2018.

<https://www.academia.org.br/>. Acesso em setembro de 2018.

<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em setembro 2017.

<http://scholar.google.com.br>. Acesso em setembro 2017.

<http://www.scielo.org>. Acesso em setembro 2017.

<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso em julho de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Quadro A – Seções do jornal *O Bem-ti-vi*.

NÚMERO	DATA	Expediente	Charadas	Livro de ouro	Aniversário	Doente/ Restabelecido	Correspondência	Telegrammas
II	23/10/1912	x	x					
III	06/11/1912	x	x	x	x	x	x	x
IV	19/11/1912	x	x	x	x			x
VIII	22/01/1913	x	x	x		x		x
VIII	05/02/1913	x	x	x				x
IX	20/02/1913	x	x		x			
X	05/03/1913	x		x				
XIV	16/04/1913	x		x				
XV	01/05/1913	x		x				
XVII	30/05/1913	x		x	x	2 nomes		
XVIII	13/06/1913	x			x	3 nomes		
XX	12/07/1913	x		x	x			
XXI	04/08/1913	x			x			
XXII	07/08/1913	x		x	x		x (Carta honrosa)	
XXIV	04/09/1913	x		x	Festas no lar			
XXV	19/09/1913	x		x	x			
XXVI	05/10/1913	x		x	x			
XXVII	29/10/1913	x		x	x	x		
XXVIII	12/11/1913	x		x				
XXIX	28/11/1913	x		x				
XXX	12/12/1913	x					Cartas	
XXXII	08/01/1914	x	x	Felicitações				
XXXIII	21/01/1914	x		x			Felicitações- cartão	
XXXV	21/02/1914	Não tem		x	x			
XXXVI	06/03/1914	Não tem			x			
XXXVII	20/03/1914	Não tem		x	Datas festivas			
XXXVIII	s/d p. 03 e 04			x	x		x	
XXXIX	17/04/1914	*Foi p/ p. 4		x	Datas festivas			
40	01/05/1914	Não tem		x		*com nome		
41	14/05/1914	Não tem			Datas festivas			*com nome
42	31/05/1914	Não tem	x	x	x			
43	16/06/1914	Não tem	x		Datas festivas			

NÚMERO	DATA	Consta	Partida/ Viajantes	Perfis	A pedido/ declaração	Despedida	Postaes	Distrações	Pedacinhos
II	23/10/1912								
III	06/11/1912	x							
IV	19/11/1912	x	x						
VIII	22/01/1913	x	x	x	x	x			
VIII	05/02/1913	x	x	x			x		
IX	20/02/1913			x	x				
X	05/03/1913		x	x	x			x	
XIV	16/04/1913		x					x	
XV	01/05/1913		x	x					
XVII	30/05/1913		x						
XVIII	13/06/1913								x
XX	12/07/1913								x
XXI	04/08/1913								
XXII	07/08/1913		x						
XXIV	04/09/1913								
XXV	19/09/1913								
XXVI	05/10/1913								
XXVII	29/10/1913		x						
XXVIII	12/11/1913				x				
XXIX	28/11/1913								
XXX	12/12/1913		x			Com nome			
XXXII	08/01/1914		*nome						
XXXIII	21/01/1914								
XXXV	21/02/1914		x						
XXXVI	06/03/1914		x+2						
XXXVII	20/03/1914		x						
XXXVIII	s/d. p. 03 e 04								
XXXIX	17/04/1914		x						
40	01/05/1914		x						
41	14/05/1914		x						
42	31/05/1914		x					x	
43	16/06/1914		x			x		x	

NÚMERO	DATA	Pensamentos Meditando divagando	Sala de recepção/ visitas	Miscellanea	Festa	Chegada	Improviso	Folhetim
II	23/10/1912							
III	06/11/1912							
IV	19/11/1912	x						
VIII	22/01/1913	x						
VIII	05/02/1913		O Cinzel					
IX	20/02/1913							
X	05/03/1913	x						
XIV	16/04/1913					Nome de Mario		
XV	01/05/1913						x	
XVII	30/05/1913	x						
XVIII	13/06/1913	x				Nome	x	
XX	12/07/1913						x	
XXI	04/08/1913					Nome		
XXII	07/08/1913			x			x	
XXIV	04/09/1913			x			x	
XXV	19/09/1913							
XXVI	05/10/1913				x	x		
XXVII	29/10/1913					x		
XXVIII	12/11/1913		Muitos jornais					
XXIX	28/11/1913		A Semana		*Casamt ^o .		x	
XXX	12/12/1913		x			x		
XXXII	08/01/1914		x				x	
XXXIII	21/01/1914		x	x		*com nome		
XXXV	21/02/1914	x	O canhoto O Postal			X + 1 nome		x
XXXVI	06/03/1914							x
XXXVII	20/03/1914							x
XXXVIII	s/d p. 03 e 04		x		x			x
XXXIX	17/04/1914		x	x				x
40	01/05/1914							x
41	14/05/1914		x					
42	31/05/1914			x				
43	16/06/1914		x					

Fonte: Exemplares do jornal *O Bem-ti-vi*. APMC. Quadro elaborado pela autora.

APÊNDICE B

Quadro B – Municípios da região do Alto Sertão onde residiam assinantes e seus distritos no período 1912-1914.

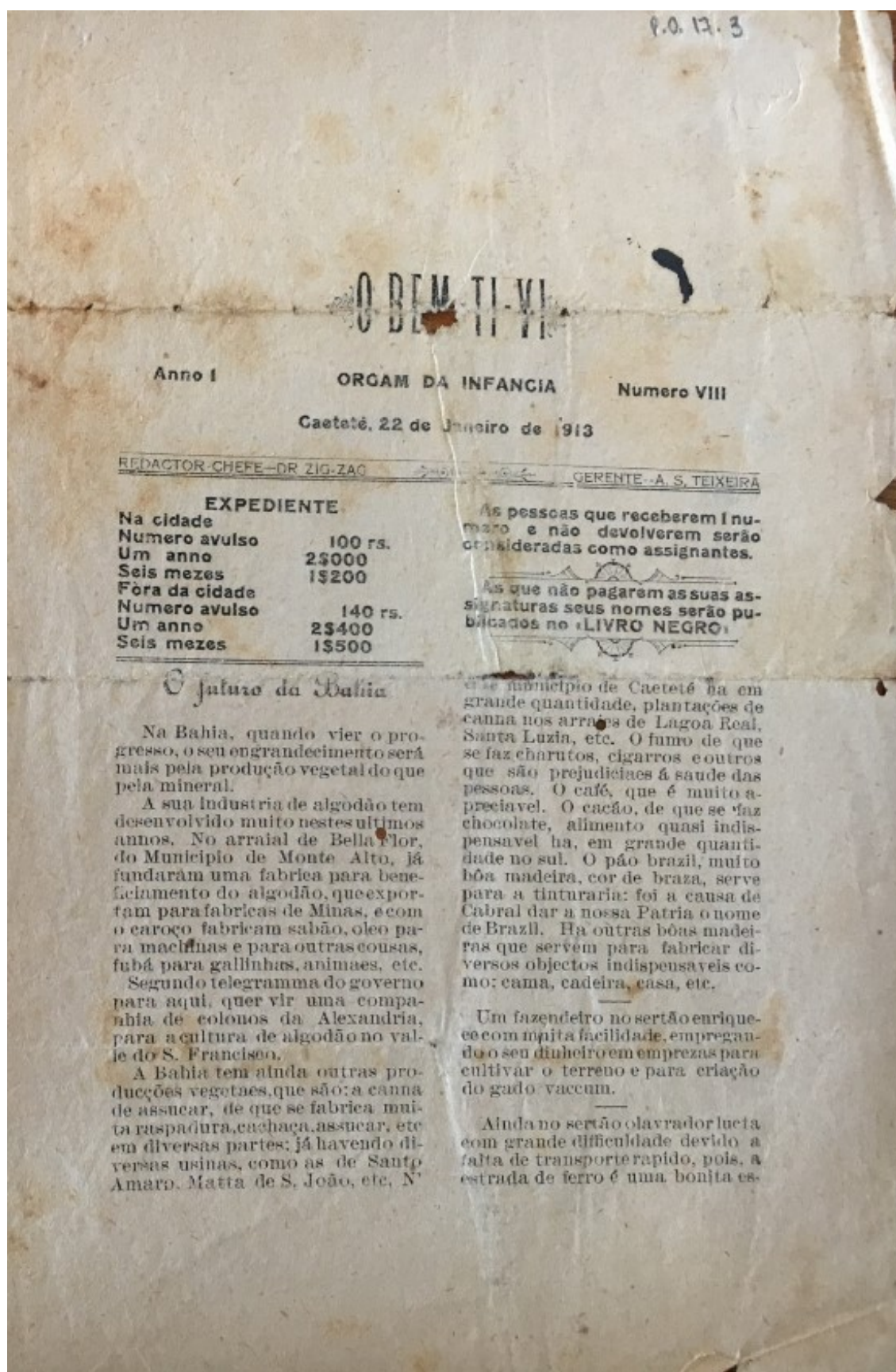
Municípios	Distritos
Caetité ³⁴⁹	Caetité
	Bonito (Igaporã)
	Caculé
	Lagoa Real
	Canabrava (Caldeiras)
	Rio do Antônio
	S. Sebastião
	S. Luzia
	Aroeiras
	Passagem de Areias
	Serrote
Monte Alto	Monte Alto
	Bella Flor
	Mamonas
	Boqueirão
Bom Jesus dos Meiras (Atual Brumado)	Bom Jesus dos Meiras
	S. Pedro
Umburanas	Umburanas
	Furados
	Brejinho das Amethystas
	Gentio
	Duas Barras
Jacaracy	Jacaracy
Minas do Rio de Contas	Rio de Contas
	Furna
	Boa Sentença
	Gravatá
	Villa Velha (denominado Brumado, no mapa acima, e atual Livramento de Nossa Senhora)

Fonte: *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1891-1940). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> e *Jornal A Penna*, 09.02.1912, p. 05, n. 04, Anno I.

³⁴⁹ Atualmente os distritos são: o distrito sede Caetité, Brejinho, Caldeiras, Maniaçu (ex- Junco) e Pajeú do Vento.

ANEXOS

ANEXO A

Figura A.1 – Exemplar do jornal *O Bem-ti-vi*.

perança. Penso que a luxoura se erguerá ao vir o progresso, pois a nossa terra é fertile tudo produz. Faremos muita exportação, que nos trará a riqueza.

O lavrador muitissimo lucrará. Quando digo—lavrador, penso como o Sr Augusto de Lima; não me refiro ao fazendeiro que assiste ás operações da sua fazenda, de uma larga varanda confortavel, ouvindo piano, canto ou palestra litteraria, ou na falta destas diversões, a voz fanhosa de um intoleravel, para nós, mas para elle delicioso, gramophone, que é, aliás, um dos instrumentos modernos de maior flagello para os nossos ouvidos.

O lavrador é o operario.
Caeteté, 14—10—1912.

Dr. Zig zag.

AVENTURAS DE TURLUPINO

Conclusão

Afinal embarcou-se no mesmo navio que voltava, andou cinco dias sem nada acontecer mas, ao sexto dia o mar começou a encrespar, o vento soprava forte, nuvens negras e pesadas encobriam o céu e, no sétimo dia desencadeou-se uma horrivel tempestade. O navio foi a pique; apenas duas pessoas puderam salvar-se, entre estas o nosso Turlupino.

Foram dar os naufragos a uma ilha deserta, onde tiveram de passar mais de um anno, comendo raízes e peixes, que pescavam com um prego á guisa de anzol, bebendo agua de um córrego, que passava pela ilha.

No fim de quatorze mezes avistaram um navio, fizeram muitos acenos, gritaram; mas o navio afastou-se sem os attender.

No mez seguinte passou outro navio e elles tanto gritaram que o navio foi lá ter, e, graças a Deus, puderam sair daquela inhospita ilha.

Turlupino chegou a sua terra; sua mãe já tinha morrido, seus bens tinham sido dados aos pobres por pensarem que elle estivesse morto.

Foi obrigado a servir decriado, e o salario que ajuntava, ia-o guardando até arranjar algum dinheiro, com que ponde viver por alguns mezes.

Tendo acabado o dinheiro, elle entrou para uma fabrica onde lhe davam salario maior, ahí esteve dois annos, e arranjando 3:000\$000 ponde viver socegado os dois ultimos annos de sua vida.

Caeteté, 1912 Macario Bimribáu

O BRAZIL

O Brazil é o paiz mais rico e mais formoso do universo.

Rico, porque em seu vasto e feracissimo territorio encontra-se a mais opulenta e luxuriante flora, onde apparece espalhada a mais variada e opulenta fauna, como tambem porque nas suas entranhas ainda jazem as minas mais ricas do ouro o mais fino, da prata mais pura, de esmeraldas, de amethystas e outras pedras apreciadas pelas classes favorecidas da fortuna.

Formoso, porque em nenhuma outra região do mundo é dado ao homem uma existencia tão repleta de poesia e prazer. A India—esta decantada e paradiziaca terra dos sonhos de Valmik, não tem como o Brazil auroras tão risonhas, sol tão louro, tardes tão apraziveis nem noites de um céu tão povoado de romanticas estrellas.

É que o Brazil foi criado por Deus para ser a terra mais grandiosa e mais enriquecida de attractivos do nosso planeta.

J. R. L.
Caceté, em 31 de Dezembro de 1912

AS DUAS RAPOSAS

Doas raposas entraram á noite, por surpresa, em um poleiro, estrangularam o gallo, as gallinhas e os frangos; depois desta carnificina apaziguaram a fome. Uma, que era joven e ardente, queria tudo devorar; a outra, que era velha e avara, queria guardar provisões para o futuro. A velha dizia: «Minha filha, a experiencia me tornou sabida; tenho visto muitas cousas desde que estou no mundo. Não comendo todos os nossos bens em um só dia, temos feito fortuna. É um thesouro que achamos, e preciso economizar.» A joven respondeu: «Quero comer tudo, em quanto aqui estou, e me saciarei por oito dias; quanto ao futuro, não é preciso pensar! Se viessemos amanhã o dono, para vingda a morte de suas gallinhas, nos espancada uma toma o seu partido. A joven comeu tanto, que se arreentou e ponde apenas ir morrer em seu covil. A velha, que se julgava mais sabida em moderar seu appetite e em viver de economia, quiz, no dia seguinte voltar ao saque e foi espancada pelo dono.

Assim cada idade tem seus defeitos; os moços são fogosos e insaciáveis em seus prazeres; os velhos são incorrigíveis em sua avareza. Trad. especialmente para «O Bem-ti-vi»

RECEITAS ESTEIS

IMPERMEABILIZAÇÃO DE BOTAS E SAPATOS.

Derrete-se, juntamente, a fogo brando 600 grammas de oleo de linhaça, 300 de gordura de carneiro, 300 de cêra amarella e, enfim 20 a 60 grammas de resina. Quando toda esta mistura estiver bem homogenea, deixa-se ferver por algum tempo, não muito; retira-se do fogo, e, quando descer a uma temperatura de 60° centigrados, applica-se com pincel no calçado que se quer impermeabilizar.

Esta untura deve ser renovada de tempos a tempos, e, da primeira vez que se preparar assim o calçado, é bom dar duas camadas. É preciso fazer penetrar o induto nas bordas do calçado, perto da costura, no angulo que a sola forma.

Viajantes

Seguiram no dia 10 para Santa Barbara o Dr. Deocleciano Teixeira e sua Exma. Família; no dia 14 o Sr Pharmaceutico José A. Gomes Ladeta, para a sua fazenda Campos; no dia 18 para a fazenda Pau de Espinho o Cel. Lima Junior depois de passar alguns dias entre nós; foi em sua companhia a Exma. Sra. D. Constança Haydée de Souza Spinola; no dia 16 para a fazenda Bom Retiro o Sr Celso Teixeira. Boa viagem e que regressem breve são os votos do Bem-ti-vi.

Ghuvas

Tem sido muito escassas, e o povo muito desanimado continua emigrando para o S. Paulo.

«Livro de Ouros»

Pagaram adiantadamente as suas assignaturas o Sr. Ovidio A. Teixeira, e a Exma. Sra. D. Celsina S. Teixeira Ladeira. Agradecemos

Doentes

Acham-se incommodadas em suas preciosas saude as Exmas. Sras. D. D. Anna de Spinola Teixeira e Constança Haydee de S. Spinola. Desejamos-lhes prompto restabelecimento.

PERFIS

O nosso perfilado de hoje tem 11 annos, é de regular crescimento, não é feio mas tão vadio que se torna antipatico, pouco estuda, tanto que não teve boa approvação no exame que fez no fim do anno. É muito activo somente para a vadiação, muito preguiçoso para o estudo, gosta imenso de romances, e é só quando se vê socogado.

Feriador de ovelhas e galhinas, só fala no numero de cabeças que possui.

Seu ideal é ser vaqueiro, somente porque para isto se estuda.

Todos estes defeitos são porem relevados devido a sua tenra idade; fazemos votos para que se emende e torne um homem de bem, um cidadão illustre, para servir a patria e a familia.

Pedindo desculpas se o offendemos, esperamos que nos mande um artigozinho que gostosamente publicaremos. Brocoio & Microcosmo

Telegrammas

Bahia—19—O Dr. Seabra almoça hoje bagre com afrida para renovar.

Bahia—19—As avencidas continuam no papel.

Bello Flor—19—A Empresa Industrial Sertaneja está em actividade.

Consta.....

.....que o nosso caro collega «O Beija Flor» esticou a cancella.

.....que brevemente haverá bancarrota no Estado.

.....que brevemente será proclamada a monarchia no Brazil.

CHARADAS

Nota que não é particular esta forma de Governo.

Anastacio Violão.

Respostas do numero passado em ordem. Chique-Chique-Tomate

A Pedidos

A familia do Dr. Deocleciano P. Teixeira tendo de passar alguns dias na fazenda Santa Barbara distante d'aqui 2 leguas, despede-se das familias amigas, pedindo desculpas de não ir pessoalmente por falta de tempo.

DESPEDIDA

De viagem para a fazenda—Espinho, e, por motivo de molestia não podendo despedir-me de pessoas amigas,—ofago por este meio com pedidos de desculpas pela falta involuntaria.

Casteté, 17 de Janeiro de 1918
Constança Haydee de S. Spinola